

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL**  
**DOUTORADO EM MEMÓRIA SOCIAL**

RENATA DE ALMEIDA OLIVEIRA

**MEMÓRIAS DA DEVOÇÃO:**  
**ESTUDO DE CASO SOBRE A FESTA DE SANTO ANTÔNIO NAS CIDADES DE**  
**DUQUE DE CAXIAS – RJ E LISBOA, PORTUGAL**

RIO DE JANEIRO

2017

**RENATA DE ALMEIDA OLIVEIRA**

**MEMÓRIAS DA DEVOÇÃO:  
ESTUDO DE CASO SOBRE A FESTA DE SANTO ANTÔNIO NAS CIDADES DE  
DUQUE DE CAXIAS – RJ E LISBOA, PORTUGAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória em Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do grau de doutoramento em Memória Social.

LINHA: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

ORIENTADORA: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. REGINA ABREU

RIO DE JANEIRO

2017

O48m

Oliveira, Renata de Almeida.

Memórias da devoção : estudo de caso sobre a festa de Santo Antônio nas cidades de Duque de Caxias - RJ e Lisboa, Portugal / Renata de Almeida Oliveira. - 2017.

231 f. : il. color. ; 30 cm + 1 DVD.

Orientadora: Regina Abreu.

Tese (Doutorado)—Programa de Pós-graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Referências: f. 216-224.

Anexos: f. 225-230.

O DVD contém documentário, resultante da pesquisa, sobre as festas de Santo Antônio realizadas na cidade de Duque de Caxias, RJ (2014, 2015) e em Lisboa (2016).

1. MEMÓRIA. 2. PATRIMÔNIO. 3. COMEMORAÇÕES. 4. CULTURA POPULAR. 5. FESTAS DE SANTOS. I. Abreu, Regina. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. III. Título.

CDD 363.690981

**RENATA DE ALMEIDA OLIVEIRA**

**MEMÓRIAS DA DEVOÇÃO:  
ESTUDO DE CASO SOBRE A FESTA DE SANTO ANTÔNIO NAS CIDADES DE  
DUQUE DE CAXIAS – RJ E LISBOA, PORTUGAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória em Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do grau de doutoramento em Memória Social.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Regina Abreu – Orientadora  
PPGMS/UNIRIO

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Edlaine de Campos Gomes  
PPGMS/UNIRIO

---

Prof. Dr. Joaquim Justino Moura dos Santos  
PPGH/UNIRIO

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Renata de Castro Menezes  
UFRJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Adriana Russi Tavares de Mello  
UFF



Dedico aos meus pais, ao meu irmão e a todo amor do mundo!

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por ter confortado meu coração quando precisei, por ter me ajudado a dar cada passo da minha vida, por ter me escutado em minhas reclamações, por ter recebido meus agradecimentos.

Eu gostaria de agradecer ao protagonista desta Tese: Santo Antônio de Lisboa, de Pádua, do Brasil, de Duque de Caxias e todo o Mundo! Nunca pedi mais que tranquilidade e sabedoria para passar por adversidades. Mas também nunca deixei de agradecer por tudo de bom que acontece em minha vida.

Por falar em agradecimento e tudo de bom que acontece em minha vida, eu agradeço a meus pais, Sirlene e Cecílio. Eles me educaram, apoiaram e me ajudam em cada degrau da minha trajetória. Esta Tese e este título também é de vocês!

Ao meu irmão, Rodrigo pela torcida, companheirismo e por ser meu herói.

À minha família, pela torcida, compreensão e amor!

À minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Abreu. Desde a graduação, orientando, incentivando e acompanhando meus passos. Muito obrigada pela parceria, por todos esses anos de dedicação e por termos trilhado esse caminho juntas mais uma vez.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO, pela sabedoria e contribuição intelectual dada à minha formação e desenvolvimento de minha Tese.

Agradeço também aos professores que integram a minha banca.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edlaine de Campos Gomes, sempre disposta a ajudar com o texto, com referências ou mesmo com conversas no corredor.

Ao Prof. Dr. Joaquim Justino, que foi meu professor ainda na graduação no curso de História da UNIRIO. Foi um nome que prontamente me veio em mente, pela afinidade que sempre tivemos em campos de interesse de estudo.

À Profª. Drª Renata de Castro Menezes, sempre muito atenciosa em nossos contatos. Agradeço a oportunidade de tê-la em minha banca de Defesa.

À Profª. Drª. Adriana Russi, grande incentivadora. Tenho muito a agradecer por ter aceito o convite e por todo apoio concedido ao longo de minha trajetória acadêmica.

Aos professores que integraram minha banca de Qualificação, Profª Drª. Mariana Cavacanti e Prof. Dr. Paulo Peixoto pelas substanciais contribuições para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço também à profª Drª Maria Amália e a Profª Drª Lucieni Simão, pelo carinho e por aceitarem comporem esta banca como suplentes.

Ao Coordenador do PPGMS Prof. Dr. Francisco Ramos de Farias.

À Aline e Patrícia, que trabalham na secretaria do PPGMS, sempre dispostas a auxiliar em nossas demandas.

Agradeço a CAPES pelo apoio com a bolsa Demanda Social, que foi fundamental para a realização deste trabalho de pesquisa.

Aos meus amigos do PPGMS pelo companheirismo nesta importante caminhada: Ana Paula Silva, que está comigo desde o Mestrado, Vitor Corrêa, Pedro Libanio, Marcela Werneck, Tamara Campos, Silvana Bagno.

Por falar nos amigos que eu ganhei do PPGMS, faço um agradecimento muito especial a Sabrina Dinola. Uma amiga incrível que foi além de companheira de viagem, foi uma importante companheira de pesquisa em Portugal. Generosa e incansável.

À Kelly Castelo Branco pela carinhosa normalização do texto.

Aos meus amigos Marcio Leandro e Silmara Bernardo Leandro por terem me auxiliado nas entrevistas, filmado, fotografado e editado o vídeo, que se tornará um documentário sobre as duas Festas de Santo Antônio!

Aos membros da Igreja em Duque de Caxias que acolheram este trabalho: Padre Renato Gentile, Alexandre, responsável pela Cúria Diocesana e padre Benedito Zanobia pela acolhida e pelas importantes informações.

A todos os agentes do Poder Público que concederam entrevistas, autorizaram que eu estivesse em áreas restritas e apoiaram a realização deste trabalho: Prefeito Alexandre Cardoso, Tatyane Lima, Jesus Chediack, André Oliveira e Ricardo Costa Leite (Gestão 2013-2016).

Aos entrevistados em Duque de Caxias pelo carinho e receptividade: Valdete, Nancy, Mariângela, Pai Ricardo de Oxum, Áurea, Heraldo, Beto Gaspari, Mussarela, Maria Adelaide, Vicente, Mariluce, Rodrigo e Jaqueline.

À atual gestão do Poder Público pelo apoio na reta final: Prefeito Washington Reis, Aroldo Brito, Daniele Reis, a Ingrid Lifstich e ao Fabio Pedroza por estarem sempre dispostos a me receber e apoiar a realização do trabalho.

Aos funcionários do Instituto Histórico e Geográfico de Duque de Caxias, pelo apoio e orientação na pesquisa.

Aos pesquisadores, membros do poder público e entrevistados que fizeram parte desta pesquisa em Portugal: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Susana Sardo, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Graça Cordeiro, Micaela Capelo, Paula Cerejeiro, Pedro Teotônio, Frei Sales, Pedro Ferreira, João Ramos, ao casal Ana e Rui que se casou no “Casamento de Santo Antônio” e a Maria Ribeiro e Manuel Ribeiro, Casal D’Ouro, Fabio Salgado e a todos que conheci em Portugal e que de alguma forma contribuíram para que meus dias fossem plenos de muito afeto e conhecimento.

Muitas pessoas passaram pelo meu caminho durante esses anos. Agradeço a todos que de alguma forma fizeram ou fazem parte da minha história. Gratidão!

*Se Santo Antônio era a luz do Mundo  
Como não haveria de sair da sua Pátria?  
Saiu como luz do Mundo e saiu português.  
Por isso nos deu Deus tão pouca terra para nascimento  
e tantas para a Sepultura.  
Para nascer, Portugal,  
Para morrer, o Mundo  
– Padre Antônio Vieira, Sermão em Roma.*

## RESUMO

Este trabalho focaliza o tema da devoção associado ao culto e às festas populares voltadas para Santo Antônio. O foco central são os agenciamentos sociais, econômicos e políticos que envolvem a realização anual da Festa de Santo Antônio, na cidade de Duque de Caxias, Rio de Janeiro e na cidade de Lisboa, Portugal. As trajetórias de ambas as festas são analisadas tomando como eixo a problemática da memória social. A construção de memórias individuais e coletivas em torno desta festa popular entrelaça-se com a construção hagiográfica do santo, bem como da relação entre os devotos e o próprio Santo Antônio. O estudo comparativo da festa de Santo Antônio nas duas cidades sinaliza singularidades e diferenças que são explicitadas e problematizadas. O trabalho analisa ainda as trajetórias das igrejas que sediam as festas, como lugares materiais que referenciam às construções das memórias dos múltiplos agentes envolvidos.

**Palavras-chave:** Memória. Patrimônio. Comemorações. Cultura Popular. Festas de Santos.

## **ABSTRACT**

This research focuses on the topic of devotion associated with the worship and popular feasts dedicated to Saint Anthony. The main focus is the social, economic and political agencies involved in the annual organization of Saint Anthony's Feast, in the city of Duque de Caxias, Rio de Janeiro, and in Lisbon, Portugal. The analysis on both feasts takes into consideration the social memory issue. The construction of individual and collective memories related to this popular feast intertwines with the hagiographic construction of the saint, as well as of the devotees' relation with him. The comparative study on the Saint Anthony's Feast in both cities highlights unique characteristics and differences, which are explained and further discussed. Moreover, this research analyses the trajectories of the churches that hold the feasts, as material sites that reference the construction of memories of the multiple agents involved.

**Keywords:** Memory. Heritage. Celebrations. Popular Culture. Saint Feasts.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1	<i>Divisão do Estado do Rio de Janeiro por regiões.....</i>	26
Mapa 2	<i>Mapa da Baixada Fluminense - Estado do Rio de Janeiro .....</i>	27
Figura 1	<i>Busto do Duque de Caxias e construção que abriga o museu.....</i>	60
Figura 2	<i>Ruínas que seriam a casa em que Duque de Caxias nasceu.....</i>	61
Figura 3	<i>Estátua de Duque de Caxias na entrada na cidade na Avenida Brigadeiro Luís Alves de Lima e Silva.....</i>	68
Figura 4	<i>Final da Avenida Brigadeiro Luís Alves de Lima e Silva.....</i>	69
Figura 5	<i>Praça do Pacificador: Biblioteca Leonel de Moura Brizola e, ao fundo, o Teatro Municipal Raul Cortez.....</i>	70
Quadro 1	<i>Distribuição da população brasileira por regiões.....</i>	72
Quadro 2	<i>Cronologia da vida de Santo Antônio.....</i>	100
Figura 6	<i>Fachada da Paróquia de Santo Antônio.....</i>	124
Figura 7	<i>Hall de Entrada da Paróquia de Santo Antônio.....</i>	125
Figura 8	<i>Lado Direito do Hall de Entrada – ao fundo uma lojinha de artigos religiosos e o benzer na parede.....</i>	126
Figura 9	<i>Lado Esquerdo do Hall de Entrada – Secretaria da Igreja.....</i>	126
Figura 10	<i>Vitral ofertado por uma família em memória de um ente querido.....</i>	127
Figura 11	<i>Vitral ofertado por uma família da região à Igreja.....</i>	128
Figura 12	<i>Lado direito da Igreja com vitrais superiores e inferiores, separados por quadros que representam a crucificação de Jesus Cristo.....</i>	129
Figura 13	<i>Lado esquerdo da Igreja com vitrais superiores e inferiores, separados por quadros que representam a crucificação de Jesus Cristo.....</i>	129
Figura 14	<i>Altar da igreja.....</i>	130
Figura 15	<i>Pátio da igreja.....</i>	131
Figura 16	<i>Prédio anexo.....</i>	131
Quadro 3	<i>Metodologia Quantitativa e Qualitativa.....</i>	132
Quadro 4	<i>Entrevistados por sexo.....</i>	134
Quadro 5	<i>Entrevistados por idade.....</i>	134
Quadro 6	<i>Participação na festa.....</i>	135
Quadro 7	<i>Participação por localidade.....</i>	135
Quadro 8	<i>Religião declarada.....</i>	136



Figura 17	<i>Início da missa com a chegada do Sacerdote e dos Ministros entoada pelo Canto de Entrada.....</i>	144
Figura 18	<i>Momento da comunhão.....</i>	145
Figura 19	<i>Barracas da Quermesse que acontece no Pátio da Igreja.....</i>	146
Figura 20	<i>Salão Interno da Igreja com barracas e show – Beto Gaspari (músico e agente cultural).....</i>	146
Figura 21	<i>Missa dos Devotos.....</i>	148
Figura 22	<i>Fiéis pegando o pão de Santo Antônio.....</i>	148
Figura 23	<i>Armazenamento dos pães de Santo Antônio.....</i>	149
Figura 24	<i>Fiéis fazendo seus pedidos ao Santo Antônio na barraca da Pia União.....</i>	151
Figura 25	<i>Procissão percorrendo a Avenida Governador Leonel de Moura Brizola.....</i>	152
Figura 26	<i>Imagem de Santo Antônio em Procissão.....</i>	152
Figura 27	<i>Procissão percorrendo o calçadão comercial de Duque de Caxias.....</i>	153
Figura 28	<i>Retorno da Imagem à Paróquia de Santo Antônio, finalizando a Procissão com uma missa.....</i>	153
Figura 29	<i>Início da área interditada da Avenida Leonel de Moura Brizola para a realização da festa.....</i>	154
Figura 30	<i>Montagem das barracas da festa.....</i>	155
Figura 31	<i>Outra imagem da montagem das barracas da festa.....</i>	156
Figura 32	<i>Avenida Leonel de Moura Brizola com transeuntes e fiéis e as barracas já montadas.....</i>	157
Figura 33	<i>Circuito Gastronômico – Restaurantes.....</i>	158
Figura 34	<i>Circuito Gastronômico – Praça de Alimentação.....</i>	158
Figura 35	<i>Lançamento do livro da historiadora Marlúcia dos Santos Souza.....</i>	160
Figura 36	<i>Marca do evento desenvolvida pelo cartunista Zivaldo.....</i>	160
Figura 37	<i>Coral das Meninas Canarinhas de Petrópolis.....</i>	161
Figura 38	<i>Padre Renato Gentile ao lado do Prefeito Alexandre Cardoso na abertura da Festa.....</i>	162
Figura 39	<i>Noite das Festas de Lisboa 2016 no bairro Alfama.....</i>	184
Figura 40	<i>Relíquia na cripta (maxilar inferior de Santo Antônio).....</i>	188
Figura 41	<i>Relíquia no altar-mor (osso do braço esquerdo).....</i>	188
Figura 42	<i>Devotos aguardando a imagem de Santo Antônio sair da Igreja para a</i>	

	<i>Procissão.....</i>	189
Figura 43	<i>Imagem de Santo Antônio após sair da igreja para Procissão.....</i>	190
Figura 44	<i>Barracas das Festas de Lisboa em frente ao Museu do Fado, Alfama 2016...</i>	194
Figura 45	<i>Centro Cultural Magalhães de Lima – Externo.....</i>	195
Figura 46	<i>Apresentação da Marcha de Alfama no Centro Cultural Magalhães de Lima</i>	196
Figura 47	<i>Manjericos sendo vendidos no bairro Alfama.....</i>	197
Figura 48	<i>Marcha de Alfama em cortejo pelas ruas do bairro.....</i>	198
Figura 49	<i>Carros antigos que conduziram as noivas, estacionados em frente à Igreja de Santo Antônio.....</i>	202
Figura 50	<i>Devotas a Santo Antônio acompanhando os casamentos do lado de fora da Igreja.....</i>	203
Figura 51	<i>Casais posando para fotos oficiais na saída da igreja.....</i>	203
Figura 52	<i>Cortejo dos casais de Santo Antônio após o casamento em Lisboa.....</i>	204
Figura 53	<i>Casais desfilando durante as Marchas de Lisboa à noite na Avenida da Liberdade.....</i>	205

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
2	<b>CONHECENDO E MAPEANDO DUQUE DE CAXIAS</b> .....	26
2.1	PROCESSO DE OCUPAÇÃO DAS TERRAS DO RECÔNCAVO DA GUANABARA.....	26
2.2	NASCE UMA CIDADE: ALGUNS ASPECTOS SOBRE A TRANSIÇÃO RURAL PARA URBANA E A EMANCIPAÇÃO DE DUQUE DE CAXIAS.....	36
2.3	CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEXTO SOCIAL DE DUQUE DE CAXIAS...	47
2.4	A CIDADE DE DUQUE DE CAXIAS E SUAS COMEMORAÇÕES.....	58
3	<b>ETNOGRAFIA DA BENÇÃO: A CONSTRUÇÃO DE UM PADROEIRO</b> .....	72
3.1	AS FESTAS DE SANTOS.....	72
3.2	A TRAJETÓRIA DO PRIMEIRO SANTO PORTUGUÊS.....	89
3.2.1	<b>Santo dos Milagres e das Crenças</b> .....	103
3.3	O CULTO A SANTO ANTÔNIO NO BRASIL.....	109
4	<b>DUQUE DE CAXIAS E A FESTA DO PADROEIRO SANTO ANTÔNIO: UM ESTUDO DE CASO</b> .....	114
4.1	AS MEMÓRIAS DA FESTA.....	114
4.2	ESPAÇO DE FÉ: A CATEDRAL DE SANTO ANTÔNIO.....	119
4.2.1	<b>O prédio da catedral de Santo Antônio</b> .....	123
4.3	ETNOGRAFANDO A FESTA: PREPARATIVOS E COMEMORAÇÃO.....	132
4.4	A PROGRAMAÇÃO RELIGIOSA.....	143
4.5	UMA CIDADE A FESTEJAR: A POPULARIDADE DA FESTA NA RUA.....	154
4.6	DEVOÇÃO E HISTÓRIAS: A INFLUÊNCIA DA COMEMORAÇÃO NA VIDA PRIVADA.....	163
4.6.1	<b>Narrativas de memória e fé</b> .....	163
4.6.2	<b>As senhoras que organizam a festa</b> .....	164
4.6.3	<b>Religiosidade e fé: apontando questões</b> .....	168
4.6.4	<b>Fé e política: a visão do poder público municipal</b> .....	170
4.6.5	<b>Pagadores de promessas: memórias de amor e fé</b> .....	175
4.6.6	<b>A festa, a cidade e seus agentes culturais</b> .....	177
5	<b>BREVES APONTAMENTOS SOBRE AS FESTAS DE LISBOA</b> .....	181
5.1	<b>“CHEIRA BEM, CHEIRA A LISBOA”:</b> UMA CIDADE A COMEMORAR.....	181

5.2	O LUGAR DE SANTO ANTÔNIO NAS FESTAS DE LISBOA .....	186
5.3	LISBOA A MARCHAR: A MARCHA DE ALFAMA.....	191
5.4	OS CASAMENTOS DE SANTO ANTÔNIO.....	199
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	208
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	216
	<b>ANEXOS</b> .....	225
	ANEXO A – CARTA DO BISPO DA DIOCESE DE PETRÓPOLIS AO FREI BERNARDO – 13 DE JUNHO DE 1973.....	226
	ANEXO B – PROGRAMAÇÃO DA VISITA PASTORAL DO BISPO DIOCESANO – 23 A 30 DE ABRIL DE 1972.....	227
	ANEXO C – CARTA DO BISPO DE PETRÓPOLIS AO FREI TADEU – 24 DE DEZEMBRO DE 1969.....	230

## 1 INTRODUÇÃO

Se queres ser universal, escreve sobre tua aldeia  
– Tolstoi.

Por diversas vezes eu li a epígrafe que inicia este trabalho com as mais variadas interpretações, em artigos, em blogs, para falar sobre temas científicos, para falar sobre a alma humana. Confesso que minha identificação foi imediata, afinal, neste trabalho escrevo sobre uma festa religiosa que acontece na minha aldeia ou, na cidade em que resido há 10 (dez) anos, Duque de Caxias, estado do Rio de Janeiro. A festa em questão é a comemoração ao Padroeiro da cidade, Santo Antônio. Antes de me aprofundar na temática, considero importante apresentar um pouco minha trajetória acadêmica.

Em minha trajetória acadêmica e profissional sempre estive envolvida em questões referentes à memória, patrimônio, museus e cultura. Esta trajetória teve início ainda na graduação em História na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, quando orientada pela Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Regina Abreu, desenvolvi minha pesquisa de Iniciação Científica e, conseqüentemente meu Trabalho de Conclusão de Curso acerca do Coral Indígena Guarani MBYÁ de Paraty-Mirim, estado do Rio de Janeiro. Foi um período fascinante, de muitas descobertas e o início da paixão pela arte de pesquisar.

Em seguida, ingressei no Mestrado em Memória Social, sob orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Regina Abreu. Minha dissertação denominada “Memórias da Ocupação Indígena no Estado do Rio de Janeiro: Um estudo de Caso do Museu de Arqueologia Sambaqui da Tarioba” foi desenvolvido em virtude de um fenômeno percebido no âmbito do projeto “Memória, Cultura, Transformação Social e Desenvolvimento: Panorama Museal do Estado do Rio de Janeiro”, conhecido como Museus do Rio<sup>1</sup>. Tal fenômeno insere-se em uma reflexão acerca de uma temática mais ampla que visa detectar ressignificações e novas leituras sobre a presença indígena no Estado do Rio de Janeiro. Durante o projeto, percebemos uma valorização de vestígios, traços e fragmentos da ocupação indígena em território fluminense, diferente do que acontecia anteriormente, onde existia uma visão que privilegiava o ideário de Estado Moderno progressista e civilizado que ocultava ou dava pouca importância à história da ocupação

---

<sup>1</sup> Este projeto, coordenado pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Regina Abreu foi fomentado pela FAPERJ (Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) e pela SEC-RJ (Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro), e teve como produto um site sobre os museus do rio ([www.museusdoriorio.com.br](http://www.museusdoriorio.com.br)), um guia e filmes de percursos dos museus visitados pela equipe do projeto.

indígena no território por considerá-la associada a culturas arcaicas e que pouco contribuía ao desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro.

Em 2010 iniciei uma Pós-Graduação em Produção Cultural pela Universidade Cândido Mendes, onde pude aprofundar meus conhecimentos acerca de temáticas práticas que envolvem a cultura, como por exemplo, os diversos editais de fomentos a ações culturais, sejam elas ligadas às questões do patrimônio, cultura popular ou às mais variadas formas artísticas, tais como dança, música, teatro entre outras.

Ao concluir o curso de Mestrado em 2011 eu comecei a trabalhar na Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Duque de Caxias. Por alguns poucos meses atuei como historiadora no âmbito de um projeto que visava criar o Museu da Memória Política – Tenório Cavalcanti<sup>2</sup>. Em seguida recebi o convite para ser Coordenadora do Teatro Municipal Raul Cortez e passei a conhecer mais de perto as questões da cidade. Vivenciando as experiências da cidade, pude perceber a presença de temas referentes à memória e ao patrimônio em seu cotidiano que ocorrem em diversificadas manifestações populares da cidade, tais como, a Festa de Santo Antônio; o Desfile Cívico em 25 de agosto; o Forró na Feira (tradicional feira de tradições nordestinas da cidade) e a Feira Popular que acontece aos sábados no bairro 25 de Agosto e por muito tempo foi conhecido pelo tráfico de animais silvestres<sup>3</sup>.

Com este trabalho pretendo refletir sobre uma das tradições culturais mais importantes na cidade de Duque de Caxias: a Festa de Santo Antônio. O Santo Padroeiro da cidade é lembrado anualmente em uma festividade que acontece desde sua emancipação no ano de 1943 quando festejos eram realizada em proporções bem menores. Apesar de dados estatísticos do IBGE<sup>4</sup> apontarem para um declínio no número de católicos no país, esta festa, marcadamente católica, apresenta em Duque de Caxias um crescimento anual, tanto em público quanto em investimento e apoio por parte do governo municipal. Esta comemoração tem lugar no âmbito da Catedral de Santo Antônio, se estendendo para parte da Avenida Governador Leonel de Moura Brizola<sup>5</sup>, onde a Catedral está localizada, entre outros espaços da cidade, tais como o Centro Cultural Oscar Niemeyer e o calçadão comercial. O fato da festa ser realizada tanto no espaço de dentro quanto na rua da igreja em si é algo que já foi modificado e discutido diversas a cidade. Nos anos 1990, essa comemoração aconteceu em outros espaços da cidade, o que, de

---

<sup>2</sup> O museu seria criado na casa em que Tenório Cavalcanti viveu, conhecida como “Fortaleza de Tenório”, no entanto, por estar cedida à Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC), o projeto não seguiu adiante.

<sup>3</sup> Ver mais em: <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-08-22/policia-florestal-ocupara-area-de-caxias-para-acabar-com-trafico-de-animais.html>.

<sup>4</sup> Ver mais em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br).

<sup>5</sup> Antiga Avenida Presidente Kennedy, apesar de ainda ser conhecida por esse nome.

acordo com o Padre Benedito Zanobia, em entrevista realizada em 05 de novembro de 2016, dificultava a presença dos peregrinos e devotos na festa.

As festas de santos no país podem ser consideradas expressões da vitalidade do catolicismo, sendo um importante elemento nas demarcações das fronteiras religiosas. Esse catolicismo marcado por grandes manifestações externas de fé foi uma herança recebida no século XIX que ficou conhecida como “catolicismo colonial” quando essas festas religiosas organizadas pelas irmandades em homenagem aos santos padroeiros ou de devoção eram o ponto máximo dessas associações. No entanto, desde aquela época, havia uma grande preocupação tanto por parte de autoridades civis, quanto de autoridades religiosas com relação à continuidade da ordem, sobretudo pela confusão que poderia acontecer entre práticas sagradas e profanas nas comemorações externas, bem como, nas comemorações realizadas dentro das próprias igrejas (ABREU, 1994).

Vistas de fora, tais preocupações acerca das relações estabelecidas entre o sagrado e o profano nas comemorações aos santos parecem ainda atuais. A escolha do objeto se deu justamente em virtude da percepção da importância da festa para a cidade e como as festas religiosas se mantêm firmes. Nesse sentido, aponto a permanência, sobrevivência e, até crescimento de uma festa tradicional em uma cidade contemporânea, como é o caso de Duque de Caxias.

São múltiplas as relações estabelecidas para a realização do evento, considerado um dos mais importantes no calendário municipal: os membros da igreja, definidos como os principais realizadores da festa; o poder público municipal, com apoio logístico; grandes empresas financiadoras e pequenos comerciantes locais, que se cadastram para integrarem a festa, vendendo seus produtos em barracas padronizadas. Estas relações geram algumas tensões que envolvem a autenticidade da festa realizada pela igreja devido a interferências que as relações políticas e comerciais acabam impondo a sua realização. Por exemplo, se uma grande fábrica de bebidas patrocina o evento, não poderá haver nenhuma alusão a qualquer outra marca. Mais ainda, a venda de bebidas alcoólicas acaba não tendo um controle tão eficaz, sobretudo no que se refere aos menores de idade que frequentam massivamente a festividade de Santo Antônio.

Pretendo refletir aqui acerca das relações estabelecidas para que essa comemoração possa ser realizada anualmente. No caso dessa cidade, é possível observar a consolidação de diversos patrimônios, comemorações e personagens que fazem parte da história da cidade com os quais seus cidadãos convivem diariamente. Essas comemorações são repletas de memórias individuais e coletivas que procuro analisar sob três enfoques. O primeiro enfoque se refere aos “lugares de memória” (NORA, 1993), tomando por base a Catedral de Santo Antônio e a Festa

de Santo Antônio em si. O segundo enfoque se refere à “memória coletiva” (HALBWACHS, 2006), com especial ênfase na construção das memórias dos grupos e, na relação com o espaço de recordação tomando por base narrativas acerca da Catedral e da Festa; O terceiro enfoque articula-se à memória hagiográfica de Santo Antônio, transmitida através das ações promovidas pela Igreja no que se refere à programação da festa. Deste modo, pretendo responder a algumas questões no que se refere às comemorações na cidade: Como se dá sua organização? Quais são os espaços de comemoração e recordação? Como essas comemorações foram criadas? Quais são os palanques? O que é comemorado? Por quem é comemorado? As comemorações têm ressonâncias na cidade? Quais? Como influenciam? A população relaciona estas comemorações com algum sentimento de pertencimento local? Por quais motivos uma cidade contemporânea, com sinais visíveis de valorização de signos do progresso e do chamado desenvolvimento, realiza ainda hoje uma festa tradicional devotada a um santo católico? Que tipos de sociabilidade e de relações sociais e políticas, esta festa enseja?

A festividade em homenagem ao Santo Padroeiro em Duque de Caxias passou por diversos momentos ao longo da história do município desde sua emancipação. De acordo com o Padre Renato Gentile, responsável pela Paróquia de Santo Antônio, a festa não tinha essas proporções. O que existiam eram as quermesses que aconteciam nas igrejas da cidade. Ao final da década de 60, a festa passou a ser chamada de Feira da Comunidade e, após um período sendo realizada dentro do espaço da igreja, cresceu a ponto de ser necessária sua realização em principais vias da cidade, acontecendo por um período na Avenida Presidente Kennedy e por um período na Avenida Brigadeiro Lima e Silva, respectivamente no Centro e no Bairro 25 de agosto, no 1º distrito da cidade. Excepcionalmente, em 1997, a Feira aconteceu em um centro de Convenções no Parque Duque, bairro que também integra o 1º distrito. Apenas mais tarde, nos anos 2000, foi denominada Festa de Santo Antônio como é conhecida até os dias atuais.

Para a realização deste trabalho, além da pesquisa bibliográfica sobre o tema, também realizei pesquisa de campo ao longo da comemoração, tanto no âmbito religioso – Trezena de Santo Antônio, missas, distribuição de pães, Procissão – quanto no âmbito social e cultural, na festa chamada típica ou popular que acontecia tanto dentro do espaço da Catedral em forma de Quermesse, quanto na parte externa, com a Avenida Presidente Kennedy fechada para circulação de automóveis, realização de shows e barracas com comidas consideradas típicas para esse período festivo.

As relações entre a festa e a cidade introduz um tempo especial fortemente ligado à experiência de vida das pessoas através de uma memória que é evocada a cada ano. Casais que cresceram juntos na igreja, que se conheceram na festa, promessas cumpridas pela cura de



enfermidades, entre tantas outras histórias que pude conhecer ao longo da pesquisa de campo que apontou para a relação de fé entre devoto e Santo. A cada ano, essas histórias são relembradas, no sentido pleno do termo comemoração, ou seja, memorar junto. Não apenas o santo é lembrado, mas também, momentos da vida de diversos devotos que fazem da festa seu relicário.

Pois assim são as festas populares: atraem, encantam e integram participantes e admiradores. Envolvem ricos e pobres; brancos, mulatos, caboclos, pretos; distintas origens étnicas; sagrado e profano. Não resolvem conflitos e desigualdades sociais, mas expressam uma face da coletividade que se superpõe a essas diferenças (CAVALCANTI, 1998, p. 194).

A festa, bem como as ruas onde aconteceram as festividades e a própria Paróquia de Santo Antônio, ocupam o espaço de lugares de memórias, que podem ser individuais ou coletivas, ligados ao cotidiano, ou mesmo à construção da própria memória e história da festa. Pierre Nora (1993) afirma que esses lugares seriam espaços onde a memória está presente, podendo ser lugares materiais, como museus, arquivos, bibliotecas ou mesmo patrimônio material (pedra e cal), bem como lugares imateriais, como é o caso de comemorações e rituais.

A ideia de comemoração envolve uma leitura do passado geralmente motivada por questões do presente. As comemorações, sobretudo no que tange à cultura popular, como é o caso da Festa de Santo Antônio constroem sinais de identificação de certos grupos. Os participantes neste caso são em sua maioria católicos que participam da festa pelos mais variados motivos. Mas, há também participantes, praticantes de outras modalidades religiosas, entre os quais evangélicos, que circulam no ambiente da festa, acompanhando familiares e amigos, ou apenas circulando em um evento festivo da localidade.

A Festa de Santo Antônio, com mais de 50 anos de história, passou por diversos momentos. Padres franciscanos que percorriam a região no período da emancipação, consideraram que celebrar um santo franciscano seria um presente para a cidade e assim definiram Santo Antônio como seu padroeiro dando origem à tradição de comemorar o santo anualmente em sua data.

Para aprofundar as questões aqui apontadas, este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “Conhecendo e Mapeando Duque de Caxias” apresento como a cidade se constituiu apontando questões que remontam desde seu processo de ocupação no período colonial. Para a elaboração deste capítulo, foram consultadas referências de pesquisadores especializados no tema, tais como, Alves (2003), Braz e Almeida (2010) e Souza (2014b). No primeiro subcapítulo, denominado “Processo de Ocupação das

terras do Recôncavo da Guanabara” focalizo o processo de ocupação da região, destacando o processo de construção histórica e representatividade econômica e social no período tratado (até final do século XIX). A importância da cidade se estabeleceu por questões significativas quando tratamos de um processo de ocupação e estabelecimento de vilas e fazendas, tais como: proximidade com rios; solo propício para o cultivo da cana de açúcar; ser um local de passagem, principalmente de ligação do Rio de Janeiro com Minas Gerais, para o transporte do ouro. Entre os motivos está também a passagem da estrada de ferro pela região também contribuiu para destacar a relevância desta cidade que se manteve em diversos momentos da história do estado do Rio de Janeiro.

O segundo subcapítulo “Nasce uma cidade: alguns aspectos sobre a transição rural para urbana e a emancipação de Duque de Caxias” traz questões sobre o significativo crescimento que a cidade teve no século XX, sobretudo no que se refere a transição de uma região tipicamente rural, que servia de rota para o processo de ocupação e colonização do país pelo Império português para a urbanização implementada com o discurso do progresso e a implementação de políticas públicas que se deram na República Velha e, sobretudo no Governo de Getúlio Vargas acarretando em um processo de emancipação que aconteceu em 1943.

No terceiro subcapítulo, denominado “Algumas considerações sobre o contexto social” apresento algumas proposições que apontam um processo de ocupação da cidade confuso, violento e desordenado que aponta a imagem do político local Tenório Cavalcante como personagem central até o final da década de 1970. Com isso, apresento questões que envolveram relações políticas na cidade com características que a constituíram, como o coronelismo que apresentou diversas vertentes até os anos 1990. Nos anos 1990, a cidade vivenciou uma alternância de poder entre os políticos José Camilo Zito dos Santos Filho e Washington Reis que foi quebrada nas eleições de 2012, quando Alexandre Cardoso foi vitorioso. Nas eleições de 2016 Washington Reis venceu novamente.

No último subcapítulo denominado “A cidade de Duque de Caxias e suas Comemorações” apresento algumas comemorações da cidade, sobretudo no que se refere ao seu padroeiro, Santo Antônio e ao seu patrono, Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, que teria nascido na cidade que ganhou o seu nome. Não tive a pretensão de fazer uma descrição biográfica detalhada sobre a vida de Luiz Alves de Lima e Silva, mas considerei importante destacar algumas referências que se relacionam com nuances que se desenvolveram ao longo da pesquisa.

A cidade que se emancipou em 1943 sempre sofreu com diversos problemas relacionados à política, saneamento básico, questões sociais e culturais, muitos deles, existentes

ainda nos dias de hoje, 62 anos depois. Apesar de todas as dificuldades, a cidade que é conhecida por ter muitos nordestinos, ganhou papel de destaque e se tornou uma das mais importantes, sendo responsável pelo segundo maior Produto Interno Bruto e por ser o terceiro maior colégio eleitoral, correspondente a sua densidade demográfica (IBGE, [2015]).

No segundo capítulo, denominado “Etnografia da Bênção: A Construção de um Padroeiro” apresento uma revisão da literatura acerca das festas de santos que acontecem em diversas cidades do país, não apenas a Festa de Santo Antônio, mas também a festa de São Jorge e a Festa do Divino Espírito Santo. Na primeira parte intitulada “As festas de Santos”, além de trazer questões acerca as Festas de Santos, apresento como argumento que um dos fatores para o crescimento e valorização destas festividades seriam os “registros” como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil no IPHAN, seja por estarem estabelecidas em calendários oficiais no país, em estados e municípios, seja por reconhecimento local ou até pela valorização por meio de pesquisas acadêmicas.

As festividades religiosas mantêm forte presença no cenário nacional, sobretudo no que concerne aos feriados, apesar ser caracterizado pela Constituição Federal país laico, de livre credo, sem uma religião oficial, preservando a separação entre os domínios da Igreja e do Estado. Apesar disso, ancorado em antigas tradições, os dias devotados a santos católicos, sobretudo os santos padroeiros, são legitimados como feriados em diversos estados, municípios e mesmo em âmbito federal.

Na segunda parte deste capítulo, intitulada “A trajetória do primeiro Santo português” apresento algumas narrativas sobre sua trajetória, milagres, pregações e as crenças que estão associadas à sua memória. Tal fato se dá através de uma construção sobretudo no que se refere a referências hagiográficas que trazem a memória do Santo ressaltando suas virtudes, como um modelo a ser seguido pelos devotos.

O caso de Santo Antônio é muito rico em fontes hagiográficas. Em Portugal, especialmente em lugares por onde o santo viveu, como a Igreja Santa Cruz em Coimbra e a Igreja de Santo Antônio em Lisboa, encontram-se disponíveis vários livretos, como livros de orações e milagres e livros com a vida do santo. Grande parte destas referências são de cunho religioso, de autoria de padres ou mesmo editoriais produzidos por grupos religiosos. Algumas das mais importantes, e que foram utilizadas neste trabalho, foram produzidas Padre Fernando Félix Lopes que foi um escritor e pesquisador franciscano que publicou o livro “Santo Antônio de Lisboa: Doutor Evangélico” (2014). Outra referência importante no decorrer deste trabalho foi publicada por Vergílio Gamboso que também se dedicou a pesquisar a trajetória de Santo Antônio. O livro “Espiritualidade de Santo Antônio” (1996) traz a trajetória e história de vida

do santo, bem como a exposição de alguns de seus sermões, apontando-o como Santidade e bom exemplo a ser seguido pelas pessoas, como é a tendências deste tipo de literatura<sup>6</sup>.

No terceiro capítulo, intitulado “Duque de Caxias e a festa do Padroeiro Santo Antônio: um Estudo de Caso” me dedico à Festa de Santo Antônio na cidade de Duque de Caxias a qual objetivei descrever a pesquisa de campo realizada nos anos de 2014 e 2015 que teve início em contatos telefônicos com o Padre Renato Gentile sendo o primeiro contato oficial um convite para participar de uma reunião de organização que aconteceria no dia 19 de maio de 2014. Este capítulo foi dividido em 6 (seis) subcapítulos. No primeiro denominado “As memórias da festa” faço uma discussão acerca da construção da memória a partir de três enfoques, conforme dito anteriormente, fazendo uma discussão sobre os conceitos de “lugares de memória” (NORA, 1993); Memória Individual e Coletiva (HALBWACHS, 2006) e como esses conceitos se relacionam no contexto da festa.

O segundo subcapítulo intitulado “Espaço de fé: a Catedral de Santo Antônio” apresentou as questões que envolveram a história da Catedral até ser criada a Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti, quando aconteceu a separação da Diocese de Petrópolis pelo crescimento da Igreja católica na Baixada Fluminense, que conquistou importância no cenário religioso. Além disso faço uma descrição de como se configura o prédio da Catedral de Santo Antônio atualmente. No subcapítulo 3.3 intitulado “Etnografando a festa: Preparativos e Comemoração” apresento os resultados da experiência de pesquisa na Festa de Santo Antônio em Duque de Caxias entre os anos de 2014 e 2015, apontando a metodologia utilizada, tanto no que se refere à pesquisa qualitativa quanto quantitativa. Apresento narrativas de fiéis que tem alguma história e relação com a comemoração ao santo sejam casais que se conheceram na festa, sejam pessoas que pagaram promessas pela cura de enfermidades.

Já o subcapítulo 4 é dedicado à “Programação Religiosa” que é o ponto principal da festividade em homenagem ao santo padroeiro. Esta programação acontece prioritariamente dentro do espaço da Catedral de Santo Antônio, exceto a “Procissão” que é o momento mais esperado e acontece no dia 13 de junho. Percorre o calçadão comercial do centro da cidade, que fica ao redor do terreno da Igreja. No pátio da Catedral acontece uma Quermesse que é realizada exatamente nos mesmos em que a festa acontece do lado de fora da Igreja. É neste ato que muitos fiéis e peregrinos participam para cumprirem suas promessas feitas ao Santo Antônio em troca de seus pedidos, fortalecendo a relação entre o Santo e os Devotos.

---

<sup>6</sup> As duas referências foram publicadas pela Editorial Franciscana que possui outras obras sobre Santo Antônio.

No subcapítulo 5 denominado “Uma cidade a festejar: a popularidade da festa na rua” apresento uma análise descritiva sobre a festa realizada nas ruas da cidade, complementando a festividade que é realizada dentro do espaço da Catedral. A festa na rua é composta por barracas de alimentos e brincadeiras e por atividades e ações pedagógicas e culturais atraindo um grande número de pessoas para a Festa<sup>7</sup>.

Já o último subcapítulo denominado “A construção da Devoção e do Devoto” se trata de uma análise descritiva centrada em meu estudo de caso. As relações de fé e Devoção entre Santo e Devotos são evidenciadas em um apontamento de simpatias, promessas, atitudes com relação ao Santo. É neste contexto que se constrói a relação de Devoção e memórias que anualmente são ressignificadas e lembradas com a realização desta comemoração.

Já no último capítulo denominado “Breves apontamentos sobre as Festas de Lisboa”, meu objetivo foi colher alguns elementos comparativos por meio de pesquisa de campo realizada no mês de junho de 2016. Durante o processo de pesquisa do Doutorado estive em Portugal por duas vezes. Na primeira vez para participar de um Congresso na Universidade de Coimbra. Aproveitei a oportunidade para buscar referências e pistas com a intenção de retornar para uma pesquisa a ser realizada posteriormente. Deste modo, realizei uma viagem à Portugal em 2016. Estive no país por exatos 30 dias para participar de Seminários e acompanhar as “Festas de Lisboa”, realizadas em homenagem aos santos de junho e pelo início das férias de verão. Reuni elementos referentes à comemoração dos santos de junho em Lisboa que dão uma base para esta pesquisa e o embasamento de projetos de pesquisa futuros, sendo o intuito de se aprofundar nas questões brevemente apontadas. Deste modo, pretendo trazer alguns elementos que permitam uma aproximação comparativa entre a comemoração em Duque de Caxias, uma cidade da baixada Fluminense do estado do Rio de Janeiro, no Brasil e a comemoração que acontece em Lisboa, capital de Portugal e local de nascimento do Santo Padroeiro das duas cidades.

Para a elaboração desta pesquisa realizei uma etnografia da festa, me integrando e observando alguns grupos que nela circulavam na ocasião. Trabalhos realizados sobre "festas de santo" constituem referências importantes. Destaco as pesquisas de Renata Menezes sobre a Festa da Penha, no Rio de Janeiro, e sobre a sociabilidade no Convento de Santo Antônio no largo da Carioca. Estas referências trouxeram pistas, entre as quais: a) a busca pelas referências hagiográficas, sobretudo no que se refere à trajetória de Santo Antônio; b) abordagens metodológicas e o uso da etnografia em um ambiente que possui regras muito específicas, como

---

<sup>7</sup> Aproximadamente 200 mil pessoas ao longo de todos os dias de Festa de acordo com dados da Defesa Civil.

o religioso. Além disso, cito as reflexões referentes à sociabilidade no âmbito da festa de Santo Antônio.

Nesta pesquisa, além de apontar a importância dos rituais e da peregrinação, também analiso algumas relações estabelecidas entre alguns dos diversos agentes da cidade e a festividade, valorizando suas memórias individuais, ou seja, aquelas que se referem a uma atuação um pouco mais pessoal na festa, como peregrinação, promessas, participação na organização, bem como, memórias coletivas que, se refere muitas vezes à memória da festa em si, tais como, os espaços as quais já foi realizada, quem realiza, agentes que foram importantes para a sua permanência entre outros. A festa como um lugar de memória, que vai além do espaço físico que ela pode ter ocupado ao longo de seus 74 anos de realização – em uma análise que delimita o tempo a partir da emancipação da cidade de Duque de Caxias. Nossa suposição é de que as festas de santos conquistaram espaços além do sagrado, desempenhando importantes papéis em contextos profanos da fruição, do encontro, da confraternização.

Sendo assim, espero contribuir para a produção do conhecimento, sobretudo na temática da memória e patrimônio, expressando as diversas memórias dos agentes envolvidos, os arquivos pessoais e suas relações com a festividade e a história das cidades, além de valorizar uma manifestação cultural que congrega diferentes segmentos sociais na cidade de Duque de Caxias, no Estado do Rio de Janeiro.

## 2 CONHECENDO E MAPEANDO DUQUE DE CAXIAS

### 2.1 PROCESSO DE OCUPAÇÃO DAS TERRAS DO RECÔNCAVO DA GUANABARA

A cidade de Duque de Caxias é um dos 13 (treze) municípios que integram a Baixada Fluminense e está situada no estado do Rio de Janeiro, na área litorânea da região Sudeste do Brasil. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>8</sup>, o estado possui uma área de 43.696,054 km<sup>2</sup> e está dividido em 92 municípios com população estimada em 2014 de 16.461.173 habitantes.



Fonte: Simões (2010).

De acordo com Braz e Almeida (2010), o território que corresponde à Baixada Fluminense nos dias de hoje era a região que englobava o Recôncavo da Guanabara, ao norte da Vila de São Sebastião do Rio de Janeiro, no século XVI e era conhecida como *Iguassu*<sup>9</sup>, correspondendo ao que hoje conhecemos como a área que engloba os municípios de Nova Iguaçu, Duque de Caxias, São João de Meriti, Belford Roxo, Nilópolis, Mesquita, Japeri e Queimados. Para chegar na divisão atual, o espaço foi sendo fragmentado. A publicação “Impunidade na Baixada Fluminense” (IMPUNIDADE..., 2005) escrita por diversas

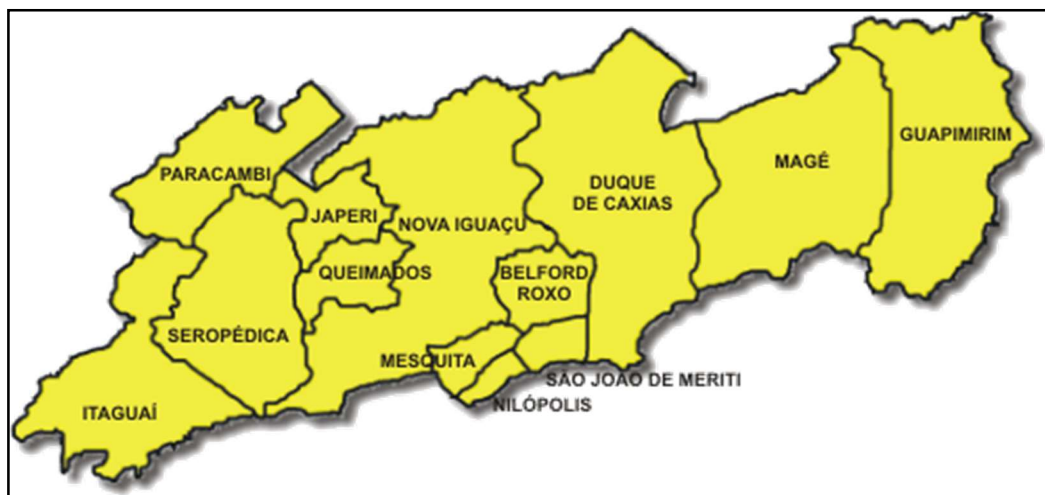
<sup>8</sup> Para maiores informações sobre características econômicas, políticas e sociais, acessar o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no link: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=rj>.

<sup>9</sup> A grafia pode variar como “*Iguassu*”, “*Igoassu*” ou “*Iguaçu*” de acordo com cada autor e fontes utilizadas. Esta última é a grafia utilizada nos dias atuais. Mantereí as grafias originais nas citações e referências a autores e adotarei a grafia atual “*Iguaçu*” no corpo do texto.

instituições após a Chacina da Baixada, explica de maneira sintética e bastante eficiente essas divisões.

Baixada Fluminense já foi o nome dado a toda área do recôncavo da Serra do Mar. Uma extensão que ia do atual município de Itaguaí, ao sul, até o município de Campos dos Goytacazes, ao norte. Hoje, conforme a divisão político administrativa do governo do estado do Rio de Janeiro, é o nome usado para designar a região que ocupa boa parte da metrópole do Rio de Janeiro, composta por 13 municípios. No entanto, o mais usual é considerar como Baixada Fluminense a área restrita às cidades originárias do município de Nova Iguaçu – conhecido como Maxambomba até 1916 - integrando os municípios de Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Queimados, Japeri, Belford Roxo e Mesquita, que começaram a se emancipar a partir dos anos 40, com características socioenômicas semelhantes e próximos a cidade-pólo da metrópole, Rio de Janeiro (Impunidade na Baixada Fluminense, 2005, p. 10).

Mapa 2: Mapa da Baixada Fluminense - Estado do Rio de Janeiro



Fonte: Rio de Janeiro (c2017).

A Baixada Fluminense tem uma longa história no processo de ocupação do território brasileiro, sobretudo se levarmos em conta o atual estado do Rio de Janeiro. Tal história foi levantada por grupos de pesquisadores da cidade de Duque de Caxias.

A construção da história da cidade de Duque de Caxias é fonte de pesquisa de pesquisadores que se debruçam em analisar documentos e pesquisar cada detalhe, escavando o passado da cidade desde os primeiros vestígios de sua ocupação. Tais pesquisadores atuam no âmbito do Instituto Histórico e Geográfico de Duque de Caxias e na Fundação Educacional de Duque de Caxias (FEUDUC).

Os primeiros indícios de ocupação da região consistem na presença de povos sambaquieiros. Foram encontrados alguns vestígios no âmbito das pesquisas sobre a Baixada



Fluminense sobretudo realizadas pela FEUDUC, sendo criado um Laboratório de Arqueologia em parceria com o Museu Nacional. No entanto, essas pesquisas ainda estão em fase inicial. Sabe-se sobre a presença de um sambaqui no circuito do Museu Vivo do São Bento, em Duque de Caxias, cidade que nos interessa focar nesta pesquisa. O Museu Vivo do São Bento é um museu de percurso que transita por diversos momentos da história da cidade no contexto da história do Brasil, sendo uma referência na região. *“O percurso concebido é extremamente revelador de uma longa cronologia histórica daquela localidade deixando entrever marcas, vestígios e inscrições deixadas por diferentes períodos da história de ocupação humana na paisagem”* (NUNES, 2009, p. 16, grifo nosso).

No percurso do museu existe um sambaqui que movimentou os pesquisadores da FEUDUC em prol de sua preservação. Trata-se de uma região notoriamente degradada sendo seus terrenos ocupados por um processo irregular de especulação imobiliária. Foi nesse cenário que em 2005 o grupo de pesquisadores lançaram a campanha “SOS Sambaqui do São Bento”, e conseguiram comprar dois terrenos com a contribuição financeira de professores, alunos e sindicatos. Apesar de todos os esforços de preservação, os terrenos continuam sofrendo forte degradação pela ação de moradores locais. Todo esse processo ocasionou o desaparecimento de grande parte do sítio arqueológico.

Já no que se refere à ocupação indígena na região, os grupos viviam nas margens dos rios *Iguaçu* e *Meriti*, o grupo indígena *Jacutinga*. De acordo com Souza, *“os Tupinambá eram chamados de Jacutingas por utilizarem as penas da jacutinga para se enfeitar. As jacutingas são conhecidas como aves cantadoras por emitirem um som que vem de suas asas quando se deslocam ou se acasalam”* (2014, p. 36).

A presença francesa no Rio de Janeiro entre os anos de 1555 e 1567 foi um dos fatores que estimulou os portugueses a ocupar permanentemente a região resultando na fundação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro no dia 1 de março de 1565 por Estácio de Sá entre os morros *Cara de Cão* e *Pão de Açúcar*.

Com a expulsão dos franceses no século XVI, a região do Recôncavo da Guanabara<sup>10</sup> se desenvolveu através da doação de sesmarias, sistema de ocupação implantado baseado na concessão de extensos lotes de terras destinados ao cultivo para atender as demandas da metrópole. Assim, através dos rios que cortavam a região, entre eles os rios *Meriti*, *Sarapuí*, *Iguaçu*, *Inhomirim*, *Magé*, *Suruí*, entre outros, a ocupação portuguesa foi se implementando na Baixada Fluminense (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 20).

---

<sup>10</sup> Território que corresponde atualmente à Baixada Fluminense, situada ao norte da Vila de São Sebastião do Rio de Janeiro, conhecida como Iguassu (BRAZ; ALMEIDA, 2010).

No lugar das aldeias indígenas, foram sendo instalados engenhos, capelas, mosteiros, tabernas, portos e estradas. A topografia da região era propícia ao plantio de cana, e os rios facilitavam o escoamento da produção e a comunicação com a cidade portuária do Rio de Janeiro. Além disso, a existência de uma reserva de madeira considerável viabilizou sua extração e comercialização, permitiu a construção de engenhos e das embarcações e estimulou a produção de carvão. A extração de madeira manteve-se como atividade comercial vantajosa na região pelo menos até meados do século XX (SOUZA, 2014b, p. 39).

As vias fluviais e pluviais eram muito importantes no processo de colonização. A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro era portuária e suas construções voltadas para o mar marcavam seu lugar de trocas comerciais. Na região do Recôncavo da Guanabara a ocupação se deu nas proximidades de vias fluviais e, por possuir uma maior extensão em relação aos outros rios, o norteador desse processo foi o rio *Iguaçu*, sendo o padrão de ocupação adotado neste período predominante até o final do século XIX.

Durante esse tipo de regime de doação de terras que vai até o ano de 1828, foram concedidas pelo menos 269 sesmarias na região, “*sendo a primeira delas, já em 1565, doada a Cristóvão Monteiro, posteriormente primeiro ouvidor mor do Rio de Janeiro e sesmeiro das terras que formariam a Fazenda Santa Cruz e a segunda doada a Braz Cubas*” (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 20, grifo nosso).

Sobre esse processo de ocupação, Braz e Almeida (2010) apontam a Fazenda *Iguassu* como um exemplo desse modelo de produção. Foi fundada na sesmaria *Iguassu*, doada a Cristóvão Monteiro e, em 1565 se tornou um engenho com produção de açúcar, aguardente e garapa. Em 1591, após sua morte, sua viúva, Marquesa Ferreira doou parte das terras ao Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro que, aos poucos ocuparam e formaram a Fazenda São Bento.

Ao longo dos séculos XVI e XVII, sob propriedade da Ordem Beneditina, a fazenda produziria açúcar, melão e aguardente. Ao longo do século XVIII, então denominada São Bento, especializar-se-ia na produção de farinha, aguardente, feijão e na extração de madeira que abasteceria o cada vez mais significativo mercado consumidor da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. A região estabeleceu-se, então, como uma área de produção agrícola voltada para o abastecimento da urbe carioca e da Capitania, mas sem abandonar uma bem assentada produção de açúcar voltada para a exportação que, no entanto, não alcançou a mesma relevância de outras áreas produtivas da Colônia, assim como uma importante produção de farinha voltada para o mercado interno, mas também para abastecer o comércio interatlântico de cativos africanos (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 21).

A produção agrícola era, então, a principal atividade no Recôncavo da Guanabara e necessitava de um grande contingente de força de trabalho sendo feita a aquisição da mão de obra escrava africana que era comum durante o período Colonial, integrando as três variáveis que foram traços definidores durante todo o período colonial: grande propriedade de terras (latifúndios), monocultivo e trabalho escravo (FAORO, 1998).

Essa aquisição beneficiava os mercadores da Província do Rio de Janeiro, que enriqueciam com o tráfico e com os créditos fornecidos aos proprietários de terras da região fluminense. Por outro lado, os proprietários poderiam ampliar a produção agrícola local, a criação de animais e a extensão de seu domínio. A presença escrava do africano tornou-se gradativamente, cada vez mais significativa na Baixada Fluminense; porém, isso não representou o desaparecimento absoluto da população indígena. Ainda no século XVIII, encontramos em vários assentos de óbitos, de batismo e de matrimônio a presença de índios na região (SOUZA, 2014b, p. 41).

No século XVIII a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro teve um aquecimento nas atividades mercantis. Com a crescente produção de ouro em Minas Gerais, a lógica administrativa portuguesa foi redefinida implicando em 1763 na mudança da capital de Salvador para o Rio de Janeiro. A cidade passou a ocupar a posição de centro do poder político colonial se transformando em pólo de atração populacional, sendo, no final deste século uma população estimada em sessenta mil habitantes. Com isso, rotas terrestres e fluviais precisaram ser revitalizadas e novos caminhos foram abertos.

O porto carioca tornou-se fundamental para o escoamento do precioso metal com segurança para a Metrópole, permitindo, através da proximidade da cidade com o altiplano mineiro, um melhor controle e fiscalização; além disso, o abastecimento dessa região, cada vez mais povoada, tornou estratégica essa aproximação (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 24).

Essa importância e crescimento foram refletidos também na região do *Iguaçu*, sendo realizadas novas concessões de terras durante este século. Esta estrutura agrária instaurada na região beneficiou um pequeno grupo de proprietários que atendiam com sua produção agrícola esse novo mercado da sede da Colônia e a economia agroexportadora.

A Colônia ver-se-ia polarizada social e politicamente entre os agentes que dariam vida à *plantation* – os senhores e seus escravos. Como figuras secundárias, reunidas ao redor da agro exportação, estariam os inúmeros homens livres pobres. Não estranha que neste modelo, as elites agrárias reinem absolutas no topo da hierarquia social e econômica, submetidas apenas aos desígnios do Pacto Colonial (FAORO, 1998, p. 27).

Para que o sistema escravista desse certo na região do *Iguaçu*, foram tomadas algumas medidas com a instalação de um aparato administrativo e, também, o controle com base religiosa imposta pela Metrópole.

Do ponto de vista administrativo, *Iguassu* tinha sua área dividida em circunscrições eclesiásticas conhecidas como freguesias. Entre os séculos XVII e XVIII, foram criadas na região seis freguesias, sendo que quatro delas (Pilar, Meriti, Jacutinga e a parte ocidental de Estrela) corresponderiam, de uma forma um tanto imprecisa, às fronteiras do atual município de Duque de Caxias. No século XIX, esse conjunto de freguesias deu origem a duas grandes vilas, a de *Iguassu* e a de Estrela atestando a pujança econômica que a região alcançou nesse período (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 21-22).

A base religiosa tornou-se fundamental na constituição da região. Portos e Capelas foram construídos nas margens dos principais rios. Cada freguesia centralizava as obrigações religiosas dos habitantes das áreas que as compreendiam. A sede religiosa territorial de uma freguesia era constituída por uma Igreja Matriz que poderia se relacionar com outras chamadas filiais e no entorno dessas a vida social e o relacionamento dos seus habitantes se dava por meio de quermesses e cultos.

Nas margens dos principais rios, foram instalados portos e capelas. Construídas de pau a pique, frequentemente novas capelas substituíam as anteriores, o que explica datas diferentes para a construção de uma mesma capela. Com o crescimento do arraial, as capelas construídas nos engenhos, juntamente com uma matriz, passavam a formar uma paróquia. A matriz erguida tornava-se instrumento de organização de seus fregueses, registrando nascimentos, casamentos, óbitos e outros acontecimentos nos Livros de Tomo (SOUZA, 2014b, p. 42).

A Igreja Católica teve um papel bastante relevante na instalação dessa estrutura colonial, legitimando o poder político local, exaltando ou afirmando o domínio dos proprietários de terras e da igreja, sendo esse controle marcado por tensões entre os interesses da metrópole portuguesa e os interesses locais.

A abertura de portos instalados nas proximidades dos engenhos foi fundamental para que fosse feito o escoamento da produção da região que era realizada em pequenas embarcações que ao chegarem ao porto principal da freguesia mais próxima, eram transferidas para embarcações menores com destino ao Rio de Janeiro. Esse modelo de produção atrelado às condições ambientais exigia um intenso uso de mão de obra escrava para a desobstrução de rios e a construção de canais, diques e pontes. Além da necessidade de estruturação da parte fluvial, a mão de obra escrava africana foi necessária também para abrir estradas, assegurar a produção

dos engenhos, lidando com a manufatura do açúcar, produção de aguardente, o cultivo de alimentos para a subsistência da fazenda e comercialização com o porto no Rio de Janeiro, além da construção de prédios e estruturas físicas da casa grande, capelas, olarias, transportar mercadorias, conduzir embarcações e, em alguns casos, na criação de gado.

Esse processo de ocupação fez surgir novos caminhos. Conforme exposto anteriormente, a produção do ouro em Minas Gerais contribuiu para que o Rio de Janeiro alcançasse grande importância econômica no século XVIII. Era através de seus portos que o ouro escoava. Além disso, investimentos eram atraídos para a abertura de estradas destinadas à circulação da produção mineradora e dos produtos importados da Europa, tais como, manufaturas e escravos.

Os caminhos mais conhecidos eram o Caminhos dos Guaianazes que passava pela Serra do mar até a costa fluminense, em Paraty, onde seguia para o Rio de Janeiro pelo mar e o Caminho dos Goitacazes que era uma bifurcação do Caminho dos Guaianazes, em Guaratinguetá e que demandava Minas Gerais atravessando a Serra da Mantiqueira. A demora no transporte do ouro onerava ainda mais os caminhos e era constantemente ameaçado pela pirataria. Por outro lado, fez surgir senhores de terras e escravos que lucravam com essa situação, ofertando pouso e alugando burros para o transporte e uma parte de seus escravos para garantir o transporte das mercadorias entre Minas Gerais e Paraty (SOUZA, 2014b, p. 56).

A partir da metade do século XVIII o ouro mineiro se tornou mais escasso, mas não significou uma decadência absoluta do Sudeste. Minas Gerais se reorganizou para o fornecimento de suprimentos para o Sudeste e ocorreu uma recuperação com o mercado açucareiro, além da troca intercolonial de aguardente com Angola. Mas foi no final do século XVIII e início do século XIX que se deu a recuperação econômica com a ascensão da produção cafeeira no cenário fluminense, expandindo-se do Recôncavo até o Vale do Paraíba.

O café tornou-se o principal produto exportador brasileiro no século XIX, e o Vale do Paraíba, seu grande centro produtor. Algumas fazendas de *Iguaçu* iniciaram o plantio de café, principalmente nas áreas da serra, porém, a maior parte da região era muito baixa, o que inviabilizava a concorrência com a produtividade do Vale (SOUZA 2014b, p. 58).

A ascensão da produção cafeeira causou um grande impacto na região do *Iguaçu*. Mais uma vez a questão da circulação e transporte foi à tona fazendo a Baixada exercer papel de integração entre o porto carioca e a serra. Em resposta a essa questão, além da abertura de novas estradas, surgiu, por volta do ano de 1840, a ideia de ligar o porto do Sarapuí ao porto de *Iguaçu* através de uma estrada de ferro.

A construção de novas estradas gerava crescimento econômico para diversas regiões. Muitas delas elevavam-se à categoria de vila. Para isso, além de questões de segurança com relação à circulação de produtos, existiam outras condições para essa transformação: a construção dos prédios da Igreja Matriz, da Câmara, da Cadeia e do Pelourinho. Foi assim que algumas regiões da Baixada Fluminense ascenderam à categoria de Vila.

A importância dos três centros de circulação de mercadorias e de pessoas contribuiu para que Magepe, *Iguaçu* e Estrela fossem elevadas à categoria de vila, ou seja, de município. Em 1789, foi fundada a Vila de Magepe, formada pelas Freguesias de Piedade de Magepe, de N. S. da Ajuda de Aguapemirim, S. Nicolau do Suruí, N. S. Guia de Pacobaíba e as ilhas do arquipélago de Paquetá. Em 1833, *Iguaçu* foi elevada à condição de vila, sendo composta pelas Freguesias de Piedade de *Iguaçu*, Pilar, Meriti, Marapicu, e Santo Antônio de Jacutinga. O local escolhido para ser a sede da vila foi Cava. As funções religiosas, administrativas e judiciárias davam à aglomeração um esboço de função regional (SOUZA, 2014b, p. 61).

Apesar da importância, o sistema que articulava caminhos terrestres e vias fluviais se tornou saturado, com um custo muito alto e ineficiente para atender as progressivas exigências de circulação entre a região cafeeira e o porto do Rio de Janeiro.

Foi neste contexto que em 1854 um empreendimento privado de grande porte foi inaugurado por Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá: a primeira estrada de ferro do Brasil, ligando o porto da Guia da Pacobaíba, batizado de Mauá, à Fazenda Frágoso e, logo depois, à Raiz da Serra, Petrópolis e Areal. Foram muitos os ganhos para o escoamento e circulação da produção na região atendida pela estrada de ferro.

A Estrada de Ferro Barão de Mauá reduziu o tempo gasto de viagem, facilitou o acesso a Petrópolis, diminuiu o número de mão-de-obra escrava que era reservada para a realização do transporte do café e reduziu os riscos na circulação das mercadorias. Em 1860, Mauá associou-se à Companhia União Indústria, completando o percurso até Minas, retirando do Porto de Estrela sua função de principal área de entreposto. A partir daí, o eixo de circulação econômica ficou centrado no Porto de Guia de Pacobaíba e na estação do Barão de Mauá, com um aumento de 19.175 passageiros, em 1854, para 42.901, em 1869 (SOUZA, 2014b, p. 81).

A construção da estrada de ferro foi um marco positivo na questão da circulação de pessoas e produtos, no entanto, representou também o início do declínio do uso de vias fluviais e caminhos terrestres que ligavam o Recôncavo da Guanabara à capital, fazendo com que a região perdesse sua importância. Tal fato associado ao fim do modelo escravista que veio em 1888 causou muitas incertezas. O dinamismo econômico que a região havia conquistado no

início até a primeira metade do século XIX havia se dissolvido e a posição intermediária entre o litoral e o interior foi superada pela construção da estrada de ferro.

Na Vila de Nossa Senhora da Piedade do *Iguassu*, os efeitos dessa mudança logo foram sentidos. Sua sede, devido ao progressivo abandono de seu porto, foi transferida em 1891, para o arraial de Maxambomba. A freguesia do Pilar e a Vila de estrela sofreram as mesmas consequências. A produção agrícola ressentia-se da concorrência no que diz respeito ao cultivo da cana-de-açúcar. A inadequação das terras para o plantio do café e o cansaço das mesmas, pois exauridas que estavam pelas práticas agrícolas inadequadas e pelo intenso uso, aprofundavam a decadência do recôncavo. Em 1886, foi inaugurada a “The Rio de Janeiro Northern Railway”, conhecida mais tarde como Estrada de Ferro Leopoldina, que ligou a cidade do Rio de Janeiro ao povoado de Merity, atual centro do município de Duque de Caxias” (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 29, grifos do autor).

Essas mudanças não geraram somente uma crise econômica, mas também uma crise estrutural na região. As obras de construção das ferrovias agravaram a situação da drenagem da região, que já estava bastante comprometida com a falta de limpeza dos rios e canais por serem usados cada vez menos.

A soma desses fatores com a intensa ação de desmatamento, produzida pela atividade extrativa da lenha, contribuiu para o assoreamento e obstrução dos rios, fazendo reaparecer ou dilatar os brejos, multiplicando os pântanos e charcos insalubres, promovendo um vertiginoso aumento da cólera, da malária e do impaludismo, o que levou ao rápido despovoamento da região (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 29).

Atrelado a isso, SOUZA (2014b) relaciona ainda alguns elementos de desordem no século XIX. O primeiro fator se deve às disputas pelo domínio do poder local entre os proprietários de terras na disputa pelos cargos de vereadores na Câmara e pela concessão de títulos e privilégios, fazendo com que grupos políticos atuassem em causa própria. “*As eleições eram fraudulentas, votavam os mortos e os vivos, não havia propaganda eleitoral e os que queriam ser eleitos deveriam fazer combinações, participar de algum grupo de amigos bem situados ou pertencer a alguma família importante*” (SOUZA, 2014b, p. 69, grifo nosso).

Com essa ameaça e disputas violentas, em 1887 foi criado um Código de Postura da Vila de *Iguaçu* que estabelecia diversas proibições e imposições que visavam manter o controle político da Vila, tais como: dar tiro com arma de fogo; correr a cavalo na Vila; ofender por qualquer modo o decoro público; fazer pasquim contra a vida privada, mesmo que fosse com relação a uma só pessoa, e pregá-lo em qualquer lugar ou mesmo largá-lo em lugar que pudesse ser achado e lido; usar facas de ponta, exceto os tropeiros, carreiros, lenhadores e oficiais de

justiça, jogar parada em vendas e tavernas e reunirem-se 12 ou mais pessoas e tabernas se nada tivessem a vender ou comprar (SOUZA, 2014b).

O segundo elemento de desordem, de acordo com o cenário político, econômico e cultural do período se refere à “rebeldia dos negros escravos” que eram expressas nas fugas, assassinato de senhores e formação de quilombos.

As primeiras informações sobre a existência de quilombos em *Iguaçu* são referentes ao ano de 1808 e foram fornecidas por cartas e ofícios emitidos/recebidos por Presidentes da Província do Rio de Janeiro, Ministros da Justiça, Secretários de Polícia, pelo Imperador e por militares do exército (SOUZA, 2014b, p. 71).

A formação de quilombos era facilitada pelo conhecimento da geografia da região e a circulação através dos rios e. quando a polícia conseguia atacar, a maioria dos quilombolas conseguia fugir.

Os quilombolas controlavam a extração de madeira e a produção de lenha, catavam caranguejo, pescavam, furtavam, cobravam tributos em mercadorias pela passagem nos rios e negociavam o excedente produzido pelos escravos do São Bento nas horas de folga em terras concedidas a eles pelos beneditos. Esses escravos convertidos e confiáveis de São Bento recebiam dos beneditinos a concessão do uso de lotes da fazenda. A produção de subsistência e a criação de animais reduziam os custos com a alimentação dos escravos (SOUZA, 2014b, p. 71-72).

De acordo com Souza, constava em um ofício da Secretaria de Polícia da Província do Rio de Janeiro que um escravo do São Bento estava na listagem dos prisioneiros do Quilombo *Iguaçu* revelando que a vida na Fazenda São Bento também era marcada por uma série de tensões. A rede de solidariedade e proteção aos quilombolas foi duramente combatida e o Imperador deu ordem ao Ministro do Estado que o quilombo fosse destruído.

A mão-de-obra escrava estava integrada a tarefas de condução de mercadoria, pessoas, abertura de estradas e manutenção das vias de circulação, o que lhe garantia uma vasta rede de sociabilidade, o conhecimento da geografia do lugar, as possibilidades de fuga, de acoite e de comercialização das mercadorias produzidas por eles e das adquiridas por meio da cobrança de tributação e roubo (SOUZA, 2014b, p. 77).

Na segunda metade do século XIX a vitória dos movimentos abolicionistas era iminente. Na região do *Iguaçu*, os beneditinos aboliram a escravidão em 1870, quase 20 anos antes de



assinada a Lei Áurea. No entanto, o fato é que os beneditinos estavam enfrentando diversos problemas.

As campanhas e os apelos abolicionistas da época, o fim do tráfico externo, as fugas e, principalmente, a obrigatoriedade de enviar voluntários para a Guerra do Paraguai fizeram com que os beneditinos não conseguissem manter a produção da fazenda por falta de mão-de-obra. Por outro lado, as péssimas condições ambientais provocadas pelo abandono e pelo assoreamento dos rios, pelos aterros e desmatamentos transformaram as áreas portuárias da Baixada em área de risco (SOUZA, 2014b, p. 78-79).

Esse modelo escravocrata e da propriedade de terra entrou em declínio com a crise que atingiu a região com a construção da ferrovia, como dito anteriormente, e teve como consequência a diminuição da importância da região como local de passagem. A elite local teve que buscar um novo modelo de negócio.

Nesse sentido, é necessário afirmar que essa crise atingiu, na verdade, os setores intermediários e inferiores da sociedade *iguassuana*, já que sua elite proprietária adaptou-se às novas circunstâncias resistindo, enquanto pôde, ao fim da economia agrária que a sustentava. Mais tarde, em fins do século XIX e início do XX, os proprietários *iguassuanos* lançaram mão de uma outra forma de capitalização, antevendo o total esgotamento das práticas agrícolas em vários pontos da região, a venda de terras em forma de lotes menores sem trabalho incorporado (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 31).

A ocupação da região que hoje engloba a Baixada Fluminense, sobretudo, a cidade de Duque de Caxias expressa rico processo de construção histórica e de representatividade no estado do Rio de Janeiro. Sua importância se estabeleceu por diversos motivos: proximidade com rios, o que beneficiava processos de ocupação e estabelecimento de vilas e fazendas; solo propício para o cultivo da cana de açúcar; local de passagem, principalmente de ligação do Rio de Janeiro com Minas Gerais, para o transporte do ouro. A passagem da estrada de ferro pela região também contribuiu para destacar a relevância desta cidade que se manteve em diversos momentos da história do estado do Rio de Janeiro.

## 2.2 NASCE UMA CIDADE: ALGUNS ASPECTOS SOBRE A TRANSIÇÃO RURAL PARA URBANA E A EMANCIPAÇÃO DE DUQUE DE CAXIAS

A cidade de Duque de Caxias teve um crescimento bastante significativo no período que corresponde à transição de uma região tipicamente rural, que servia de rota para o processo de

ocupação e colonização do país pelo Império português, para a urbanização que chegou com o discurso do progresso e a implementação de políticas públicas que se deram na República Velha e, sobretudo no Governo de Getúlio Vargas.

De acordo com Braz e Almeida (2010), na primeira década do século XX, Merity, que era o quarto distrito de Nova *Iguaçu* possuía uma população de cerca de 800 habitantes, um número bastante inferior se comparado a um censo estadual realizado em 1872 que indicou uma população de 10.542 habitantes. Tal fato se deveu tanto às diversas crises econômicas que atingiram de forma muito agressiva principalmente as áreas mais pobres. O cenário mudou na década de 1930 pela proximidade com a capital da República, reconfigurando socialmente a região, abrigando um grande contingente populacional em uma onda migratória em direção ao Distrito Federal.

Essa onda migratória em direção ao Distrito Federal vinha se avolumando desde meados da década de 20, acentuando-se ao longo das décadas seguintes. Suas razões estavam ligadas diretamente ao surto industrializante que atingiu o país nas primeiras décadas do século XX, em que parte do capital nacional majoritariamente, alocado no setor agroexportador deslocou-se para o setor industrial, acentuando o processo que estava em curso desde 1850 (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 35).

Mas não foi com o getulismo que essa onda migratória teve início. Os primeiros anos da década de 1990 foram marcados por uma grande reforma urbana realizada pelo então prefeito da cidade do Rio de Janeiro que tinha como objetivo transformar a cidade tanto no que se refere ao cenário urbano, como em uma grande campanha de saneamento que teve como uma das suas principais ações a vacinação obrigatória contra a varíola no ano de 1904 criada por Oswaldo Cruz que era chefe da Diretoria de Saúde Pública. Tal fato ocasionou um grande e violento conflito urbano que ficou conhecido como “Revolta da Vacina”.

Essas intenções modernizadoras, pensadas desde o final do século XIX, foram levadas a cabo durante a administração de Francisco de Paula Rodrigues Alves (1902-1906), sob o comando de um corpo técnico encarregado de conduzir um ambicioso plano de modernização da capital em três direções: o engenheiro Lauro Muller, que comandaria uma urgente reforma e ampliação do porto; o médico sanitário Oswaldo Cruz, encarregado de comandar a cruzada contra as epidemias através de um incisiva política de saneamento, e, o prefeito nomeado da capital, o engenheiro Pereira Passos, que havia acompanhado os momentos finais das monumentais reformas realizadas em Paris, no século XIX, por Georges Eugène Haussmann (1855-1870), e que seria encarregado da remodelação urbanística da cidade (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 38).

A partir da década de 30 a região que corresponde hoje a cidade de Duque de Caxias, bem como seu entorno sofreu forte impacto pelos projetos de modernização adotados durante o Governo de Getúlio Vargas. De acordo com Souza, os projetos são quatro:

1) O investimento em saneamento básico e na diversificação agrícola como estratégias de revalorização fundiária e recuperação da produção agrária; 2) a implementação do Núcleo Colonial São Bento como política de colonização nas terras públicas; 3) a instalação da Cidade dos Meninos como prática de assistência e formação do trabalhador nacional; e 4) a construção da cidade do motor para o fabrico de aviões e, principalmente, como espaço de formação do trabalhador nacional a serviço da industrialização (SOUZA, 2014b, p. 86).

Mesmo a maioria dos projetos sendo relacionados à produção agrária, em Duque de Caxias, especificamente, acabaram favorecendo a ocupação urbana da região.

De um lado, por conta da vinda de um conjunto de trabalhadores públicos para a região, seja para o trabalho na Cidade dos Meninos, seja para a incorporação da estrutura do Núcleo colonial. Do outro, porque os investimentos feitos revalorizavam a terra e atraíam empresas loteadoras para o seu entorno (SOUZA, 2014b, p. 86-87).

Em três anos da “Reforma Pereira Passos”, muitas mudanças aconteceram na cidade, inclusive a obrigatoriedade de habitantes das regiões centrais da cidade deixarem suas casas para que fossem demolidas, anunciando um novo cenário no espaço urbano, adequado de acordo com o propósito do movimento urbanista que ficou conhecido como “bota abaixo” e transformou a cidade do Rio de Janeiro. O reordenamento urbanístico que privilegiava a abertura de grandes avenidas, como foi o caso da abertura da Avenida Central (posteriormente denominada de Avenida Rio Branco), acabou desalojando milhares de famílias que foram obrigadas a migrar para as periferias, subúrbios e morros, tais como o Morro da Babilônia (1907), Salgueiro, na Tijuca, Mangueira e morro do Telégrafo (1909), Andaraí, Copacabana, Leme e São Carlos (1915), entre tantos outros que continuamos vendo crescer no século XXI.

Na década de 1930 o avanço dessas populações para outras regiões da cidade chegou à Baixada Fluminense. O acesso à cidade foi facilitado por dois fatores: a expansão das estradas de ferro, a instalação da energia elétrica nos arredores de Meriti, em 1924, e pela construção da Estrada Rio-Petrópolis que integrava a plataforma política do então Presidente Washington Luiz, cujo lema era “Governar é construir estradas”.

No ano de 1910 a Estrada de Ferro da Leopoldina – antiga Leopoldina Railway – teve concluída sua ligação da rede fluminense com o Espírito Santo. Ligando o Rio de Janeiro à

Vitória e atendendo a Niterói e o norte e noroeste fluminense e o sul capixaba. Já o ramo ferroviário da Central do Brasil teve grande crescimento nas décadas de 1930, 1940 e 1950, atravessando o subúrbio carioca e o território de Nova *Iguaçu* até o Vale do Paraíba (BRAZ; ALMEIDA, 2010).

É válido ressaltar ainda que a abertura da estrada Rio-Petrópolis no ano de 1928, que tem atualmente o nome de Avenida Governador Leonel de Moura Brizola – anteriormente e ainda popularmente chamada de Avenida Presidente Kennedy – também contribuiu significativamente para o processo de ocupação do local. Ela tinha seu ponto inicial em Vigário Geral (na região norte da cidade do Rio de Janeiro) e passava pelo Centro de Merity e de Saraphuí (denominações do espaço nesse período). Mesmo passando por muitas críticas do Senado Federal, a abertura dessa estrada foi mantida pelo Presidente Washington Luiz e causou um grande impacto imobiliário, visto que valorizou o valor dos imóveis, sítios e fazendas que atravessava. Esses imóveis já vinham passando por um período de valorização com a retomada das ações de saneamento pelo Departamento de Saneamento da Baixada Fluminense.

Apesar das críticas do Senado Federal, que a chamava de “Estrada de Ouro” por causa da enorme quantia gasta com a sua realização, a plataforma política do presidente Washington Luiz – “Governar é construir estradas” – acabou triunfando. Não seriam as críticas ao uso de vultuosas quantias de cofres públicos, muito menos a vida de inúmeros trabalhadores atingidos pela malária durante a construção que iriam obscurecer o destino do Estado (ALVES, 2003, p. 60, grifos do autor).

Uma das consequências de tais medidas foi o aumento populacional da região que cresceu de 2.920 habitantes na década de 1920 para 28.956, em 1930.<sup>11</sup> Apesar disso, os habitantes ainda enfrentavam muitas dificuldades. A população que chegava para morar na cidade se aglomerava no entorno da estação que ainda não havia sido descoberta pelos loteadores. As terras onde hoje se encontra a cidade de Duque de Caxias saiu então do estado de abandono e desregulamentação para uma ocupação loteadora fazendo com que surgisse esse “novo Oeste da cidade do Rio de Janeiro” que passou a ser disputado por proprietários e empresas loteadoras.<sup>12</sup> Além disso, os habitantes que viviam na região em busca de melhores condições de vida, enfrentaram diversas dificuldades, conforme relata Souza:

A corrida para o Oeste da cidade do Rio de Janeiro em busca de emprego, moradia e terra para lavrar revelava-se penosa para os trabalhadores que

---

<sup>11</sup> Ver Souza, 2014, p. 98.

<sup>12</sup> Ver Alves, 2003, p. 60.

tinham de enfrentar a violência, a malária, os conflitos de terras entre grileiros e lavradores, o trabalho duro e os baixíssimos salários. Para os trabalhadores, o sonho dourado poderia transformar-se em um pesadelo. Já para os proprietários, os especuladores, as empresas imobiliárias, os comerciantes e aqueles articulados à sociedade política, Caxias representava o acesso a extensas propriedades e a possibilidade de lucro fácil (SOUZA, 2014b, p. 98-99).

Para compreender com mais clareza esse movimento de crescimento da região que hoje denominamos de Duque de Caxias é pertinente destacar o quadro geral das reformas administrativas que aconteceram nesse espaço urbano, conforme destaca Souza:

Em 1916, através da Lei nº 1.331, o nome da sede do município perde a denominação de Maxambomba para Nova *Iguaçu*, e a Lei nº 1.932 criou o Distrito de São Matheus (estação de Engenho Neiva), que passou a se chamar Nilópolis, em 1921. Em 1931, foi criado o Distrito de Estrela e o de Duque de Caxias, tendo o segundo como sede a estação de Meriti (SOUZA, 2014b, p. 87).

Economicamente, a cidade de Nova *Iguaçu* se movimentou. Entre as décadas de 1920 e 1930 a fruticultura deu um gás à produção agrícola, sobretudo com as expressivas plantações de laranja que se espalharam por diversos pontos da região, durante o governo de Nilo Peçanha. Foi um período de crescimento agrícola tamanho que Nova *Iguaçu* se tornou uma das maiores produtoras de laranja do país, exportando para São Paulo, Argentina e Europa. Nesse tempo, Nova *Iguaçu* era conhecida como “Califórnia do Brasil” ou “Cidade do Perfume” (SOUZA, 2014b, p. 88).

A estrutura produzida com a fruticultura produziu uma nova hierarquia social nas terras *iguaçuanas*: o grande proprietário produtor e arrendatário; o chacareiro, isto é, o proprietário da chácara ou arrendatário, que organizava o processo de produção da laranja em propriedades menores; o lavrador assalariado e permanente, que atuava diretamente na produção em troca de moradia, subsistência e uma pequena remuneração; o lavrador temporário, que era contratado nos períodos da colheita e de beneficiamento da laranja; o meeiro; e os especuladores que compravam a laranja, preparavam o produto para a exportação e negociavam para o mercado externo (SOUZA, 2014b, p. 88).

Apesar desse crescimento com a produção frutífera, a cidade de Nova *Iguaçu*, que tinha uma extensa divisão territorial, teve em 1943, o início do seu processo de fragmentação que se iniciou por Duque de Caxias (1943), seguido por São João de Meriti e Nilópolis (1947), Queimados e Belford Roxo (1990), Japeri (1991) e Mesquita (1999).

Nessa direção, a de lutar por maior atenção do poder público municipal e estadual e caminhar em busca da autonomia administrativa, foi organizada uma agremiação de caráter, a princípio filantrópica, que abrigava a função política de encaminhar a luta pela emancipação: a União Popular Caxiense, fundada em 1933, de cujos quadros emergiu a Associação Comercial de Caxias em 1937, outro baluarte dessa campanha emancipacionista (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 64).

A UPC (União Popular Caxiense) criou em 1940 um manifesto Pró-emancipação criticando Nova *Iguaçu*, solicitando ao governo estadual a autonomia política. O governo estadual reagiu prendendo alguns dos responsáveis. O fato é que o governo estadual já estava estudando a possibilidade de realizar uma reforma administrativa ligada diretamente ao governador/interventor, sendo um projeto ligado diretamente ao Estado Novo Vargasista o qual pretendia reorganizar o quadro regional para melhor controlá-lo.

O Município de Duque de Caxias teve sua emancipação em 1943 com data de fundação em 31 de dezembro, durante o Estado Novo, por meio do decreto nº 1055, quando a Estação de Merity foi emancipada e transformada na cidade de Duque de Caxias, composta pelos distritos de Duque de Caxias (sede) Merity e Imbariê. Está localizada na região conhecida como Baixada Fluminense, Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. “*Pouco depois, em 1947, o distrito de Merity alcançou também sua autonomia administrativa, dando origem ao município de São João de Meriti e, em 1954, o distrito de Imbariê, desmembrado, deu origem aos novos distritos de Xerém e Campos Elíseos*” (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 63, grifo nosso)

Essa divisão em quatro distritos (Duque de Caxias, Imbariê, Xerém e Campos Elíseos) é a divisão atual da cidade que tem 467,619 km<sup>2</sup>, segundo dados de extensão territorial do IBGE.

Nos avanços e alternativas agrícolas e econômicas, destacou-se a produção de laranja. Alguns produtores conquistaram uma produção significativa apesar de ocuparem um território não muito extenso da cidade. No entanto, as transformações ocorridas nos primeiros 30 anos do século XX fizeram surgir novos protagonistas, entre eles, comerciantes, donos de casas imobiliárias, hotéis e profissionais liberais (médicos, advogados e outros) (BRAZ; ALMEIDA, 2010). Até a década de 1930, a região era essencialmente rural e as medidas tomadas para, de certa maneira, proporcionar uma mobilidade urbana, contribuíram para o crescimento da ocupação da região e representaram o início da transformação rural para o status de periferia urbana industrial.

Pelos trilhos da Leopoldina e da Central do Brasil, afluíram levas de nordestinos, mineiros, capixabas e norte-fluminenses, em busca das

oportunidades negadas em suas regiões de origem. O valor relativamente barato da passagem e da rapidez do deslocamento estimulavam esses aventureiros, geralmente, os homens a princípio, a “tentar a sorte” no Rio de Janeiro e, tendo uma vez obtido emprego como fonte de renda, compravam os terrenos baratos nos quais construíram suas casas modestas, constituindo família formada aqui mesmo ou trazida do interior (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 43).

Para compreender esse processo de emancipação, vale contextualizar o período o qual se refere. Após o ano de 1930, ocorreram diversas mudanças conjunturais, sobretudo em virtude do golpe realizado neste mesmo ano e que levou Getúlio Vargas ao Governo Provisório do país e, posteriormente, ao período denominado Ditadura do Estado Novo que foi de 1937 até 1945. Nesse período, Nova *Iguaçu* passou a ser governada por interventores. É nesse período também que Natalício Tenório Cavalcanti chega na cidade para trabalhar como segurança e encarregado nas obras da Estrada Rio-Petrópolis. A sua chegada mudaria completamente os rumos da história da cidade que está intimamente ligada à sua trajetória política nesta época.

A prefeitura de Nova *Iguaçu* passou a ser governada por interventores, apesar da resistência do chefe político local, Getúlio de Moura, que ocupou à força, fato conhecido no local como “Revolução *Iguaçuana*”. Em dezembro do mesmo ano do golpe, Getúlio de Moura foi afastado do cargo, após a ocupação da cidade pelas tropas do Exército. Posteriormente, foi processado por ter acusado o governo provisório de crime político e, em 1931, foi iniciado por Vargas (SOUZA, 2014b, p. 106-107).

É nesse contexto que Tenório Cavalcanti se insere quando se mantém articulado com antigos aliados políticos, formando um grupo de oposição ao Governo Provisório Varguista. Tenório Cavalcanti teve papel fundamental na manifestação de apoio a Revolução Constitucionalista do ano de 1932. Mesmo derrotados, os paulistas conseguiram convocar uma Assembleia Nacional Constituinte. Para que pudessem concorrer às eleições para Assembleia Nacional Constituinte, os antigos chefes políticos criaram, em 1933 a União Progressista Fluminense (UPF) e o Partido Radical Popular (PRP).

No que se refere à Baixada Fluminense, Getúlio de Moura ingressou na UPF se lançando como candidato a Deputado Constituinte, conseguindo se eleger somente como suplente, nunca assumindo uma cadeira no Legislativo Federal.

A força de sustentação do Governo Federal estava organizada no PRP, tendo Manoel Reis, um importante proprietário de terras de Nova *Iguaçu*, como principal liderança na Baixada Fluminense. Manoel Reis teve uma longa trajetória no cenário político nacional: foi Secretário do Ministro da Aviação durante o governo Hermes da Fonseca; foi eleito Deputado

Federal entre os anos de 1912 e 1914; foi Deputado Estadual e Vereador da Câmara Municipal de Nova *Iguaçu*, a qual presidiu de 1916 até dezembro de 1923; nas eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, foi eleito suplente e assumiu a cadeira em Julho de 1934; foi o articulador entre os interesses regionais e os do getulismo durante os primeiros 5 anos do governo Vargas e era visto como o homem do Presidente na Baixada Fluminense.

Tenório Cavalcanti e Getúlio de Moura, que representavam uma força de oposição ao Governo de Getúlio Vargas, trabalharam fortemente na candidatura de Cristóvão Barcelos ao governo do Estado no ano de 1935 pela UPF, no entanto, saíram derrotados para o candidato do PRP, o Almirante Protógenes.

No ano de 1936, Tenório Cavalcanti e Getúlio de Moura foram eleitos Vereadores de Nova *Iguaçu*. Por uma concessão do Governo federal, Getúlio de Moura tinha também o controle da polícia local. Essa concessão expressava uma estratégia do Governo Vargas para que a convivência política da região fosse mantida, abrindo um canal de proximidade com as lideranças regionais e entregando para uns o controle policial e, para outros, o controle administrativo.

Apesar das concessões, os que se organizaram na UPF tinham de enfrentar as forças da máquina do governo federal estadual, que atuavam no sentido de fortalecer o prestígio de Vargas e de seus aliados fiéis na região, integrados ao PRP. Um conjunto de investimentos do Governo Federal foi ampliando o domínio varguista na região. Investimento em melhoramentos e aberturas de estradas na localidade, implantação de uma Comissão de Saneamento da Baixada, construção de um Hospital Público em Nova *Iguaçu*, apoio aos citricultores, eletrificação da Estrada de Ferro Pedro II, em 1938, foram fatores que fortaleceram os interventores estaduais. Estes subordinavam a distribuição de obras e favores a fidelidade eleitoral (SOUZA, 2014b, p. 109).

Logo após a instalação da Ditadura do Estado Novo em 1937, os partidos políticos foram extintos pelo Decreto-Lei nº 37 de 2 de dezembro de 1937, assinado pelo Presidente Getúlio Vargas, conforme atribuição que o artigo 180 da Carta Magna lhe conferia e teve como uma das justificativas “*instituir um regime de paz social e de ação política construtiva*” (BRASIL, 1937, p. 3, grifo nosso). A Constituição outorgada em 10 de novembro de 1937, que implantou o Estado Novo no Brasil, apontava para diversas medidas de cunho repressivo, sendo a proibição ao livre funcionamento dos partidos políticos uma delas. Cabe ressaltar, que tal medida governamental foi instaurada no Brasil em três ocasiões a partir de 1930, todas em governos ditatoriais:



Em dezembro de 1937, logo após a implantação do Estado Novo; em outubro de 1965, quando o Ato Institucional nº 2, que encerrou o sistema pluripartidário, abriu caminho para a adoção do bipartidarismo, e em novembro de 1979, quando a reforma promovida pelo governo determinou o fim dos dois partidos em atividades, a Aliança Renovadora Nacional (Arena) e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), reintroduzindo o pluripartidarismo na vida política brasileira (LAMARÃO, 2010).

O cenário político da Baixada Fluminense foi diretamente afetado por essa medida. Com o fim das concessões para assegurar o acesso aos cargos públicos e aos benefícios, Tenório Cavalcanti e Getúlio de Moura se viram obrigados a se posicionar diante do Governo do Presidente Getúlio Vargas e do Governador Amaral Peixoto. No caso de Getúlio de Moura, acabou se aliando ao projeto de Amaral Peixoto, se tornando em 1945 interventor na Prefeitura de Nova *Iguaçu*, indicando o Prefeito que o substituiu, Manoel Augusto da Silva e se lançando a Deputado Federal pelo PSD (Partido Social Democrático) na região, sendo eleito e participando da Assembleia Constituinte, exercendo em 1946 o mandato ordinário. Já Tenório Cavalcanti perdeu o mandato de vereador e se manteve aliado à oposição, se envolvendo em conflitos violentos, sobretudo na tensa relação com Joaquim Peçanha que, após perder o pleito para o Legislativo municipal em 1936, assumiu a Delegacia de Duque de Caxias. Tal fato fez com que tiroteios, emboscadas e mortes fizessem parte do cenário da cidade.

Apesar da violenta conjuntura política da cidade, o projeto de crescimento industrial que teve início ainda no Estado Novo de Getúlio Vargas para o país, deixou no município emancipado em 1943, profundas marcas. Nos primeiros 20 anos, se alteraram os perfis social e econômico. Entre as décadas de 1940 e 1950 a cidade de Duque de Caxias se tornou populosa e industrializada, com uma aglomeração populacional desordenada.

A forte onda migratória dessas décadas multiplicou a população, segundo os recenseamentos. De 28.328 habitantes, em 1940, para 92.459, em 1950, e daí para 241.026, em 1960. Esse espantoso crescimento populacional aumentou, em quase dez vezes, o número de habitantes, em um período de vinte anos, e trouxe consigo os inúmeros problemas de uma região despreparada para abrigar, em tão curto espaço de tempo, um volume tão grande de pessoas (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 65-66).

O desordenado crescimento populacional causou diversos problemas nos loteamentos de terras, sendo mais um fator causador de um clima de violência e arbitrariedade no já confuso contexto social da cidade.

Como consequência direta desse fluxo humano, o município viu-se engolfado em um progressivo retalhamento roteador. Até 1949, haviam sido cadastrados

junto ao governo municipal, 57.206 lotes e, durante o período de 1950 a 1959, mais 85.642 foram registrados. Planícies recém libertas dos pântanos pela ação saneadora do Governo Federal foram incorporadas a onda loteadora, mas esse processo estava longe de ser simples e pacífico. Os conflitos derivados de disputa pela propriedade dos terrenos ou a sua simples incorporação por aventureiros que desrespeitavam os direitos de antigos donos produziram um clima de violência e arbitrariedade (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 66).

O grande crescimento populacional e interesse pelos loteamentos de terras, se deveu também ao processo de industrialização que se iniciou na cidade. Um dos fatores marcantes foi a instalação da estatal Fábrica Nacional de Motores em Xerém, no ano de 1942, um pouco antes da emancipação da cidade. Durante sua construção que teve início em 1940 e em sua primeira fase de produção (1942-1947), chegou a mobilizar cerca de 6.000 trabalhadores. Teve papel importante durante o período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando passou a produzir motores de avião. Sua localização, próxima à Estrada de Ferro Rio D'Ouro e da antiga Estrada Rio-Petrópolis, concedia um clima de proteção necessária à realização de suas atividades em tempos de guerra, favorecendo o acesso de matéria-prima e escoamento de produtos. Com o fim do conflito, passou a produzir motores, peças e tratores agrícolas e, em 1948, ao abrir seu capital, tornando-se uma Sociedade Anônima, direcionou sua linha de produção para a montagem de caminhões, além da produção de utensílios como geladeiras e bicicletas, tendo como princípio integrar o capital privado ao investimento industrial.

Os relatos dos mais velhos, a fase da sociedade anônima (1947/1968) é vista como o início da entrega da fábrica ao capital internacional. Apesar de a fábrica ser uma estatal e manter-se como de interesse nacional e de utilidade pública, a presença do capital privado, por meio da compra de ações e da presença de técnicos italianos no local, expressava o interesse do capital multinacional em dominar a fábrica (SOUZA, 2014b, p. 134).

Nas décadas de 1940 e 1950 o crescimento populacional apresentou grande evolução, sobretudo pela localização próxima à cidade do Rio de Janeiro. Diversos migrantes oriundos de municípios do norte do estado do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, Espírito Santo e do nordeste do país fizeram de Duque de Caxias, seu lar. Essas pessoas que buscavam melhores condições de vida em uma área urbana, trabalhavam de maneira geral na cidade carioca e residiam em Duque de Caxias, o que produziu a imagem de “cidade-dormitório”. Braz e Almeida ressaltam ainda, que a migração dessas famílias se dava em etapas:

Na maioria esmagadora das vezes, migravam primeiro os homens, que se empenhavam na obtenção de trabalho e moradia. Uma vez obtidas essas condições básicas, o restante da família transportava-se com a explícita a

intenção de reconstituir os laços de parentesco no novo lar e, principalmente, com o intuito de somar esforços na luta pela sobrevivência de todos (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 88).

Essas famílias passavam por muitas dificuldades, sobretudo estruturais, que eram difíceis de ser resolvidas em virtude do desordenado crescimento urbano de Duque de Caxias.

Os homens e mulheres que compuseram esse turbilhão populacional experimentaram situações muito difíceis. As condições que encontraram eram precárias, num ambiente que mudava aceleradamente do rural para o urbano, pois, os recentes bairros dessa nova cidade pouca ou nenhuma estrutura ofereciam, obrigando seus recém instalados moradores a construir as estratégias necessárias para se fixarem, sobreviver e, quem sabe, progredirem na nova terra (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 85).

Esses migrantes enfrentavam muitas dificuldades financeiras, sobretudo no momento da aquisição de seus lotes de terra. Essas pessoas, passavam anos pagando esses lotes, que geralmente estavam situados em locais bastante modestos. Após a compra do lote de terras, as famílias construía suas casas, em geral de madeira ou pau-a-pique e, algumas conseguiam fazer uma construção de alvenaria, em geral, as que estavam localizadas em bairros populares e possuíam uma condição um pouco melhor. A quantidade de cômodos era construída de acordo com as possibilidades financeiras, visto que as dívidas pela compra dos lotes com as imobiliárias comprometiam bastante o orçamento cotidiano.

Água, iluminação, calçamento e rede de esgotos, na maioria esmagadora desses bairros populares, que nasciam junto com o município, tais serviços eram inexistentes. As empresas imobiliárias que desmembravam velozmente as antigas fazendas, sítios e chácaras, ignoravam solenemente as recomendações municipais a respeito da instituição de novos loteamentos. Não raro, o comprador de lote adquiria sua propriedade, servida apenas de uma rua aberta a trator e nada mais, o que exigia que todas as outras condições urbanas fossem construídas improvisadamente com o trabalho familiar e comunitário (BRAZ; ALMEIDA, 2010, p. 91).

Associada à falta de estrutura urbana e saneamento básico, observava-se também a inexistência de hospitais ou postos de saúde na maior parte dos bairros e no próprio município como um todo, além da ausência de vagas suficientes nas escolas, o que dificultava o acesso de grande parte da população ao ensino. Podemos incluir também a dificuldade com relação à regularidade e a quantidade dos transportes públicos, visto que o deslocamento da maior parte da mão de obra de Duque de Caxias era para o trabalho na cidade do Rio de Janeiro.

O progressivo aumento populacional saturou o eixo ferroviário que servia a região e as aberturas de novos loteamentos, cada vez mais distantes das estações ferroviárias, estimulava o surgimento de um tipo de transporte automotivo irregular, conhecido como “lotação”, que era marcado pela irregularidade de horário, pelo desconforto e pela insegurança (BRAZ e ALMEIDA, 2010, p. 93, grifo dos autores).

A historiografia proposta pelos pesquisadores da cidade que se debruçaram sobre documentos e vestígios dos fatos que marcaram a concepção e surgimento da cidade de Duque de Caxias, apresenta a imagem de Tenório Cavalcanti como personagem central até o final da década de 1970. Com um processo de ocupação confuso, violento e desordenado, a cidade apresentou diversos problemas estruturais que são latentes ainda no século XXI, como veremos a seguir.

### 2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONTEXTO SOCIAL DE DUQUE DE CAXIAS

A cidade de Duque de Caxias é um complexo misto entre avanços e retrocessos em um movimento quase circular das esferas de poder locais e do desenvolvimento econômico e social. Sua história tem como um dos eixos o “coronelismo” que a assolou abertamente até a década de 1990 e, ainda assombra uma parte da população de maneira mais disfarçada muitas vezes de política social.

Nesse sentido, apesar de ser uma publicação da década de 1970, o livro “Coronelismo, enxada e voto” de Victor Nunes Leal (2016) permanece bastante atual. Em uma definição clara e simples sobre o coronelismo, Leal o concebe como:

Resultado da superposição de formas desenvolvidas do regime representativo a uma estrutura econômica e social inadequada. Não é, pois, mera sobrevivência do poder privado, cuja hipertrofia constituiu fenômeno típico de nossa história colonial. É antes uma forma peculiar de manifestação do poder privado, ou seja, uma adaptação em virtude da qual os resíduos do nosso antigo e exorbitante poder privado têm conseguido coexistir com um regime político de extensa base representativa (LEAL, 2016, p. 43).

Assim, Leal complementa afirmando que o “coronelismo” é, *“sobretudo uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras”* (LEAL, 2016, p. 43, grifo nosso).

São muitos os momentos da história da cidade a serem abordados, tendo a política como um dos principais fios condutores do local. Existe uma produção bastante contundente sobre

sua memória e história, sobretudo pelo grupo de pesquisadores citado no item anterior. No âmbito político se destaca o pesquisador José Claudio Souza Alves<sup>13</sup> que tem uma marcante publicação intitulada “Dos Barões ao Extermínio: uma história de violência na Baixada Fluminense” em que o autor, que foi candidato à Prefeitura de Duque de Caxias nas eleições de 2016 pelo PSOL, trata abertamente questões sobre a violência na Baixada Fluminense, região que possui um dos maiores índices de violência do mundo.

Deste modo, é possível perceber a gama de questões que estão em torno da cidade. A pesquisa realizada em jornais locais, em bibliografias de pesquisadores da cidade que atuam em diversas áreas e períodos da construção histórica local, é fundamental para que se possa compreender o contexto o qual está inserida e as questões que estão em torno de suas tradições.

Com população estimada em 2013 de 873.921 habitantes e por possuir 467,619 km<sup>2</sup>, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a cidade de Duque de Caxias abriga o terceiro maior colégio eleitoral e o segundo maior Produto Interno Bruto do Estado do Rio de Janeiro. No entanto, os investimentos em setores básicos para a população ainda estão aquém do Estado e de uma grande Metrópole. A população convive com um histórico problema de falta d'água e de saneamento básico, saúde e escolas precárias. Ainda assim, os dados comprovam a importância econômica da cidade mesmo que aparentemente não tenha retorno para a população.

Apesar de tantos problemas enfrentados por essa Metrópole e que estão, como vimos anteriormente, na raiz de sua ocupação e constituição como cidade, a relevância que Duque de Caxias adquiriu no contexto das cidades da Região Metropolitana do Rio de Janeiro é notória. A cidade que surgiu de maneira desordenada e sob a sombra do coronelismo, dos grandes proprietários de terras e de uma política violenta, levando-a a ser conhecida como “Terra de Ninguém” ou “a cidade em que a galinha cisca prá frente”, se desenvolveu de modo que conquistou seu espaço no cenário estadual.

Deste modo, considero que a cidade não é apenas um amontoado de ruas, casas, transporte e uma tentativa de funcionamento orgânico, e sim, o conjunto de ações que possam ser desenvolvidas naquela localidade, como afirma o autor Robert Ezra Park, logo no início de seu artigo intitulado “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”:

A cidade é algo mais do que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais, ruas, edifícios, luz elétrica, linhas de bonde, telefones etc; algo mais também do que uma mera constelação de instituições e

---

<sup>13</sup> Mais sobre o pesquisador em: <http://lattes.cnpq.br/0745043741317989>

dispositivos administrativos — tribunais, hospitais, escolas, polícia e funcionários civis de vários tipos. Antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição (PARK, [1967], p. 577).

Na década de 1950, a cidade de Duque de Caxias apresentava altos índices de violência. Diversos jornais locais datados da década de 50 até final da década de 70, apresentam sem nenhum pudor um “Festival de Defuntos”<sup>14</sup> em suas páginas. A história de políticos como Tenório Cavalcanti ou crimes que ficaram nacionalmente conhecidos como o assalto ao trem pagador reforçaram durante décadas a imagem de que Duque de Caxias era uma “Terra de Ninguém”. Durante esse período, a mídia fortaleceu a imagem de cidade vinculada ao abandono, ao extermínio, ao tiroteio contínuo, aos assaltos generalizados e corrupção. A imagem de abandono e violência era retratada de maneira que na década de 50 o apresentador do Programa “Patrulha da Cidade” da Rádio Tupi, Samuel Correia definia como “a terra que a galinha cisca para frente” sempre que noticiava um ato de violência na cidade, querendo dizer que é uma terra que tem suas próprias regras, abandonada, que vai contra a imagem de progresso do país.

A relação da cidade com o Coronelismo, seguiu além do Brasil colonial, retratado anteriormente, mas se tornou parte do cotidiano. Com as características temporais de cada período, mesmo parecendo estranho o fato de que muitas vezes essa questão em Duque de Caxias, nada a ver tem com questões referentes à propriedade de terra e sim, ao poder político e econômico. Tal fato fica evidenciado até a segunda metade do século XX, justamente um período o qual Duque de Caxias ficou conhecida como uma “terra sem lei”. Sobre tal fato, Nunes aponta:

Apesar disso, em nossa literatura política, especialmente na partidária, o “coronel” não tem sido poupado. Responsável, em grande parte, pelas vitórias eleitorais dos candidatos do oficialismo, é frequentemente acusado de não ter ideal político. Sua mentalidade estreita, confinada ao município, onde os interesses de sua facção se sobrepõe aos da pátria, seu descaso pelas qualidades ou defeitos dos candidatos às eleições estaduais e federais, tudo isso incute, no espírito dos derrotados, amarga descrença nas possibilidades do regime democrático em nosso país. E habitualmente esse ceticismo perdura até o momento em que o interessado, concorrendo a nova eleição do lado governista, se possa beneficiar dos votos inconscientes do “coronel” (LEAL, 2016, p. 59, grifos do autor).

---

<sup>14</sup> Texto de um espetáculo teatral de Antônio Pacot, um dos fundadores do Teatro Municipal Armando Melo, primeiro teatro da cidade. O espetáculo que seria encenado no Teatro do Sesi nunca aconteceu pois tanto Pacot quanto o ator Edgar de Souza e o teatrólogo Laís Costa Velho foram presos quando tentavam encená-la.

Um político considerado um “coronel” por muitos e é talvez a figura do município mais conhecida nacionalmente foi um migrante que saiu do Nordeste e se instalou em Duque de Caxias, tornando-se um dos políticos mais conhecidos do país: Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque, que se popularizou como Tenório Cavalcanti ou, também, como “o homem da capa preta”. O político Tenório, apesar de ser conhecido como “O Deputado Pistoleiro”, impulsionou a política e a economia da cidade de Duque de Caxias e até os dias atuais gera polêmica e muitas discussões, em histórias ainda vivas nas memórias da população, sobretudo pelas curiosidades geradas por suas ações, tal como, sua Fortaleza<sup>15</sup> e os caminhos desconhecidos que levam a diversas saídas pela casa, como um labirinto. Tenório não é comemorado pela cidade com um dia próprio dedicado a ele, no entanto, sua presença é marcante na construção histórica e política local, e se tornou tema de um filme e livros.

De acordo com Souza, Tenório “*transitou entre um perfil liberal conservador e um discurso populista e trabalhista, sendo, inclusive, representante das esquerdas nas eleições ao Governo do Estado do Rio de Janeiro*” (2014b, p. 150, grifo nosso). No campo político nacional, com o fim do Estado Novo em 1945, optou por se aliar a Edgar de Pinho, um dos fundadores da União Democrática Nacional (UDN) pois necessitava do apoio de uma base sólida. Além disso, o Partido Social Democrático (PSD) de Amaral Peixoto não atendeu às suas exigências.

Convidado por Amaral (Peixoto) para ajudá-lo na criação do partido social democrático (PSD), Tenório responde que só o faria se Heitor Gurgel fosse substituído na Prefeitura de (Duque de) Caxias e se ocorresse a demissão de toda a polícia do município (ALVES, 2003, p. 85).

Souza (2014) aponta que existem muitas contradições com relação à filiação de Tenório à UDN, sobretudo por ser considerado populista, característica notória dos seguidores do getulismo:

Certamente, o que favoreceu a entrada dele na UDN foi a relação mantida com a fração de classe da qual Edgar de Pinho fazia parte, sua oposição ao estado novo, seu conservadorismo a aceitação de seu nome entre os udenistas, por conta de sua expressiva votação na Baixada Fluminense. A UDN precisava de representação na periferia, e Tenório, de um partido de projeção nacional que lhe possibilitasse acesso as esferas do poder regional e nacional (SOUZA, 2014b, p. 151).

---

<sup>15</sup> Sua residência localizada na Avenida Governador Leonel de Moira Brizola, no Centro da cidade.

Apesar de ter sido derrotada nas eleições presidenciais, a UDN levou o governo do estado do Rio de Janeiro no ano de 1947, quando teve como candidato Macedo Soares, o que favoreceu Tenório que além de ter um governo do seu partido, mantinha relações pessoais com o novo governador. Em Duque de Caxias, Tenório se responsabilizava pela manutenção do diretório da UDN.

Tenório mantinha relações políticas, no entanto, se queixou por não ter recebido nenhuma nomeação do governador Soares. No ano de 1947, venceu as eleições e se tornou um parlamentar do Legislativo Estadual com aproximadamente dois terços da votação de Caxias, cerca de 2800 votos. Foi uma virada em sua carreira política, visto que *“o mandato de deputado e a imunidade parlamentar alargaram sua capacidade de atuação na vida política da cidade e do estado fluminense”* (SOUZA, 2014b, p. 153, grifo nosso). De acordo com Alves, Tenório *“tinha mergulhado numa sangrenta disputa política que o impulsionava cada vez mais para uma posição independente personalista”* (2003, p. 86). Foi um período político bastante conturbado. De acordo com Alves (2003), Tenório se envolveu em diversos conflitos armados, muitas vezes resultando em diversos mortos e feridos, incluindo o próprio Tenório que chegou a ter balas alojadas junto à espinha, no crânio e no pulmão. Enquanto isso, aconteciam acidentes misteriosos com seus seguidores e aliados. Os conflitos políticos, inclusive os violentos, aconteciam inclusive em sessões da Assembleia Legislativa:

Tendo que conviver na Assembleia Legislativa com o agora deputado Agenor Barcelos Feio, Tenório dará início à fase de “sessões fantasmas” da casa. As discussões entre os dois ficavam no limiar entre a ofensa verbal e a troca de balas, obrigando os demais membros a esconderem-se abaixados. Foi nesse período que Tenório tornou-se o primeiro e quem sabe o único parlamentar do Brasil a andar com armamento pesado. Valendo-se de uma capa preta, presente de um amigo, passou a carregar junto a si uma metralhadora, apelidada de “Lurdinha”. Por baixo da capa ocultava também o colete de aço que sempre utilizava. Segundo Amaral Peixoto, para carregar esse aparato Tenório tinha uma licença especial do também alagoano General Pedro Aurélio de Góis Monteiro, chefe militar da Revolução de 30, duas vezes ministro da Guerra e chefe do Estado-Maior do Exército. Essa licença se estendia também a vários homens que trabalhavam com Tenório (ALVES, 2003, p. 86-87).

Com todos esses conflitos, Tenório era considerado ao mesmo tempo um político populista e coronelista e ficou conhecido como o “Deputado Pistoleiro” ou “o homem da capa preta”.



No ano de 1950, apesar da UDN ter perdido no âmbito estadual (Amaral Peixoto venceu Prado Kelly) e no âmbito Federal com o retorno de Getúlio Vargas “nos braços do povo”, Tenório Cavalcanti se elegeu Deputado Federal com cerca de 9.000 votos, triplicando sua última votação e ficando em 4º lugar entre os udenistas fluminenses. Era um período em que o clientelismo era determinante no resultado eleitoral. E assim se manteve nas eleições de 1958, sendo então o candidato mais votado da UDN.

As relações de trocas de favores, conflitos, clientelismo, voto de cabresto e ações populistas parecem comuns quando tratamos de política. Victor Nunes Leal (2016) faz alguns apontamentos sobre esses processos incluindo as contribuições desses processos para uma desorganização no âmbito governamental. São casos em que as questões políticas acabam se tornando mais importantes e evidentes do que os problemas que permeiam a cidades.

Não se compreenderia, contudo, a liderança municipal só com os fatores apontados. Há ainda os favores pessoais de toda ordem, desde arranjar emprego público até os mínimos obséquios. É neste capítulo que se manifesta o paternalismo, com a sua recíproca: negar pão e água ao adversário. Para favorecer os amigos, o chefe local resvala muitas vezes para a zona confusa que medeia entre o legal e o ilícito, ou penetra em cheio no domínio da delinquência, mas a solidariedade partidária passa sobre todos os pecados uma esponja regeneradora. A definitiva reabilitação virá com a Vitória eleitoral, porque, em política, no seu critério, “Só há uma vergonha: perder”. Por isso mesmo, o filhotismo tanto contribui para desorganizar a administração municipal (LEAL, 2016, p. 59-60, grifo do autor).

A projeção nacional de Tenório Cavalcanti aconteceu no ano de 1953. Nesse período, além de ser Deputado Federal aconteceu na cidade de Duque de Caxias uma explosão de violência e disputa pelo poder local. Tal fato, fez com que Tenório tomasse medidas de segurança, transformando sua casa em uma fortaleza, envolvida por chapas de aço e cercada por entradas secretas e labirintos, inclusive para automóveis. Durante o período de 1928 a 1953, Tenório esteve envolvido em 28 conflitos violentos, sofreu 47 ferimentos à bala e foi preso 8 vezes. Ainda assim, com sua política clientelista, conquistava a vitória em todos os processos eleitorais como Deputado.

O crescimento eleitoral da Baixada Fluminense; atuação como advogado em casos de projeção nacional, como o crime do Sacopã e o da Machadinha; a imunidade parlamentar e o conhecimento das normas legais; a prática assistencialista e clientelismo; sua associação com grandes nomes nacionais, cavaleiros da moral e da legalidade que lhe outorgavam legitimidade; seu carisma; o mito da invencibilidade; e seu envolvimento em episódios violentos (SOUZA, 2014b, p. 157).

O assassinato do delegado Albino Imparato juntamente com seu assistente Bereco o ápice desse momento político. De acordo com Souza (2014b), o fato aconteceu três dias após as vítimas terem invadido a Associação Comercial de Caxias, durante uma conferência com Afonso Arinos, organizada por Tenório.

O caso ganhou projeção nacional, principalmente quando sua casa foi ocupada pela polícia, o que atraiu lideranças políticas da UDN e representantes da câmara federal a Caxias, em manifestação de solidariedade. Tenório, inclusive, pode contar com a presença e a intermediação de Afonso Arinos (SOUZA, 2014b, p. 158).

A fundação do seu jornal intitulado “A Luta Democrática” também foi um meio que favoreceu fortemente o crescimento de Tenório Cavalcanti na cidade de Duque de Caxias e tinha uma tiragem de cerca de 500 mil exemplares. Era um instrumento de campanha e defesa de seu posicionamento político.

Seu apelo sensacionalista dava-lhe uma grande penetração popular. Além do “mundo cão”, dos crimes e dos grandes escândalos, o diário apresentava Tenório como o herói destemido, de capa preta e metralhadora. Um paladino que defendia o povo. Mas, sem sombra de dúvida, o que mais favorecia Tenório era a explosão populacional da região que constituía sua base eleitoral (ALVES, 2003, p. 89).

Com isso, conquistou uma importante projeção nacional, se tornando um político muito influente no país. Nas eleições de 1958, a UDN não lançou candidato ao governo do estado e, em uma coligação com o PTB, apoiou o lançamento da candidatura de Roberto Silveira. Com isso, Tenório apoiou o candidato lançado pelo PSD, Getúlio de Moura, seu amigo particular e aliado político em Nova *Iguaçu*. Justificou a sua escolha dizendo em sua coluna, “Luta Democrática”, que teria se mantido fiel à UDN caso tivesse lançado candidatura própria. Nessa eleição, Roberto Silveira saiu vitorioso com 56,6% dos votos em turno único.

As eleições de 1958 sinalizavam de forma clara a inclinação do eleitorado fluminense. Ele acompanhava a tendência nacional, votando no trabalhismo e passava de 24% dos votos fluminenses, em 1954, para 33%, 4 anos depois; elevando de 5 para 6 sua bancada federal. Enquanto isso, no mesmo período, a UDN apenas conseguiu manter seus 4 deputados estaduais e reduziu à metade sua bancada federal, passando de 14 para 7. Tenório, percebendo também essas mudanças no eleitorado da Baixada, realizará uma verdadeira “conversão à esquerda”, iniciando uma nova ambiguidade, que seria de apoiar grandes reformas e manter o clientelismo do seu reduto eleitoral (ALVES, 2003, p. 90).

Tenório transitava muito bem entre a direita e a esquerda. Em 1960 rompeu com a UDN e deu prosseguimento a um plano maior de poder que era tornar-se governador do estado da Guanabara. Na eleição deste ano se candidatou à governador por um partido trabalhista, o Partido Rural Trabalhista (PRT) tendo apoio também do Partido Social Progressista (PSP). Acabou ficando em terceiro lugar, com 220 mil votos, favorecendo para a vitória do candidato udenista, Carlos Lacerda.

A forte presença do trabalhismo na votação Fluminense, principalmente em Caxias, não poderia ser desprezada. De um lado, a popularidade do Governador Roberto da Silveira, principalmente em Caxias, onde este se fazia presente com frequência. Essa popularidade foi ainda ampliada após a sua trágica morte, expressa pela instalação de importantes lugares de memória na cidade: Praça Roberto Silveira, localizada à frente da sede da Prefeitura, com uma estátua do Governador, e o Instituto de Educação, que também recebeu o seu nome. De outro, a forte presença do getulismo e de seus herdeiros no governo federal. Não podemos esquecer que Caxias ficou marcada pelos investimentos do Estado: na instalação da FNM, da REDUC; na fundação da Cidade dos Meninos; e na abertura da Av. Brasil e em sua ligação com a Rodovia Washington Luís (SOUZA, 2014b, p. 177).

Tais investimentos fizeram ecoar o discurso de que a cidade de Duque de Caxias estaria passando por um período desenvolvimentista. Apesar disso, era ainda notória a ausência de infraestrutura na cidade em áreas fundamentais para o bem-estar social: educação, saúde, saneamento básico, segurança e cultura.

Na tentativa de conquistar o Governo do Estado, Tenório deu uma guinada para a esquerda, pois estaria competindo com duas fortes máquinas governamentais: o PSD de Amaral Peixoto e o PTB de Roberto Silveira e João Goulart. Foi assim que se inaugurou uma nova fase de seu jornal “A Luta Democrática”: o trabalhismo, alianças com grupos sindicais e sociais e o legalismo, garantindo pleno acesso de variados grupos ao jornal, que tiveram inclusive colunas, tais como, “Luta Sindical” e “Luta Feminina”. Apesar de não terem uma coluna no jornal, os camponeses também ganharam o apoio de Tenório, sendo seus conflitos com grileiros e a Associação dos Lavradores Fluminenses, sendo amplamente noticiados na Luta Democrática (SOUZA, 2014b, p. 179).

O ano de 1962 foi marcante em virtude do processo eleitoral. Por não poderem lançar candidatura própria os comunistas declaram apoio à Tenório Cavalcanti, fazendo companhia a diversos setores e grupos sociais que assinaram um manifesto de apoio à sua candidatura, tais como:

Ferrovíarias da Leopoldina, trabalhadores da orla Marítima, rodoviários de Niterói, servidores da Marinha de Guerra e do Departamento de Correios e Telégrafos, trabalhadores em empresas ferroviárias da Zona Central do Brasil, lideranças das Associações de Lavradores (Rio das Ostras, Pedra lisa, Paracambi, Duque de Caxias etc), o presidente da União das Ligas Camponesas do Estado do Rio de Janeiro, trabalhadores de Barra do Piraí, trabalhadores das indústrias do açúcar, doces e conservas, trabalhadores da construção civil, têxteis, vidreiros, metalúrgicos, vestuários e sapateiros, parlamentares dos partidos coligados, lideranças de esquerda como Francisco Julião e Luís Carlos Prestes e os candidatos comunistas (SOUZA, 2014b, p. 179).

Apesar de ter adotado uma posição mais esquerdista e de tantos apoios, chegou ao segundo lugar do pleito eleitoral, com uma expressiva votação (224.734) contra o governador eleito, Badger Silveira, irmão do falecido Roberto Silveira, com 260.841 votos. Com isso, conquistou significativa projeção em por estar ao lado das forças trabalhistas, esteve ao lado daqueles que em 1963 assumiram a presidência da República com João Goulart. Apesar de derrotado para o governo do estado, conseguiu ser eleito como Deputado Federal.

Com o golpe em 1964 e a deposição de João Goulart. A “Luta Democrática” entrou um período de silêncio, sendo extintas as colunas destinadas aos movimentos sociais. Em substituição, colunas sensacionalistas, elogio aos militares e o discurso trabalhista silenciado (SOUZA, 2014b). O jornal teve sua tiragem reduzida e, em 1973 foi arrendado por um grupo de jornalistas liderados por Raul Azevedo que tentou manter um perfil oposicionista, mas acabou sofrendo perseguições políticas.

Durante a Ditadura Militar, Duque de Caxias teve como Prefeitos Joaquim Tenório Cavalcanti, entre 1963 e 1967 e Moacyr do Carmo e Ruyter Poubel (em substituição durante licença médica), entre 1967 e 1971. Após esse período, a cidade passou a ser governada por interventores militares até seu fim, em 1985.

A Ditadura Militar causou alguns impactos na cidade. Nesse período foi instalado o Aterro Metropolitano do Jardim Gramacho, às margens da Baía de Guanabara, em cima dos manguezais, aparentemente sem nenhuma preocupação com impactos ambientais. Ainda na Ditadura Militar foi assinado um acordo que garantiu à Funerária Duque de Caxias o monopólio funerário por 30 anos, elevando os valores dos sepultamentos. Além disso, a privatização da FNM foi bastante marcante. Em 1968 passou para a Alfa Romeo e em 1976 para a Fiat. Os trabalhadores tentaram resistir, mas as demissões em massa foram intensas.

Em 1977, a fábrica possuía 7.700 famílias operárias. Em 1981, eram somente três mil operários. A partir de 1978, os trabalhadores reiniciaram sua organização sindical e realizaram greves. A mais importante foi a de 42 dias,

em 1981, contra o desemprego. Apesar da resistência, a FIAT transferiu sua produção para Betim, em Minas Gerais, e fechou a fábrica de Xerém. O desemprego atingiu intensamente o bairro, que se movia em torno da fábrica e da cidade (SOUZA, 2014b, p. 253).

Foi no cenário conturbado da Ditadura Militar que se ascendeu a imagem política de Hydekel de Freitas em Duque de Caxias, que fazia oposição a Tenório Cavalcanti. Pertencente aos “Playboys” cidade, chegou em Duque de Caxias em 1939, quando saiu de Porciúncula, no interior do estado ainda criança com sua família. Seu pai era comerciante se tornou proprietário do transporte rodoviário Santo Antônio. Em 1964, Hydekel se casou com a filha e assessora de Tenório, Natália Sandra Cavalcanti.

Hydekel de Freitas integrou com força o circuito político de Duque de Caxias. Chegou a ser eleito deputado estadual pelo Partido Republicano se tornando líder da bancada, mas almejava ser Prefeito da cidade. Com a extinção dos partidos políticos pelo Ato Institucional I, em 1965, e a implantação do bipartidarismo, ingressou na Arena, partido de sustentação do regime militar, e se tornou presidente do diretório em Duque de Caxias. “*Nas eleições de 1966, ele disputou a vaga para a prefeitura com Moacyr do Carmo, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e foi derrotado. Obteve 17 mil votos, contra os 40 mil de Moacyr*” (SOUZA, 2014b, p. 250, grifo nosso).

Souza (2014b), descreve sua carreira política:

Em 1970, Hydekel de Freitas reelegeu-se deputado estadual; e, 1974 e 1978, a deputado federal. Em 1979, com a extinção do bipartidarismo, filiou-se ao PDS e, em maio de 1982, foi nomeado prefeito interventor de Caxias. Em 1985, compôs o PFL e, em 1986, concorreu a uma cadeira no Senado, sendo eleito suplente de Afonso Arinos. Em outubro de 1988, foi eleito prefeito de Caxias, numa aliança entre o PDS e o PFL, e, em 1990, após a morte de Afonso Arinos, renunciou à prefeitura, para ocupar a vaga no Senado. Ainda nesse mesmo ano, filiou-se ao Partido da Reconstrução Nacional (PRN), que elegeu Fernando Collor de Melo. Em 1994, foi indicado pela Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara, que investigava fraude na Previdência. Seu envolvimento estava relacionado com seu apadrinhamento a um ex procurador do INSS em Caxias. No mesmo ano, foi citado numa lista de pessoas que supostamente teriam recebido dinheiro do jogo do bicho (SOUZA, 2014b, p. 254).

Na eleição de 1985, Juberlan de Oliveira foi eleito Prefeito de Duque de Caxias. Nesse mesmo ano, a cidade deixou de ser área de Segurança Nacional – status adquirido durante o período ditatorial.

Em 1990, Hydekel de Freitas renunciou à prefeitura para assumir o Senado após a morte de Afonso Arinos. Assumiu então José Carlos Lacerda, seu vice, dando início a uma possibilidade de ampliação e diversificação do poder do PFL.

No início dos anos 1990, outra legenda ganhou força política tanto em âmbito nacional e, conseqüentemente em Duque de Caxias: o PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). Pela cidade de Duque de Caxias, estavam espalhados *outdoors* com Fernando Henrique Cardoso, então candidato à Presidência da República, Marcelo Alencar, candidato ao Governo do Estado e Zito, candidato a Deputado Estadual. Os três foram eleitos em 1994 e, em 1996, Zito foi lançado candidato à Prefeito de Duque de Caxias.

Em Duque de Caxias, Zito, beneficiado pelo projeto “Baixada Viva” e pelas obras de despoluição da baía de Guanabara, ambos do governo estadual, colocará seu nome, de forma estratégica, como alternativa viável à perpetuação do domínio de Hydekel, com quem disputou o segundo turno e venceu. Seus principais aliados foram o prefeito anterior, Moacyr do Carmo<sup>16</sup>, que pôs à sua disposição a máquina da Prefeitura, e Alexandre Cardoso, deputado federal do Partido Socialista Brasileiro, que havia saído candidato pela aliança das forças de esquerda (PT, PDT, PC do B. PC e PSB), mas que, no segundo turno, desistindo do projeto de ocupar o espaço mais à esquerda no município, resolveu fazer campanha para Zito, a quem até o primeiro turno, fizera duras críticas (ALVES, 2003, p. 117).

Zito que já teria sido Vereador e Deputado Estadual, se elegeu Prefeito afirmando que tiraria a cidade da lama, se referindo à falta de asfalto e constantes enchentes que assolavam a cidade. Se reelegeu no ano 2001 e inaugurou uma alternância de governos que permanece até o momento em Duque de Caxias. Nas eleições de 2004 não conseguiu eleger seu sucessor que foi derrotado por Washington Reis, seu antigo aliado político. Reis concluiu obras deixadas pelo seu antecessor, como o Centro Cultural Oscar Niemeyer, projeto do arquiteto que deu nome ao local. O Centro Cultural está localizado na Praça do Pacificador e consiste na Biblioteca Municipal Leonel de Moura Brizola e no Teatro Municipal Raul Cortez, que possui o terceiro maior palco do estado do Rio de Janeiro que é reversível, com uma porta automática que abre para a praça, sendo possível realizar espetáculos dentro e fora do teatro. Em seu governo construiu e inaugurou o Hospital Municipal Moacyr do Carmo, em homenagem ao ex Prefeito da cidade.

Nas eleições de 2008, Zito retorna à Prefeitura, vencendo as eleições no primeiro turno. O mandato que durou até 2012, foi bastante conturbado e terminou com uma crise na coleta de

---

<sup>16</sup> Prefeito de Duque de Caxias entre 1992 e 1996.

lixo ocasionada pelo fechamento antecipado do Aterro Sanitário de Jardim Gramacho. Zito alega ter sido um golpe político para que perdesse a eleição de 2012, o que de fato, aconteceu.

Em 2012, Alexandre Cardoso – o mesmo que havia apoiado Zito anos antes – se apresentou como o novo e derrotou o Prefeito Zito e o ex Prefeito Washington Reis. O governo de Alexandre Cardoso foi marcado por polêmicas, como mudança do trânsito e o seu fim com os servidores com 3 meses de salário atrasados e 13º. Cardoso optou por não tentar a reeleição e indicou o deputado estadual Dica como seu sucessor. A eleição que aconteceu em 2015 teve como principais candidatos Zito – que se elegeu Deputado Estadual em 2014), o Deputado Federal Washington Reis, o Deputado Federal Áureo e o Deputado Estadual Dica.

O Deputado Federal Washington Reis saiu vitorioso dessa vez, com o apoio de Áureo, venceu o candidato Dica, que tinha o apoio de Zito. Com o mandato iniciado em 1 de janeiro de 2017, o atual Prefeito garantiu colocar em dia o salário dos servidores e colocar as contas da cidade em ordem.

O fato é que essa alternância de poder que se deu desde a segunda metade da década de 1990 não resolveu completamente algumas questões cruciais da cidade, como a falta d'água. Os moradores ainda sofrem com este problema e ficam buscando alternativas, como a compra de carros pipa d'água ou a abertura de poços artesianos. Muitas regiões também não possuem asfalto e a criminalidade e violência, que, apesar de uma queda até a metade o final dos anos 2000, ainda assusta a população.

Os últimos três Prefeitos de Duque de Caxias foram entrevistados para a realização desta pesquisa, especificamente no que concerne à Festa de Santo Antônio e questões culturais da cidade. Tais entrevistas serão abordadas e analisadas ao longo do texto.

Sendo assim, espero despertar o interesse pela cidade, tornando este trabalho uma referência tanto na discussão dos conceitos que serão apresentados, quanto no processo da pesquisa e descoberta dos caminhos de Duque de Caxias.

## 2.4 A CIDADE DE DUQUE DE CAXIAS E SUAS COMEMORAÇÕES

Aprender uma cidade é,  
na verdade, uma coisa lenta.  
É preciso, entretanto,  
saber algumas coisas,  
e precisamos andar distraídos, bem distraídos,  
para reparar nessa alguma coisa  
– Rubem Alves.

As marcas da ocupação da cidade de Duque de Caxias deixaram não apenas questões referentes ao seu funcionamento e distribuição de terras. A cidade que tem em sua constituição populacional um misto de diversas regiões do Brasil, apresenta significativas questões referentes às suas comemorações, presentes de maneira tão natural em seu cotidiano.

Dentre tantas comemorações que rodeiam a cidade e refletem claramente a sua diversidade populacional – Carnaval, Folia de Reis, Dia da Baixada, Dia da Bíblia entre outros – destaque aqui duas que além de serem oficiais no calendário cultural da cidade, são também reconhecidas pela população local por sua grandiosidade e tradição: o Patrono, Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias e o Padroeiro, Santo Antônio.

A constituição de comemorações, heróis, símbolos ou algum elemento representativo para determinado local é algo constante, conforme afirma José Murilo de Carvalho, “*Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico*” (2013, p. 55, grifo nosso). A escolha desses personagens, que representarão determinada comunidade, pode variar, partindo de um envolvimento real do povo, sendo amplamente reconhecida, ou com menor profundidade popular, o fato é que a construção de um panteão cívico é algo latente em qualquer sociedade. É notório que essas construções são, em geral, póstumas, sendo os representantes de determinada sociedade escolhido após a sua morte. “*No campo da memória, os contornos do sujeito são delimitados a partir das construções póstumas. Máscaras mortuárias, discursos por ocasião do enterro e biografia são algumas formas de manter viva a memória do indivíduo*” (ABREU, 1996, p. 67, grifo nosso).

A cidade de Duque de Caxias não poderia ser diferente. Tem como Padroeiro um dos Santos mais populares do mundo: Santo Antônio. A escolha de um Padroeiro para uma cidade deve ter algum tipo de aspiração popular, uma identificação com os moradores daquela localidade, levando-se em consideração a devoção daquelas pessoas, as romarias, tradições e, sobretudo, a identificação com as virtudes do Santo. O Padroeiro da cidade é o tema central deste trabalho e os capítulos 2 e 3 serão inteiros dedicados à sua história, a construção como padroeiro em Duque de Caxias e a importância de sua comemoração para a cidade.

Já a figura do Patrono da cidade, está diretamente ligada justamente a construção de um panteão cívico e, mesmo com todas as complexidades que compõem a imagem do Luiz Alves de Lima e Silva no contexto da história oficial do país, a sua representação na cidade é marcante.

A cidade de Duque de Caxias foi assim denominada em virtude do nascimento de Luiz Alves de Lima e Silva, em 25 de agosto de 1803, na cidade, na Fazenda São Paulo, comprada por seu avô materno, de quem herdava o nome, “*situada nos confins da Baía de Guanabara, na freguesia de Inhomirim*” (SOUZA, 2008, p. 108, grifo nosso). Essa região integra atualmente



o bairro Taquara, situado no 3º distrito da cidade de Duque de Caxias. A fazenda abriga um museu chamado “Museu do Duque de Caxias e da Taquara” que consiste nas ruínas da casa a qual teria nascido o Duque de Caxias, uma construção contemporânea com objetos encontrados no terreno e seriam vestígios de ocupação do local. Entre os objetos estão louças, utensílios domésticos, maçanetas e diversos outros itens, muitos deles deteriorados pela ação do tempo ou por terem sido encontrados em meio às ruínas do local. Na entrada do museu os visitantes são recepcionados com um busto de Duque de Caxias. A exposição consiste também em quadros que apresentam momentos da história de Luiz Alves Lima e Silva. O museu é mantido através de uma parceria do Exército Brasileiro com a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Duque de Caxias.

Figura 1: *Busto do Duque de Caxias e construção que abriga o museu*



Fonte: Acervo pessoal de Cristiano Ludgerio (cedida)

Figura 2: Ruínas que seriam a casa em que Duque de Caxias nasceu



Fonte: Marques (2015).

Não pretendo neste capítulo fazer uma descrição biográfica detalhada sobre a vida de Luiz Alves de Lima e Silva, mas considero importante destacar algumas referências que se relacionam com nuances que serão desenvolvidas ao longo deste trabalho.

Luiz Alves de Lima e Silva ingressou muito jovem na carreira militar. Em janeiro de 1818 se matriculou na Real Academia Militar sendo em poucos anos promovido a tenente do 1º Batalhão de Fuzileiros da Corte (janeiro de 1821). A sua participação no exército foi marcante. Luiz Alves de Lima e Silva era um monarquista fiel e esteve ao lado do Império em diversos conflitos que marcaram a história do país. Atuou ao lado de D. Pedro I contra Portugal na Independência do Brasil e esteve à frente de diversas revoltas que aconteceram pelo país durante o período regencial, de minoridade do Imperador D. Pedro II. Foi um defensor do “projeto nacional conservador, elaborado e sustentado por certos grupos” (SOUZA, 2008, p. 405, grifo nosso). Luiz Alves “colocou sua capacidade militar a serviço desse projeto, acreditando e lutando por sua implantação” (SOUZA, 2008, p. 406, grifo nosso).

Muitas revoltas ocorreram durante o período regencial. A atuação mais marcante de Luiz Alves foi na Balaiada no Maranhão (1838-1840) e a Farroupilha no Rio Grande do Sul (1836-1845). A Balaiada maranhense teve seu início a partir de disputas de grupos da elite locais que resultou em uma revolta popular, liderada por Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, que era um fabricante de balaios, e era contrária aos aristocratas rurais que dominavam a região.

Ela se concentrou no sul do Maranhão, junto à fronteira do Piauí, uma área de pequenos produtores de algodão e criadores de gado. À frente do movimento estiveram Raimundo Gomes, envolvido na política local, e Francisco dos Anjos Ferreira, de cujo ofício – fazer e vender balaios – derivou o nome da revolta. Ferreira aderiu à rebelião para vingar a honra de uma filha, violentada por um capitão da polícia (FAUSTO, 2006, p. 90).

Além disso, uma das principais causas do movimento foi a detenção do irmão de Raimundo Gomes, o que causou uma “revolta”, seguida da invasão da prisão para libertar este prisioneiro e diversos outros. Os “rebeldes” chegaram a ocupar a segunda cidade da província do Maranhão, que se chamava Vila de Caxias. No entanto, o grupo não era orgânico e apresentava divisões internas, o que levava a desentendimentos e uma consequente fragilidade no movimento. Estes fatores os levaram à derrota em meados de 1840. Foi nessa rebelião que Luiz Alves de Lima e Silva ganhou destaque e recebeu o título de barão de Caxias.

Tão logo chegou à corte, o imperador promoveu Luiz Alves de Lima ao posto de brigadeiro de seus exércitos – primeiro nível do generalato – e o agraciou com o título de barão, deixando à sua escolha o nome com o qual seria admitido nos círculos da nobreza. Luiz Alves escolheu Caxias. A justificativa quem dá é o padre biógrafo Joaquim Pinto de Campos. A cidade, segunda em importância econômica do Maranhão, simbolizava a rebelião subjugada. Tinha sido a mais afligida pelos “horrores da guerra”, sendo tomada e retomada pelas forças imperiais (SOUZA, 2008, p. 335, grifo do autor).

No que se refere à Revolução Farroupilha vale ressaltar que o Rio Grande Sul era um caso diferenciado se analisarmos a posição geográfica, sua formação econômica e relações sociais, como os fortes vínculos com o Uruguai. Os rebeldes se queixavam do sistema de pesados impostos e reivindicavam autonomia e a emancipação. Além disso, pretendiam um acordo que colocasse fim ou reduzisse significativamente a taxa de gado na fronteira com o Uruguai, estabelecendo a livre circulação dos rebanhos entre os dois países.

Entre os líderes da Revolução estavam Bento Gonçalves, filho de um rico estancieiro, com significativa experiência militar em decorrência de conflitos na região e Giuseppe Garibaldi, um revolucionário italiano refugiado no Brasil.

Foi uma revolução de longa duração, aconteceu entre os anos de 1836 a 1845. Os conflitos fizeram o poder central acabar cedendo a algumas de suas exigências. *“Por exemplo, em princípios de 1840 o governo cedeu a uma das principais exigências econômicas dos farrapos, decretando uma taxa de importação de 25% sobre a carne salgada vinda do Prata que concorria com a nacional”* (FAUSTO, 2006, p. 93, grifo nosso). Entre esse misto de

combates e concessões, o fato é que a revolução levou o governo central a realizar uma política externa diferenciada na região platina.

No ano de 1842, Caxias foi nomeado presidente e comandante de armas da província, o que foi fundamental no processo de pôr fim ao conflito, quando combinou habilidades de negociação, pacificação, medidas de apaziguamento à política de ataque militar. Com isso, em 1845 foi assinada a paz e o conseqüente fim dessa guerra que durou quase 10 anos. Por conta dessa habilidade tanto militar quanto política, ficou conhecido como “Pacificador”.

A atuação de Duque de Caxias foi além dos conflitos regenciais e internos no Brasil. A Guerra do Paraguai foi um violento conflito que envolveu os países platinos. Foi uma guerra que marcou profundamente a história do Segundo Reinado. Com duração total de quase seis anos de 11 de novembro de 1864 – tomada do vapor Marquês de Olinda pelos paraguaios – até 1 de março de 1870 – morte de Solano López em Cerro Corá – teve grandes proporções, superando inclusive a Guerra de Secessão dos Estados Unidos. Mobilizou recursos humanos em larga escala das sociedades nacionais nele envolvidas: Paraguai, Uruguai, Brasil e Argentina.

Foi um conflito que envolveu– pelo menos no que diz respeito a participação brasileira – três fatores, segundo Ricardo Salles (1990):

1. No contexto geral de expansão do capitalismo da época, especificamente do capitalismo britânico;
2. Analogamente aos países europeus, o conflito se seguiu a um período de consolidação e estabilidade do governo imperial no Brasil;
3. O governo brasileiro lançou mão de uma série de recursos tecnológicos modernos em seu esforço de Guerra.

A Guerra do Paraguai é apresentada em diferentes perspectivas através dos seus diferentes autores. Com relação às interpretações sobre a guerra do Paraguai, existem pelo menos duas correntes: a tradicionalista e a revisionista. Não cabe neste trabalho uma análise sobre essas correntes. O que pretendo apresentar brevemente aqui são algumas características que considero importantes para a compreensão da participação de Duque de Caxias nesse violento e sangrento conflito.

Mesmo o Brasil estando despreparado para uma Guerra, a opinião pública, sobretudo no Rio de Janeiro, belicosa desde a Questão Christie, reagiu de imediato à invasão do território nacional, e o governo se dispôs a atuar com energia. O Imperador estava empenhado em ganhar

a guerra e passou os cinco anos dedicados à causa, honrando o Brasil. A expressão “honra do Brasil” tornou-se um bordão em suas declarações, verbais e escritas.

No início do conflito, o Paraguai embora fosse um país menor que o Brasil, contava com um exército maior. Durante todo o conflito, nunca mais do que 100 mil soldados estiveram em batalha. O exército brasileiro atuava majoritariamente na Tríplice Aliança, consistia em 2/3 do total aliado. O exército paraguaio nunca foi superior a 20.000 homens enquanto os aliados sempre mantiveram cerca de 30.000 combatentes, sendo a maioria formada por brasileiros, não apenas porque o país é maior e contava com maior contingente populacional, mas também por causa da política patriótica instaurada no país e da política do “voluntariado obrigatório”. O Uruguai apesar de ter sido o estopim da guerra, de fato esteve pouco envolvido nela.

Francisco Doratioto (2002) afirma que havia uma grande dificuldade para preencher os vazios na tropa, levando o Império a libertar escravos para lutarem na Guerra. Sendo assim, foi baixado um Decreto em 6 de novembro de 1866 que estipulava que os escravos que servissem ao exército em guerra ganhariam a liberdade, e que os donos que libertassem os seus, para esse mesmo fim, seriam recompensados com títulos de nobreza. Além disso, o governo imperial desapropriou escravos para enviá-los para o Paraguai, pagando indenizações generosas, que não deixavam de causar inconvenientes aos fazendeiros, tendo em vista ser muito difícil repor esses escravos, por causa da abolição do Tráfico em 1850. O comércio ilegal continuou ocorrendo, no entanto, o preço do escravo estava bem mais alto e se o fazendeiro perdesse um escravo de 15 ou 20 anos, no auge de seu poder de trabalho, este só conseguiria ser repostado depois de cerca de 10 anos.

Muitos escravos fugiam para lutar no exército Imperial e até mesmo no exército de outros países com o intuito de se libertarem. Por isso, muitos proprietários de escravos pediam reintegração de posse de seu bem – o escravo – ou indenização do Império pela perda dele.

No entanto, na Bahia, existiam muitos escravos disponíveis para recrutamento pois não estavam trabalhando na produção do principal produto brasileiro: o café. A maior parte do exército aliado era composta por negros ou mulatos, mas não eram necessariamente escravos, eram libertos. A guerra deu a oportunidade de ascensão às pessoas que se alistavam, que ganham um prestígio que não possuíam antes, pessoas que até então, não representavam papel expressivo na sociedade brasileira e, agora, buscavam maior expressão. O fato do exército ser, sobretudo composto por homens negros, fez com que López iniciasse uma propaganda classificando o Exército Imperial de *macacuno*, o qual tinha como objetivo reduzir o povo paraguaio a escravidão.

No Paraguai, o recrutamento de escravos se iniciou em setembro de 1865, enquanto no Brasil, superada a onda patriótica em que muitos e verdadeiros voluntários se apresentaram, segundo Doratioto (2002), os convocados para a Guerra buscaram enviar substitutos em seu lugar. O envio de substitutos para cumprir o serviço militar era uma prática comum em outros países, não sendo exclusividade do Brasil.

Foi nesse contexto que, em outubro do ano de 1866, Duque de Caxias foi nomeado comandante das forças brasileiras na guerra.

Caxias gastou grande parte do tempo, no início de seu comando, buscando organizar o exército brasileiro, dando-lhe melhores condições de combate, administração mais eficaz e restaurando a disciplina. Além de cuidar do abastecimento de armas e munições, garantir o fornecimento de reforços, homogeneizar o fardamento e adequá-lo às estações do ano, ele ainda buscou melhorar as condições de higiene e de saúde do acampamento. Em sua correspondência com o ministro da Guerra, são constantes os pedidos de reforços, fardamento, barracas, médicos, material hospitalar. Entretanto, todo este esforço provavelmente só foi capaz de arrefecer o ímpeto das epidemias e doenças, sem, contudo, alterar qualitativamente o quadro (SALLES, 1990, p. 79).

Caxias era bastante preocupado com o comportamento das tropas de combate. “*Havia uma preocupação grande em cumprir as normas, ao menos no plano das intenções, que caracterizariam uma guerra civilizada. Igualmente a bravura era uma qualidade da civilização brasileira*” (SALLES, 1990, p. 83, grifo nosso). Caxias enviava muitas recomendações a seus auxiliares mais imediatos, entre elas estão: respeito às propriedades, indivíduos civis e o tratamento de prisioneiros. “*Era preciso combater de maneira civilizada: ser bravo de modo civilizado*” (SALLES, 1990, p. 83, grifo nosso).

Além disso, foi com relação às questões que envolviam a sociedade escravocrata brasileira que Caxias passou parte do tempo se preocupando.

Ordem, disciplina e coesão do exército estavam juntas, mais uma vez, com as condições sociais e hierárquicas da sociedade que havia originado o exército. Se o chamamento dos voluntários da Pátria havia obscurecido momentaneamente as rígidas fronteiras sociais e hierárquicas, tratava-se de restabelecê-las no interior da corporação militar. A presença de escravos –já então livres, voltamos a insistir – e, como já vimos, dos setores da população de extração social mais baixa, era uma infelicidade. Particularmente porque faltava aos elementos presentes nas fileiras as qualidades do bom e mourejado escravo. Para Caxias, tratava-se de inculcar nesses elementos não os valores da cidadania e da igualdade, e sim da obediência característica do bom escravo [...]. Estes deveriam ser incorporados, cooptados. Sua presença era mesmo vista como benéfica e renovadora à instituição militar. Esta era a tarefa: estender a predominância moral, a ordem e a autoridade imperial como forma

de assegurar no exército a hierarquia e a divisão social da sociedade escravista. Tais eram os conceitos possíveis de valores morais patrióticos, de ordem e disciplina. A igualdade jurídica e formal era tida como – e de fato seria, se mantida – desagregadora (SALLES, 1990, p. 92).

O fato é que a atuação de escravos na Guerra do Paraguai abriu muitas polêmicas e discussões na historiografia. É um tanto complexa a tentativa de determinar um número de combatentes, seja pela precariedade estatística da época ou, até mesmo pelo desejo de se ocultar que uma sociedade escravocrata dependeu justamente de escravos para um chamado de defesa da Pátria. A atuação de Caxias no Império brasileiro foi por diversas vezes reconhecida. Sua atuação diante das inúmeras revoltas internas que ocorreram no Período Imperial, entre as quais, a Guerra do Paraguai, concederam a ele um reconhecimento que perdura até hoje.

Apesar de sua notoriedade, Luis Alves de Lima e Silva é também protagonista de muitas polêmicas. Uma delas se refere à presença de negros no Exército brasileiro na Guerra do Paraguai. De acordo com Celso Castro (2002), ele teria sido o responsável pela morte de milhares de negros na Guerra do Paraguai. Tal fato se contrapõe ao afirmado por Ricardo Salles (1990), quando fala que o Duque orientava seu exército à bravura civilizada, respeitando propriedades privadas e civis.

Para além da discussão sobre a veracidade histórica dessas representações em conflito, é interessante observar os diferentes contextos históricos em que esses dois monumentos surgiram. O de Caxias surge numa época em que, por todo o mundo, proliferavam as comemorações nacionais; no caso do monumento a Zumbi, as práticas de memória estão sendo repensadas em muitos países e as representações do passado tendem a ser mais heterogêneas e plurais. Zumbi celebra o herói negro, não o herói da unidade nacional. Hoje, a ideia de Estado-nação está dessacralizada. Nações são vistas mais como construções simbólicas do que como entidades naturais, acabadas, com uma identidade e uma memória sagrada a ser preservada. Isso não quer dizer, como os críticos conservadores geralmente reclamam, que se trate de um processo de profanação que levará à “perda” de identidade nacional. O momento atual das “batalhas de memória” é propício a uma maior pluralidade e diversidade de passados, e a história nacional nem sempre é a única ou a melhor medida daquilo que as pessoas sabem sobre seu passado (CASTRO, 2002, p. 36-37, grifo do autor).

O que acontece é uma reescrita da história, uma batalha de memórias, como afirma Celso Castro (2002), onde concorrem diversos heróis ou candidatos à serem representantes de um grupo ou uma nação. A sacralidade de Caxias, por exemplo, de acordo com Castro (2002) incomoda a militares evangélicos e esse desconforto se evidencia em uma passagem do “Hino a Caxias” que diz “Salve Duque glorioso e sagrado”.

No que se refere ao fim da Guerra do Paraguai, o fato de a Tríplice Aliança ter vencido a Guerra não significa que o Brasil obteve grandes ganhos. Além das inúmeras consequências políticas e sociais, a guerra acabou esgotando as finanças públicas e acelerando o endividamento com bancos ingleses, fato que já estava acontecendo anteriormente. A manutenção de um grande exército, também resultou em grandes gastos para o Império. O final da Guerra do Paraguai, diferente de outros conflitos em escala semelhante que envolvia nações centrais do sistema capitalista, não foi um trampolim para uma fase de expansão econômica para o vencedor.

Conhecer um pouco da trajetória de Duque de Caxias auxilia na compreensão das diversas aparições do Patrono do Exército e, também, Patrono da cidade de Duque de Caxias. A cidade de Duque de Caxias apresenta diversas representações de seu Patrono que se encontram em outros espaços além do museu. Em uma das entradas da cidade, pela Rodovia Washington Luiz, uma grande e imponente estátua daquele que concedeu seu nome à cidade. Um dos principais acessos à cidade é por uma de suas principais avenidas: a Avenida Brigadeiro Luiz Alves de Lima e Silva, popularmente conhecida como Brigadeiro. O reconhecimento popular que simplifica o nome da avenida a fim de facilitar o entendimento pode ser também um fator sintomático de que, em muitos casos, não existe uma associação clara do nome da via ao personagem. Tal fato pode ser exemplificado pelo símbolo de uma das principais padarias da cidade: a padaria Brigadeiro, que tem como símbolo um brigadeiro (sim, o doce).



Figura 3: *Estátua de Duque de Caxias na entrada na cidade na Avenida Brigadeiro Luís Alves de Lima e Silva*<sup>17</sup>



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

A Avenida Brigadeiro Luiz Alves de Lima e Silva está localizada em um dos principais e mais nobres bairros da cidade: o bairro 25 de agosto, data do nascimento de Duque de Caxias. O bairro conta com grandes hospitais, um dos únicos hotéis da cidade que faz parte de uma rede internacional, universidade, shopping e possui residências avaliadas em milhões de reais.

---

<sup>17</sup> No dia em que a foto foi tirada, a espada do Duque de Caxias havia sido roubada e a estátua possuía algumas pichações.

Figura 4: *Final da Avenida Brigadeiro Luís Alves de Lima e Silva*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Já no centro da cidade, está a Praça do Pacificador. Luiz Alves de Lima e Silva ficou assim conhecido em virtude de sua atuação no Império, sobretudo no que se refere às negociações com os chefes farroupilhas no Rio Grande do Sul, a qual na época o Barão de Caxias, agiu muito mais politicamente do que pelas armas (SOUZA, 2008).

A Praça do Pacificador é detentora de muitas histórias na cidade. Era nela que estava localizado o primeiro chafariz da cidade, onde a população buscava água. É nela que se encontra atualmente o Centro Cultural Oscar Niemeyer o qual abrange o “Teatro Municipal Raul Cortez” e a “Biblioteca Governador Leonel de Moura Brizola”, construções que foram projetos do arquiteto que leva o nome da praça e estão eternizadas como as únicas na Baixada Fluminense por ele assinadas. Esta é a principal praça da cidade, onde os mais variados grupos se encontram, onde acontecem diversas manifestações culturais, feiras de livros, feiras livres, aulas de Hip Hop, Baile Charme, feira de doação de animais, atividades de saúde promovidas pela Secretaria

de Saúde entre diversas outras ações. É um ponto de encontro de jovens a noite. É um local de passagem importante para os trabalhadores da cidade por estar localizada em o Terminal Rodoviário e a Estação de Trem. É estratégica para comerciantes pela facilidade de transporte com pontos de taxi nos seus dois lados, pontos de ônibus, Terminais Rodoviários, estação de trem. É o principal palanque de políticos em período eleitoral. É o encontro de música, com um projeto chamado “Canto da Cidade” voltado para a valorização, fortalecimento e divulgação de artistas da cidade. Este projeto é fomentado por dois bares localizados na praça em uma parceria com a Secretaria Municipal de Cultural e Turismo. E quem poderia imaginar que a praça que leva um dos muitos nomes que o Duque de Caxias ficou conhecido, um dos principais militares do Império brasileiro, tão conhecido quanto polêmico, seria ponto de encontro de todas as “tribos”, iria de panteão cívico à panteão cultural.

Figura 5: *Praça do Pacificador: Biblioteca Leonel de Moura Brizola e, ao fundo, o Teatro Municipal Raul Cortez*



Fonte: Acervo pessoal de Marcio Leandro (cedida)

É nesta praça também que Patrono e Padroeiro se encontram em uma festa religiosa, mas que é também um ponto de encontro dos mais variados grupos culturais, sociais, religiosos e políticos. Esse encontro acontece na Festa de Santo Antônio, o Padroeiro. A Catedral de Santo Antônio está localizada na Avenida Governador Leonel de Moura Brizola, que além de ser uma

das principais da cidade, passa pela Praça do Pacificador. Durante a festa, a praça se torna espaço de comemoração e peregrinação. Nela acontecem shows no palco externo do Teatro Municipal Raul Cortez<sup>18</sup>, apresentação de quadrilhas da cidade, espetáculos teatrais, palestras, lançamentos de livros, aulas de culinária e um Circuito Gastronômico com stands dos principais restaurantes da cidade.<sup>19</sup> É um encontro tão orgânico e plural quanto a composição populacional da cidade.

É beirando a Praça do Pacificador, na Avenida Governador Leonel de Moura Brizola que no dia 25 de agosto, aniversário de Duque de Caxias, que diversas escolas fazem um Desfile Cívico. No dia 25 de agosto é comemorado nacionalmente o dia do soldado, no entanto, na cidade de Duque de Caxias, as comemorações são intensas. Este dia é feriado na cidade e quando acontece não apenas o Desfile Cívico ao redor da praça, mas em todos os distritos da cidade, o que não ocorre no dia 7 de setembro, quando acontecem os desfiles de independência por todo o país.

No dia 25 de agosto acontece a grande comemoração que reverencia Luiz Alves de Lima e Silva, ocasião em que tem lugar o desfile cívico na cidade, com a participação de diversas escolas públicas e particulares, sendo um importante evento do calendário anual de comemorações. Os desfiles podem acontecer espalhados pelos 4 distritos da cidade, dependendo de questões políticas e da gestão municipal que estiver no poder, pode fomentar inclusive uma competição entre as escolas, onde é escolhida a melhor apresentação no desfile.

---

<sup>18</sup> O Teatro Municipal Raul Cortez possui o terceiro maior palco do estado do Rio de Janeiro e uma porta eletrônica que abre o palco para a praça, ou seja, é um palco reversível podendo acontecer apresentações em seu interior e em seu exterior, na Praça do Pacificador.

<sup>19</sup> Abordarei mais detalhadamente as questões da festa no Capítulo 3.



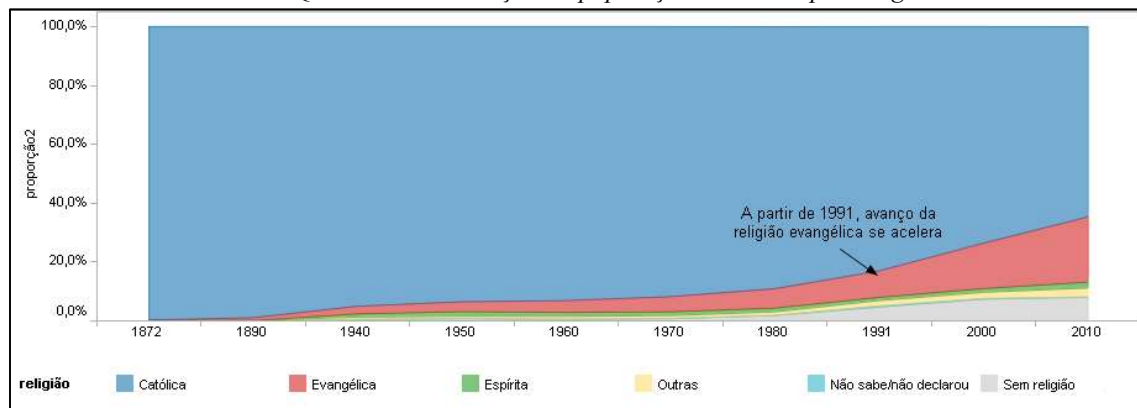
### 3 ETNOGRAFIA DA BÊNÇÃO: A CONSTRUÇÃO DE UM PADROEIRO

#### 3.1 AS FESTAS DE SANTOS

A liberdade de culto é uma importante característica do Brasil desde a constituição de 1891 quando a religião católica deixou de ser a religião oficial. Entretanto, como herança da tradição católica, diversas datas comemorativas em homenagem à santos e santas são mantidas como feriados e comemorações oficiais.

É possível perceber que as festas religiosas ocupam espaço importante no calendário comemorativo do país e de seus estados e municípios apesar dos apontamentos de crescimento da religião evangélica e de uma diminuição do quantitativo de católicos. Ao compararmos os resultados do censo de 1991, 2000 e 2010, de acordo com o IBGE, a predominância de católicos no país caiu de 83,8% em 1991 para 73,8% em 2000 e 64,6% em 2010. Já o aumento de evangélicos foi bastante significativo sendo 9% em 1991, 15,4% no ano 2000 e 22,2% em 2010, como podemos analisar no quadro abaixo:

Quadro 1: *Distribuição da população brasileira por religião*



Fonte: IBGE ([2015])<sup>20</sup>

Deste modo, podemos afirmar a existência de uma multiplicidade religiosa brasileira que aponta para um universo repleto de conflitos que passam das possíveis relações individuais das pessoas e alcançam os níveis estatísticos. Neste sentido, cabe aqui destacar uma questão importante: apesar desta queda significativa e irreversível do catolicismo no Brasil, os dados apontam que ainda há predominância da religião católica e as festas religiosas mantem seu lugar

<sup>20</sup> Dados do Infoglobo, verificados através do site do IBGE: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Ver em Infoglobo: <http://oglobo.globo.com/infograficos/censo-religiao/>.

de destaque. Tais festas podem ser consideradas significativas em âmbito nacional, que mantêm um calendário oficial de comemorações religiosas os quais são considerados inclusive feriados nacionais, destacando-se as datas da Paixão de Cristo, Páscoa, Corpus Christi, Nossa Senhora Aparecida (considerada a Padroeira do país) e o Natal. Não pretendo com este trabalho tratar profundamente de tais questões, mas considero que tal informação seja significativa para uma compreensão do cenário vivenciado no Brasil nas últimas décadas.

Apesar do crescente quantitativo de pessoas que se declaram evangélicos se contrapondo aos que se declaram católicos – que estão em queda – as festas de santos permanecem importantes no cenário nacional, integrando inclusive políticas de preservação de patrimônio imaterial no país. Trata-se de fenômenos devocionais que ocorrem em diversas regiões do país de acordo com calendários municipais, estaduais e federal. De acordo com Renata Menezes, estas comemorações consistem em "festas populares" onde está em jogo, *“o poder de convocação e agregação do santo padroeiro e dos organizadores dos festejos, bem como das redes de apoio externas ao espaço ritual acionadas para sustentar a celebração”* (MENEZES, 2004, p. 16, grifo nosso).

Inseridas no contexto das “festas populares” estão as “festas de santos”. Estas festas são destinadas *“a celebrar um santo e, através da celebração, capturar e reter favores divinos para o indivíduo ou para a comunidade que a comemoram; mantendo aberto um canal de comunicação entre o santo e os devotos; o Céu e a Terra”* (MENEZES, 1996, p. 15, grifo nosso). As festas de santos no país podem ser consideradas expressões da vitalidade do catolicismo. Esse catolicismo marcado por grandes manifestações externas de fé foi uma herança recebida no século XIX que ficou conhecida como “catolicismo colonial” quando essas festas religiosas organizadas pelas irmandades em homenagem aos santos padroeiros ou de devoção eram o ponto máximo dessas associações. Havia uma grande preocupação tanto por parte de autoridades civis, quanto de autoridades religiosas com relação à continuidade da ordem, sobretudo pela confusão que poderia acontecer entre práticas sagradas e profanas nas comemorações externas, bem como, nas comemorações realizadas dentro das próprias igrejas (ABREU, 1994, p. 183-184).

Muitas destas festas remontam ao período colonial e teriam sido trazidas pelos portugueses, o que parece ser o caso das festas de junho, que acontecem em homenagem e devoção à Santo Antônio, São Pedro e São João.

O "ciclo lusitano" é a "reinterpretação", ou "apropriação" dos fenômenos devocionais praticados em alguns santuários existentes como representativos

do "legado cultural português" ao Brasil, através da ênfase na semelhança ou continuidade entre o culto neles celebrado e aqueles realizados em Portugal. Assim, a existência de "elementos" da cultura portuguesa é sublinhada, e frequentar esses santuários passa a ser uma forma de demarcar a identidade portuguesa diante da identidade brasileira (MENEZES, 1996, p. 31, grifos do autor).

As "festas de santos" acontecem em todo o território brasileiro e são signos de emoção, corporeidade, devoção, curiosidade, celebração, fé, peregrinação e até mesmo a convivência do sagrado com o profano. Para o antropólogo Roberto DaMatta (1986), estas festas representam “dramatizações programadas”. O antropólogo estabelece uma distinção entre os ritos que integram os *feriados nacionais*, com destaque para o carnaval e o Dia da Pátria, vinculados diretamente à construção de uma identidade nacional mais abrangente, e as *festas de santos*, que estão vinculadas a grupos de devotos ou a grupos mais restritos (DAMATTA, 1986, p. 46).

Para a realização dessas festas, os grupos se articulam de variadas maneiras. O processo se inicia pelos organizadores que, no caso das festas de santos, integram a igreja – padres e membros de irmandades e congregações – e, em alguns casos, apoios do poder público e iniciativa privada. Em seguida, se articulam os participantes da festa, sejam devotos, peregrinos ou mesmo curiosos. São milhares de pessoas reunidas com diversificados objetivos. No caso das festas de santos, a música, a culinária e os rituais são sempre bem marcantes e atraem diversos tipos de público.

Todas as sociedades alternam suas vidas entre rotinas e ritos, trabalho e festa, corpo e alma, coisas dos homens e assunto dos deuses, períodos ordinários – onde a vida transcorre sem problemas – e as festas, os rituais, as comemorações, os milagres e as ocasiões extraordinárias, onde tudo pode ser iluminado e visto por novo prisma, posição, perspectiva, ângulo... (DAMATTA, 1986, p. 40).

De acordo com Renata Menezes (2009), as pesquisas referentes às festas populares, e especialmente sobre as festas de santos, têm crescido substancialmente no Brasil desde a segunda metade da década de 1990. A pesquisadora faz uma discussão no que se refere ao aumento das pesquisas referentes a este tema e destaca três motivos. O primeiro estaria relacionado à reinterpretação do conceito de *performance*, incorporado pelas Ciências Sociais, sobretudo pela Antropologia.

O tratamento das festas a partir dessa noção tem permitido colocar em foco questões sobre as modalidades de interação entre seus participantes; sobre as formas de experiência vivenciadas pelos atores sociais no desenrolar dos eventos; sobre os modos de transmissão de conhecimento e o papel dos rituais

na construção (e não apenas na expressão) de representações do mundo social – dimensões que em abordagens anteriores não assumiam destaque, ou mesmo estavam ausentes. O uso do conceito de *performance* possibilitaria ainda uma redefinição do conceito de ritual a partir de teorias teatrais e teorias de representação do mundo social, e não mais apenas através de teorias da religião (MENEZES, 2009, p. 180).

Essa reinterpretação do conceito de *performance* possibilitou sua ressignificação e uma quebra de barreiras em seu uso. De acordo com Antônio Herculano Lopes ([1994]), foi a partir da década de 1950, na língua inglesa que seu uso foi para além do sentido corrente.

A quebra de barreiras que o conceito de *performance* ensejou não se limitou às fronteiras entre gêneros artísticos em si, tendo as artes buscado inspiração em outras expressões performáticas, como ritos religiosos, atividades esportivas e mesmo práticas cotidianas. Isto levou a um movimento de aproximação das artes com as áreas de conhecimento que lidam com tais práticas, em especial a antropologia (LOPES, [1994], p. 6).

As novas possibilidades de usos do conceito de *performance* então, ampliaram e apresentaram novas maneiras de se compreender o campo de pesquisa.

O segundo motivo estaria associado ao crescente interesse de jovens de setores urbanos por essas comemorações (manifestações folclóricas e festas, incluindo as festas de santos) a partir dos anos de 1990 (MENEZES, 2009). Esse interesse despertou além da participação nesses tipos de celebrações, também o aumento da produção científica sobre o tema, conforme observamos nesse capítulo.

Já o terceiro motivo estaria relacionado à implementação pelos órgãos públicos de políticas públicas relacionadas ao “patrimônio cultural de natureza imaterial”. O reconhecimento de manifestações culturais como patrimônio intangível abriu espaço para que festas e celebrações adquirissem maior reconhecimento e visibilidade. Uma das mais importantes políticas públicas neste sentido foi implementada pelo órgão do Governo Federal, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por meio do Decreto 3.551 de 4 de agosto de 2000 que instituiu o Registro de bens Culturais da Natureza Imaterial, constituindo o patrimônio cultural brasileiro e criando o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial.<sup>21</sup> Outros órgãos públicos, estaduais e municipais, vêm seguindo na mesma linha, oficializando e reconhecendo manifestações culturais diversas, incluindo as "festas de santos". No caso, do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, as "festas de santos" estão sendo objeto de inventários e registros. Estes últimos implicam num reconhecimento de mais alto grau

---

<sup>21</sup> Ver mais em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/761/>



pelo Estado brasileiro. Os dossiês de algumas "festas de santos" passaram a integrar os livros de registros das Celebrações.<sup>22</sup>

São oito "festas de santos" registradas como patrimônio imaterial do Brasil pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional): o Círio de Nossa Senhora de Nazaré no Pará, a Festa de Sant'Ana de Caiacó no Rio Grande do Norte a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis em Goiás, a Festa do Divino de Paraty, no Rio de Janeiro, a Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim na Bahia, as Festividades do Glorioso São Sebastião na Região do Marajó, Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha e a Romaria de Carros de Bois da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade<sup>23</sup>.

Estes "registros" trouxeram grande contribuição para o estudo das "festas de santos" pois implicaram em construções de dossiês detalhados sobre cada uma destas manifestações culturais. Estas construções abrangem uma completa pesquisa sobre a história da região, o processo de ocupação, o processo de pesquisa, etnografia, características do objeto de pesquisa, entrevistas, referências, documentos e diversas outras fontes que considerarem pertinentes para que os dossiês tenham informações completas sobre determinada manifestação. Para que as festas sejam reconhecidas como Patrimônio Cultural, o IPHAN contrata serviços técnicos especializados utilizando a metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais que *"permite descrever a festa através da perspectiva de seus participantes e indicar o lugar que ela ocupa na dinâmica da sociedade local, verificando, ao mesmo tempo, o modo como esta dinâmica local toma forma na dimensão da festa"* (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2010c, p. 5, grifo nosso).

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré tem data de registro do dia 05 de outubro de 2004, configurando-se na mais antiga celebração religiosa reconhecida como bem cultural pelo IPHAN. A comemoração que acontece em Belém, capital do estado do Pará, leva milhares de fiéis às ruas. A festa é realizada a mais de 200 anos, e tem tamanha importância a ponto de ter as principais ruas da capital Belém fechadas. As ruas são amplamente decoradas e seus moradores ocupam janelas e sacadas aguardando a passagem da imagem da santa. Um dos

---

<sup>22</sup> O dispositivo do "Registro" não é apenas um instrumento análogo de tombamento e sim um recurso de reconhecimento e valorização do patrimônio imaterial. Os bens selecionados são registrados em livros específicos de acordo com 4 categorias: "Saberes", "Celebrações", "Formas de Expressão" e "Lugares". O "registro" de uma manifestação cultural considerada pelo IPHAN como relevante para expressar a diversidade cultural do país pressupõe um rito complexo com um conjunto de procedimentos e atores sociais. Entendendo que a cultura é dinâmica e aberta a transformações, o IPHAN instituiu o dispositivo do Plano de Salvaguarda, onde cada manifestação cultural "registrada" deve passar por contínuas reavaliações a cada dez anos.

<sup>23</sup> Até o último acesso ao site do IPHAN antes da defesa desta Tese, o site da IPHAN ainda não estava atualizado com todas as informações sobre o processo de registro das seguintes celebrações: Festividades do Glorioso São Sebastião na Região do Marajó, Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha e a Romaria de Carros de Bois da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade

elementos mais característicos dessa procissão é a *corda*. Este elemento foi inserido na procissão no ano de 1855 para que o povo ajudasse a tirar a *berlinda* de um atoleiro. Com isso, atualmente a *corda* perdeu seu significado prático original, no entanto, seu aspecto simbólico e aproximação do sagrado permanece (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2004).

Esta festa é uma das mais conhecidas do estado do Pará, atraindo peregrinos e turistas de diversos lugares do Brasil e do mundo. Agrega aspectos tradicionais significativos. Trata-se uma festividade de relevância tanto regional quanto nacionalmente, atraindo pesquisadores ao longo dos anos. Uma destas pesquisas foi desenvolvida pelo antropólogo Isidoro Alves, que a definiu como um “complexo ritual”, “*pois reúne não só várias procissões, mas completa-se com o arraial (originalmente uma grande feira) e o almoço do Círio*” (ALVES, 2005, grifo nosso).

Todos os anos, a partir do segundo domingo de outubro, realiza-se a Festa do Círio de Nazaré, já definida aqui como um “complexo ritual”, pois reúne não só várias procissões, mas completa-se com o *arraial* (originalmente uma grande feira) e o *almoço do Círio* (ALVES, 2005, grifos do autor).

A literatura sobre “ritual” relacionada às “festas de santos” tem se constituído em importante ferramenta teórica neste campo de estudos. Isidoro Alves trabalha com este conceito realizando também uma etnografia da festa com destaque para o Círio, ou seja, a procissão entre a Catedral da Sé e a Basílica de Nazaré. Alves já sinalizava a diversidade de significados da festividade, que, apesar da origem portuguesa, apresenta formas particulares da região amazônica, considerando um dado importante no que se refere à análise dos rituais religiosos no Brasil. Em sua etnografia, descreve alguns dos momentos que considerou mais marcantes, aqueles que fazem uma passagem anual na festividade, tais como o Ciclo de Círios, que ocorre em todo o interior do estado do Pará propondo uma “*interpretação do Círio e da Festa de Nazaré que envolve as dimensões sacralizadas e devocionais com aquelas carnavalizadoras, informais e comunitárias*” (ALVES, 2005, grifo nosso).

Outro pesquisador que se debruçou sobre este mesmo objeto de pesquisa foi José Rogério Lopes (2011) que fez registros etnográficos desta festa. Denominou tais registros como etnografia impressionista “*porque salienta percepções depuradas de registros etnográficos elaborados sob a marca da intensidade de estímulos, à maneira de Simell (1973), que uma celebração religiosa popular desse vulto imprime sobre o antropólogo*” (LOPES, 2011). Lopes descreve os passos da pesquisa e as questões com que se deparou sobretudo no que se refere à

quantidade de atividades que ocorrem simultaneamente. Além de uma descrição dos fatos mais característicos da festividade, que de acordo com Alves (2005), seriam os rituais, o autor fez uma descrição sensível a detalhes dos preparativos e da realização da festa.

O registro do Círio de Nazaré no livro das “Celebrações” do IPHAN abriu caminho para outros registros de “festas de santos” como patrimônio cultural do país. Seis anos após este primeiro “registro”, em 2010, ocorreram os “registros” de mais duas “festas de santos”: Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, em Goiás e a Festa de Sant’Anna de Caiacó no Rio Grande do Norte.

A Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis obteve o “registro” do IPHAN no dia 13 de maio de 2010 sob o processo nº 01450.000715/2010-15 e é composta por um grande número de eventos e celebrações.

As folias da Roça, da Rua e do Padre que “giram” 1 os bairros da cidade e a zona rural do município, recolhendo donativos para a festa. As celebrações do Império, com os cortejos do Imperador, jantares, novena, missas cantadas, alvoradas, levantamento do mastro e queima de fogos. As Cavalhadas, encenação de batalhas medievais entre mouros e cristãos. Os mascarados que, a pé ou a cavalo, circulam irreverentes pelas ruas e no Campo das Cavalhadas. A encenação de dramas e operetas e do auto “*As Pastorinhas*”, além de ranchões, bailões sertanejos e outras formas de expressão associadas à festa. O Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e o Juizado de São Benedito (deslocados de suas datas originais, outubro e abril, respectivamente), antigas *festas de pretos*, com seus congos e congadas e suas tradicionais distribuições de doces. A Cavalhadinha complementa a festa: realizada essencialmente por crianças, é a reprodução-mirim dos festejos e momento máximo de socialização de uma nova geração nos valores culturais essenciais aos pirenopolinos (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2010c, p. 4-5, grifos do autor).

A cidade de Pirenópolis é marcada por diversas festas religiosas. A Festa do Divino Espírito Santo, é uma festa de todos, de encontros, de confraternização, de agradecimento. Além dela, também são festejados outros santos: Nossa Senhora (Santana, Rosário, Fátima e Aparecida), Folia de Reis, São Judas Tadeu e Santíssima Trindade. Diante de todas essas festividades, a Festa do Divino Espírito Santo não é apenas a festa mais importante da cidade, mas é também considerada uma das mais importantes “festas de santo” no Brasil.

Há quem diga que são várias festas em uma só festa, devido à sua capacidade de aglutinar outras manifestações religiosas e culturais, de origens as mais diversas. Há quem diga que a festa não tem fim, já que mobiliza permanentemente – e não apenas durante os festejos – toda a comunidade local (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2010c, p. 13).

Esta festa é pontuada por diversos momentos e, de acordo com a pesquisadora Céline Spinelli (2010), as “cavalhadas” constituem um dos momentos mais marcantes. Dois aspectos marcam este momento da festividade: o primeiro por se tratar de um teatro equestre a céu aberto e o segundo pela utilização do conceito de ritual. Ambos os conceitos estão interligados ao seu desenvolvimento.

A cavalhada corresponde a uma sequência ritual prescrita, anualmente repetida. Ao longo de três tardes, os cavaleiros põem em cena a representação de uma luta que remete às históricas batalhas medievais entre mouros e cristãos, seguida de provas de habilidades. A dramatização da luta ocorre nos dois primeiros dias, que são considerados “de guerra” e convergem para a invariável vitória cristã, com o batismo dos mouros. No terceiro dia, realiza-se um conjunto de provas de destreza, momento de “confraternização” entre os cavaleiros (SPINELLI, 2010, grifo do autor).

A Festa do Divino é um complexo festivo realizado cinquenta dias após a Páscoa, considerada uma das mais importantes e tradicionais manifestações culturais da cidade, constituindo-se num signo das tradições católicas na região.

Já o “registro” da Festa de Sant’Ana de Caiacó (RN) ocorreu no dia 10 de dezembro de 2010 (processo nº 01450.004977/2008-26). De acordo com o dossiê elaborado pelo IPHAN trata-se de “um bem cultural da mais alta importância para a vida dos sertanejos do Rio Grande do Norte, e para pessoas que, vindas das mais diversas partes do Brasil e do mundo, afluem para o Seridó Potiguar no período da Festa” (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2010b, p. 6). Esta festividade atrai diversos agentes, como pagadores de promessas, devotos, pesquisadores, turistas e, até mesmo curiosos, em uma troca de experiências culturais e de fé. É uma festa que une diversos elementos da cultura sertaneja, incluindo indumentárias, culinária, trabalhos em couro e artesanato.

Em data mais recente, no ano de 2013, também foram objeto de “registro” no IPHAN duas outras festividades: a Festa do Divino de Paraty e a Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim.

A Festa do Divino de Paraty obteve o “registro” no dia 03 de abril de 2013 através do processo nº 01450.000715/2007-13. A solicitação de “registro” da Festa do Divino de Paraty foi encaminhada ao IPHAN através do Instituto Histórico e Artístico de Paraty (IHAP) com a participação de diversos agentes da cidade, detentores do bem cultural, representados pela Paróquia, por membros da Comissão da Festa e da Prefeitura local. *“Ao identificarem a antiguidade e a singularidade da Festa do Divino como elementos particularmente significativos, os detentores desse bem passam a relacioná-los a uma representação coletiva,*

*a que cada membro do grupo de algum modo se identifica”* (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2013a, p. 6, grifo nosso).

A cidade de Paraty por si só é um importante sítio histórico, tombado desde a década de 1950 e, a Festa do Divino faz parte da construção dessa identidade histórica e cultural da cidade. *“O Registro da Festa do Divino Espírito Santo da Cidade de Paraty valoriza as ‘referências culturais’ que dizem respeito à formação da memória e das marcas distintivas de toda a sociedade brasileira”* (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2013a, p. 7, grifo nosso).

Esta é uma festa que acontece em diversos pontos do território brasileiro, e também em outros países, como nos Açores, Estados Unidos e Canadá (GONÇALVES; CONTINS, 2016). De acordo com Gonçalves (2009), os mitos de origem dessa festa apontam para a sua criação no século XII em Portugal, havendo ainda algumas referências sobre sua existência na França e na Alemanha no século XII.

Ao desenvolver sua dissertação de mestrado no PPGMS, a pesquisadora Claudia Storino realizou pesquisa de campo observando a Festa do Divino de Paraty, principal festa religiosa da cidade, que ocorre no mesmo período da Semana Santa e a de Nossa Senhora dos Remédios. A realização da Festa do Divino de Paraty é *“coordenada por um ‘festeiro’ eleito a cada ano (antigamente, pelo povo; atualmente por uma comissão da paróquia), e dela participa toda a comunidade”* (STORINO, 2008, p. 121, grifo nosso).

De acordo com Storino, a Festa do Divino Espírito Santo de Paraty, bem como as outras festas religiosas, teve adesão da comunidade paratiense que se engajou nos processos de retomada das festas e tradições da cidade.

A força com que o movimento de retomada das tradições se estabeleceu em Paraty merece algumas considerações. Por um lado, parece significativa a influência dos primeiros “redescobridores” de Paraty, artistas e pessoas de alto padrão sociocultural vindas de São Paulo na década de 1950, que valorizaram os aspectos históricos, tradicionais e autênticos da vida paratiense, corroborando com sua preservação.

Por outro lado, percebe-se que as tradições ocuparam desde sempre um lugar especial no modo de ser da população local. *Ser tradicional* parece fazer parte do *ethos* paratiense: tanto apreciam as tradições, que não só mantêm as antigas como eventualmente criam outras, novas (STORINO, 2008, p. 128, grifos do autor).

A comunidade se envolve diretamente na festa. Há uma dinâmica muito própria entre a cidade, a festa e o Museu de Arte Sacra de Paraty que tem suas peças integradas à festa e circulando em procissão na cidade.

Entre a trama urbana e a urdidura das festas, o acervo do Museu de Arte Sacra continua imerso na vida social paratiense. É - literalmente - a “prata da casa”, o tesouro guardado com zelo através dos anos de pobreza, propriedade de todos que pernoita nas casas e passa de mão em mão carregada nas procissões, saudada nas ruas, venerada nos templos, valorizada nos cultos e na exposição do Museu. Esse é um acervo que se mantém conectado pelos fios de muitas relações com indivíduos, edifícios, crenças, festas, ruas, ladainhas, danças, barcos, cais, montanha e mar. E não é só isso: além de manter as antigas relações, estabelece outras novas, com a Paraty de hoje, a televisão, o cinema, os turistas, os imigrantes, as crianças, a internet, as novas festas, os novos sons, as novas instituições. O acervo do Museu de Arte Sacra de Paraty está vivo e em circulação na sociedade (STORINO, 2008, p. 133-134, grifo do autor).

Outro “registro” no livro de Celebrações do IPHAN foi a Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim na Bahia, datada de 05 de junho de 2013 (processo nº01450.000828/2010). Essa é uma festa em homenagem ao Jesus Crucificado e acontece anualmente no mês de janeiro. Como a maior parte das festividades religiosas, a Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim tem início com uma novena e seu ponto alto consiste em uma procissão que percorre as cidades com os santos enfeitados. No entanto, de acordo com pesquisa produzida para o inventário do IPHAN (2013b), grande parte dos devotos e estudiosos da festa consideram o momento ápice da demonstração de fé, a lavagem das escadas da igreja que acontece na segunda quinta-feira após o Dia de Reis – ato associado ao culto de Oxalá, orixá do panteão do Candomblé–, no meio da programação católica.

Ainda em 2013, aconteceu o registro das Festividades de São Sebastião na Mesorregião do Marajó (Pará), datada de 29 de novembro de 2013 (Processo no. 01450.010235/2008-30). O processo de registro desta festividade partiu de um convite de sua comissão organizadora, para que técnicos do IPHAN participassem de uma oficina de planejamento da festa que aconteceria no ano de 2003. Na ocasião, a comissão solicitou que os técnicos explicassem como seria o processo de registro de um bem como um patrimônio cultural brasileiro. Após a comissão manifestar a vontade de realizar o registro de tal festividade, foi proposta pelos técnicos do IPHAN a produção de um Inventário das Referências Culturais do Marajó como um primeiro passo desse processo. A área observada para o registro foi o arquipélago do Marajó, envolvendo

as três micro-regiões que o compõem – do Arari, do Furo de Breves e de Portel (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2010a).

Trata-se de uma festa realizada entre os dias 10 e 20 de janeiro em devoção a São Sebastião. A festividade em sua homenagem é um momento de devoção em agradecimento aos milagres e graças alcançados com a interseção do santo. É considerado um santo muito poderoso, protetor e advogado, tendo associadas à sua imagem as virtudes de um guerreiro.

Uma das características fundamentais da religiosidade amazônica e particularmente a marajoara é o aspecto festivo em torno da devoção aos santos e santas do catolicismo popular. Geralmente a devoção ao santo envolve uma série de atividades que, num ciclo que se repete todos os anos, pouco se diferencia dos festejos de um santo ou santa para outro (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2010a, p. 74).

As festividades possuem alguns aspectos comuns todos os anos: um período preparatório chamado de “esmolação” que “*consiste na peregrinação de um pequeno grupo de devotos, denominados ‘foliões’, pelas regiões ao redor do local da festividade coletando donativos para o santo*” (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2010a, p. 49, grifo nosso). Já seu início é marcado com uma alvorada e missa de abertura e a elevação do mastro,

Ao longo do período da festividade podem ocorrer ladainhas à noite, com festas dançantes no Barracão ou Pavilhão do Santo ou Santa, um arraial cheio de barraquinhas de comidas e bebidas, brinquedos e barraquinhas de vendas de confecções e miudezas em geral. Esse arraial normalmente é montado ao redor da Igreja, na Praça Matriz e ruas dos arredores (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2010a, p. 50).

Para que a festa fosse registrada, o Dossiê apresenta como argumento que esses “*festejos de santo são importantes ícones de identidade em todo Brasil e particularmente nessa parte da Amazônia Brasileira, por todo seu processo de constituição elas são estruturantes da vida cotidiana das pessoas que os vivenciam*” (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2010a, p. 116). O dossiê aponta ainda que trata-se de:

Uma possibilidade de reforço do social/cultural e possibilidade de contemplação de muitos grupos sociais por políticas públicas que, além de reforçar e assegurar os meios de reprodução cultural, pode estar vinculado a atividades geradoras de renda e profissionalização. Como grupos formadores da sociedade brasileira, são, portanto, partes legítimas para terem seu patrimônio reconhecido como nacional (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2010a, p. 116).

No ano de 2015, foi registrado no livro de Celebrações do IPHAN a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha (processo nº 01450.008635/2010-08). Desde o início dos anos 2000, a Superintendência do IPHAN no Ceará desenvolveu o Projeto Cariri que

Consistia na elaboração de inventários, utilizando-se da metodologia do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), de alguns bens culturais localizados na região do Cariri – dentre eles a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, em Barbalha (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2015, p. 8-9).

Este projeto teve duração aproximada de 2001 a 2008. No ano de 2011, o IPHAN-CE concluiu a realização do inventário sobre a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha possibilitando uma construção de importantes considerações e referências acerca dos variados momentos em que consiste essa manifestação.

A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio, assim como outras manifestações, é um emaranhado de vozes que partem de lugares de fala, por vezes, bastante distintos. É óbvio que nossa compreensão sobre a Festa não se restringe às relações entre os participantes ligados às manifestações e ritualizações consideradas centrais, tais como o corte, carregamento, hasteamento, missas e trezena; a festa, de forma ampla, é um complexo interdependente que, decerto, se modela e remodela em conformidade à atuação de indivíduos e grupos sociais, os quais, de algum modo, estão envolvidos com sua ritualização, produção, divulgação, financiamento e organização (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2015, p. 9).

Esta é uma celebração que, desde o ano de 1928, antecede os festejos do dia de Santo Antônio de Pádua, tendo início 13 dias antes do dia que o homenageia (13 de junho) para a realização da Trezena, ciclo de orações no qual a imagem do santo peregrina por diversas casas durante os 13 dias que separam o dia 31 de maio e do dia de Santo Antônio.

Trata-se de uma grande celebração que acompanha a versão local do costume de erguer, em frente à Igreja Matriz da cidade, um tronco de grande porte para receber a bandeira do santo padroeiro da cidade. A data central da Festa é o domingo mais próximo de 31 de maio, dia do carregamento e hasteamento do pau da bandeira (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, c2014a).

Este é um evento em que diversos segmentos sociais locais se envolvem. É notório, no entanto, que existe um protagonismo dos Carregadores do Pau, visto que o carregamento é um



dos momentos mais esperados da festa. Neste dia toda a cidade se mobiliza, sendo as ruas ocupadas por grupos locais de folguedos populares e de devotos.

O percurso do carregamento, de aproximadamente seis quilômetros, parte da zona rural da cidade em direção à rua onde se localiza a Igreja Matriz. Os esforços empreendidos pelos carregadores, que já demonstram feições de cansaço e de dor, quando da proximidade da referida Igreja, são acompanhados com certa aflição pelos expectadores, que aplaudindo e gritando tentam impulsionar o ato de fé e penitência em pleno curso (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, 2015, p. 78-79).

O processo de registro desde o início da produção do inventário foi longo, mas considero este um dos processos de registro do IPHAN mais significativos, sobretudo no que se relaciona ao objeto desta Tese, o que nos aponta que no percurso da valorização das festas de santos no país, sobretudo no que se refere a meios oficiais, como é o caso do IPHAN, uma comemoração em homenagem à Santo Antônio conquistou relevante espaço neste cenário com a efetivação de seu registro como patrimônio imaterial no livro de celebrações.

Em data mais recente, no ano de 2016, aconteceu o último registro de uma festa de santo até a presente data. Trata-se do registro da Romaria de Carros de Bois da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade, em Goiás. O reconhecimento como patrimônio cultural é tão recente que o IPHAN ainda não disponibilizou em seu site os documentos pertinentes a esta festividade, tais como o dossiê, fundamental para a exposição dos dados e dos passos da pesquisa para a realização do registro.

Estabelecerei então brevemente alguns aspectos desta comemoração a partir das informações disponibilizadas no site do IPHAN<sup>24</sup> e a dissertação de mestrado de João Otávio Martins (2001) apresentada ao Programa de Mestrado em Ciência da Religião da Universidade Católica de Goiás intitulada “Os Peregrinos do Divino Pai Eterno os Carreiros e a Reprodução Social da Traição”. Em sua dissertação, Martins (2001) propõe uma análise sobre a peregrinação ao Santuário do Divino Pai Eterno.

Trata-se de uma Romaria em que saem devotos de diversas cidades de Goiás e estados próximos do Nordeste e Sudeste até a cidade de Trindade. A tradição desta romaria está em percorrer o trajeto em carros de bois.

As romarias de carros de bois, embora fazendo parte de uma tradição de pais para filhos e terem uma semelhança no estilo e na organização diferenciam-se

---

<sup>24</sup> Ver mais em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1331/>.

pela especificidade de cada lugar, cultura, religiosidade e trabalho (MARTINS, 2001, p. 18).

A preparação para as romarias consiste na realização de diversas atividades, tais como:

Reparos eventuais nos carros de bois, preparação dos mantimentos que serão consumidos, ofertados ou vendidos durante o trajeto, entre outros. Essas atividades são executadas por homens e mulheres de acordo com suas práticas no cotidiano da vida rural. Os carros de bois eram, antigamente, o principal meio de transporte das famílias das zonas rurais, em suas viagens de longas distâncias (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, c2014b).

De acordo com Martins (2001), ao chegarem à Trindade e atravessarem o centro da cidade, os carros de bois param em frente ao Santuário Velho<sup>25</sup>, tombado em 2013 pelo IPHAN, e recebem uma folha de papel numerada, constando o nome do proprietário. A Praça da Matriz fica repleta de devotos e a Prefeitura com seus agentes participa da celebração de maneira institucional e oficial. O desfile dos carros pela cidade é um dos momentos mais esperados:

A praça da matriz transformou-se num verdadeiro espetáculo. Enquanto passavam os carreiros com suas características mais típicas, uma multidão incontável os aplaudia. As autoridades políticas e religiosas esperavam com festa aqueles que estavam escondidos tornando-os públicos. Ao lado celebravam a novena com a igreja repleta de romeiros que chegavam de todos os lados (MARTINS, 2001, p. 55-56).

Nesta celebração, os romeiros são movidos por um ideal de devoção, peregrinação e fé. Após a romaria e até mesmo penitência para alguns, acontece o desfile, missa e comemorações dessa festa de santo.

Fora do âmbito dos registros do IPHAN, diversas leis em âmbito municipais, estaduais e federal foram criadas como forma de reconhecimento das festas em celebração aos santos católicos. Neste sentido, abordaremos aqui as leis que se referem ao estado do Rio de Janeiro e cidades de Duque de Caxias e Rio de Janeiro.

No que se refere ao estado do Rio de Janeiro foi em 2008 que a Lei nº 5.198 promulgada pelo governador e determinou que o dia 23 de abril, considerado dia de São Jorge seria também

---

<sup>25</sup> “O crescente fluxo de romeiros justificou a construção de uma nova igreja e, em 1911, um dia após a festa, as obras foram iniciadas e a reinauguração ocorreu no ano seguinte, durante a Romaria dos Carros de Bois da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade. Conhecido como Santuário Velho, a igreja foi tombada pelo Iphan em 2013. Desde a chegada dos colonizadores, a ocupação do interior do País surgiu ao redor das igrejas, onde pessoas simples amparadas em sua fé e movidas por um ideal comum instalaram-se em uma porção de terra e sacralizaram o que então era um lugar como tantos outros” (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL, c2014c).

feriado. A data já era considerada feriado no município do Rio de Janeiro desde o dia 13 de novembro de 2001 e foi revogada quando este passou a ser um feriado estadual. As festas em homenagem à São Jorge acontecem em diversos locais do estado: arredores de igrejas, espaços de escolas de samba, ruas, praças entre outros locais.

Uma das principais festas em homenagem ao Santo acontece no bairro de Quintino Bocaiúva, na cidade do Rio de Janeiro. A pesquisadora Bianca Arruda desenvolveu sua dissertação de Mestrado realizando uma pesquisa etnográfica nas celebrações que acontecem na Paróquia de São Jorge do bairro. Em sua pesquisa, Arruda (2008) destaca que se trata de uma festa com amplo apelo midiático, sobretudo pela sua grandiosidade e tradição, tendo como destaque pelos meios de comunicação as comemorações que acontecem nos arredores de igrejas católicas. A festa em homenagem a São Jorge é uma das mais populares da igreja católica e também do candomblé, o que apresenta significativas rupturas e encontros em meio a diversas práticas realizadas nesta comemoração, conforme destaca Arruda:

A participação na Missa da Alvorada, a compra de “fitinhas” para benzer e distribuir entre amigos e parentes, a feitura de feijoada, a compra de cerveja, a doação de camisas com a imagem do santo, a queima de fogos, o uso de guias e medalhas, e as saudações “Salve!” e “Viva!” São Jorge, são também modos de particularizar as relações com o santo de devoção e de evocar e conformar práticas votivas consideradas razoáveis para celebrá-lo (ARRUDA, 2008, p. 87, grifos do autor).

No âmbito municipal nos interessa destacar as datas comemorativas aos santos no Rio de Janeiro e Duque de Caxias. Na capital do estado são dois os feriados religiosos: o dia de 20 de janeiro, dia de São Sebastião e dia de São Jorge que, conforme ressaltado anteriormente, se tornou um feriado estadual.

As festas em devoção a São Sebastião também são muito populares e ocorrem em diversos bairros. Uma pesquisa que podemos destacar foi desenvolvida pelo pesquisador Bartolomeu Tito Figueirôa de Medeiros que observou duas procissões em honra a São Sebastião do Rio de Janeiro: uma realizada no largo do Russel, no bairro da Glória e na Rua Haddock Lobo, no bairro da Tijuca.

Tomamos como referencial etnográfico a Festa de São Sebastião no Rio de Janeiro, Patrono da cidade por vontade mesma do seu fundador, Estácio de Sá, que dedicou a povoação ao Santo militar e mártir. Observamos os rituais católicos oficiais, promovidos pelas paróquias, pelos frades capuchinhos (guardiões da imagem do Santo que pertenceu a Estácio de Sá, dos restos mortais do conquistador português e do marco fundador do Rio desde o século XIX com a chegada dos mesmos ao Rio, vindos da Itália por iniciativa do

Marquês de Olinda, último Regente do Império na minoridade de Pedro II) e pela própria Arquidiocese do Rio de Janeiro, que preside as homenagens oficiais ao Santo Padroeiro. Deste modo, buscamos analisar os eventos, as práticas, os comportamentos individuais e coletivos, bem como as reações da multidão que adere às comemorações, acotovelando-se nas igrejas e na procissão que homenageia o Padroeiro, além dos conteúdos simbólicos que norteiam os fiéis devotos do Santo (MEDEIROS, 2008).

Em Duque de Caxias destaca-se o feriado em homenagem ao Santo Antônio que é considerado padroeiro da cidade. O santo é comemorado em uma festa que acontece durante 5 dias e a cada ano que passa conquista um público maior. De acordo com a Defesa Civil do município, no ano de 2014 e 2015 a festa contou com cerca de 250 mil pessoas que circularam pelos eventos que aconteciam durante todo o dia.

A celebração se inicia com uma trezena ao santo e, assim como outras comemorações religiosas, tem como seu momento mais importante a procissão, onde os fiéis rezam e tocam a imagem, fazendo pedidos, agradecimentos e pagando suas promessas.

Uma pesquisadora que vem se destacando no campo de estudos das “festas populares” tem sido a antropóloga Renata Menezes. Seus estudos abarcam festas que ocorrem em bairros da cidade do Rio de Janeiro, como a Festa da Penha, no bairro da Penha, subúrbio carioca. Na festividade que acontece durante o mês de outubro até a primeira semana de novembro, milhares de fiéis comparecem ao Santuário Mariano<sup>26</sup> de Nossa Senhora da Penha para celebrar a Santa.

É uma festa de grande importância por sua grandiosidade e seu caráter turístico, tendo se convertido em objeto de estudos de pesquisadores e folcloristas, além de estar presente em diversos calendários institucionais e oficiais no que se refere às celebrações religiosas no estado do Rio de Janeiro.

Um sinal da importância atribuída à festa está na sua presença em diversos calendários institucionais - onde aparece registrada enquanto o evento significativo do mês de outubro -, como no calendário religioso da Arquidiocese do Rio de Janeiro, no calendário de eventos divulgado pela TURISRIO - Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro; ou em calendários de festas tradicionais do Estado do Rio de Janeiro, como os produzidos pela Divisão do Folclore do INEPAC - Instituto Estadual de Patrimônio Cultural. O mesmo acontece nos calendários municipais. Assim, podemos constatar através dessas inserções variadas que a Festa da Penha é classificada como um evento simultaneamente religiosos, turístico e tradicional do estado e da cidade do Rio de Janeiro (MENEZES, 1996, p. 13).

---

<sup>26</sup> De acordo com Menezes, Santuário Mariano significa “ser um lugar especial para o culto a Maria” (MENEZES, 1996, p. 21).

O culto a Nossa Senhora da Penha, assim como outras festas de santos, tem indícios de sua origem em Portugal. Seu início teria se propagado através da influência Antônio Simões, um entalhador preso pelos muçulmanos após a derrota portuguesa na Batalha de Alcácer Quibir, na segunda metade do século XVI, após prometer esculpir sete imagens caso conseguisse fugir, o que teria acontecido. Mas a força em território português teria acontecido durante o surto da peste negra. O Senado teria prometido à Santa fazer uma procissão anual caso detivesse a doença. Como a peste cessou em 1558, no ano de 1559 teria acontecido a primeira procissão em sua homenagem (MENEZES, 1996).

Já no Brasil, o culto à Santa teria se iniciado em quatro cidades diferentes:

No Espírito Santo (em 1566 a ermida; em 1570 o templo), no Rio de Janeiro (em 1635), no Recife (1656) e em São Paulo (em data anterior a 1667), posteriormente propagando-se para outros lugares. É interessante notar que o templo do Espírito Santo foi criado ainda no século XVI, mais de meio século antes dos outros, sendo mesmo anterior ao templo de Portugal. Tal fato poderia ser atribuído à origem espanhola de seu fundador, pois o culto de Nossa Senhora da Penha teria se propagado quase um século antes na Espanha, para depois atingir Portugal (MENEZES, 1996, p. 31).

A festa que acontece no bairro da Penha é tradicional entre os moradores, além de atrair diversos turistas. O Santuário Mariano localizado no alto do bairro é considerado um ponto turístico da cidade. Apesar da sua localização privilegiado, sendo possível visualizá-lo de diversos pontos da cidade<sup>27</sup>, a violência e os intensos tiroteios assustam os visitantes. Ainda assim, é uma festividade que movimenta o bairro, atraindo a população local, peregrinos e turistas.

Ainda seguindo no contexto das festas de santos, destaco as festividades em homenagem a Santo Antônio. Menezes (2004) tem um dos trabalhos mais importantes sobre o tema atualmente com a pesquisa sobre o cotidiano e sociabilidade em um santuário católico, tendo como objeto de pesquisa o Convento de Santo Antônio, na cidade do Rio de Janeiro.

O convento está situado no Largo da Carioca, no centro do Rio, Rua da Carioca e a Avenida República do Chile. Trata-se uma casa de religiosos masculinos, pertencentes à Ordem dos Frades Menores Franciscanos, datada do início do século XVIII, cuja a igreja, também dedicada a Santo Antônio, é aberta diariamente ao atendimento do público. Uma vez por semana, às terças-feiras, a presença dos visitantes aumenta, e cerca de cinco mil pessoas aí comparecem, principalmente para tomar a benção de Santo Antônio (MENEZES, 2004, p. 9).

<sup>27</sup> Inclusive é o primeiro ponto turístico da cidade do Rio de Janeiro que os viajantes conseguem visualizar ao aterrissar no Aeroporto Antônio Carlos Jobim. O Santuário Mariano pode ser visto da Linha Vermelha.

O trabalho apresenta a importância do culto à Santo Antônio na cidade do Rio de Janeiro, sobretudo no que se refere ao convento em questão. Trata-se de um dos santos mais populares da Igreja Católica, que atrai muitos fiéis, peregrinos e curiosos, sobretudo em virtude dos milagres e mitos que cercam a sua trajetória, como veremos a seguir.

Como outras festividades em homenagem aos santos, a Festa de Santo Antônio tem lugar em diversos bairros da cidade do Rio de Janeiro e em outros municípios, os quais é padroeiro, como é o caso de Duque de Caxias.

A Festa de Santo Antônio na cidade de Duque de Caxias é o foco de análise deste trabalho. A grandiosidade da festa que acontece no município da Baixada Fluminense é algo que se destaca em meio a um cenário complexo de relações que envolvem a cidade, conforme já visto anteriormente.

As festas de santos fazem parte do cenário nacional há muitos anos. Mesmo com pesquisas que apontam para uma redução do quantitativo de pessoas que se declaram católicas, as festas se mantêm firmes e muitas são cada vez maiores e mais organizadas. Nossa suposição para o sucesso e a longevidade destas festas, relaciona-se ao fato observado em nossa pesquisa de que além do caráter religioso, as festas de santos são pontos de encontros e rupturas entre pessoas de diversos grupos sociais e religiões que frequentam algumas festividades com motivos que estão além do religioso em si.

Podemos perceber através das pesquisas sobre “festas de santos”, que muitas delas possuem características bastante parecidas, inclusive em possíveis representatividades entre o que seria o sagrado e o profano. Do lado sagrado estão as novenas, trezenas, procissões, romarias, promessas, missas e tudo o que for referente ao culto religioso. Ao se tratar do lado profano, estão a culinária, a bebida, músicas que não sejam religiosas, os encontros de pessoas que participam das festas com fins que não sejam religiosos. Um lado muito mais representado pela diversão do que pela fé.

O crescimento e importância destas festividades podem ter múltiplos significados, seja pelos "registros" como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil no IPHAN, seja por estarem estabelecidas em calendários oficiais no país, em estados e municípios, seja por reconhecimento local ou até pela valorização por meio de pesquisas acadêmicas.

### 3.2 A TRAJETÓRIA DO PRIMEIRO SANTO PORTUGUÊS

Santo Antônio é de Lisboa,  
Lá de Pádua é que não é,

Porém seu nome ressoa

Por todo o mundo da fé

– Antônio Arriscado Nunes, poeta português.

O culto aos santos é uma prática de devoção característico do catolicismo. Um dos santos mais populares e mais comemorados do mundo é Santo Antônio. São muitas as narrativas sobre sua vida, seus milagres, suas pregações. Em torno de Santo Antonio, situam-se formas de culto das mais diferentes, o que exploraremos a seguir. As referências sobre sua vida foram construídas inicialmente de forma hagiográfica, ou seja, valorizando a experiência e visando enaltecer suas qualidades e virtudes heroicas, com destaque para seus milagres.

Trata-se de um culto constituído de, ao menos, duas dimensões. Uma delas é a dimensão hagiográfica, de preservação da memória desses santos, a qual tem uma função de exemplaridade quanto à perseverança na fé para o conjunto dos cristãos. Mas também possui uma outra dimensão, mais pragmática, de apelo à sua intercessão junto à divindade em favor das demandas daqueles que os veneram (MENEZES, 1996, p. 23).

De acordo com Santos e Duarte:

A hagiografia medieval se constituiu como meio de elaboração e preservação da memória de santos e santas católicos. Escritas segundo um padrão narrativo que atendia à normatividade do que era ser santo ou santa para a Igreja Católica, a narrativa hagiográfica pode ser tomada como expressão de deveres de memória: a) da Igreja em relação aos santos e santas, pois eram a garantia que seus exemplos de vida não seriam esquecidos, aliás seriam imitados e, portanto, perpetuados; b) da comunidade de fiéis em relação a santos e santas, pois o acesso às histórias de vidas santificadas, impunha aos fiéis, modelos de comportamento que deveriam reger suas vidas; e, c) da comunidade de fiéis em relação à Igreja, pois a hagiografia era, também, uma narrativa que adequava a vida do santo ou santa às normas e regras eclesiais, sendo assim, uma forma de educar o povo no catolicismo (SANTOS; DUARTE, 2010, p. 1).

Estas narrativas de “vidas de santos e santas”, muito popular na Europa medieval, chegou ao Brasil a partir da colonização instituindo formas de cultos. O culto a alguns santos, como Santo Antônio, foi especialmente difundido sobretudo no interior do país, tomando feições próprias em cada localidade. Santos e Duarte assinalam que:

Se por um lado tais cultos respondem às normativas da própria Igreja Católica, pois alicerçam a sua existência, por outro expressam, considerando um tempo longo, uma forma particular de apropriação destes cultos que, para além de sistematizarem modelos de vidas e virtudes a serem seguidas, tornam-se

esteios de uma cultura do interior do Brasil, marcada por costumes locais tais como as chamadas "festas de santo" (SANTOS; DUARTE, 2010, p. 2, grifo dos autores).

O culto aos santos e santas já perdura no Brasil por vários séculos expressando um exercício de memória na longa duração. Enquanto fenômeno de memória, este culto expressa com nitidez o que Halbwachs (2006) conceituou como “memória coletiva”. Em sua concepção, os indivíduos pertencem a determinados grupos e tomam consciência de uma representação coletiva. Para o autor, o indivíduo migra constantemente de grupos, experimentando suas influências, ideias e maneiras de pensar. Por compartilhá-las, nunca estaria sozinho, permanecendo atrelado a essas pessoas e ao grupo em que pertencem. Assim, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, ou seja, seria uma “intuição sensível” do indivíduo que capta, através da consciência, as diferentes correntes sociais e as interioriza. Deste modo, cultuar santos e santas passou a expressar uma forma coletiva de afirmação de grupos sociais à tradição católica. Se pensarmos no que explicitou Marcel Mauss sobre a teoria da reciprocidade<sup>28</sup>, este culto vem também celebrando uma forma de pertencimento a uma comunidade de fiéis, onde

A devoção implica que a memória do santo ou santa será reverenciada, porém, um e outro, terão que responder a essa reverência, afirmada e confirmada pelo grupo social ao qual se pertence. Nesse sentido, a memória do santo ou santa os impõe como exemplos de vida a serem seguidos e, portanto, todos devem conhecer a sua vida, seus milagres, a sua pertença a uma fé que exige, muitas vezes, sacrifício, renúncia e mil provações (SANTOS; DUARTE, 2010, p. 2).

Assim, a hagiografia se instituiu como “uma escrita de memória que responde às necessidades de institucionalização do culto aos santos e santas ao longo da história do catolicismo” (SANTOS; DUARTE, 2010, p. 2). E esta escrita foi tomando diferentes colorações dependendo dos contextos de recepção e apropriação. Alguns autores assinalam, como no caso de Santo Antônio, a hagiografia como escrita de memória que veio acompanhada de práticas criativas e prosaicas. Em pesquisa sobre comunidades rurais, no interior de Goiás, Santos e Duarte (2010), identificaram que o fato de ter sido apropriado como “santo casamenteiro” articulou-se com enorme sucesso num “modelo patriarcal de família”, no qual o casamento consistia numa obrigação para as moças que deviam se enquadrar no padrão socialmente estabelecido para as mulheres: filha, esposa, mãe, sucessivamente. Romper essa norma social

---

<sup>28</sup> Ver: GODELIER, Maurice. *O enigma do dom*. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.



significava, para essas mulheres, ser relegada à condição de “tia solteirona”, o que implicava em segregação e marginalização no grupo. Ora, tal imagem de “solteirice” era abominada pelas moças e, no intuito de fugir dela, o culto a Santo Antônio tornou-se um dos mais interessantes a ser problematizado, pois referendava não a lembrança da vida do santo, seus milagres e méritos, mas antes, ações e ritos com a sua estátua, muitas vezes, cômicas, que visavam obrigá-lo a atender ao desejo da devota, ou seja, providenciar-lhe um noivo.

Muito difundidas até pouco tempo atrás, práticas como cozinhar a imagem do santo ou pendurá-lo de cabeça para baixo, subtrair-lhe a imagem do menino Jesus, mantê-lo sem cabeça ou mesmo imerso na água do poço artesiano, enfim ‘de castigo’ até que cumprisse com sua ‘santa’ obrigação, configuram ações que não são apenas sessões de tortura ao santo, mas sim uma apropriação utilitária da relação com a santidade. Aqui não é uma oferenda, mas um castigo corporal que se dá ao santo. Ele é, pois, humanizado e trazido para perto das pessoas, ainda que se mantenha a propagação do seu culto e a perpetuação de sua memória, pois o milagre buscado, o casamento, vindo a acontecer, causa tanta alegria que muitas vezes significa, aí sim, fazer algum tipo de oferenda ou homenagem ao santo (SANTOS; DUARTE, 2010, p. 2).

A hagiografia, como escrita de memória, criada com o objetivo de difundir e cultuar a vida de santos e santas para normatizar os fiéis numa tradição católica, vai se alargar com apropriações criativas e diálogos com diferentes modelos de sociedades ao longo do tempo.

Deste modo, convém frisar que a hagiografia é um “lugar de memória”<sup>29</sup> por excelência na medida em que mantém viva, atual e permanente a presença de um “santo” ou uma “santa” com o objetivo de constituir modelos inspiradores para a prática da fé católica. O trabalho de memória, necessário para preservar do esquecimento, de centenas de vidas de santos e santas vem exigindo ações concatenadas, dirigidas e operacionalizadas por agentes religiosos a partir de uma hierarquia de valores, princípios e metas que vão sendo estabelecidas desde o período medieval alcançando nossos dias.

Um dos pontos centrais é a definição de “santo”. Como se elege um “santo”? Por meio de que procedimentos, uma vida terrena é alçada pela cúpula da igreja católica como uma vida santificada? Sabemos que este processo envolve as chamadas “beatificações” - um processo de atribuição de valor sagrado a um indivíduo por sua devoção, seus feitos e, sobretudo, pela

---

<sup>29</sup> Pierre Nora (1993) estabelece diversas relações acerca da Memória e História em que destaca que a Memória é encarregada por grupos vivos, pela dialética da lembrança, um fenômeno atual e afetivo. Neste sentido, destaca a necessidade dos lugares de memórias que seriam suportes da memória em três sentidos – material, simbólico e funcional – que abarcariam tanto aspectos físicos de suporte, tais como objetos arquivos e museus, bem como aspectos imateriais, tais como rituais e festas.

atribuição de “milagres” ou feitos sobrenaturais onde o sagrado estaria se manifestando com especial ênfase.

Sofia Gajano (2006) em ensaio sobre o tema da “santidade” entende que este é um fenômeno amplo e com múltiplas dimensões que se constituiu no Ocidente Medieval:

A santidade no Ocidente Medieval constituiu um fenômeno considerável, de múltiplas dimensões: fenômeno espiritual, ela é expressão da busca do divino; fenômeno teológico, ela é a manifestação de Deus no mundo; fenômeno religioso, ela é um momento privilegiado da relação com o sobrenatural; fenômeno social, ela é o fator de coesão e de identificação dos grupos e das comunidades; fenômeno institucional, ela está no fundamento das estruturas eclesiais e monásticas; fenômeno político enfim, ela é um ponto de interferência ou de coincidência da religião e do poder. Pode-se, conseqüentemente, considerar a santidade o lugar de uma mediação bem sucedida entre o natural e o sobrenatural, o material e o espiritual, o mal e o bem, a morte e a vida (GAJANO, 2006, p. 449).

A importância adquirida pela figura dos santos e das santas tem sido de tal ordem no contexto da tradição católica que se impôs um “trabalho de memória” permanente vinculado a estas figuras simbólicas. A hagiografia “como escrita de memória” passou a ser o carro-chefe deste “trabalho de memória” associado a todo um arsenal de “provas” ou “testemunhos” dos feitos dos santos e das santas, como o culto das relíquias. No caso específico de Santo Antônio convém lembrar que na cidade de Pádua, onde viveu parte de sua vida, encontra-se armazenada e em exposição permanente a “língua” do santo, que teria permanecido intacta e incorruptível devido aos seus dons milagrosos. A “língua” de Santo Antônio tem sido ritualmente visitada por fiéis que se aglomeram em filas enormes almejando entrar em contato com o santo por meio de um fragmento aurático de sua pessoa<sup>30</sup>.

Santos e Duarte (2010) apontam que a hagiografia como “escrita de memória” sinaliza um triplo movimento de “dever de memória”: o primeiro movimento tem como protagonista a instituição da Igreja Católica que busca normatizar a escrita hagiográfica de seus santos e suas santas; o segundo movimento tem como protagonista a comunidade de fiéis que deve alimentar a devoção para com o santo ou a santa – “a devoção ao santo ou santa implica não apenas em celebrar o seu culto, perpetuando sua memória em rituais e festas, mas tê-lo como modelo de vida e possibilidade de socorro nas aflições”; o terceiro movimento significa a necessária

---

<sup>30</sup> Pomian (1984), ao tratar sobre os significados que os objetos podem adquirir, aponta que uma das maneiras de se aproximar aos santos seriam as relíquias. Foi justamente com o Cristianismo e o culto aos santos que estes objetos tiveram seu apogeu e seriam objetos que teriam significados sagrados caso tivesse tido algum contato com um personagem da história sagrada. Uma relíquia seria capaz de santificar o local onde se encontra da mesma maneira que a presença do próprio santo.

difusão das hagiografias que a partir da Idade Média significou a escrita das vidas nas línguas faladas pela maioria da população, em contraste com o Latim que era usado pela Igreja Católica (SANTOS; DUARTE, 2010).

No caso do culto a Santo Antônio, há algumas singularidades que são encontradas apenas na tradição deste santo. A hagiografia cristã construiu um modelo de vida deste santo que, entretanto, foi apropriado de forma muito criativa pelas camadas populares. Como assinalaram Santos e Duarte (2010), inicialmente a imagem de Santo Antônio foi construída como um pregador e um taumaturgo. Entretanto, ele foi apropriado como “santo casamenteiro” levando a que práticas criativas fossem disseminadas sem qualquer controle maior do poder episcopal, conforme assinalado anteriormente.

A trajetória de Santo Antônio é repleta de divergências, possivelmente motivados pela ausência de fontes primárias e de rigor das literaturas religiosas ao contar a sua história. Essas fontes tem uma preocupação maior em valorizar as qualidades do santo, justificando os motivos os quais ele seria um exemplo de virtude e santidade a ser seguido.

A primeira divergência com relação à trajetória do santo, se inicia com a data de seu nascimento que varia de acordo com as referências pesquisadas. A data oficial de seu nascimento seria 15 de agosto de 1195, conforme apontam algumas referências<sup>31</sup>. No entanto, o “Guia do Museu de Lisboa – Santo Antônio” (2016) que é uma publicação mais recente, apresenta uma cronologia sobre a vida do santo e explica que a data de seu nascimento foi alterada para 1191 após a exumação de seu corpo no ano de 1981 (PEREIRA; GOMES, 2016).

Seu local de nascimento abriga hoje a igreja de “Santo Antônio de Lisboa” e conserva dois relicários com partes de seus ossos: uma que é a maior que está na capela-mor ao lado do sacrário com uma parte do osso do braço esquerdo do Santo Antônio e na cripta está uma outra relíquia que é uma parte do osso do maxilar inferior do Santo Antônio. Sua cripta, que seria o quarto em que nasceu, recebe diariamente centenas de fiéis, afinal, é um dos mais importantes pontos turísticos da cidade de Lisboa, visto que Santo Antônio foi o primeiro português a ser santificado e reconhecido internacionalmente. Este é, inclusive, o primeiro motivo destacado por Martins (1983) que o faz afirmar que se trata do maior santo da hagiografia católica, mas este fato será debatido adiante.

Era o primogênito de uma família burguesa, o pai, Martinho de Bulhões era cavaleiro e a mãe, Maria Teresa Taveira (KRUS; CALDEIRA, 1994), descendia igualmente de uma família importante (GAMBOSO, 1996). O nome de batismo também tem divergências: Fernando

---

<sup>31</sup> Ver: Martins (1983); Krus e Caldeira (1994); Gamboso (1996); Lopes (2014).

Martins (filho de Martinho) ou Fernando Bulhões. Caeiro (1995), Gamboso (1996) e Rema (2016) tratam o santo por Fernando Martins. Algumas referências, de cunho religioso sequer citam seu sobrenome ou fazem alguma discussão. Essa divergência em seu nome aparece e de certa maneira é explicada em Lopes ([2014?]), um padre franciscano, escritor e pesquisador nascido em 1902.

O apelido Bolhão com que Fr. Marcos de Lisboa o completou, também tem todos os visos de estar certo. Fr. Marcos, tão metuculoso em bem averiguar, dentro das possibilidades do tempo, tudo quanto deixou escrito, nascido e criado em Lisboa conheceu e tratou a família dos Bolhões então com capela ali na igreja de S. Mamede, com morgadio, e o nome consagrado na toponímia dos arredores da Catedral; e além disso, portadora de uma firme tradição de que nela, na sua ascendência, havia nascido Santo Antônio. E da nobreza dos Bolhões seus contemporâneos, partiu a firmar que os pais do Santo eram ambos de nobre sangue e não de menor nobreza e virtudes (LOPES, [2014?], p. 25).

Ainda sobre a divergência com relação ao nome de Santo Antônio, Rema (2016) aponta que Bulhão, ou Bulhões, seria um apelido concedido pelo rei português D. Afonso V quando o elevou à nobreza em 6 de junho de 1476, anos após a sua morte.

No que se refere à sua trajetória, sobretudo com relação aos seus estudos, as informações fornecidas pelas fontes se complementam, sobretudo Krus e Caldeira (1994) e Caeiro (1995), sobretudo este último por se tratar de uma pesquisa acadêmica em que, além de ressaltar as virtudes do santo também se preocupou com a narrativa e as fontes de pesquisa. Por volta dos sete anos começou a frequentar a escola anexa à Catedral Santa Maria de Lisboa, iniciando seus estudos eclesiásticos<sup>32</sup>. De acordo com Krus e Caldeira (1994), foi nesta Catedral que Fernando aprendeu

As técnicas e os saberes próprios dos clérigos: a leitura, a escrita, o cômputo, a Gramática, a Lógica, a Retórica e, talvez, um pouco de Música. Ou seja, os conhecimentos necessários à compreensão, explicação e transmissão dos textos divinos, já que o ensino ministrado na escola da catedral se fazia a partir da leitura e comentário das Sagradas Escrituras, destinando-se, prioritariamente, a educar e a treinar os futuros guardiões da fé e da ortodoxia cristã (KRUS; CALDEIRA, 1994, p. 14).

Ainda sobre a iniciação de Fernando Martins na carreira eclesiástica, é significativo complementar o que foi destacado por Krus e Caldeira (1994), conforme ressalta Caeiro (1995)

---

<sup>32</sup> Ver: Menezes (2004, p. 149); e Krus e Caldeira (1994, p. 14).

em sua pesquisa que apresenta o que está exposto na *Legenda Prima*<sup>33</sup>. De acordo com o autor, na catedral, “o aluno Fernando aprendeu na escola episcopal de Lisboa a ler e a escrever, ali havendo recebido uma instrução religiosa bastante completa, como aliás era o desejo dos pais quando o confiaram aos Cónegos da Sé e conforme se diz na *Legenda Prima*” (CAEIRO, 1995, p. 14).

A formação de Fernanda teve sequência em 1209, quando tinha por volta de 15 anos de idade, e ingressou no Mosteiro de São Vicente de Fora, que era um cenóbio, ou seja, um local habitado por religiosos, localizado no exterior das muralhas da cidade de Lisboa.

De acordo com Lopes ([2014]?), este mosteiro foi fundado pelo rei D. Afonso Henriques em cumprimento a uma promessa feita no ano de 1147 durante um conflito entre Cruzados da Baixa Alemanha, Flandres e Inglaterra e portugueses. Em sua promessa, caso Deus lhe entregasse a cidade, construiria duas igrejas nos locais onde os Cruzados enterravam os combatentes que morriam nas batalhas. D. Afonso Henriques então cumpriu a promessa e levantou as duas igrejas: Santa Maria dos Mártires, que teria sido construída no cemitério dos inglesas e normandos, e São Vicente de Fora, que teria sido construída no cemitério dos alemães e flamengos (LOPES, [2014]?).

Sobre a construção do Mosteiro de São Vicente de Fora, Krus e Caldeira (1994) complementam de alguma forma o afirmado por Lopes ([2014]?):

Construído sobre a sepultura do cavaleiro Henrique, um cruzado germânico que morrera com fama de santidade durante a conquista de 1147, S. Vicente de Fora regia-se pelos usos dos cónegos regrantes de Santo Agostinho, uma regra que procurava aliar os princípios da penitência, meditação e contemplação com os da pastoral e intervenção urbanas (KRUS; CALDEIRA, 1994, p. 18).

Foi então no Mosteiro de São Vicente de Fora que Fernando tomou o hábito de Cónego Regrante de Santo Agostinho<sup>34</sup> estabeleceu contato com “*mestres particularmente empenhados na defesa do militarismo cristão contra os muçulmanos*” (KRUS; CALDEIRA, 1994, p. 18, grifo nosso), em um ambiente de recolhimento e de estudos.

Articulando a vida de clausura com a aquisição de saberes e procedimentos destinados às tarefas de evangelização urbana, entregou-se ao estudo dos textos bíblicos e patrísticos presentes na biblioteca do cenóbio, não descurando a aprendizagem das técnicas oratórias e mnemônicas

<sup>33</sup> De acordo com Caeiro, a *Legenda Prima* ou *Assidua* é a mais fidedigna fonte biográfica antoniana. *Prima* porque não se conhece outra anterior e *Assidua*, porque é por esta palavra que ela começa (1995, p. 6).

<sup>34</sup> Ver: Gamboso (1996, p. 8); e Rema (2016, p. 13).

indispensáveis à actuação dos cónegos que serviam um mosteiro de padroado régio bastante empenhado na teorização e difusão da ideologia de cruzada” (KRUS; CALDEIRA, 1994, p. 18).

A trajetória académica de Fernando teve continuidade no Mosteiro de Santa de Cruz de Coimbra, para onde em 1212 pediu para ser transferido. De acordo com Krus e Caldeira (1994) funcionava uma excelente escola conventual em que os jovens recebiam o ensino através de mestres que estavam em sintonia com as mais modernas correntes intelectuais da época. “*Contactos que se traduziam, em termos de circulação de manuscritos, pela existência em Santa Cru de uma biblioteca bem superior em número e qualidade de códices à que Fernando tivera acesso em S. Vicente de Lisboa*” (KRUS; CALDEIRA, 1994, p. 19, grifo nosso).

No entanto, não seria somente a oportunidade de estar entre um ensino mais moderno e uma biblioteca maior e mais qualificada que teria motivado a mudança de Fernando. Menezes (2004) encontrou dois motivos diferentes para essa transferência, que poderiam, no entanto, estar combinados:

Segundo Gamboso (s/d: 3) e Piccolo (1995:65), Coimbra afastaria Fernando das constantes visitas de parentes e amigos, que ameaçariam a seriedade de seus propósitos religiosos. Já Krus e Caldeira (1995:17) e Müller (2001: 12) justificam a mudança pelo fato de que Coimbra, então capital do reino português, por ser mais próspera, poderosa e erudita que Lisboa, oferecia maiores chances de aperfeiçoamento (MENEZES, 2004, p. 150).

Foi no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, também agostiniano, que por volta de 1218 recebeu sua ordenação sacerdotal e iniciou o ministério de pregação.

Santa Cruz hospedava uma comunidade de 70 membros, e era o centro mais importante da cultura sagrada existente no reino lusitano, dotado de uma excelente biblioteca e de religiosos licenciados em Paris. Os Cónegos Regrantes eram sacerdotes que viviam em comunidade, com cura de almas. Tinham, efetivamente, uma paróquia na cidade e outra no campo; dirigiam dois hospitais, colaboravam noutras iniciativas pastorais e de assistência, e ofereciam generosa hospitalidade no seu mosteiro, ainda existente (GAMBOSO, 1996, p. 8).

Tanto Caeiro (1995) quanto Gamboso (1996) e Lopes ([2014?]) apontam que, em Coimbra, Fernando não conseguiu o sossego e quietude que buscava, passando por momentos de muitas tribulações causadas pelas constantes intromissões da corte<sup>35</sup> e pelos conflitos

---

<sup>35</sup> De acordo com Gamboso (1996). Santa Cruz era de fundação e doação régia, o que acabava permitindo tais intromissões.

envolvendo o Prior Dom João Cesar<sup>36</sup>. “Quando Fernando Martins entrou no Mosteiro de Santa Cruz, este já estava a decair moralmente, mostrando-se, dentro de pouco, incapaz de abrigar sua ardência espiritual” (CAIERO, 1995, p. 99, grifo nosso).

Foi no período em que esteve no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra que, por volta de 1220, teve seu primeiro contato com os franciscanos que foram de Assis até Portugal, levando um estilo de vida bastante particular que surpreendeu Fernando por três aspectos: “a pregação pelo mundo afora, ao encontro das alas, onde quer que elas estivessem; a pregação aos infiéis; e o denodo com que era espalhada a doutrina de Cristo, sacrificando a vida e defrontando alegremente os sofrimentos do martírio, por maiores que fossem” (CAEIRO, 1995, p. 102, grifo nosso).

Esse grupo de Franciscanos eram membros da ordem religiosa criada por Francisco de Assis na Itália, em 1209 e estavam instalados no eremitério de Santo Antão dos Olivais, como pobres e peregrinos, vivendo pedindo esmolas, muitas vezes no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Era um contraste a humildade e a pobreza dos Franciscanos em detrimento da ostentação e riqueza do mosteiro, o que levou a Fernando uma nova interpretação e um novo estilo de vida (CAEIRO, 1995). Sobre o estilo de vida dos franciscanos, Lopes ([2014?]) complementa:

Nunca se vira coisa assim: Uns frades sem mosteiro, pelo mundo aos Deus-dará, descalços, vestidos num burel, comendo da mesa do Senhor como as avezinhas do céu, a pregar pelos caminhos e encruzilhadas o Amor de Deus que traz ao coração dos homens a Paz e o Bem, simples e alegres que nem crianças, mas de uma alegre simplicidade tão profunda como as sentenças do Evangelho (LOPES, [2014?], p. 80).

Consta que no dia 16 de janeiro de 1220, foram levados ao Mosteiro da Santa Cruz de Coimbra os despojos de corpos mutilados de cinco Franciscanos martirizados no Marrocos (Mártires do Marrocos) pelo fanatismo maometano (LOPES, [2014?]). “Os restos mortais dos mártires foram levados para Coimbra, onde encontraram repouso e veneração na igreja dos Cónegos de Santa Cruz” (GAMBOSO, 1996, p. 9).

---

<sup>36</sup> De acordo com Lopes (2014), o Prior (superior da ordem religiosa) Dom João Cesar tinha uma boa relação com o Rei Dom Afonso II. O Prior tratava-se, segundo o autor, de um homem sem escrúpulos que pertencia à nobreza de Portugal. Gamboso (1996) afirma que o Papa Inocêncio III se viu obrigado a excomungar o Prior, que não obedeceu alegando que o pontífice teria sido mal informado. Tal fato gerou conflitos entre o clero e o rei Afonso II.

Fernando, que já havia simpatizado com o estilo de vida dos Franciscanos, assistiu à cerimônia de recebimentos dos corpos dos mártires. Teve diversos encontros com o Frades Menores que residiam na ermida de Santo Antão dos Olivais.

Tocado por essa experiência, e já motivado pelos contatos anteriores com os frades, Fernando decidiu tornar-se ele mesmo um franciscano, a fim de assumir também o papel de missionário na mesma região e enfrentar, se necessário, o martírio. Entrou assim na Ordem Franciscana, trocando de nome para marcar a transformação de sua vida, e passou a chamar-se Antônio. Em seguida, para o Marrocos. Mas lá chegando, foi imediatamente atacado pela malária, e a fragilidade de sua saúde impôs-lhe o retorno a Portugal, com o abandono do projeto missionário (MENEZES, 2004, p. 150).

Ao tentar regressar para Portugal, o veleiro que estava andou à deriva até a costa da Sicília e ficou hospedado nos confrades de Messina.

Uma vez ingressado nos Franciscanos e saído de Portugal, onde jamais tornaria, o Santo viveu no resto dos seus dias um ritmo de existência vibrante e absorvente, entregue às exigências das várias atuações apostólicas, consagrado às grandes tarefas que estavam no cerne das preocupações religiosas e das lutas sociais dos homens de então (CAIERO, 1995, p. 141).

Santo Antônio então, nunca regressou à Portugal. As referências que tratam de sua biografia, sobretudo as religiosas, afirmam que esse episódio seria um sinal divino. Na Sicília, Antônio melhorou da saúde, mas não se curou e em maio de 1221 partiu para Assis para participar do capítulo – uma reunião geral dos frades – das “esteiras” onde pôde conhecer o fundador de sua nova Ordem Religiosa, Francisco de Assis. Após o “capítulo”, Antônio foi levado por Frei Graciano, ministro dos Menores da Romanha, para o eremitério do Monte Paulo, nas imediações de Forli.

Antônio celebrava a missa, ajudava na limpeza da cozinha e da casa pobrezinha, participava nos ofícios do coro e nos encontros espirituais. Depois, retirava-se para uma gruta onde o silêncio era mais denso e a oração mais doce. Permaneceu lá no alto durante uns quinze meses, praticando austeras mortificações e ocupando longas horas na meditação. Quando lhe tocava o turno, descia a pedir esmola (GAMBOSO, 1996, p. 11).

Após os 15 meses no eremitério Monte Paulo, provavelmente no dia 24 de setembro de 1222 (REMA, 2016), Antônio participou de uma cerimônia sacerdotal em Forli, com evidência importância pela presença dos Cardeais, sendo Antônio convidado a proferir um sermão, saindo de seu retiro.



Era costume, na proximidade do sagrado rito, das aos ordenados uma conferência espiritual (*collatio*). Aconteceu, porém, que nenhum dos sacerdotes presentes, e havia entre eles frades pregadores (dominicanos), se sentia preparado; todos, portanto, foram unânimes em recusar o convite a tomar a palavra. Então, o superior Franciscano voltou-se para o Frei Antônio ordenando-lhe que fizesse ele o sermão de regra. Ele improvisou um breve discurso em que brilharam tanto o seu conhecimento excepcional da Sagrada Escritura, como o seu fervor de homem de fé e de contemplativo, e o seu admirável talento expressivo (GAMBOSO, 1996, p. 11-12).

Foi a partir desse dia então, que sua vida religiosa teria entrado em uma nova etapa. Foi destinado à pregação itinerante, sendo seu primeiro campo de ação a Romanha, que estava “*infestada pela heresia cátara e necessitada de uma profunda purificação e regeneração cristã*” (GAMBOSO, 1996, p. 12, grifo nosso).

Ainda segundo Gamboso (1996), é um trabalho bastante difícil traçar uma linha cronológica acerca da vida de Santo Antônio nesse período de pregação (aproximadamente 1223 à 1229), em virtude da falta de informação documental, tendo em vista que a preocupação dos antigos hagiógrafos era maior em narrar seus feitos edificante, sendo um menor compromisso com a questão temporal.

Apesar da dificuldade de se traçar uma linha cronológica, conforme apontado por Gamboso (1996), o “Guia do Museu de Lisboa – Santo Antônio” (PREREIRA; GOMES, 2016) apresenta uma “Cronologia da Vida de Santo Antônio” em que destaca alguns que seriam os principais acontecimentos da trajetória do santo no período. A partir desta cronologia, montei o quadro abaixo:

Quadro 2: *Cronologia da vida de Santo Antônio*

<b>Ano</b>	<b>Acontecimento</b>
1223	Permanência missionária em Rimini. Francisco de Assis indica-o como primeiro professor da Ordem, ou <<Leitor>> de Teologia, em Bolonha.
1224	Viaja para a França, onde prega contra a heresia dos albigenses. Leciona teologia em Montpellier e Toulouse.
1225	Pregação em Toulouse. Nomeado guardião do convento de Puy-em-Velay.
1226	Realização do Capítulo provincial da Ordem de Arles, onde é eleito custódio da Província de Limoges. Funda o Convento de Brive.
1227	Passagem por Marselha.

	Nomeado provincial da Emília Romanha.  Principia a redação definitiva do seu <i>Opus Evangeliorum</i> ou <i>Sermones Dominicales</i> .
1228	Pregação em Pádua.  Assiste a canonização de São Francisco de Assis. Prega em Roma perante o Papa Gregório IX, que o qualifica como “Arca do Testamento”.
1229	Pregação em Toscana

Ainda sobre esse período, é possível encontrar partes da trajetória de Santo Antônio neste período no livro comemorativo pelo seu 8º Centenário de nascimento escrito por Krus e Caldeira (1994). Neste período, de acordo com os autores, o então Frei Antônio já havia se tornado bastante conhecido, sendo permitida então a institucionalização da primeira escola de pregadores e teólogos franciscanos. Esta escola foi fundada no ano de 1223 em Bolonha e foi criada com autorização do próprio Francisco de Assis.

A partir de então, se tornou primeiro mestre franciscano de Teologia, assumindo novas e importantes funções, dentre as quais, Menezes destaca:

Por suas qualidades na pré-dica, ele foi enviado à França e à Itália, para pregar entre (ou contra...) os hereges cátaros e albigenses. Passou ainda a ocupar posições de destaque na Ordem Franciscana, tornando-se provincial dos Frades do Norte da Itália entre 1227 e 1230. Fundou também os estudos de teologia da Ordem – segundo alguns, por uma solicitação expressa em uma carta do próprio Francisco de Assis –, ensinando em Bolonha, Montpellier, Toulouse e Pádua. E foi nessa última cidade – onde terminou por se fixar no Convento franciscano de Santa Maria – que exerceu intensa atividade pastoral, redigindo *Os Sermões*, obra que lhe conferiu post-mortem o título de “Doutor da Igreja” (MENEZES, 2004, p. 151, grifos do autor).

Com a morte de Francisco de Assis em 1226, teve início um amplo debate interno sobre os objetivos da comunidade franciscana, tendo duas posições antagônicas, de acordo com Krus e Caldeira (1994).

A primeira posição partia de Frei Elias que era o vigário-geral da ordem:

Defendia, com outros irmãos, que os frades menores se deviam afirmar como congregação activa e fortemente organizada, tendo como núcleo principal os sacerdotes e os letrados, e como estratégia a abertura ao usufruto dos privilégios e a posse plena de instituições logísticas de apoio, como eram os conventos (KRUS; CALDEIRA, 1994, p. 43).

Em oposição estavam os defensores da estrita vontade de Francisco de Assis, “*argumentando com o facto de o fundador da ordem ter sempre expresso o seu apresso pelo entusiasmo e simplicidade dos irmãos leigos e de várias vezes ter reafirmado o princípio da pobreza absoluta como lema maior da ordem*” (KRUS; CALDEIRA, 1994, p. 49, grifo nosso).

As duas posições foram colocadas em pauta em 1227 no Capítulo Geral, que teve Frei Antônio desempenhando um papel mediador e conciliatório. Neste episódio, Frei Elias saiu derrotado, prevalecendo a corrente que defendia a opção de continuar seguindo expressamente a vontade e o que foi construído por Francisco de Assis.

Neste momento, Frei Antônio foi convidado a participar mais ativamente da administração da ordem por parte do lado vencedor, tornando-se principal colaborador de Frei João Parente, Ministro Geral então eleito.

Entre 1227 e 1230 iniciou um longo périplo pelas cidades dos territórios franciscanos que administrava, indo do Adriático (Aquileia, Udinos, Trieste) ao Veneto (Veneza, Pádua) e, depois, pelo interior, a Ferrara, Bolonha e Florença, de onde retrocedeu para se fixar em Pádua. Visitou comunidades franciscanas, fundou eremitérios e proferiu inúmeros sermões em que confirmou e excedeu a fama de pregador capaz de agradar e entusiasmar auditórios simultaneamente eruditos e populares. Mantinha-se, em suma, como modelo a seguir e a imitar por todos os que desejavam dedicar-se à pastoral evangélica (KRUS; CALDEIRA, 1994, p. 49).

Entretanto, a malária adquirida no Marrocos jamais o deixou e, associada a uma alimentação e descanso escassos e inadequados, acabou por lhe abreviar a vida. Passou suas últimas semanas em Camposampiero, que se localiza nos arredores de Pádua, onde se preparou “*para a hora iminente da passagem*” (GAMBOSO, 1996, p. 18, grifo nosso). Ao sentir que morreria, pediu que fosse levado de volta para Pádua para passar seus últimos momentos no Convento de Santa Maria. Acabou falecendo no caminho de volta, no dia 13 de junho de 1231, em uma parada em um Convento das Clarissas em Arcellas. Ocorreu uma disputa sobre o local de sepultamento do corpo de Santo Antônio, considerado uma relíquia e, por volta do dia 17 de junho, seu corpo foi transferido e teve sua tumulação definitiva na Igreja de Santa Maria de Pádua, conforme sua vontade (REMA, 2016).

O processo de canonização foi bastante rápido. O Papa Gregório IX, que o conheceu pessoalmente elevou Antônio às honras do culto litúrgico no dia 30 de maio de 1232, antes de completar um ano da morte de Antônio. A fama correu pelas redondezas, o que fez de Pádua um local de peregrinação:

Muitos doentes vinham implorar saúde, e desde que tocavam o milagroso sepulcro, logo se sentiam curados. E outros quando a multidão enchia o templo pequenino e o não deixava romper, do largo em frente pediam ao santo Taumaturgo a sua proteção, e no mesmo instante ficavam sãos (LOPES, [2014?], p. 233).

A rapidez da canonização foi um dos motivos destacados por Martins (1983), quando afirma se tratar do maior santo da hagiografia católica em um discurso claramente devocional:

O ÚNICO Santo a ser canonizado onze meses depois de sua morte, quando para chegar ao altar da santificação, importam dezenas ou centenas de anos. Na verdade, em vida, por onde passava e pregava, não conheciam como Frei Antônio, mas como o Santo Frade. O clarão que dele irradiava, ofuscava, iluminava, convertia. Era a luz de origem Celeste e não terrena (MARTINS, 1983, p. 12).

Após encerrado o processo de canonização, o dia 13 de junho que marcava a sua morte e, de acordo com o culto católico, “o nascimento para a vida eterna”, se tornou o Dia de Santo Antônio no calendário católico, sendo um dia de festa para comemorar, lembrar, exaltar, pedir, homenagear e pagar promessas para um Santo que está entre os mais populares do mundo.

### **3.2.1 Santo dos Milagres e das Crenças**

As fontes hagiográficas sobre a trajetória de Santo Antônio, nos apresentam uma vida dedicada à pregação e devoção. Uma das características mais marcantes é a vida exemplar e a capacidade de mediação nas relações entre Deus e os homens e a taumaturgia, isto é, a realização de milagres. Ao longo da história, diversos fatos sobre suas pregações e seus milagres são narrados. De acordo com Menezes, os milagres

são peças fundamentais na tradição de um santo, pois é a partir deles que sua reputação tende a se construir e difundir. As narrativas dos milagres de um santo permitem perceber os poderes que a ele são socialmente atribuídos e as áreas da vida humana onde sua atuação se concentra (MENEZES, 2004, p. 154-155).

Os poderes atribuídos aos santos, em face dos milagres por eles realizados, seja em vida ou após a sua morte, movimentam a fé das pessoas, criando um espaço de esperança na resolução de suas causas. Os milagres realizados pelos santos evocam diversas emoções nas pessoas que são a eles devotas. Tal fato, é a motivação para que os devotos acreditem na interseção dos santos diante de Deus para que suas causas sejam resolvidas. Para tal, os fiéis

acionam alguns mecanismos de aproximação e conexão com a santidade. Um desses mecanismos se refere às promessas que relações de conexão entre o devoto e a santidade para o auxílio na resolução de questões que podem ser suas ou relacionadas a um parente, amigo, vizinho ou qualquer outra pessoa que o devoto julgue precisar e poder ajudar desta maneira. Pierre Sanchis (1983) estabelece os motivos que levam os devotos a fazerem este tipo de conexão.

A promessa é a relação estabelecida entre a condição humana concreta e um invólucro de santidade que a rodeia. Faz parte de uma visão do mundo dentro da qual constitui um modo de comunicação essencial. Por isso mesmo ela aproxima-se do sacrifício, ao mesmo tempo que se insere no quadro de uma economia, a da troca.

Promete-se a um santo quando está em perigo a segurança essencial da existência, individual, familiar ou social. O exame dos ex-votos de que estão cheias as dependências dos santuários célebres ou modestos e que, por vezes, mostram o milagre que se agradece, assim como os contatos com os peregrinos que vêm dar graças, permitem calcular a imensa variedade de situações em que surgem as promessas: acidentes, viagens, problemas de amor e de casamento, exames, perda ou roubo de objetos, incêndios, calamidades naturais, negócios ou colheitas... (SANCHIS, 1983, p. 47-48).

Outra forma de aproximação, são as romarias e procissões que podem acontecer especificamente em festas de santos ou mesmo como forma de agradecimento ou pagamento de algum tipo de penitência por parte do devoto. Trata-se de “*uma peregrinação popular a um lugar tornado sagrado pela presença especial de um santo*” (SANCHIS, 1983, p. 39, grifo nosso). De acordo com Sanchis (1983) as romarias seriam a principal forma de manifestação das promessas e teriam como principal característica o fato de serem organizadas em torno da memória de um santo, representado por uma imagem ou uma relíquia.

Neste caso, a memória do santo estaria relacionada à escrita de sua história através da sua hagiografia. Conforme relatado anteriormente, esta seria uma maneira de preservar a memória dos santos e manter presente as suas virtudes como um exemplo a ser seguido pelos devotos, bem como, o reconhecimento e disseminação de seus milagres, como uma esperança para a resolução das questões as quais levaram os devotos a acionarem a interseção da santidade.

Ao pesquisar Santo Antônio, sobretudo no Brasil, a noção de “santo casamenteiro” é a mais evidente e fez com que ele se tornasse um dos mais populares do país. Neste sentido, o culto a este santo vai além de manifestações de devoção como as promessas ou romarias, mas também ações com a sua imagem que tem por objetivo obrigá-lo a atender o pedido providenciando-lhe um noivo (SANTOS; DUARTE, 2010).

Neste sentido ainda podemos destacar as simpatias que são crendices criadas pela população para evitar algo ruim em suas vidas. No caso de Santo Antônio são encontradas uma infinidade de simpatias sobretudo na perspectiva de santo casamenteiro. No processo da pesquisa encontrei um livro totalmente dedicado a estas simpatias intitulado “Simpatias de Santo Antônio Casamenteiro” de autoria de Joaquina Pereira de Souza. O livro se apresenta como detentor de “mais de 1000 simpatias infalíveis para arrumar casamento e ser feliz” explica brevemente em que consiste a maioria das simpatias, mas não nos diz de onde surgiu essa tradição de santo casamenteiro.

A maior parte das simpatias destinadas a Santo Antônio são feitas utilizando-se o recurso do mexe-mexe de sua imagem.

Para tal, é válido colocar a imagem em qualquer posição, enquanto se espera pelo “milagre” Esta prática – que é universal – permite, pela sua popularidade, colocar a imagem em qualquer posição. Assim, é comum encontrarmos o santo de cabeça para baixo, de costas, deitado, coberto, atravessado, sem o resplendor e também sem o menino-Deus, sendo que esta última só é usada em casos muito graves, nos quais precisamos de toda a atenção do santo (SOUZA, [1997?], p. 11-12)<sup>37</sup>.

Duas tradições populares no que se refere ao santo são colocadas em evidência: uma no que se refere ao santo encontrar objetos perdidos e outra a tradição de santo casamenteiro.

A tradição de Santo Antônio encontrar objetivos perdidos vem da tradição portuguesa. Câmara Cascudo (1999) aponta que tal virtude do Santo teria partido de uma concepção de Frei Bernardo de Brito que sugeria a intercessão de Antônio para as coisas perdidas ao invés do santo flamengo Jeron de Olanda que faria tal intercessão habitualmente. De acordo com Câmara Cascudo (1999), Frei Bernardo de Brito defendia a necessidade de se recorrer a um santo português que remediaria as perdas.

Esse nacionalismo encontrou razões equipolentes para exigir de Santo Antônio que defendesse Portugal e suas colônias sempre que o inimigo mais atacasse. Essa mentalidade explica o santo tributo, orador sacro, pacífico por natureza e finalidade, aparecendo como guia de exército e general vitorioso, com soldados, dragonas e condecorações (CASCUDO, 1999, p. 89).

---

<sup>37</sup> Eu não poderia deixar de comentar um caso que aconteceu comigo nesse sentido. Por volta dos 15 anos eu ganhei um pequenino Santo Antônio em madeira segurando o menino Jesus. Ele era confeccionado especificamente para esta simpatia relatada por SOUZA (S/D, p. 11-12): eu precisava retirar o menino-Jesus e esconder do Santo, devolvendo somente quando encontrasse um namorado. O que aconteceu foi que de tão pequenino eu perdi o menino-Jesus. Ainda tenho o Santo Antônio. Em conversa com o Padre Renato Gentile, responsável pela Catedral de Santo Antônio em Duque de Caxias, ele disse para eu colocar outro menino Jesus no lugar. Foi quando respondi: Mas eu vou não vou estar enganando o Santo, Padre? Foi quando rindo o Padre respondeu: Então devolva o Santo para a Igreja. Eu resolvi devolver somente quando defendesse a Tese.

Já no que se refere a imagem de Santo Antônio como casamenteiro aparece muito pouco em sua hagiografia. Conforme destacou Ronaldo Vainfas (2003):

No início da Época Moderna, a face doméstica e afetiva de Santo Antônio se concentraria, no âmbito do catolicismo popular, em sua virtude de “casamenteiro”, de santo promotor de matrimônios. “Casai-me Santo Antônio, Casai-me!”, eis o que aparece em várias orações. Mas tal virtude de frei Antônio, depois santo, mal aparece em sua hagiografia ou nos relatos sobre seus poderes taumatúrgicos. Sobressai, sim – e esta virtude é de longevidade extraordinária –, seu imenso poder de recuperar “coisas perdidas”. Coisas e pessoas. Talvez decorra daí a virtude “casamenteira” atribuída a Santo Antônio, pois entre o perdido e o desejado a fronteira é sempre muito tênue (VAINFAS, 2003, p. 30, grifos do autor).

Não são poucos os milagres realizados por Santo Antônio realizados em vida e após a sua morte. Tanto que protagonizou um dos processos de canonização mais rápidos na história da Igreja Católica. Para além de suas representações e credices em torno de sua imagem, estão alguns milagres considerados “clássicos”. Trata-se de milagres que aparecem em diversos textos escritos, sendo alguns mais conhecidos popularmente. De acordo com Menezes (2004), o primeiro milagre teria acontecido ainda na infância, o que seria um sinal de sua predestinação.

Além daquilo que os autores consideram como “causalidades misteriosas”, que marcaram a história de Santo Antônio, as quais o teriam levado sucessivamente a tornar-se franciscano, mudar para a Itália e firmar-se como sermonista (e que muitas vezes são lidas como intervenções da providência divina), os milagres do próprio santo teriam começado ainda em sua infância. O primeiro teria ocorrido em Lisboa: enquanto rezava na catedral, o jovem Fernando percebeu a presença do demônio e conseguiu afugentá-lo traçando o sinal da cruz no chão (Gamboso, s/d, 02). E por ser um milagre realizado por uma criança ainda, este evento seria tratado como um sinal de sua predestinação (MENEZES, 2004, p. 155).

Entre os milagres mais citados em sua hagiografia e mais conhecidos popularmente, está o “milagre dos peixes” ou “sermão dos peixes”. As versões acerca deste milagre possuem pouca variação e é considerado oficialmente seu milagre e teria acontecido em Rimini, na Itália.

Antônio, como sempre foi a Praça da Catedral pregar o Evangelho, como havia poucas pessoas no local, ele combinou que voltariam no dia seguinte. No dia seguinte, no mesmo horário, ele estava de volta a Praça e encontrou as mesmas pessoas do dia anterior e alguns hereges. Enquanto comentava a Bíblia, o povo não acreditava em suas palavras e por fim não quiseram mais ouvi-lo. Depois disso, ele rezou muito, e certo dia foi caminhar à beira do mar Adriático, na foz do rio Marecchia. Para espanto de algumas pessoas que o acompanhavam, ele parou ergueu as mãos e gritou olhando para as águas: Ouçam a palavra de Deus, vocês, peixes do mar e do rio, pois os infíeis não

querem ouvi-la. Naquele mesmo instante, uma grande multidão de peixes aproximou-se da praia, colocando a cabeça para fora a fim de ouvir o Santo falar. Todos os peixes estavam atentos, os menores na frente e os maiores nas águas mais profundas [...]. Quanto mais falava, mais os peixes vinham e por fim o povo também começou a fluir, incluídos os hereges que caíram a seus pés e pediram-lhe para que continuasse a falar. Pregou então sobre a fé católica, fazendo os catáros voltarem à verdadeira fé. Despediu os peixes com a bênção de Deus e todos partiram felizes, povo e peixes (BESSEN, 2011, p. 14).

De acordo com Renata Menezes (2004), os milagres realizados entre os hereges, refletem uma tensão existente entre populações locais e pregadores da Igreja Católica naquela época. Santo Antônio é conhecido como um taumaturgo e propagador do Cristianismo entre povos que pertenciam a outros grupos religiosos diferentes do Cristianismo, que eram considerados hereges.

Entre os milagres realizados por Santo Antônio estão ressuscitações, cura de doenças e aparições após a sua morte. Neste sentido, Menezes ressalta que, por exemplo, “*durante o período de trabalho pastoral em Pádua, os milagres de Antônio enfatizariam sua preocupação com a restauração da ordem, da normalidade e da justiça e com a defesa dos pobres*” (2004, p. 156, grifo nosso). Dois milagres de ressuscitação são bastante marcantes e repetido. Um se refere a uma criança que teria morrido após sua mãe deixar em casa para assistir ao seu sermão. Existem duas versões para este milagre. Krus e Caldeira (1995) afirmam que este milagre teria acontecido durante a ação pastoral no sul da França, quando a criança teria caído em um caldeirão de água fervida enquanto a mãe assistia ao seu sermão. Esta versão parece a junção de duas outras que foram publicadas pela Editorial Franciscana como milagres distintos. O primeiro se refere justamente à mãe que teria encontrado o filho morto após assistir ao sermão do santo:

Também da outra vez tinha chegado Santo Antônio a um lugar para pregar, e uma devota mulherzinha deixou o filho no berço e foi ouvir o sermão. Ora, quando depois voltou a casa, foi dar com o filho, morto, deitadinho de costas no berço.

Toda aflita e apoquentada correu numa pressa a Santo Antônio a rogar-lhe com muitas lágrimas que lhe ressuscitasse o seu menino. E o Santo, doendo-se dela, por duas ou três vezes lhe disse:

- Anda, vai, que Deus te fará bem.

E ela, fiada na palavra do Santo, voltou para casa cheia de esperança; e ao filho que deixara morto, encontrou-o vivo e a brincar com umas pedrinhas que antes nunca tivera (GONÇALVES, 2005, p. 53-54).



O segundo se refere a uma criança que teria morrido ao se afogar em uma tina de água e, diferente do relatado por Krus e Caldeira (2005), teria acontecido em Pádua após a sua morte, pelo que se pode compreender através da narrativa exposta:

Tomasino que tinha uns 20 meses, vivi em Pádua com seus pais, memso ao pé da igreja de Santo Antônio.

Saiu a mãe para os cuidados da vida, e deixou o pequenito em casa, sozinho, junto de uma tina de água. Nem pela cabeça lhe passou que podia o filho correr perigo.

Ao voltar, reparou na tina e pareceu-lhe ver uns pezinhos a boiar ao lume da água. Achevou-se mais perto, e – o que havia ela encontrado! – o filho, dentro, afogado, de pés para cima e a cabeça no fundo. Num empuxão tirou-o para fora, aos gritos; mas estava já frio e morto.

Sobressaltada a vizinhança com a gritaria da mulher, veio muita gente em socorro. E os frades que andavam com os operários na reparação da igreja, também eles acudiram. E todos, diante do pequenino morto, se compadeciam das lágrimas e aflições da pobre mãe.

Mas ela, apegando-se com Santo Antônio, pedia-lhe a grandes vozes a sua intercessão; e prometia dar aos pobres tanto trigo quanto era o peso do filhinho, se o Santo de entre os mortos lhe ressuscitasse.

E dali a pouco o menino que se levanta, vivo, e desata a correr para o colo da sua mãe. E todos os que eram presentes deram muitas graças a Deus e a Santo Antônio (GONÇALVES, 2005, p. 149-150).

Alguns milagres de Santo Antônio estão associados a capacidade de bilocação, ou seja, de estar em dois lugares ao mesmo tempo. Um dos milagres mais populares neste sentido estaria relacionado à defesa de seu pai que teria sido acusado injustamente de assassinato (MENEZES, 2004) e (CIDADE..., [2004]). Nesse caso, foram dois milagres: o da bilocação em si e, quando em Lisboa, “ordenou ao defunto, em nome de Deus, que saísse da cova” (CIDADE..., [2004], p. 56, grifo nosso) e então sentou-se e foi interrogado sobre as pessoas que estavam sendo acusadas pela sua morte, dando testemunho sobre a inocência do Pai de Santo Antônio e retornando para a sua cova em seguida (CIDADE..., [2004]).

Cabe ainda ressaltar outro dos milagres mais conhecidos: o aparecimento do menino Jesus a Santo Antônio. É por conta deste milagre que uma das imagens do santo mais cultuadas é uma que o santo está com o menino Jesus em seus braços.

Estando o Santo a preparar o seu sermão, veio o menino Jesus sobre a mesa e começou a brincar com os seus apontamentos e ao mesmo tempo diz-lhe:

- Ainda daí, Antônio! Vem brincar um pouco até ao jardim.
- Ó meu Menino Jesus, não posso, porque tenho um sermão muito difícil a preparar.
- Anda Frei Antônio! Vem descansar um pouco dos teus trabalhos...
- Ó meu Menino Jesus as almas perdem-se...
- Frei Antônio, quem salva as almas sou Eu.

Santo Antônio teve uma vida intensa de trabalhos consumida em viagens, em pregações, em penitências, ora em França, ora em Itália, ensinando Teologia de Montpellier e em Bolonha, permanecendo em Roma, onde fora resolver dúvidas suscitadas nos Capítulos de sua Ordem (CIDADE..., [2004], p. 68)

No que se refere à proteção aos pobres, podemos destacar o “milagre dos pães”.

Certa vez, Antônio distribuiu aos famintos todo o pão do convento em que vivia. O frade padeiro, descobrindo a despensa vazia, veio avisá-lo atônito que o alimento fora roubado. Ele mandou que verificasse novamente e, – surpresa – os cestos encontravam-se transbordando de pães (BECKHÄUSER, 1995, p. 91 apud MENEZES, 2004, p. 156).

Os seus milagres apresentam uma série de atributos do santo: o taumaturgo, o defensor da doutrina Católica, encontrando argumentos para a conversão; o pregador em meio aos considerados hereges; a defesa dos pobres entre outras virtudes que fazem com que Santo Antônio seja um dos santos mais populares e cultuados do mundo.

### 3.3 O CULTO À SANTO ANTÔNIO NO BRASIL

Por ser o primeiro santo português e muito popular em Portugal, a devoção a Santo Antônio no Brasil teve início ainda no período colonial, quando o catolicismo difundido no Brasil sofria forte influência da mentalidade religiosa europeia no século XVI (OLIVEIRA, 1999).

Nos episódios históricos que resultaram na conquista e colonização do Brasil pelos portugueses, o poder temporal e o religioso atuavam juntos. Além da intenção comercial que abarrotava os navios com produtos a serem comercializados para gerar riquezas, também se buscava a conversão dos povos pagãos à verdade do cristianismo. Dessa forma, a ação missionária desempenhada por religiosos que sempre acompanhou os exploradores se tornou um importante fator de colonização (OLIVEIRA, 1999, p. 72).

O Período Colonial foi imprescindível para a difusão do catolicismo e, conseqüentemente a culto aos santos no Brasil. Fazia parte do processo de ocupação trazer a religião para o “Novo Mundo” de diversas maneiras. A principal delas era através dos padres Jesuítas que faziam um trabalho missionário catequisando os povos indígenas, então considerados uma alma em branco. A manutenção da religião para aqueles que ocupavam estas terras também era fundamental, tanto que é uma característica das vilas que iam se formando a construção de igrejas.

Quando a devoção à Santo Antônio foi trazida para o Brasil, foi conquistando diversos sentidos além daqueles que já integravam o seu culto vindo de Portugal. Neste sentido, de acordo com Krus e Caldeira (1999), foi nos séculos XVII e XVIII que o culto a Santo Antônio atingiu seu apogeu em Portugal quando sua imagem foi utilizada “*numa lógica de funcionalidade política do sagrado*” (KRUS; CALDEIRA, 1999, p. 69, grifo nosso), tornando-se uma bandeira de resistência no período da União Ibérica, justamente por se tratar de um Santo português.

Nessa qualidade é patrioticamente invocado como “o defensor da Monarquia de Portugal” ao mesmo tempo que se aproveita um dos atributos mais conhecidos, a capacidade de reaver o perdido, para lhe ser pedida a intervenção no sentido de recuperar aquilo que a dominação estrangeira comprometera (KRUS; CALDEIRA, 1999, p. 69).

Podemos observar então na afirmação de Krus e Caldeira (1999) duas representações para a imagem do Santo: a primeira como “defensor da Monarquia” que pode ser associada a atribuição militar, que ficou evidente em diversas ocasiões no Brasil. A segunda representação se refere a capacidade de reaver coisas perdidas, um pouco menos utilizada no Brasil. O fato é que são muitas as representações existentes para Santo Antônio. Câmara Cascudo considera que se trata de um dos santos de devoção mais popular no Brasil (CASCUDO, 1999), sendo objetivo de diversas práticas realizadas pelos seus fiéis e “*padroeiro de 515 paróquias e tratado mais comumente apenas por ‘Santo Antônio’, isto é, sem as referências de ‘Pádua’ ou de ‘Lisboa’*” (MENEZES, 2004, p. 159, grifo nosso)<sup>38</sup>.

Os portugueses trouxeram para o Brasil, a devoção de Santo Antônio. A devoção a Santo Antônio de Lisboa, foi introduzida em Pernambuco, em 1550, quando foi erguida uma capela em louvor ao santo lisboeta, que deu origem ao primeiro convento carmelita no Brasil: Convento de Santo Antônio do Carmo, em Olinda. É o santo dos nichos e barraquinhas, e, também, o oráculo das povoações, soldados, o santo familiar, o desvendador de pedidos e protetor de casamento (LIMA, 1997, p. 2).

De acordo com Menezes (2004), podem ser observadas e definidas quatro representações em que o santo aparece no contexto brasileiro: ele aparece como “soldado”, em um sentido de defesa territorial, como “alegre, bonachão e festeiro”, que se enquadra nas festas em sua homenagem e no sentido em que Lima (1997) destacou na citação acima, com os “nichos” e “barraquinhas” que, inclusive, são parte integrante de suas comemorações realizadas

---

<sup>38</sup> Ver mais detalhes em Menezes (2004, p. 166).

no Brasil e em outros países. Além destas, também pode ser representado como “casamenteiro”, encontrando noivos para as moças e, por fim, como capaz de encontrar coisas perdidas. Todas essas representações são inseridas em alguns contextos históricos e/ou sociais.

A tradição de militar teve sua origem em Portugal quando o Santo teve como função a proteção do Estado Nacional Português, na defesa do país e de suas colônias, o que o levou às forças armadas inicialmente, quando o santo acompanhava diversos regimentos ao campo de batalha. De acordo com Vainfas:

O frei Antônio histórico nunca foi propriamente militar, embora combatesse com as armas da palavra pelo cristianismo romano contra infiéis e hereges. Mas o Santo Antônio de Lisboa, ao menos no Brasil, fazia longa carreira de armas, batizando fortes e regimentos, interferindo em batalhas diretamente, e sendo ele mesmo – em imagem, é claro – condecorado, promovido e reconhecido por serviços prestados a El-Rei (VAINFAS, 2003, p. 32).

No Brasil, atuou em diversas funções. Uma das representações mais marcantes do “Santo Antônio Militar” no Brasil, possui uma conexão com sua politização em um importante e dramático momento da colonização portuguesa, quando os holandeses ocuparam Salvador, de onde foram expulsos e, posteriormente, triunfaram em Pernambuco e em uma parte do Nordeste de 1630 até serem expulsos em 1654. Essa foi uma das diversas vezes em que Santo Antônio atuou na função de “soldado”, defendendo a colônia dos “invasores estrangeiros” e, recebendo soldo, patente e condecorações, sendo considerado o “patrono celestial do Exército Brasileiro” (PIO, 1987 apud MENEZES, 2004, p. 159).

O papel de Santo Antônio como heróico defensor da integridade do solo brasileiro, foi confirmado na Bahia onde o Padre Antônio Vieira, do púlpito da Igreja da Vitória, exaltando o triunfo sobre os holandeses, incita os fiéis a venerar com reconhecimento o afável Santo português. Em Goiás, Ouro Preto, por todo o Brasil, enfim. Em 07 de abril de 1707, foi nomeado capitão na Bahia. Em 19 de setembro de 1810, foi promovido a major, etc. E, só depois da queda do Império, a República retirou o soldo a Santo Antônio, aliás, de maneira muito habilidosa; exigindo o comparecimento do beneficiado ou do seu procurador bastante para o devido recebimento (LIMA, 1997, p. 3).

A importância de Santo Antônio nas questões relacionadas à defesa do território foi tamanha que o fez atingir altos postos militares, sendo, de acordo com Lira (1956), inclusive condecorado por D. João VI que lhe conferiu a patente de Tenete Coronel do Exército Brasileiro.

Pode-se destacar neste sentido a imagem de “Santo Antônio do Relento” localizado no Largo da Carioca, no Rio de Janeiro que tem uma representação justamente no que se refere às “invasões estrangeiras” na cidade.

No episódio das invasões francesas de 1710, o governador do Rio de Janeiro invocou o santo para proteger a cidade contra os inimigos, e depois da vitória portuguesa, sua imagem foi colocada no muro do convento às vistas do povo, tendo sobre ela uma lâmpada permanentemente acesa como forma de ex-voto (MENEZES, 2004, p. 160).

Já no que se refere à característica apontada por Menezes (2004) como “alegre” e “festeiro” trata-se de um lado mais lúdico que pode estar relacionada às festas realizadas em sua homenagem, com as barracas, fogos, fogueiras, danças, músicas, bebidas, comidas, mastros votivos, jogos e grandiosas comemorações. Neste sentido, Menezes (2004) ainda aponta para a associação do santo aos cultos afro-brasileiros. A autora destaca a associação a Exu que se dá no Rio de Janeiro e Pernambuco.

Santo Antônio talvez seja o principal santo da *umbanda* atualmente praticada no Rio de Janeiro, porque está associado aos *exus* (o “povo da rua”, que alguns associam aos demônios), intermediários entre os *orixás* e o mundo terreno. Basta dizer que no 13 de junho, dia da morte de frei Antônio e dia oficial do santo, os terreiros de umbanda celebram a grande festa dos *exus* (VAINFAS, 2003, p. 32, grifos do autor).

Já de acordo com Joana Bahia (2015) a imagem de Santo Antônio também pode ser associada a Ogum, o que acontece na Bahia e também no Rio de Janeiro, diferenciação que, segundo a autora, pode acontecer entre Umbanda e Candomblé.

Na umbanda, há o sincretismo de Ogum com Santo Antônio nas cidades dos Estados do Rio de Janeiro e da Bahia, sendo Ogum considerado o chefe de Exu. Embora Exu, no candomblé, seja o primeiro a ser referenciado sempre antes de qualquer outro orixá, na umbanda ele é subordinado a Ogum. E, nas duas religiões, eles são muito próximos, ou seja, para dar alguma coisa a Exu é preciso referenciar Ogum. Quando se faz uma festa para Exu, também se referencia Ogum. Quando se faz despacho para Exu, leva-se também uma oferenda para Ogum.

No candomblé, não há hierarquia entre os dois, sendo eles considerados irmãos, pois ambos são orixás. Todo dia de Santo Antônio (13 de junho), em um dos famosos candomblés baianos, havia a feijoada no terreiro do Senhor Procópio de Ogum, devoto do santo. Na umbanda, Exu serve a Ogum, sendo esse homenageado no dia de Santo Antônio e também no dia de São Jorge (BAHIA, 2015, p. 113-114).

Nesse sentido ainda, Lima (1997) destaca diversas outras associações referentes ao Santo Antônio nas religiões afro-brasileiras

Os negros no Brasil e, em particular na Bahia, sincretizaram Santo Antônio ao orixá Ogum, identificados, por ser Ogum, um orixá da guerra e das lutas e, por ter sido Santo Antônio, um soldado português, cuja vida movimentada, meio-história, meio-lendária, de aventuras guerreiras, chegou ao conhecimento do negro baiano, incorporando-se ao mundo dos orixás. No Rio, Santo Antônio é sincretizado ao orixá Oxósse e no Recife ao orixá Odé, etc. (LIMA1997, p. 5).

Outra característica do santo Brasil, que talvez seja uma das mais populares e que motive os conteúdos principais das promessas, seja sua fama de casamenteiro. Essa característica fez inclusive com que no Brasil, a véspera de sua festa se tornasse uma data conhecida como “Dia dos Namorados”. Nesta data, inclusive, tem início diversas simpatias e promessas para o santo, no sentido de se conseguir encontrar um casamento. Para tal, com a crença popular, diversas “maldades” são feitas com a imagem do santo: roubar seu resplendor, bater, tirar o menino Jesus, colocar de cabeça para baixo em um copo de água, entre outros. De acordo com Menezes:

A literatura assinala que essas práticas “mágicas” viriam de reminiscências pagãs, já que no processo de sincretismo que deu origem às festividades católicas, as festas de Santo Antônio e dos demais santos de junho (São João, São Pedro) estariam associadas aos ritos de fertilidade do solstício de verão (solstício de inverno, no caso do hemisfério sul) (MENEZES, 2004, p. 161, grifo do autor).

Outra característica atribuída ao santo se refere à sua capacidade de encontrar coisas perdidas, fazendo com que seja invocado no cotidiano de seus devotos. Tal característica, apesar de apontada por Menezes (2004) como uma das quatro principais representações do santo no Brasil, parece menos recorrente, se comparada a fama de santo casamenteiro e as histórias e patentes por ele conquistadas como militar. Menezes (2004) aponta que existe uma oração própria para que os devotos possam encontrar os objetos perdidos chamada de “Responso” que seria “*baseado em um texto latino do ofício divino da festa antoniana, do qual existiriam inúmeras variantes, tanto em língua portuguesa quanto em língua latina*” (MENEZES, 2004, p. 162, grifo nosso).

Todas as características apontadas sinalizam que o santo não seria limitado a uma presença divina somente nos altares, distante dos seus devotos. Ele está presente no cotidiano de seus devotos, mantendo uma relação de proximidade com seus fiéis.

## 4 DUQUE DE CAXIAS E A FESTA DO PADROEIRO SANTO ANTÔNIO: UM ESTUDO DE CASO

### 4.1 AS MEMÓRIAS DA FESTA

A Festa de Santo Antônio acontece na cidade de Duque de Caxias há mais de 50 anos e é repleta de espaços de memórias. Mesmo antes da emancipação da cidade a comemoração já acontecia na região que era integrada ao território da cidade de Nova *Iguaçu* e tem o mesmo santo como padroeiro. Ao longo desse tempo, a comemoração foi lugar de muitas memórias que correspondem a trajetórias de indivíduos, grupos e até mesmo do espaço físico da Catedral de Santo Antônio.

Podemos dividir então as construções de memórias da Festa de Santo Antônio em Duque de Caxias em três enfoques. O primeiro deles refere-se aos “lugares de memória” (NORA,1993). Neste caso podemos destacar o lugar propriamente dito, de “pedra e cal” que seria a Catedral de Santo Antônio e o lugar imaterial que seria a Festa em si. Estes espaços de recordação mobilizam memórias individuais e coletivas por meio da emoção e da afetividade, mas também são objetos de suas próprias memórias e histórias.

O terreno que atualmente está situado a Catedral de Santo Antônio está localizado no centro do município em questão. O prédio se destaca e se integra ao confuso contexto urbano de uma cidade repleta de problemas sociais. A história do prédio está diretamente ligada ao processo de criação da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti, visto o crescimento das ações religiosas, culturais, sociais e educacionais promovidos pela Igreja na cidade entre os anos de 1940 e 1980. O novo prédio construído, guarda a memória também de uma antiga Matriz que foi a primeira da cidade e que apesar de ser considerada um patrimônio local, foi vendida para um empreendimento comercial com projeto de total modificação de sua estrutura. A história do prédio mais detalhada veremos a seguir. O robusto prédio constitui suporte de muitas memórias que acompanham a trajetória da cidade.

Outro “lugar de memória” é a Festa de Santo Antônio que, assim como a Igreja, também constitui suporte de memórias que se relacionam com a trajetória da cidade e com as memórias coletivas e individuais.

Durante o processo de pesquisa, não consegui estabelecer uma data precisa com relação ao início das comemorações ao santo padroeiro da cidade de Duque de Caxias. Encontrei apenas indícios e relatos de frequentadores da festa e de representantes da igreja e do poder público. A

trajetória da festa está muito presente nas memórias de seus participantes, o que foi nos trazendo pistas importantes, como, por exemplo, informações sobre quando a festa deixou de acontecer nas proximidades da igreja. Este fato aconteceu na década de 1990 quando o Prefeito era José Camilo Zito dos Santos Filho. Durante esse período a festa passou a se chamar Feira da Comunidade e se realizou em outros pontos da cidade, sob a justificativa de uma democratização da festa, quando seriam ampliadas as oportunidades de participação para pessoas de bairros mais afastados da cidade. Esta informação é também contestada por outros participantes que discordaram da medida do então prefeito. Em entrevista com Padre Benedito Zanobia, atual responsável pela Paróquia de São Sebastião, localizada no bairro do Jardim Gramacho, foi um período no qual a festa perdeu sua identidade.

E o sentido da festa foi se perdendo porque as pessoas vêm pela força da piedade, pela força da religiosidade popular. E o lugar de peregrinação é o templo. Se a festa sai de volta do templo, perde todo o sentido. O peregrino não vai à festa. A festa se tornou algo que perdeu a identidade, porque o povo que ia à festa não era o peregrino, as pessoas que vinham de todos os cantos, para o centro de Caxias, (vinham) para fazer a sua devoção à Santo Antônio (Entrevista com padre Benedito Zanobia, em 5 de novembro de 2016).

De acordo com o Padre Benedito Zanobia, somente no governo seguinte a festa retornou para perto da Igreja, atraindo novamente os peregrinos.

Então ela acontecia em outros [lugares]. E foi, assim, uma tenta[tiva]... Foi uma proposta do governo naquele momento de tirar dali, porque havia uma vontade, um desejo, de dar um choque de ordem, né, na cidade. E, aí, tiraram. Mas isso eu ainda não era padre. Quando eu cheguei, a festa já não estava mais ali. É interessante que quem voltou com a festa pra frente da igreja fui eu. Eu fui no governo do Washington – que agora ganhou –, eu fui até lá, conversar com ele. Eu tinha pedido a autorização do Padre Renato, que é a pessoa responsável ali na [igreja] – eu era só o auxiliar –, e aí, então, eu fui conversar com ele para pedir pra trazer a festa pra frente da igreja novamente, porque não fazia sentido, né? E estava perdendo o foco. Então a festa de Santo Antônio voltou para a frente da igreja (Entrevista com padre Benedito Zanobia, em 5 de novembro de 2016).

Conforme destaca Assmann, há *“um consenso quanto não haver uma escrita da história que não seja ao mesmo tempo trabalho de memória e que deixe de estar irremediavelmente imbricada com as condições de atribuição de sentido, parcialidade e criação identitária”* (ASSMANN, 2016, p. 146, grifo nosso). Ou seja, percebemos como tanto no caso da trajetória da igreja, quanto na trajetória da festa, há uma permanente construção de marcos significativos



a partir dos interesses e dos pontos de vista dos participantes. Interessa-nos, portanto, uma polifonia, presente em ambos os casos.

Compreendendo a igreja e a festa como “lugares de memória”, destacamos alguns pontos relevantes sublinhados por Pierre Nora no que tange à relação entre memória e história.

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente: a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (NORA, 1993, p. 9).

Deste modo, podemos associar este primeiro enfoque de construção da memória associado aos “lugares de memória” a um segundo enfoque mais diretamente relacionado ao conceito de “memória coletiva”. Uma reflexão clássica acerca das relações entre memória individual e memória coletiva foi estabelecido por Maurice Halbwachs (2006). A memória com toda a sua afetividade pode fornecer pistas para que sejam estabelecidas memórias de grupos ou mesmo histórias de seus lugares como é o caso da Catedral de Santo Antônio ou da Festa de Santo Antônio, ambas na cidade de Duque de Caxias. De acordo com autor:

Para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível. Aliás, eles não seriam suficientes. Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 2006, p. 31).

As lembranças dos indivíduos evocam memórias particulares e coletivas que, em geral, estão repletas de significados, sobretudo se levarmos em consideração que a memória é seletiva, ou seja, lembramos o que de fato nos marca, positiva ou negativamente.

No que se refere ao processo de construção de memórias na Festa de Santo Antônio, as lembranças evocadas referem-se em geral a temas como fé, devoção, afetividade. Isso é possível justamente pela realização anual desta comemoração. Todos os anos, de alguma forma, diferentes indivíduos evocam lembranças comuns porque retornam ao lugar dessa recordação. Assim, lembranças individuais são também construções coletivas remetendo a uma memória de um grupo com uma trajetória própria.

Talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las; também se há de convir que mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que o recordamos, do ponto de vista desse grupo (HALBWACHS, 2006, p. 41).

As recordações individuais constituem substratos tanto para as construções de memórias individuais quanto de memórias coletivas. Neste sentido, Assmann considera que *“que dotar determinados locais de uma força de memória especial é antes de tudo sua ligação fixa e duradoura com histórias de família”* (ASSMANN, 2016, p. 320, grifo nosso). Com relação especificamente à festa de Santo Antônio, alguns pontos merecem ser destacados: a organização da festa não se circunscreve a uma parceria entre Igreja, Poder Público e Patrocinadores. Ela está diretamente ligada à vida e ao cotidiano de fieis que integram Irmandades, Congregações ou mesmo voluntários que atuam diretamente em sua organização. Frequentadores da Igreja são ativos no processo de produção e manutenção das festas. Há, por exemplo, casais que se conheceram no âmbito das atividades religiosas por integrarem grupos de jovens e que são muito comprometidos. A construção das memórias da festa e das memórias destes frequentadores parecem estar integradas. Assmann (2016) conceitua estas relações como *“Memória Habitada”*, ou seja, memórias que se caracterizam por estarem *“vinculadas a um portador, que pode ser um grupo, uma instituição ou um indivíduo”*. Este portador *“estabelece uma ponte entre passado, presente e futuro; procede de modo seletivo, à medida que recorda uma coisa, esquece outra; intermedia valores dos quais resultam um perfil identitário e normas de ação”* (ASSMANN, 2016, p. 146).

Já no que se refere ao terceiro enfoque de construção da memória destaco o modo hagiográfico de construção e transmissão de valores a partir da trajetória do santo. No caso de

Santo Antônio, esta trajetória é evocada desde o início das comemorações. Rememora-se a "vida do santo" desde o primeiro dia da Trezena, que acontece todos os anos a partir do dia 31 de junho, até o encerramento da festa, e varia de acordo com o calendário da cidade, mas sempre no dia ou após o dia em que se comemora o santo em si (13 de junho).

Passagens da trajetória do santo são transmitidas aos milhares de devotos que se firmam em suas virtudes para realizarem seus agradecimentos e fazerem promessas em troca de algum "milagre", seja para o amor, para cura de enfermidades, para encontrar objetos perdidos entre outros. Para que a memória e a história do santo sejam transmitidas então, são realizados ritos e rituais.

O rito refere-se, pois, à ordem prescrita, à ordem do cosmo, à ordem das relações entre deuses e seres humanos e dos seres humanos entre si. Reporta-se ao que rima e ao ritmo da vida, à harmonia restauradora, à junção, às relações entre as partes e o todo, ao fluir, ao movimento, à vida acontecendo. A busca pela ordem e o movimento são elementos constitutivos dos rituais (VILHENA, 2005, p. 21).

No que se refere aos rituais, podemos dizer que é a realização de uma série de ritos. No caso da Festa de Santo Antônio na cidade de Duque de Caxias são realizadas missas, distribuição de pães, confissões, Procissão, entre outras atividades, que integram uma Programação Religiosa a qual varia muito pouco de um ano para outro. Trata-se de cerimônias elaboradas por uma tradição religiosa para celebrar o santo. São os métodos oficiais que a Igreja utiliza para a lembrança, devoção e fortalecimento da relação dos fiéis ao Santo Antônio.

No primeiro plano da memória de um grupo, se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com ele. As relacionadas a um número muito pequeno e às vezes a um único de seus membros, embora estejam compreendidas em sua memória (já que, pelo menos em parte, ocorreram em seus limites), passam para o segundo plano. Dois seres podem se sentir estreitamente ligados um ao outro, e terem em comum todos os seus pensamentos. Embora em certos momentos suas vidas decorram em ambientes diferentes, através de cartas, descrições ou por narrativas quando se aproximam, eles podem dar a conhecer um ao outro, detalhes de circunstâncias em que se encontravam quando já não estavam mais em contato, mas será preciso que se identifiquem um ao outro para que tudo o que de suas experiências fosse estranho para um ou para outro seja assimilado em um pensamento comum (HALBWACHS, 2006, p. 51).

Os três enfoques de memória aqui descritos serão apresentados nos subcapítulos a seguir com alguns exemplos de construção de “lugares de memórias”, memórias individuais, memórias coletivas e ritualização de passagens da trajetória do santo.

#### 4.2 ESPAÇO DE FÉ: A CATEDRAL DE SANTO ANTÔNIO

A Catedral de Santo Antônio é a igreja principal de uma Diocese, status conquistado por ela no início da década de 1980, quando foi instituída a Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti a partir da divisão das Dioceses de Petrópolis e Nova Iguaçu.

Para compreender as relações e a importância deste espaço no que se refere à festa de Santo Antônio, pesquisamos fontes primárias nos arquivos da igreja, tais como documentos, correspondências e recortes de jornais, bem como uma publicação realizada em 2006 em comemoração ao Jubileu de Prata da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti, além de algumas entrevistas com membros da igreja e representantes do poder público municipal. Vale ressaltar que, ao longo dos 4 anos da pesquisa foram inúmeras tentativas, sem sucesso de ter acesso ao livro de tomo da Igreja, possivelmente pela dificuldade de se ter um espaço formal e apropriado de arquivo e guarda da documentação da igreja.

Antes da instalação da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti as paróquias da Baixada Fluminense estiveram subordinadas a outras Dioceses. No início da década de 1980, quando foi instituída, a presença católica na Baixada Fluminense esteve subordinada da seguinte maneira

Até julho de 1575, a Prelazia de São Sebastião do Rio de Janeiro era administrada pelo bispado de São Salvador, sendo elevada à condição de Diocese em 16 de novembro de 1676, pela *Bula Romani pontifici pastoralis sollicitudo*, do Papa Inocêncio XI.

Em 27 de abril de 1892, por intermédio da *Bula Ad universas orbis ecclesias*, do Papa Leão XIII, a Diocese de Niterói foi instalada, sendo desmembrada da Diocese do Rio de Janeiro.

Pela *Bula Ad supremum apostolicae sedis*, do Papa Pio XI, em 04 de dezembro de 1922 foi instalada a Diocese de Barra do Piraí, desmembrando de Niterói, abrangendo nossa região.

A Diocese de Petrópolis foi criada em 13 de abril de 1946, pela *Bula Pastoralis qua urgemur*, sob o Pontificado do Papa Pio XII, tendo sido desmembrada das Dioceses de Barra do Piraí e Niterói. Teve como primeiro Bispo D. Manoel Pedro da Cunha Cintra, originário do Seminário Maior de São Paulo e Inspetor de todos os Seminários do Brasil. D. Manoel Cintra foi sagrado e tomou posse em 1948 (MATTOS, 2006, p. 21-22).

A criação da Diocese de Petrópolis foi posterior à emancipação de Duque de Caxias, que aconteceu em 1943. No dia 13 de abril de 1946, foi criada pela *Bula Patoralis qua urgemur* pelo Papa Pio XII, se desmembrando das Dioceses de Barra do Piraí e Niterói. A área de abrangência da Diocese de Petrópolis corresponde a toda a Baixada Fluminense e parte da região Serrana, assumindo as seguintes Paróquias: São Pedro de Alcântara, Petrópolis, Santo Antônio do Alto da Serra, São Norberto, Cascatinha, Itaipava, São José do Preto, Santo Antônio do Alto da Serra de Sebastiana, Nossa Senhora da Piedade de Magé, São Nicolau de Suruí, Inhomirim, Guapimirim, Nossa Senhora da Guia de Pacobaíba, Sant'Ana de Tiradentes, Nossa Senhora da Conceição de Bemposta, Nossa Senhora das Dores de Areal, Nossa Senhora do Pilar, São João de Meriti e Duque de Caxias.

Quando a Diocese de Petrópolis foi criada, a Baixada Fluminense era composta por Duque de Caxias e Magé, ambas em sua área de abrangência, e Nova Iguaçu, que pertencia à Diocese de Barra do Piraí. Duque de Caxias se emancipou de Nova Iguaçu em 1943, e São João de Meriti e Nilópolis só se emanciparam em 1947. Com os demais municípios que atualmente compõem a região, Queimados, Belford Roso, Mesquita, Japeri e Guapimirim, isso só ocorreria na década de 1990 (MATTOS, 2006, p. 22).

Durante o período em que a Diocese de Petrópolis assumiu as Paróquias da cidade de Duque de Caxias, os Bispos da Diocese faziam visitas à cidade chamadas “Visita Pastoral do Nosso Bispo Diocesano”. Essas visitas seguiam extensa programação que compreendia encontros com congregações e irmandades, encontros com catequistas, visitas às Igrejas, escolas e missas<sup>39</sup>.

De acordo com correspondências e documentos trocados entre a Paróquia de Santo Antônio em Duque de Caxias e a Diocese em Petrópolis, aparentemente havia uma relação de fiscalização e controle nas ações realizadas pela Paróquia. Destaco dois exemplos que me chamaram a atenção na pesquisa em documentos dos arquivos da Paróquia de Santo Antônio. O primeiro aconteceu no ano de 1969 quando o Bispo enviou uma carta para o Frei responsável pela Paróquia acerca de uma denúncia do “Jornal O Fluminense”, que mencionava palestras de educação sexual que teriam sido promovidas pela Paróquia de Santo Antônio para as normalistas do Instituto de Educação. A carta dizia que a apresentação seria “pouco recomendável”. O jornal chamaria até o Frei de “Padre Quente”. O Frei respondeu que a carta do Bispo havia causado surpresa e que o Jornal tratava-se de fonte não fidedigna afirmando estar sempre no Instituto de Educação por outros motivos. Esse tipo de correspondência mostra

---

<sup>39</sup> Ver Anexo B (Programação da Visita Pastoral do Bispo Diocesano – 23 a 30 de abril de 1972).

a relação de subordinação e, de como a Diocese lidava com determinadas questões que são latentes até os dias de hoje<sup>40</sup>.

O segundo documento se refere a uma carta datada do dia 13 de junho de 1973 em que o Bispo fala sobre bailes que aconteciam na Feira (pela data e pelo modo como a carta foi escrita, provavelmente se tratava da Festa de Santo Antônio) que seriam realizados em clubes diferentes e que teriam sido desaprovados, lamentando o ocorrido ao final do texto<sup>41</sup>. De fato, durante as festividades de Santo Antônio, até os dias de hoje, acontecem inúmeras formas de comemoração, conforme veremos a seguir. Existe a festa dentro da igreja, com as barracas das irmandades e congregações e a programação religiosa (o sagrado) e a festa na rua, com barracas de comidas típicas, shows e muita bebida (o profano).

Apesar dessas manifestações hierárquicas, também encontrei cartas de elogios pelas ações realizadas pela paróquia e cartas que falavam sobre a dificuldade do Bispo em realizar as Visitas Pastorais. Com isso, a ideia de se criar uma Diocese que atendesse especificamente a cidade de Duque de Caxias, de maneira mais consistente, ganhou força.

A ideia de criação de uma nova Diocese, desmembrada do território eclesial de Nova *Iguaçu* e de Petrópolis, partiu de Dom Adriano Hypólito, que a apresentou aos demais bispos do Regional Leste I da CNBB. O bispo de Petrópolis, Dom Manuel Pedro da Cunha Cintra, também argumentava a favor da criação da nova Diocese, referindo-se ao extraordinário desenvolvimento populacional, religioso, cultural e cívico da região de Duque de Caxias e também à expectativa de atender melhor às necessidades espirituais e religiosas da população dos municípios de Caxias e São João de Meriti (MATTOS, 2006, p. 98).

Associado às cartas, aponto os argumentos destacados por MATTOS (2006) para a criação da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti.

- A distância em relação ao Centro da Diocese, localizado em Petrópolis;
- As diferenças entre populações assistidas pela Diocese, em Petrópolis e na Baixada Fluminense;
- A Diocese de Nova *Iguaçu* atendia a uma população bastante numerosa, com poucos padres para cobrir toda a área de São João de Meriti;
- O desenvolvimento populacional, religioso, econômico, cultural e cívico da região de Duque de Caxias (MATTOS, 2006, p. 23).

<sup>40</sup> Ver Anexo C (Carta do Bispo de Petrópolis ao Frei Tadeu questionando denúncia do Jornal ‘O Fluminense’ – 24 de dezembro de 1969).

<sup>41</sup> Ver anexo A (Carta do Bispo da Diocese de Petrópolis ao Frei Bernardo lamentando que bailes que ele desaprovou teriam acontecido em locais diferentes. – 13 de junho de 1973).

Com a criação da Diocese uma das principais preocupações era com relação ao prédio da Igreja. No dia 18 de junho de 1930, antes da emancipação do município e de ser instituída a Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti foi inaugurada a Igreja de Santo Antônio estava localizada na Rua José de Alvarenga, no Centro da cidade<sup>42</sup> a qual foi elevada à condição de Matriz da Paróquia de Santo Antônio no ano de 1942, sendo a primeira Matriz da Paróquia de Santo Antônio, padroeiro da cidade.

Com a forte devoção no município e uma elogiada atuação da Matriz de Santo Antônio na cidade de Duque de Caxias, surgiu a necessidade de se obter um novo espaço e o então Frei Lauro Ostermann comprou um terreno situado na então Estrada Rio-Petrópolis (atualmente Avenida Governador Leonel de Moura Brizola, conhecida como Avenida Presidente Kennedy, a principal via que corta de diversos bairros ligando até o centro do município). A compra do terreno não significou construção imediata do novo prédio.

Frei Joaquim Orth deu início às obras de construção, movimentando toda a paróquia para conseguir ajuda. Em continuidade, ficou Frei Tadeu Zimmermann que, com grande entusiasmo, quase concluiu as obras, contando com a ajuda das Irmãs Franciscanas de Dillingen (Colégio Santo Antônio) (MATTOS, 2006, p. 25).

A inauguração do novo prédio da Matriz de Santo Antônio aconteceu no dia 07 de setembro de 1959 e se tornou sede da nova Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti em 12 de julho de 1981, sob a orientação de Dom Mauro Morelli, primeiro bispo diocesano.

A eleição de Dom Mauro ocorreu em 25 de maio de 1981, e sua posse, em 12 de julho do mesmo ano. Dom Mauro adotou como lema episcopal a frase do Apocalipse de João “Vem Senhor Jesus” (Ap. 22, 20) e procurava, por meio da realização de sínodos diocesanos, fortalecer a participação de todos os fiéis na caminhada da Igreja (MATTOS, 2006, p. 99, grifo do autor).

A Paróquia de Santo Antônio se organizou como uma Igreja de Comunidades estabelecida através de documentos produzidos nas Assembleias Sinodais<sup>43</sup>. Foram realizados então dois Sínodos Diocesanos, sendo o primeiro no dia da Festa de Pentecostes no ano de 1982 e o segundo na Assembleia Sinodal, realizada no dia 26 de junho de 1988. Ao longo dos anos

---

<sup>42</sup> A partir do ano de 1958 o prédio foi sede do Colégio São Francisco de Assis, fundado por frades franciscanos. No ano de 2011 o Colégio mudou de endereço após uma negociação para que se tornasse um empreendimento comercial. Por se tratar de um prédio com significativa importância no que se refere à história, memória e patrimônio do município, até hoje a concretização deste empreendimento é um impasse.

<sup>43</sup> “Sínodo Diocesano, conforme o Código de Direito Canônico, é uma assembleia convocada e presidida pelo bispo, na qual os sacerdotes e outros fiéis da Igreja particular são chamados a discutir e fazer propostas pastorais, que podem ser publicadas como decretos sinodais” (MATTOS, 2006, p. 100).

o documento sinodal passou por algumas modificações, adaptações e ficou estabelecido um cronograma prevendo várias etapas para a sua implantação. “A realização dessas etapas sinodais, com suas respectivas assembleias, foi um marco em nossa caminhada eclesial. Ao mesmo tempo, incentivou-se a criação de novas comunidades, com a finalidade de tornar a Igreja presente em todos os bairros” (MATTOS, 2006, p. 101).

Com a presença da Igreja em diversos bairros, foram fortalecidas diversas ações implementadas pela Diocese, tais como acompanhamento de trabalhadores rurais, atuação da Pastoral da Criança que se iniciou em 1989, participação em Conselhos Comunitários, atenção à população em vulnerabilidade social por intermédio das Pastorais de Favela.

A Catedral de Santo Antônio desempenha relevante papel no cenário religioso, social, cultural e, até mesmo político da cidade. Trata-se de um lugar de fé, lugar de memórias e histórias da cidade, dos fiéis e da população de uma maneira geral, mesmo para pessoas que se declaram de outras religiões. Um exemplo significativo é a Festa de Santo Antônio que recebe milhares de pessoas entre fiéis, romeiros, curiosos, transeuntes, entre outros. Este capítulo abordará então, pesquisa de campo realizada entre os anos de 2014 e 2015 na festa em homenagem ao padroeiro da cidade.

#### **4.2.1 O Prédio da Catedral de Santo Antônio**

O prédio da Catedral de Santo Antônio se destaca e ao mesmo tempo se funde ao confuso cenário da cidade Duque de Caxias. Sobretudo durante a pesquisa, as visitas foram constantes, seja para a pesquisa na festa propriamente dita, ou para encontros com o padre Renato Gentile ou o responsável pela cúria da Igreja, Alexandre. Trata-se de uma robusta construção em concreto em uma localização privilegiada o que facilita o acesso dos fiéis e a torna uma referência. Em uma via repleta de ônibus e automóveis bem no centro comercial de Duque de Caxias, a imponente construção de concreto é conhecida por todos os cidadãos.

Figura 6: *Fachada da Paróquia de Santo Antônio*





Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Ao atravessar o portão de entrada da Igreja é possível visualizar prédios ao fundo. Em frente, escadas levam a um hall externo, onde as pessoas se encontram para entrar na Paróquia. Em seguida, um hall interno. Ao lado esquerdo está localizada a Secretaria da Igreja e ao lado direito uma lojinha com diversos artigos religiosos não somente sobre Santo Antônio. Quando tem missa, há sempre uma senhora de alguma Congregação ou Irmandade que recebe os fiéis entregando o Folheto da Missa.

Figura 7: *Hall de Entrada da Paróquia de Santo Antônio*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Figura 8: *Lado Direito do Hall de Entrada – ao fundo uma lojinha de artigos religiosos e o benzer na parede*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

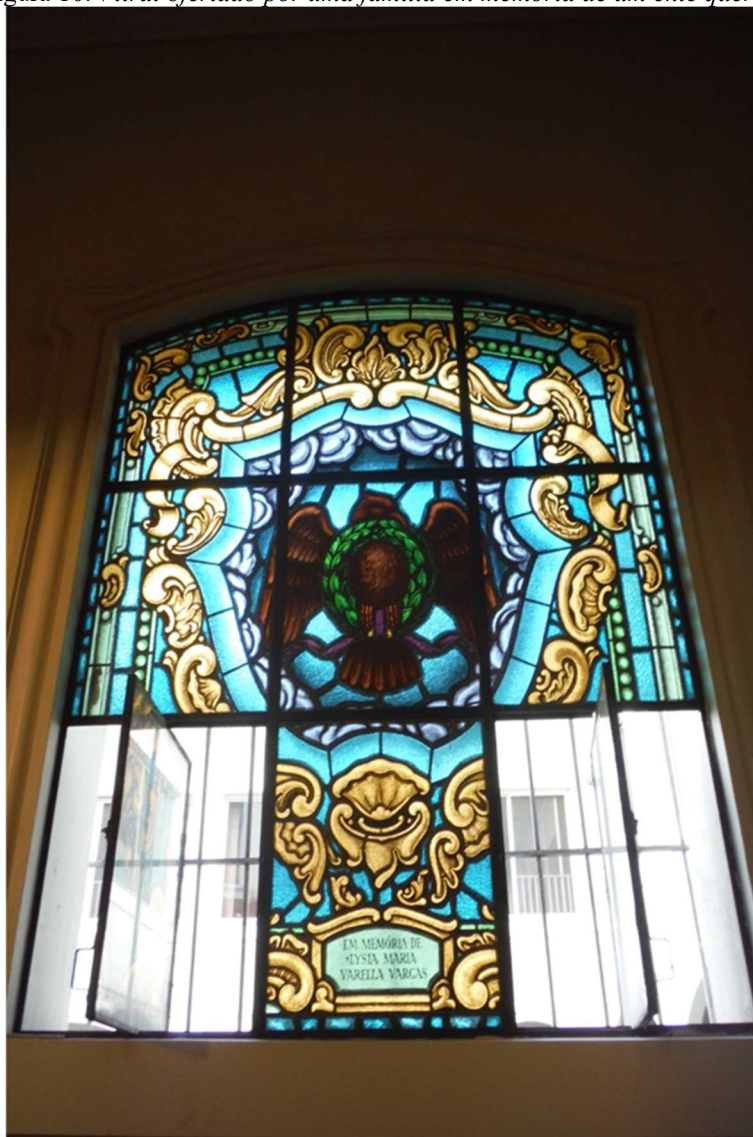
Figura 9: Lado Esquerdo do Hall de Entrada – Secretaria da Igreja



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

O salão da Paróquia é grande e possui o teto bastante alto. Ao entrar é possível perceber que está cercado de vitrais. Na parte superior são 7 vitrais em cada um dos lados e na parte inferior 6 vitrais do lado esquerdo e 4 vitrais do lado direito separados por quadros que representam a crucificação de Jesus Cristo. Os vitrais da parte inferior foram doados por famílias da cidade, assim, aparecem escritos os nomes das famílias. Alguns homenageiam entes queridos dessas famílias e levam gravados “em memória de...”.

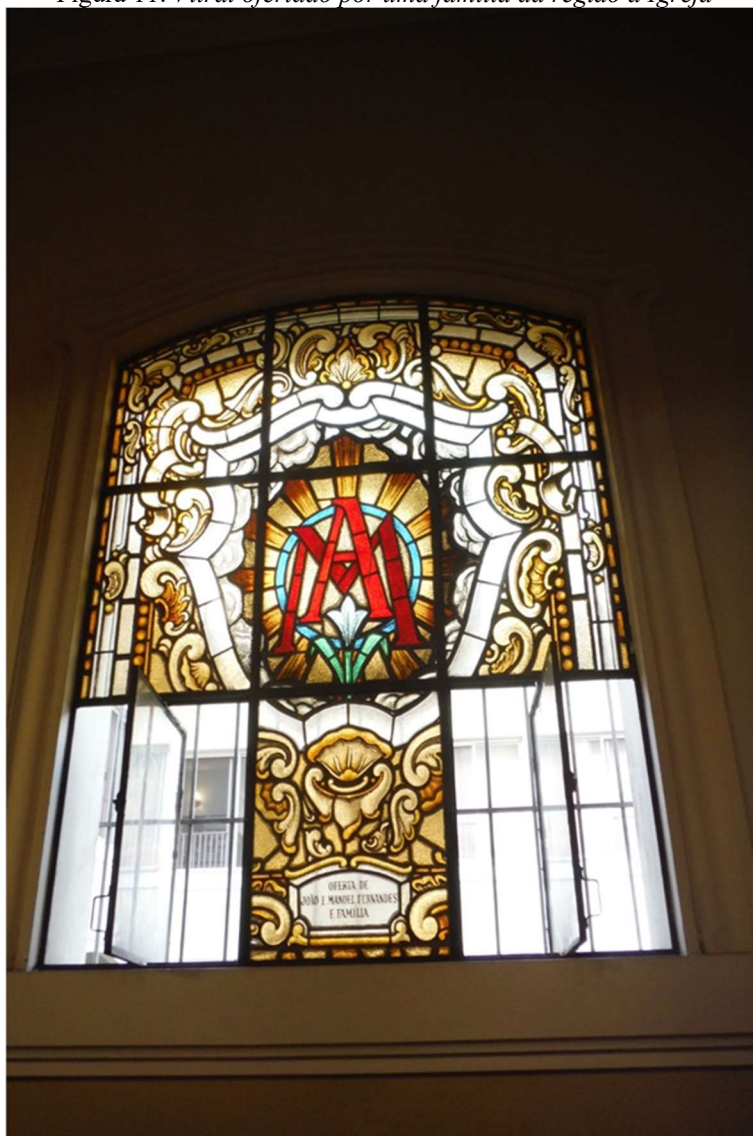
Figura 10: *Vitral ofertado por uma família em memória de um ente querido*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

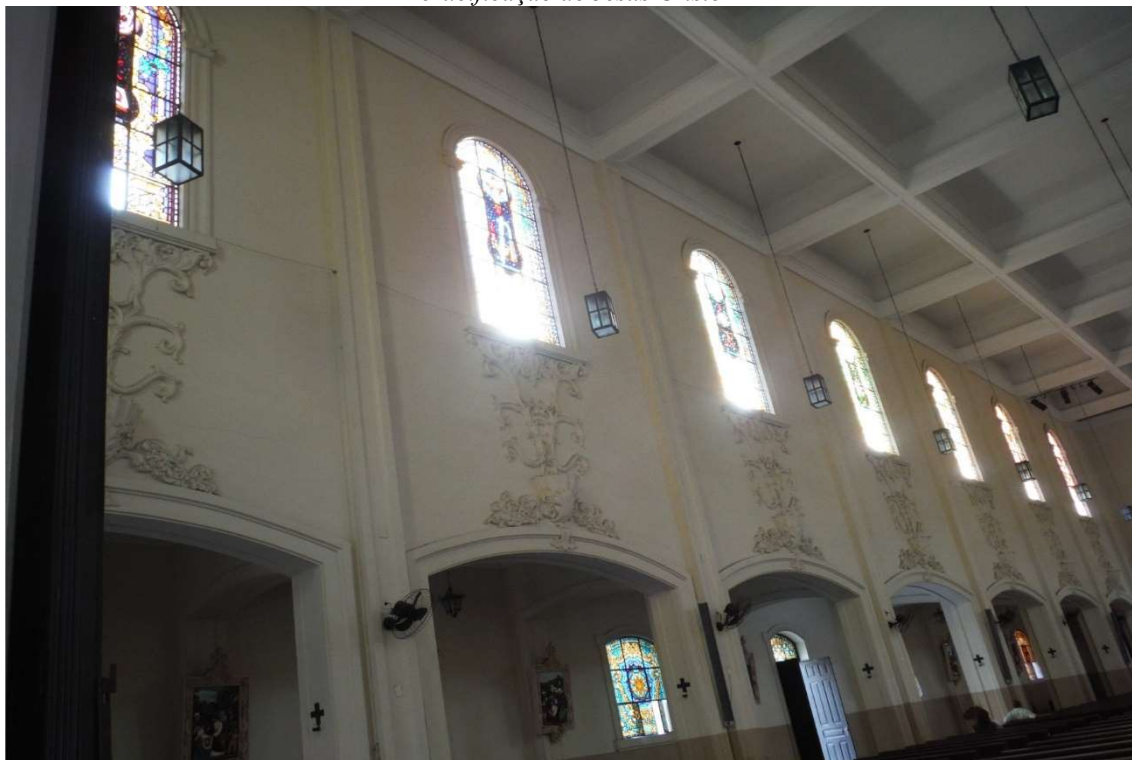


Figura 11: *Vitral ofertado por uma família da região à Igreja*



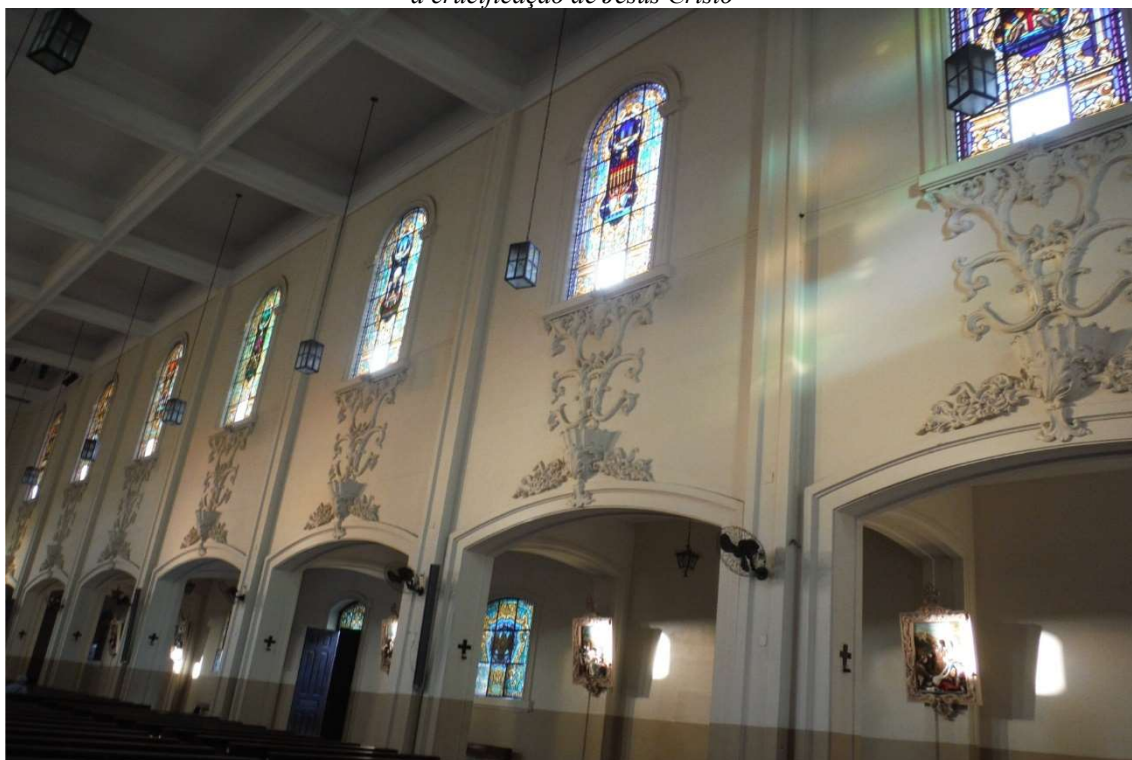
Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Figura 12: *Lado direito da Igreja com vitrais superiores e inferiores, separados por quadros que representam a crucificação de Jesus Cristo*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

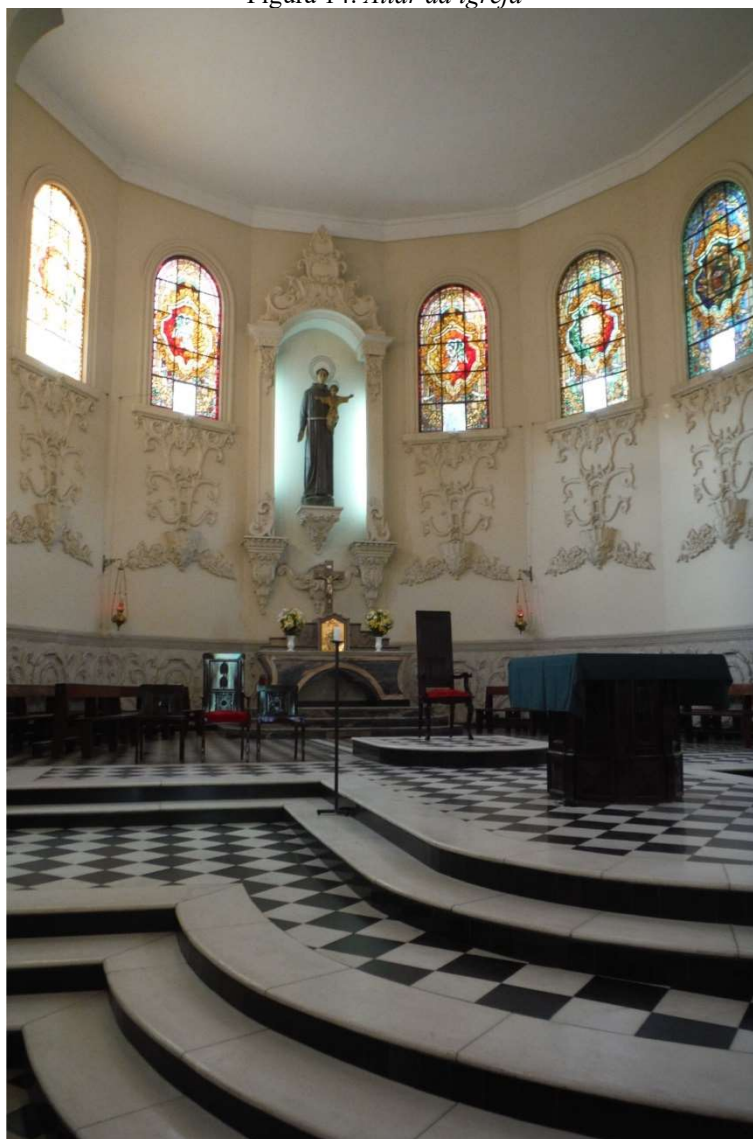
Figura 13: *Lado esquerdo da Igreja com vitrais superiores e inferiores, separados por quadros que representam a crucificação de Jesus Cristo*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

O altar da Igreja é grande e, apesar da simplicidade, muito bonito. Ao centro possui uma imagem do Santo Antônio imponente que está entre vitrais, 4 de cada lado. Nas extremidades a imagem do Sagrado Coração de Cristo e de Nossa Senhora complementam o espaço de devoção.

Figura 14: *Altar da igreja*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

A área externa é ampla e funciona como estacionamento em dias normais. Nos dias de festas é o local em que são montadas barracas. Nos fundos está localizado um prédio grande onde se realizam aulas, reuniões e encontros de grupos de apoio. Nesse prédio também está situado um grande salão de eventos onde ocorrem festas realizadas pela própria Igreja ou é alugado para eventos externos como festas de casamento, aniversários entre outros.



Figura 15: Pátio da igreja



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Figura 16: Prédio anexo



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

A Catedral de Santo Antônio é considerada atualmente um ponto turístico e cartão postal da cidade, sendo lugar de memória e história de uma de suas principais celebrações. Está



localizada na parte Central de Duque de Caxias, próximo à rodoviárias e estação de trem, sendo de fácil acesso para que os devotos possam frequentá-la. Trata-se de um ponto de encontro de amizade e fé que possui representatividade religiosa, política e social na cidade de Duque de Caxias.

#### 4.3 ETNOGRAFANDO A FESTA: PREPARATIVOS E COMEMORAÇÃO

Que seria de mim meu Deus  
Sem a fé em Antônio  
A luz desceu do céu  
Clareando o encanto  
Da espada espelhada em Deus  
Viva, viva meu santo  
– J. Velloso.

Cocada, cuscuz, pé de moleque! Forró e muita fé! Orações em uma cidade a comemorar e a festejar seu Santo Padroeiro, um dos mais importantes eventos do calendário de comemorações local.

Apresentamos a seguir os resultados de duas experiências de pesquisa da festa de Santo Antônio, fazendo uso respectivamente de métodos quantitativo e qualitativo, conforme quadro abaixo:

Quadro 3: *Metodologia Quantitativa e Qualitativa*

QUANTITATIVO	QUALITATIVO
Levantamento não probabilístico	Estudo de Caso
Levantamento por Amostragem	Etnografia
	Observação Participante
	Coleta de Documentos
	Entrevistas Individuais
	Registros Audiovisuais
	Registros de Sons

No que se refere à pesquisa quantitativa, realizei um levantamento com base de uma amostra não probabilística com o objetivo de coletar informações acerca do perfil do público frequentador da festa. Neste tipo de pesquisa uma parte da população não tem chance de ser incluída, devendo-se haver algum critério para os selecionados. “*Numa pesquisa de campo em*

*que se quer saber a opinião das pessoas, há necessidade de selecionar as que serão ouvidas da maneira mais neutra possível, evitando-se, portanto, escolhas intencionais e subjetivas”* (BRANDÃO NETO, 2004, p. 5, grifo nosso).

De acordo com Brandão Neto, *“na existência de grupos distintos da população, os mesmos devem ser representados de forma proporcional”* (2004, p. 6, grifo nosso). Sendo assim, para realizar a pesquisa quantitativa, realizei um levantamento por amostragem, dividindo os entrevistados proporcionalmente em dois grupos: os que participavam da festa do lado de fora da Igreja e os que estavam na quermesse propriamente dita, do lado de dentro da Igreja.

Nesse sentido, durante a pesquisa de campo realizei entrevistas de duas formas: em um momento realizei entrevistas individuais com alguns agentes da festa dividindo os entrevistados em dois grupos de pessoas. O primeiro grupo é formado pelos organizadores da festa que são o Poder Público local, figurados pelo então Prefeito Alexandre Cardoso (gestão de 2013 a 2016), Secretários e os membros da Igreja propriamente ditos, figurada pelo Padre Benedito Zanobia, responsável pela Paróquia de São Sebastião e pelo Padre Renato Gentile, responsável pela Paróquia que foi o principal informante para a realização desta pesquisa. Nesse grupo insiro ainda o atual Prefeito Washington Reis, a atual Secretária de Cultura e Turismo da cidade, Daniele Reis, o ex-Prefeito José Camilo Zito dos Santos Filho, que ficou 12 anos à frente do governo municipal. O segundo grupo integra agentes culturais e população local. Os agentes culturais trouxeram suas experiências não apenas no âmbito da festa, mas também da construção de uma identidade cultural da cidade, seus problemas e significações e os fiéis, peregrinos que acompanhavam a comemoração e representantes das Congregações e Irmandades que auxiliavam na organização e realização da festa.

Já o segundo grupo de pessoas se refere à participação da população local na festa que responderam a breves questões específicas para uma análise parcial dos dados da festa para uma pesquisa quantitativa não probabilística, conforme especificado anteriormente.

Sendo assim, no que se refere à pesquisa quantitativa, foram entrevistadas 60 pessoas no ano 2014 que responderam 5 breves questões, mas que ajudam a ter um breve panorama do público da festa. São as perguntas:

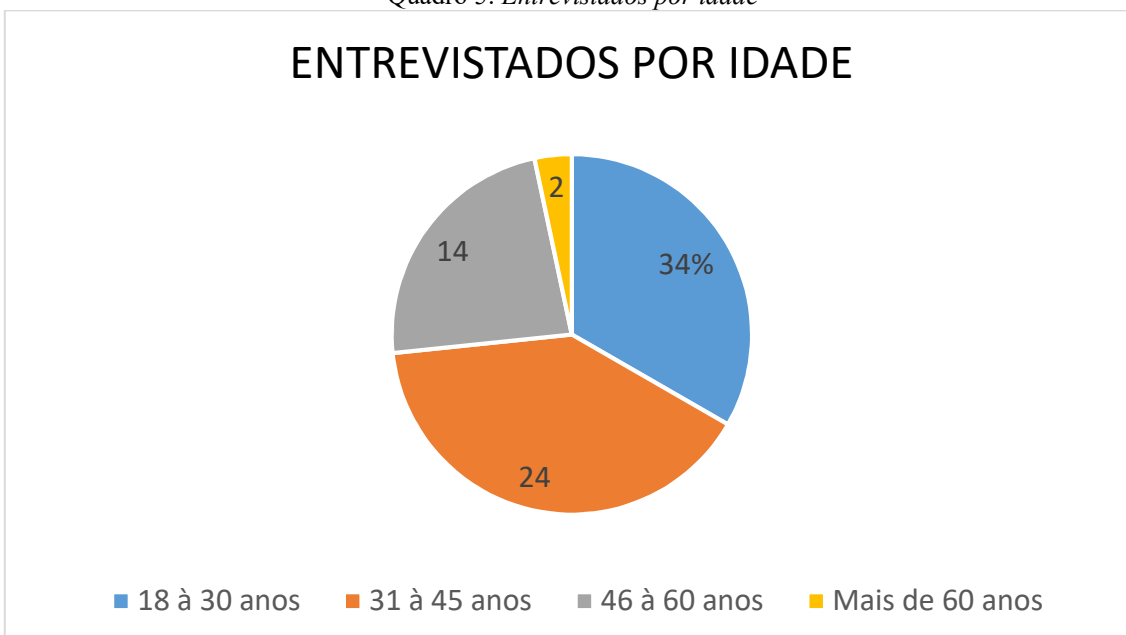
1. Qual é a sua idade?
2. De onde você é? (Cidade, bairro)
3. Costuma frequentar a Festa de Santo Antônio da cidade de Duque de Caxias?
4. Se sim, há quantos anos ou há quantas festas já frequentou?

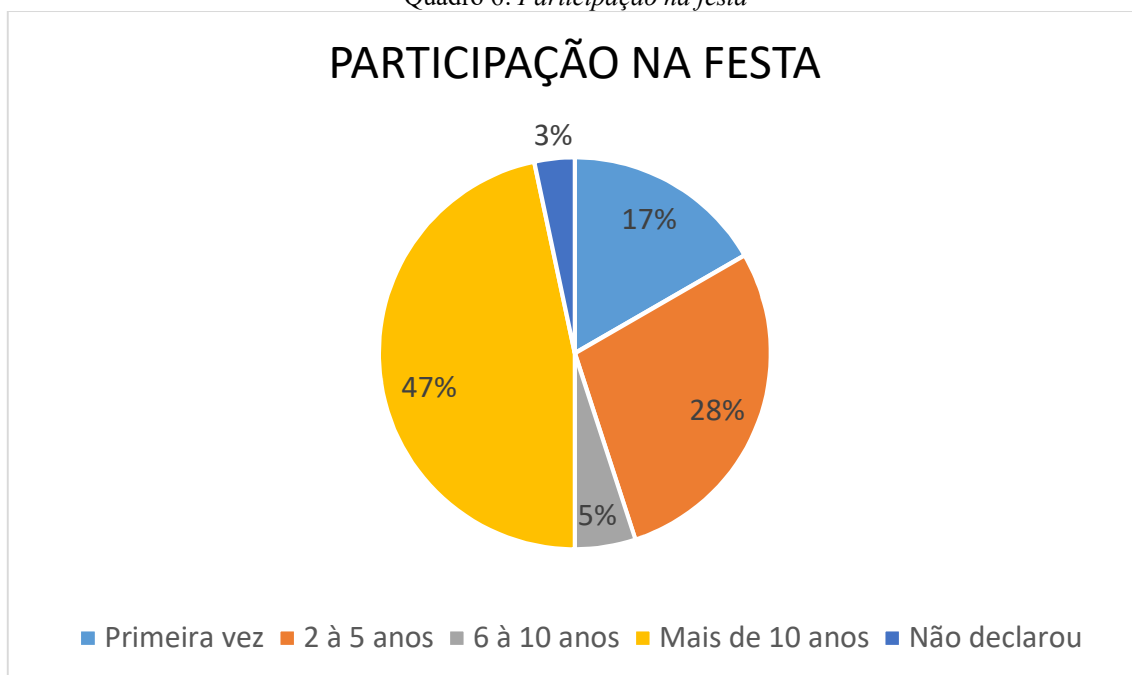
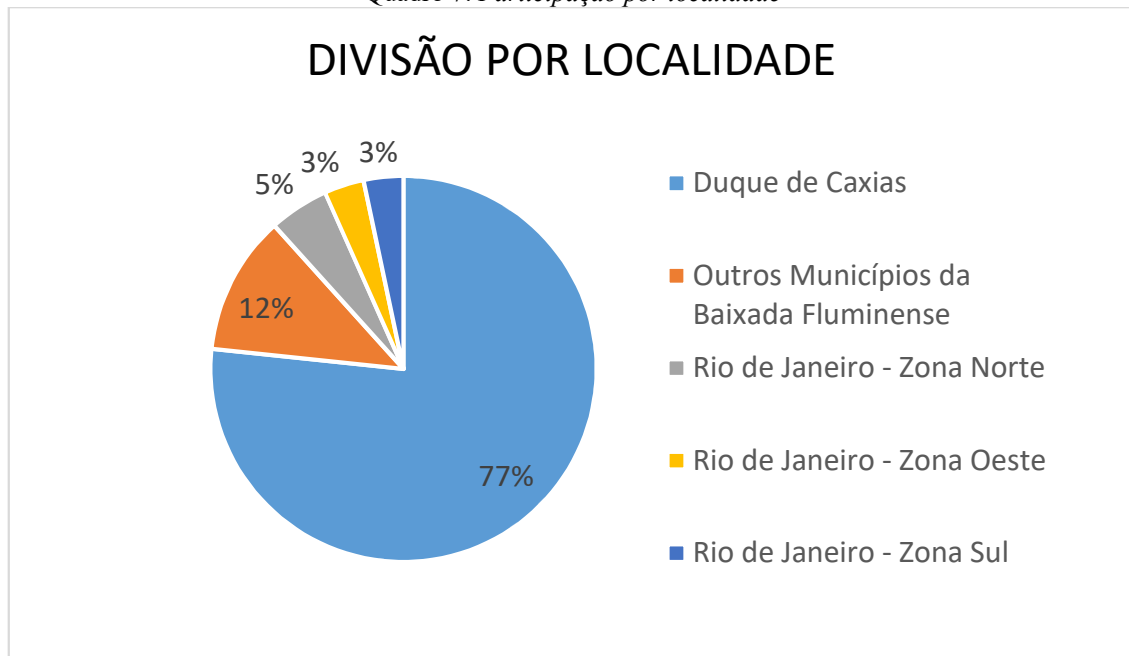
## 5. Qual é a sua religião?

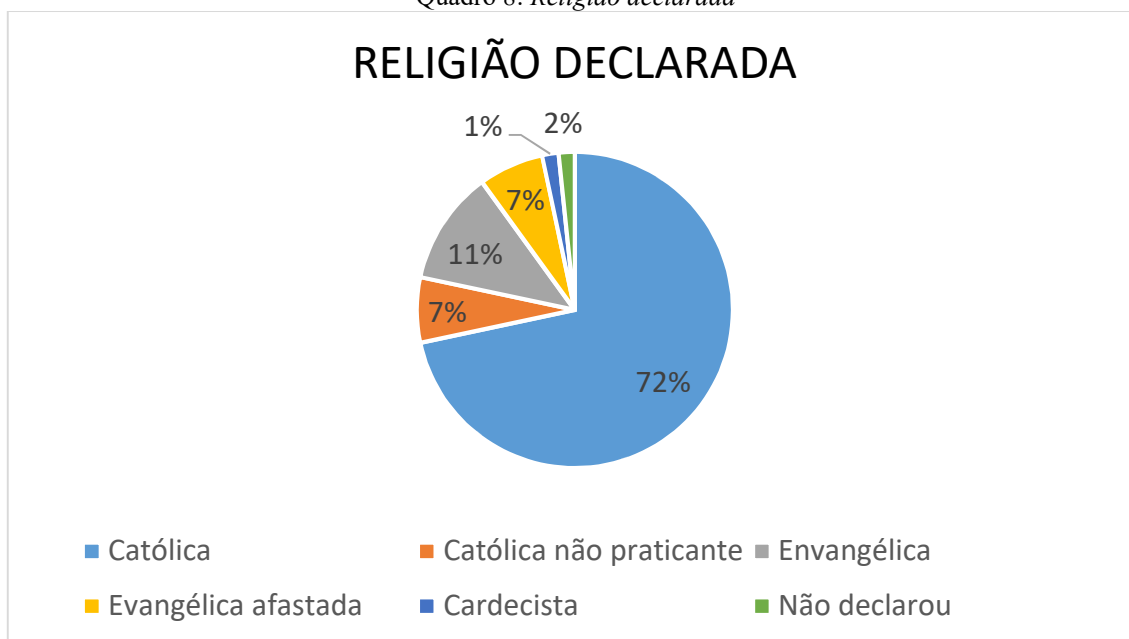
Quadro 4: Entrevistados por sexo



Quadro 5: Entrevistados por idade



Quadro 6: *Participação na festa*Quadro 7: *Participação por localidade*

Quadro 8: *Religião declarada*

Essa pesquisa apontou como resultado de que o público da festa é composto por maioria feminina (62%) sendo um maior índice de pessoas de até 60 anos. A média de frequência na participação nas atividades da festa é de 10 anos (47% dos entrevistados) e a maior parte dos frequentadores é de origem da própria cidade (77%). Essa amostragem foi realizada em pesquisa de campo no ano 2014 nos dias da festa de rua propriamente ditos. Algo que chamou a atenção nesses dados se refere à religião declarada. O maior percentual se refere aos declarados católicos, no entanto, pessoas que declararam de outras religiões frequentam a festa também.

Já no que se refere à pesquisa qualitativa utilizei métodos etnográficos, incluindo estudos de caso, Observação Participante, Coletas de Documentos, Entrevistas Individuais, Registros Audiovisuais e Registros de Sons.

Ao focalizar um tema que mescla ao mesmo tempo características tradicionais aliadas ao contemporâneo, a opção pela pesquisa de campo em uma abordagem de observação participante foi fundamental para que eu pudesse vivenciar plenamente os detalhes da comemoração do Santo Padroeiro na cidade de Duque de Caxias.

Para a realização desta etapa da pesquisa, me inspirei primeiramente na "etnografia dos percursos", levando-se em consideração as etapas e localizações que abrangem a festa, tamanho do seu crescimento. O uso do audiovisual como ferramenta de pesquisa foi também muito relevante. Ao focalizarmos uma comemoração tradicional numa cidade contemporânea foi

importante exercitar o distanciamento, provocar algum estranhamento, seguindo a proposta formulada por Regina Abreu de “*vivenciar a experiência do viajante que percorre uma região, buscando exercitar um olhar que estranha, que inquire, que indaga, que procura novos ângulos, novas perspectivas, novas faces de paisagens já vistas e consagradas*” (ABREU; OLIVEIRA, 2016, p. 112).

A perspectiva etnográfica proporciona também a possibilidade de construção de agenciamentos e conexões únicas e singulares, capazes de alimentar o trabalho de pesquisa.

Os agenciamentos são datados, transitórios e sempre em relação com um limiar que, atingido, promove uma virada, uma mudança. Deleuze (1977:84) escreve que a única unidade do agenciamento é o “co-funcionamento”, que ele também chama de “simpatia”. Na linguagem e na vida estamos sempre nesse regime de conexão, de falar “com”, agir “com”, escrever “com”. A *simpatia* para Deleuze (1977:66) é essa composição de corpos (físicos, psíquicos, sociais, verbais etc.), essa “penetração de corpos”, essa afecção nos agenciamentos, e não “um vago sentimento de estima”. Pode envolver amor ou ódio, ela é o modo de conexão nos agenciamentos, o “co-funcionamento” (CAIAFA, 2007, p. 152, grifos do autor).

A perspectiva etnográfica, incluindo a observação-participante, foi fundamental para o convívio com os diversos grupos que permeiam tanto o planejamento e organização da festa, quanto os que frequentam e estão participando contemplando sua fé, ou mesmo os que estavam lá para a festa, independente do caráter religioso. Em alguns momentos utilizei o recurso audiovisual para a realização de entrevistas, em outros momentos, como em uma reunião, por exemplo, apenas observei e anotei.

Uma das inspirações para a realização da Pesquisa Qualitativa, sobretudo no que tange a observação-participante, foi a obra de William Foote-Whyte intitulada “Sociedade de Esquina”. Este trabalho gira em torno de um bairro pobre e degradado italiano de Boston (North End) a que deu o nome de Cornerville sendo seu objeto de estudo rapazes de esquina e gângsteres. O livro se divide em três partes. Na primeira, denominada “Rapazes de Esquina e Rapazes Formados”, o autor pesquisa as relações pessoais em suas particularidades, buscando suas relações com os outros indivíduos e com o cotidiano. Tais indivíduos são definidos pelo autor como os “peixes miúdos” – os “rapazes de esquina”, que ocupam a posição mais baixa na hierarquia social – e busca compreender e perceber como as atividades dos próprios grupos são organizadas pelos indivíduos que a eles pertencem. Na segunda parte, denominada “Gângsteres e Políticos”, que são os definidos pelo autor como “peixes graúdos” (as organizações mafiosas e políticas), ocupam o topo da hierarquia local. Mas cada “tipo” identificado pelo autor é

concebido a partir da observação e da descrição de trajetórias de indivíduos e grupos concretos com os quais Whyte não apenas entrou em contato, mas de fato se envolveu em ações, disputas e projetos conjuntos. A terceira parte do livro é a conclusão, onde o autor conclui que as ações realizadas pelos grupos se revelavam parte de um sistema de obrigações mútuas. O líder do grupo se revelou como o ponto central da organização para sua unidade ou sua desintegração, bem como para a relação do grupo com outros agrupamentos da comunidade. A divisão e a percepção do autor em seu campo são inspiradoras. Uma das estratégias do autor é a percepção de grupos com ações e interesses diversificados num conjunto de atores sociais.

A Festa de Santo Antônio em Duque de Caxias é uma apropriação da comunidade que vai além de preceitos religiosos. Mesmo que o significado da festa na rua também tenha a sua religiosidade, seu lado profano atrai diversos tipos de público, seja por conta de comidas ditas típicas, seja por conta de eventuais shows de artistas consagrados no cenário, seja pelo encontro com os amigos e a família, seja por ser a rua um lugar de passagem. Trata-se de uma festa que vem sendo realizada em grandes proporções, para um público estimado em 200 mil pessoas no ano de 2014, ano em que pesquisei, de acordo com dados da Defesa Civil Municipal, sendo grande a adesão popular.

Outra fonte de inspiração relativa à perspectiva etnográfica relaciona-se a trabalhos recentes da antropóloga e professora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Janice Caiafa, que tem se dedicado a pesquisar singulares experiências nas cidades. Tais pesquisas vão desde as jornadas urbanas com foco na problemática de transportes coletivos e viagens de ônibus no Rio de Janeiro e Nova York até pesquisas relacionadas aos processos comunicativos no metrô. Em sua publicação “Aventuras nas cidades”, a antropóloga reúne uma coletânea de artigos acerca de sua pesquisa sobre Viagens de ônibus em Nova York e no Rio de Janeiro, trazendo diversas questões importantes acerca da perspectiva etnográfica.

O trabalho de campo, embora tenha se desenvolvido encaixado em determinações teórico-disciplinares e políticas, permanece um legado muito vigoroso do pensamento antropológico. Trata-se de um aprendizado que extraímos da Antropologia não como disciplina, mas como um campo produtivo de trabalho efetivo onde floresceu uma forma de pesquisar, uma atitude, um olhar, um tipo de inquietação intelectual e afetiva (CAIAFA, 2007, p. 148).

Deste modo, o contato mais intensificado com alguns agentes foi fundamental. O primeiro passo se deu com um telefonema para o Padre responsável pela paróquia de Santo

Antônio em Duque Caxias, Renato Gentile que me convidou para participar de uma das reuniões de organização que aconteceria no dia 19 de maio de 2014.

Para o desenvolvimento da pesquisa, vivenciei a experiência da festa, desde a participação em uma das reuniões de organização, conversa com as senhoras das Congregações e Irmandades, entrevistas, conversas e apoio do Padre Renato Gentile, responsável pela Paróquia de Santo e Antônio em Duque de Caxias e presença nas missas da Trezena de Santo Antônio que se iniciou no dia 31 de maio e terminou no dia 12 de junho, e na Festa propriamente dita, que se iniciou no dia 11 de junho e terminou no dia 15 do mesmo mês, no ano de 2014. No ano de 2015 o apoio para o desenvolvimento da pesquisa de campo continuou. Mais uma vez participei da Trezena de Santo Antônio que teve início no dia 31 de maio.

Mas a pesquisa não se deu somente durante as comemorações. Ao longo dos 4 (quatro) anos de pesquisa participei de missas e encontros com o Padre Renato Gentile e, posteriormente, com Alexandre, responsável pela Cúria Diocesana da Igreja. Com esses encontros tive acesso a alguns documentos e publicações sobre a Igreja e sua instituição na cidade, bem como encontrei pistas para os motivos que levaram Santo Antônio a ser o padroeiro da cidade.

A relação da cidade de Duque de Caxias com a Festa de Santo Antônio produz diversos espaços de comemoração e um meio heterogêneo. Desconhecidos se misturam para além do círculo familiar, vizinhança, membros que compõem a Igreja, o Poder Público e os comerciantes que tomam conta do espaço de uma das principais vias da cidade por 4 ou 5 dias de festa<sup>44</sup>.

A comemoração ao Padroeiro da Cidade tem seu início no dia 31 de maio, quando as atividades religiosas começam através das orações no ritual chamado “Trezena de Santo Antônio”. São treze dias de orações onde os fiéis frequentam a paróquia em missas as quais são realizadas em sua maioria às 19h<sup>45</sup>.

Essa festividade é uma das mais aguardadas pela população da cidade de Duque de Caxias e alguns bairros de cidades vizinhas. A principal via da cidade chamada Av. Leonel de Moura Brizola<sup>46</sup> abriga a parte da festa que foi realizada externamente à Paróquia, juntamente

---

<sup>44</sup> Os dias de festa dependem de alguns fatores, como por exemplo, o dia que cai 13 de junho e patrocínio.

<sup>45</sup> Com exceção dos dias de domingo em que era realizada às 18:30h e dia 7 de junho (sábado), que se realizou às 18h.

<sup>46</sup> Anteriormente se chamava de Av. Presidente Kennedy, como é reconhecida até os dias de hoje apesar da mudança.



com a Praça do Pacificador, onde estão localizados o Teatro Municipal Raul Cortez e a Biblioteca Municipal Leonel de Moura Brizola.

Na Avenida, os preparativos se iniciaram ao mesmo tempo em que se deu o início da realização da Trezena. A montagem das 59 barracas temáticas de alimentos, bebidas e artesanato foi sequencial e interferem diretamente no fluxo da cidade, tanto no trânsito quanto na circulação dos transeuntes. A pouca harmonia que o centro da cidade concede ao espaço urbano foi substituído pela montagem das barracas e ajustes de instalações de iluminação e sistema de água para a higiene de cada uma delas, uma novidade implementada no ano de 2014 de acordo com a então Secretária de Comunicação e Ações Institucionais, Tatiane Lima. Ao longo da Avenida, nos dias da festa, caminhões com atividades pedagógicas e culturais ficaram estacionados, sendo mais um atrativo para o público.

Faz parte do processo de montagem também, um palco localizado na mesma Avenida que as barracas, situado bem em frente à Igreja, onde ocorreram shows e apresentações de dança. Além disso, a Praça do Pacificador também integra o circuito da festa e a montagem também passa por ela. O palco do Teatro Raul Cortez, que possui um sistema que se abre para a praça recebeu diversos shows e atividades culturais, bem como o pátio inferior da Biblioteca Leonel de Moura Brizola que foi cenário para o “Circuito Gastronômico”, onde alguns tradicionais restaurantes da cidade são convidados a preparar cardápios especiais ao longo de todos os dias de festa durante a gestão 2013-2016.

No entanto, bem antes dessa montagem, toda a organização da festividade é pensada e debatida entre a Igreja e a Prefeitura. O consenso é de que a festa é uma realização da Igreja com apoio da Prefeitura, que cede o espaço da rua e toda a estrutura necessária, como, Guarda Municipal, Defesa Civil, Atividades Culturais através da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, Divulgação através da Secretaria de Comunicação e Ações Institucionais, Atendimento Médico, caso necessário, por intermédio da Secretaria Municipal de Saúde, identificação de crianças através da Secretaria Municipal de Assistência Social e toda a estrutura necessária para a plena realização do evento.

Por ser uma festividade com realização da Paróquia de Santo Antônio, grande parte da produção e das decisões é estabelecida por uma comissão organizadora que são sobretudo integrantes de Irmandades e Congregações que se reuniram frequentemente pensando em cada detalhe para que as tarefas pudessem ser divididas.

Para que eu pudesse acompanhar o mais perto possível essa organização, realizei contato telefônico com a Secretaria da Paróquia e solicitei conversar com o Padre Renato Gentile, responsável pela Igreja. A senhora que atendeu ao telefone anotou meus dados e no dia seguinte

recebi o telefonema do Padre que logo se entusiasmou em apoiar a realização da pesquisa e me convidou a participar de uma reunião que aconteceria no dia 19 de maio de 2014 e seria realizada no prédio administrativo da Paróquia.

Ao chegar para a reunião eu ainda não conhecia a parte interna e administrativa do prédio e precisei perguntar onde estava se realizando. Ao entrar na sala a reunião já havia se iniciado. O Padre Renato Gentile havia dito para eu procurar uma senhora chamada Sônia, mas ao entrar na sala preferi não interferir nas discussões que estava sendo realizadas. Percebi que cada detalhe é tratado com muito carinho e cuidado. Logo pude perceber quem era a Sônia, pois liderava a reunião, dividindo tarefas e cobrando as que deveriam ser cumpridas.

Quando entrei na sala em uma reunião composta em sua maioria por senhoras de Irmandades e Congregações e alguns poucos homens, o assunto tratado era o cardápio do jantar dos namorados que aconteceria no dia 12 de junho, após a missa de Renovação de Votos. Para preparar o jantar, o grupo responsável pesquisa preços em diversos supermercados e no CEASA em busca dos melhores valores em virtude da grande quantidade de alimentos. Para participar desse jantar é preciso comprar os ingressos e todos eram responsáveis pela divulgação e venda, sendo feito um “balanço” das vendas na reunião. Outro ponto abordado com bastante cuidado foi sobre o bolo de Santo Antônio, que também tem seus pedaços vendidos e os participantes da festa podem comprar antecipadamente.

Diversos assuntos foram tratados na reunião, desde o cardápio, até a montagem das barracas, tanto na área externa da Igreja (para a festa que acontece na rua) quanto na área interna (a quermesse da Igreja, onde são montadas as barracas das Congregações e Irmandades), relação com os barraqueiros externos, relação com a Prefeitura da cidade, liberações do Corpo de Bombeiros e segurança são tratados e resolvidos pela comissão, com muito cuidado. Nessa reunião em 2014 um assunto que me chamou a atenção se deu em virtude da realização da Copa do Mundo. A abertura da Copa do Mundo seria um jogo do Brasil contra a Croácia que se realizaria no dia 12 de junho. Em virtude disso, havia a vontade de se montar um telão na rua para que o jogo fosse exibido e não dispersasse o público da festa. Para isso era preciso ser uma autorização da FIFA. Havia um empenho em relação a isso, mas no primeiro dia da festa a Sônia, organizadora da festa, me disse que não foi preciso, apesar de terem feito toda a burocracia necessária, a FIFA acabou abrindo mão desses trâmites e puderam passar o jogo em telão na Praça do Pacificador.

Durante a reunião a Sônia me olhava muito. Um olhar curioso. Ao final, perguntou quem eu era e pediu que me apresentasse. Não consegui fazer antes por ter me atrasado um pouco. Expliquei que estava ali a convite do Padre Renato e que estava escrevendo uma Tese de

Doutorado sobre a Festa de Santo Antônio. Todos ficaram muito felizes e sentiram todo o esforço que diversas pessoas fazem ao longo de tantos anos para que a festa aconteça valorizado. Fui convidada para participar da última reunião antes da festa que seria realizada no dia 2 de junho. Expliquei que estaria chegando de um evento acadêmico<sup>47</sup> em Portugal nesse dia e não sabia se conseguiria chegar a tempo. De fato, em meu retorno o voo teve um atraso de 6 horas e não consegui chegar a tempo da reunião.

A receptividade tanto por parte dos membros da igreja, desde o Padre responsável pela Paróquia até os responsáveis pelas Congregações e Irmandades que auxiliam na organização da festa e do Poder Executivo local foi muito boa. A valorização de um evento cultural da cidade desperta um misto de curiosidade e satisfação sendo inclusive um impulso para elevar a autoestima da população de uma cidade que abriga diversos problemas sociais.

A sutileza com que o evento é organizado pelas pessoas que integram as Irmandades e Congregações Religiosas é algo de destaque. Cada detalhe é pensado de acordo com a programação tradicional da festa. As festividades se iniciam no dia 31 de maio com a “Trezena de Santo Antônio”<sup>48</sup>, passando pelo dia 12 de junho, dia em que é comemorado o “Dia dos Namorados” no Brasil e dia 13 de junho.

Acompanhei todos os dias de realização da trezena em homenagem ao Santo Padroeiro. Esta celebração não modifica a programação da igreja: os dias das missas de intenções não se alteram. A diferença da “Trezena de Santo Antônio” é poder acompanhar devotos ao santo que todos os dias vão fazer seus agradecimentos e pedidos. Além disso, a história de Santo Antônio e seus Milagres são exaltados em diversos momentos da Missa que termina com um momento de devoção e adoração.

É importante destacar que as festividades em homenagem ao Santo Padroeiro acontecem em duas partes: a primeira é a programação religiosa, em que ocorre uma série de missas, confissões individuais, ordenação de novos Padres, entre outras atividades. A segunda é a programação festiva. Uma festa tipicamente conhecida como “junina” contagia a cidade, e seu crescimento é perceptível a cada ano.

---

<sup>47</sup> Participei do evento Mapping Culture realizado na Universidade de Coimbra, Aproveitei a oportunidade e fui até Lisboa conhecer a Igreja de Santo Antônio e busquei nas cidades algumas referências. Foi um momento bastante importante da pesquisa. E de fato meu voo atrasou 4 horas e não consegui chegar a tempo de participar da reunião.

<sup>48</sup> Diferente do que acontece na cidade Lisboa, onde nasceu Santo Antônio. Lá, a trezena se inicia no dia 1 de junho e vai até o dia 13 de junho, dia próprio do Santo.

#### 4.4 A PROGRAMAÇÃO RELIGIOSA

Te amarei, Senhor,  
Te amarei, Senhor,  
Só encontro a paz e a alegria bem perto de Ti  
(Cântico Religioso)

O principal ponto da festividade ao Santo Antônio concerne à programação religiosa. Esta programação acontece sempre dentro do espaço da Paróquia de Santo Antônio. O prédio é imponente e representativo no espaço da cidade, localizado em uma de suas avenidas mais importantes que se chama Governador Leonel de Moura Brizola, antiga Presidente Kennedy. De fato, a população ainda conhece a avenida pelo seu antigo nome, sendo o atual, esquecido.

O preparativo para as festividades do Santo Padroeiro é intenso. Com início no dia 31 de maio com a primeira missa da Trezena de Santo Antônio, esse é um momento muito importante para os devotos da cidade e, conforme os dias passam, mais fieis participam.

Particpei da Trezena de Santo Antônio todos os dias durante os dois anos de pesquisa de campo (2014 e 2015): de 31 de maio a 12 de junho. Nesse período de observação pude perceber diversos detalhes acerca da participação dos fiéis. Cabe ressaltar que durante essas missas, não há alterações na programação normal da igreja. Os dias de missas de Intenção (que são as conhecidas missas de sétimo dia, um mês, comemoração de aniversários, entre outros casos) continuam e, inclusive, são os dias nos quais pude perceber que a igreja estava repleta de maior quantidade de fieis. Se, por um lado, alguns lamentavam a perda de entes queridos, por outro, alguns não apenas participavam das homenagens ao Santo Antônio, mas também, aproveitavam para agradecer, pedir, rezar, se emocionar.

Não se pode estabelecer um fluxo de pessoas nessas missas das Trezenas, mas pode-se perceber personagens que estavam lá todos os dias, plenos em suas orações. Interessante notar que algumas dessas pessoas se sentaram todos os dias nos mesmos lugares. Percebi duas pessoas em que essa prática era a mais explícita: uma freira e uma senhora com idade avançada. Infelizmente não consegui conversar com as duas. Estavam tão entretidas com aquele momento de fé, parecia um momento tão íntimo, tão pessoal, que pensei em aguardar um momento propício, mas todos os dias elas saíam de lá imediatamente após o fim da missa, em êxtase, emocionadas.

O canto citado no início deste sub-capítulo é entoado pelo grupo da igreja e fiéis no início da missa, chamado de canto de entrada, quando os fiéis são inseridos no tempo litúrgico, acompanhando procissão do Sacerdote e dos Ministros. Todos os dias é um momento de muita emoção, todos querem ver a Bíblia entrar na igreja, todos cantam e participam.

Figura 17: *Início da missa com a chegada do Sacerdote e dos Ministros entoada pelo Canto de Entrada*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Não há muitas diferenças das missas na Trezena de Santo Antônio para as missas que acontecem cotidianamente na Igreja. Acontecem os quatro momentos: Ritos Iniciais, Liturgia da Palavra, Liturgia Eucarística e Ritos Finais. Por se tratar de dias festivos e de devoção ao Padroeiro da Cidade e da Igreja há um momento em que a história do Santo é lida por um integrante de uma das Irmandades ou Congregações. Ao final, o Padre faz uma oração e há um momento em que os fiéis podem fazer seus pedidos e agradecimentos ao Santo Padroeiro.

Figura 18: *Momento da comunhão*

Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Além da Trezena de Santo Antônio, a Programação Religiosa é composta de outros momentos.

A Quermesse que acontece no pátio da Igreja integra a Programação Religiosa. Ela é realizada exatamente nos mesmos dias em que a festa acontece do lado de fora da Igreja e que será mais bem detalhada adiante.

Na Quermesse, as barracas pertencem às Congregações e Irmandades e as Senhoras e Senhores que as integram preparam tudo detalhadamente com bastante antecedência. Cada pessoa fica responsável por uma atividade, bem como por preparar as guloseimas a serem vendidas em suas barracas, tais como, doces, salgados, comidas típicas. Uma distribuidora de bebidas abastece as barracas que vendem este item e uma discussão estabelecida foi justamente sobre não poder colocar bebidas de outras marcas dentro da geladeira por eles cedida. Eles ressaltaram a importância de seguir esta recomendação, pois os parceiros são muito importantes para a realização da festa, sobretudo visando os próximos anos.



Figura 19: *Barracas da Quermesse que acontece no Pátio da Igreja*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Durante o período da festa, acontece no Salão da Catedral de Santo Antônio também uma programação musical para os fiéis que preferiram um espaço com mesas e cadeiras, mais acolhedor do que a festividade na rua.

Figura 20: *Salão Interno da Igreja com barracas e show – Beto Gaspari (músico e agente cultural)*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Durante a programação religiosa existe um momento tradicional que é a “Celebração do Perdão em Comunidade”. Esta atividade da programação religiosa acontece todos os anos.

O dia 12 de junho é bastante esperado. É o dia da missa de confirmação do amor, reafirmação de votos dos casais. Neste dia pude conhecer e entrevistar alguns casais que se conheceram na festa ou na igreja e que estão juntos há muitos anos. É quando acontece o jantar dos namorados. Esse jantar, organizado pelas Congregações e Irmandades é organizado e produzido com bastante antecedência. Nas reuniões de organização da festa é discutido o cardápio, quem será o responsável por cozinhar, comprar os ingredientes, servir, entre outras ações que envolvem o evento que acontece após a missa de Confirmação do Amor no Salão da Catedral. Todos são responsáveis por divulgar e vender as entradas para esse jantar, considerado um dia muito especial da festa.

O dia 13 de junho é o dia mais esperado na Programação Religiosa. Este é o dia em que a Programação religiosa é prioridade durante todo o dia. Uma série de missas e atividades para os fiéis marcam a celebração do Dia de Santo Antônio. Tais celebrações tem início às 6h da manhã com a Missa dos Trabalhadores que é seguida pela Missa Solene da Comunidade às 7:30 e às 10h a Missa dos Devotos.

Neste dia tanto dentro quanto fora da Igreja existe um mercado informal muito forte. Diversos trabalhadores ambulantes vendem artigos religiosos nas ruas ao longo dia. Comparativamente, pude perceber que em 2015 tal fato ficou ainda mais evidente quantitativamente. Com isso, as próprias irmandades e congregações criaram estratégias: seus membros circulavam no pátio da igreja vendendo artigos religiosos, além dos normalmente comercializados nas barracas. Montaram kits com o pãozinho de Santo Antônio e fitinha; Rosas, bolo de Santo Antônio. Ao invés de esperarem as pessoas comprarem nas barracas, adotaram uma estratégia mais ativa, interceptando as pessoas que estavam frequentando a igreja naquele dia.



Figura 21: *Missa dos Devotos*

Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Bem cedo também se inicia a distribuição do pão de Santo Antônio que é realizado por voluntárias e voluntários das Irmandades e Congregações. Esta atividade é realizada mediante doação dos pães feita tanto pelos fiéis quanto por comerciantes locais e é um momento bastante significativo para a realização do evento. A fila de fiéis que buscam o pãozinho do Santo Antônio é contínua e pode-se perceber a grande quantidade de pessoas que buscam essa bênção ao longo do dia.

Figura 22: *Fiéis pegando o pão de Santo Antônio*

Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

De acordo com a Coordenadora da Distribuição dos Pães, Nanci Gaspar da Cunha, o pão é bento e as pessoas buscam para pedir a bênção do Santo Antônio: *“O significado é a bênção do Santo Antônio. As pessoas creem e colocam o pãozinho no arroz, no açúcar, comem também, porque é a fartura. Para ter bastante fartura em casa”* (Entrevista com Nanci Gaspar da Cunha, em 13 de junho de 2014, grifo nosso).

Figura 23: Armazenamento dos pães de Santo Antônio



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Na saída das missas que aconteceram pela manhã, bem na porta da Paróquia de Santo Antônio, estava com uma mesa repleta de ervas e uma imagem de São Jorge um homem com vestimentas do Candomblé chamado Pai Ricardo de Ogum. Diversos fieis paravam para conversar com Pai Ricardo. Observei por algum tempo e resolvi conversar com ele. De acordo com Pai Ricardo, ele recebeu uma missão: deveria por 11 anos estar na porta da Igreja de Santo Antônio para dar um Axé nas pessoas, livrando-as de enfermidades e acidentes.

No ano de 2015 ele não estava no mesmo local, mas sim seu irmão que disse o estar representando. Estava também na porta da Igreja recebendo as pessoas, conversando e jogando Búzios. A presença deles integra a festa de uma maneira não oficial. As pessoas sabem que estarão presentes todos os anos, saem das missas, param para conversar e se consultar.

Neste sentido, podemos afirmar a existência de uma multiplicidade religiosa brasileira e entra em evidência a constatação destacada por Pierre Sanchis (2001) acerca das “religiões dos brasileiros”, que mudou um certo clima de “unanimidade” que existia em torno da religião católica no país.

Há duas ou três gerações, falar em “religião dos brasileiros” seria apontar quase que exclusivamente para o catolicismo. Isso mudou. Hoje o catolicismo constitui cada vez mais uma das religiões, entre outras, dos brasileiros, e no movimento diversificador que se acelera (SANCHIS, 2001, p. 11, grifo do autor).

Trata-se de grupos que também crescem, conquistando espaço, importância e adeptos, apesar de ainda sofrer com o preconceito e, até mesmo, ausência de informação. Apesar disso, o universo “afro” tem crescente número de adeptos, conquistando espaço na pluralidade religiosa-cultural do país e, com isso, se fazendo presentes em comemorações tipicamente católicas, como é o caso da Festa de Santo Antônio em Duque de Caxias.

No mesmo dia acontece ainda uma Missa da Juventude, realizada para todos os jovens, frequentadores da Igreja ou não, em que foram ressaltados temas contemporâneos para o grupo.

Ao longo de todo o dia, além de buscar os pãezinhos, os fiéis podem também fazer seus pedidos ao Santo Antônio. Na barraca da Pia União, uma das que ficam dentro do pátio da Igreja, a imagem do Santo fica exposta com recipientes que contem papeis ao seu redor. Nesses papeis estão frases religiosas e motivacionais. É neles que os fiéis podem escrever seus pedidos com a intenção de que o Santo realize. Por ser conhecido como o “Santo Casamenteiro”, muitas mulheres fazem seus pedidos para encontrar um grande amor. No entanto, há também quem peça saúde para um ente querido que esteja enfermo ou para si próprio, pedido de emprego ou, agradecimento ao Santo pela ajuda em alguma conquista. Os fiéis amarram seus papeis com seus pedidos na imagem do Santo Antônio, em um momento de oração e, até mesmo de emoção. É notório que no dia 13 de junho as emoções estão à flor da pele.

A imagem exposta não é retirada da Igreja. É uma imagem utilizada anualmente para essa finalidade. É bem grande e desperta um misto de fé e curiosidade, afinal, popularmente é o momento de “pedir marido para o Santo”.

Além da distribuição e bênção dos pães ao final das missas e da visita à imagem de Santo Antônio na barraca da Pia União, os fiéis ainda podem se aconselhar, ao longo do dia, com Ministros leigos no interior da Igreja.

Figura 24: *Fiéis fazendo seus pedidos ao Santo Antônio na barraca da Pia União*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

O momento mais esperado é o da Procissão. Uma imagem ainda maior do que a exposta ao longo do dia sai da Igreja carregada por seus fiéis e membros 18h em um andor. Um grande número de fiéis acompanha a Procissão entoando cânticos religiosos e palavras de fé. A Procissão pode ser considerado o momento mais esperado de toda a comemoração. É neste ato que muitos fiéis e peregrinos participam para cumprirem suas promessas feitas ao Santo Antônio em troca de seus pedidos.

Os sacerdotes e Ministros fazem suas orações para o público que se emociona a cada passo. O grito “Viva a Santo Antônio” é realizado em diversos momentos da Procissão que sai da Paróquia, percorre a Avenida Leonel de Moura Brizola e atravessa o calçadão comercial da cidade, retornando sendo finalizada na Paróquia com a realização de uma missa e tem a duração de aproximadamente uma hora. Essa é de todas as missas realizadas desde o início da celebração com a Trezena de Santo Antônio no dia 31 de maio, a que fica mais repleta de fiéis. Quando a imagem retorna à Igreja é um momento de muita emoção. Muitos fiéis já aguardam a chegada da imagem para a realização da missa. É nesse ritual também que muitas pessoas pagam promessas feitas por algum pedido realizado pelo Santo.



Figura 25: *Procissão percorrendo a Avenida Governador Leonel de Moura Brizola*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Figura 26: *Imagem de Santo Antônio em Procissão*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Figura 27: *Procissão percorrendo o calçadão comercial de Duque de Caxias*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Figura 28: *Retorno da Imagem à Paróquia de Santo Antônio, finalizando a Procissão com uma missa*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

A programação religiosa consiste ainda em uma missa pelas pessoas enfermas e missas festivas. O Padre Renato Gentile participa da noite do encerramento da festa realizado no palco do Teatro Municipal Raul Cortez, na Praça do Pacificador.



#### 4.5 UMA CIDADE A FESTEJAR: A POPULARIDADE DA FESTA NA RUA

Meu Santo Antônio, vou fazer uma promessa  
 Pró São João e prá São Pedro me ajudar  
 Soltar balão, pular fogueira a noite inteira  
 Com meu amor até o dia clarear  
 (Domínio Público)

Ao longo da história do município,<sup>49</sup> a festa de Santo Antônio já passou por diversos formatos e, atualmente, é um grande evento que teve em suas edições de 2014 e 2015 um público estimado em 200 mil pessoas ao longo de todos os dias de festa realizada na rua.

Figura 29: Início da área interditada da Avenida Leonel de Moura Brizola para a realização da festa



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

A montagem do evento acontece alguns dias antes de sua realização, quando dentro da Igreja está ocorrendo a “Trezena de Santo Antônio”. Toda a festa é organizada pela Igreja, no

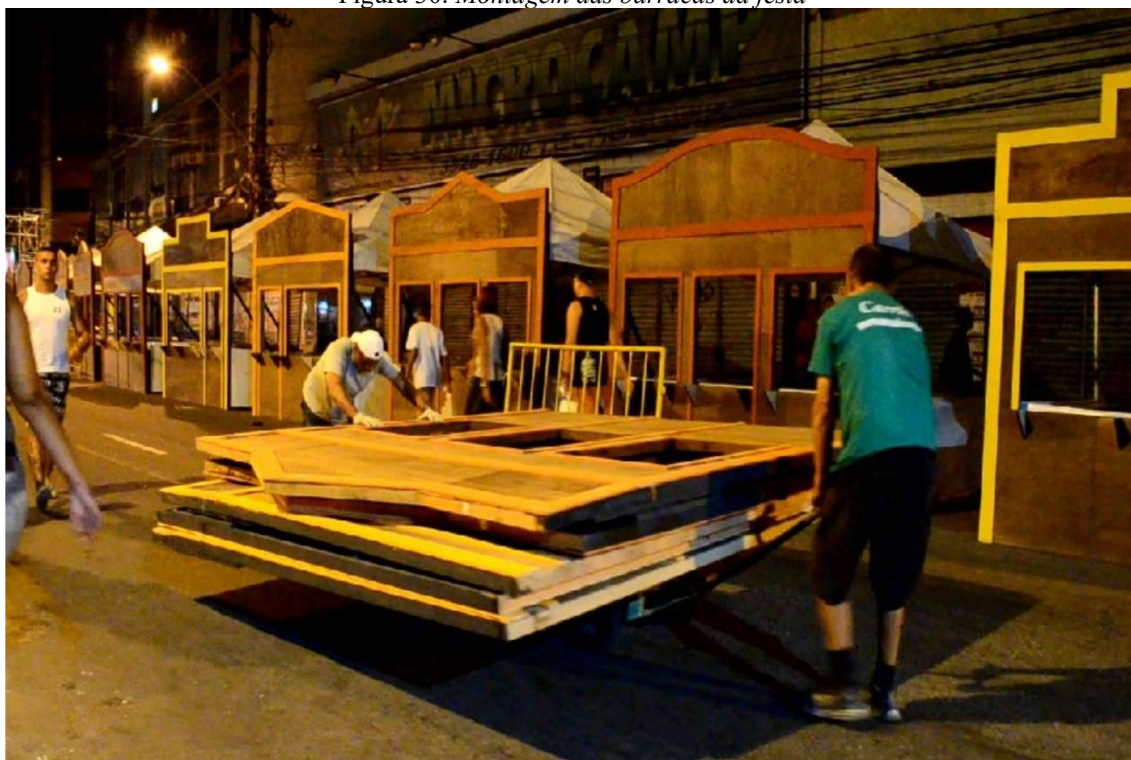
<sup>49</sup> De acordo com o Padre Renato Gentile, a Festa de Santo Antônio acontece desde antes da emancipação do Município de Duque de Caxias. No entanto, já foi denominada de outras maneiras. As festividades juninas sempre aconteceram em forma de Quermesse. Com o crescimento da festividade, sobretudo quando Santo Antônio se tornou Padroeiro do Município emancipado, passou a se chamar “Feira da Comunidade”. Ora com apoio da Prefeitura, ora não, a festa resistiu e é atualmente um dos maiores, se não for o maior evento da cidade. A construção dessa história da festa depende de muitos documentos que ainda estão sendo pesquisados, coletados e analisados. Deste modo, essa reflexão será apresentada nesse trabalho posteriormente.

entanto é necessário o apoio do Poder Público para garantir que o evento ocorra com segurança e que seja realizado em benefício da população, proporcionando momentos de amor e fé.

A cada ano a organização do evento analisa e implementa maneiras de realizá-lo de modo que a festa possa crescer, o que tem acontecido naturalmente, com segurança para os fiéis e transeuntes. A montagem das barracas realizada de maneira diferente dos anos anteriores. Em 2014 e 2015 as barracas foram temáticas, montadas com espaços entre uma e outra, facilitando a locomoção, sobretudo caso ocorresse algum acidente, o que se repetiu no ano seguinte. Além disso, a novidade de 2014 foi a implementação de pia para que os barraqueiros pudessem trabalhar com mais conforto, aumentando a qualidade e higiene dos produtos comercializados.

Do lado externo da Igreja, o apoio da Prefeitura é evidente. Foram colocadas 59 barracas de comidas e bebidas, stands culturais, onde artistas da cidade puderam mostrar sua arte, caminhão da ciência, caminhão da leitura, “Circuito Gastronômico” – um local onde os principais restaurantes da cidade estavam apresentando seus cardápios, em um estilo “Praça de Alimentação”.

Figura 30: Montagem das barracas da festa



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira



Figura 31: Outra imagem da montagem das barracas da festa



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Foram montadas 59 barracas de alimentos, bebidas, artesanato e utensílios diversos, dispostas sequencialmente na Avenida Leonel de Moura Brizola. Essas barracas vendem alimentos considerados comidas típicas, tais como cocada, pé de moleque, quebra queixo, espetinhos entre outras. Vale ressaltar que os alimentos são padronizados e um exemplo são os doces considerados típicos, como cocadas, quebra-queixos e cuscuz: diversas barracas vendem os mesmos tipos de alimentos que são rigorosamente iguais. Não consegui esclarecimentos sobre a distribuição desses alimentos e se existe algum tipo de padronização obrigatória.

A avenida que é uma das principais da cidade e é composta de e (três) pistas é anualmente fechada com desvio do trânsito nos dias da festa. Deste modo, a população teria toda a rua para se locomover e aproveitar cada detalhe da comemoração.

Figura 32: Avenida Leonel de Moura Brizola com transeuntes e feis e as barracas já montadas

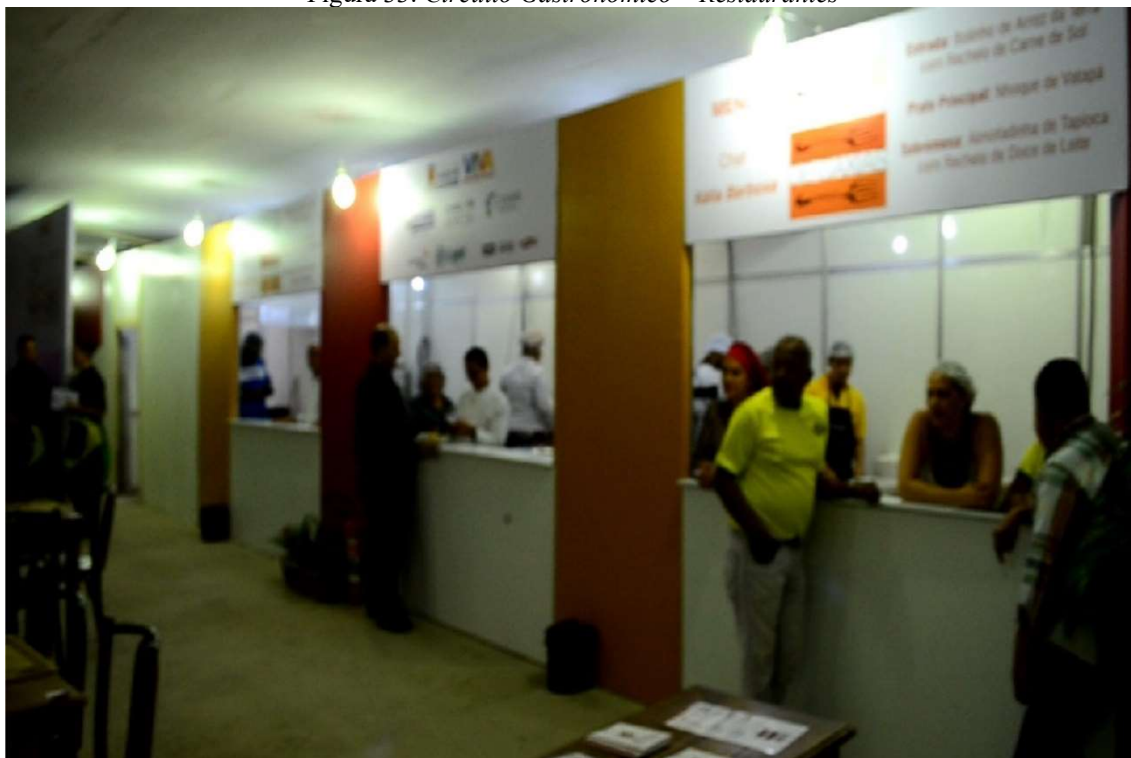


Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Além das barracas, o público da festa também poderia desfrutar de atividades pedagógicas e culturais. Nos dois anos em que desenvolvi a pesquisa, estavam incluídas na programação da festa atividades como, por exemplo a “Caravana da Ciência” do “Museu Ciência e Vida” e Contação de Histórias. Todas essas atividades foram realizadas em caminhões itinerantes estacionados na Avenida Leonel de Moura Brizola, em frente à Praça do Pacificador.

Além disso, o cenário da festa era ainda composto por um “Circuito Gastronômico”. Tratava-se de um espaço Gourmet reservado na parte externa inferior da Biblioteca Leonel de Moura Brizola. Neste espaço, *chefs* de alguns dos mais conhecidos restaurantes da cidade prepararam um cardápio especial para a festa. Cada dia um restaurante diferente compunha o “Circuito Gastronômico”. Este era um espaço mais reservado, com valores mais elevados do que os valores dos quitutes oferecidos nos quiosques ao longo da rua. Esse era um espaço implementado pelo segundo ano consecutivo na festa, uma novidade que o novo governo municipal ofereceu ao público. No entanto, nota-se que este espaço acaba se tornando restrito a um público mais elitista, composto pelo próprio Poder Público e comerciantes locais. O espaço foi ornamentado como um restaurante e era de fato bastante agradável, um pouco afastado do barulho e tumulto da festa na rua.

Figura 33: *Circuito Gastronômico – Restaurantes*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Figura 34: *Circuito Gastronômico – Praça de Alimentação*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira



Uma atividade que tem sido importante e bastante comentada é a Feira Literária que promoveu o lançamento de livros, conversa com autores, apresentações de espetáculos teatrais, contação de histórias na rua e no Caminhão da Leitura, estacionado em frente à Praça do Pacificador, onde está situada a Biblioteca Leonel de Moura Brizola. O coordenador da Feira, Antônio Oliveira que era também o coordenador da Biblioteca Leonel de Moura Brizola. Antônio tem uma longa história na cidade, com a implementação da Biblioteca Solano Trindade, localizada em um bairro bastante afastado e com condições precárias de saneamento básico e saúde pública chamado Cangulo. O coordenador afirmou em entrevista que foi um grande esforço transformar o sonho de se ter uma biblioteca comunitária no bairro em que cresceu. Seu esforço foi reconhecido e hoje ele coordenada a principal biblioteca do município que possui 2 andares. O destaque da Biblioteca Leonel de Moura Brizola é para um andar completo destinado a uma biblioteca infantil, com pufes em formato de livros e projetos que levam as crianças de escolas do município para este espaço.

Com a Feira Literária, Antônio pretendeu além de dar mais visibilidade aos artistas, pesquisadores, escritores e professores da cidade, também divulgar o quanto ler pode ser prazeroso e ajudar na formação das crianças.

A Festa Literária de Duque de Caxias é parte dessa política de Livro e Leitura da cidade. Essa política passa por quatro eixos, a democratização do acesso, a economia do livro, a promoção da leitura e a valorização institucional, que é onde entra a Festa Literária. Tem o objetivo de enriquecer a Festa de Santo Antônio e dar uma opção de cultura dentro do roteiro que essa festa nos apresenta há muitos anos. Era uma Festa exclusivamente religiosa, e hoje ela é praticamente uma festa Municipal, ela é um patrimônio da cidade. Aproveitando essa força, a Prefeitura nos proporcionou um espaço para promover a Leitura. Nesse espaço trabalhamos como democratização de acesso com distribuição de livros, mesas de debate, sessão de autógrafos, oficinas ligadas ao artesanato, como livros de pano, o balcão literário com livros em preços mais acessíveis (Entrevista com Antônio Oliveira, Coordenador da Biblioteca Municipal Leonel de Moura Brizola, em 13 de junho de 2014).

A programação da II Festa Literária contou com alguns pontos importantes. Entre os principais estão o lançamento do livro “Escavando o passado da cidade: História Política de Duque de Caxias” de autoria de uma importante e conhecida historiadora da cidade, Marluvia Santos Souza. Outro ponto forte da Feira, foi a apresentação do espetáculo “A incrível peleja de Simão e a Morte”, realizado pela Cia de Arte Popular, uma das mais antigas e populares companhias de teatro da cidade de Duque de Caxias.

Figura 35: Lançamento do livro da historiadora Marlucia dos Santos Souza



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

A valorização de agentes da cidade, sejam no âmbito da cultura ou da educação são fatores muito importantes e de grande influência no que tange o desenvolvimento da cidade nesse sentido. Deste modo, sempre que possível, tais agentes são colocados em destaque nos eventos realizados na cidade.

Ainda no contexto da “Feira Literária”, não se pode deixar de destacar a participação do escritor e cartunista Ziraldo que presenteou a festividade criando a marca do evento. De acordo com o material oficial distribuído na festa “*a nova marca é uma doação do artista, como reconhecimento à boa relação e o grande carinho que tem pela cidade de Duque de Caxias*” (Material de Divulgação – Programa da Festa de Santo Antônio, grifo nosso).

Figura 36: Marca do evento desenvolvida pelo cartunista Ziraldo



Fonte: Duque de Caxias (2014)

As atrações musicais foram variadas. No ano de 2014, por exemplo, foram contratados o funkeiro Buchecha que se apresentou no palco principal no Teatro Municipal Raul Cortez e o cantor Dominginhos que se apresentou no Salão Interno da Paróquia de Santo Antônio. Além deles, atrações como Grupo Disfarce e Coral das Meninas Canarinhas de Petrópolis também integraram a vasta programação do evento.

Figura 37: *Coral das Meninas Canarinhas de Petrópolis*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

As atrações musicais são um ponto alto da festa e bastante questionado pelos agentes culturais, conforme veremos mais adiante. É notório que a organização da festa tenta conciliar a apresentação de artistas considerados “famosos” e valorizar os artistas locais. Neste sentido, um dos destaques é o músico Beto Gaspari que se apresenta quase todos os anos nesta comemoração que é uma das mais importantes da cidade. Considerado um dos principais agentes culturais da cidade, Beto tem uma longa história na Festa de Santo Antônio e em entrevista, destacou a importância da valorização dos artistas da cidade, com espaços de qualidade e pagamento de cachê. Destacou que por serem da cidade muitas vezes são convidados para “apresentar seu trabalho” ou porque são amigos dos organizadores do evento.

Eu acho que a festa deve cada vez mais prestigiar artistas locais, não tome isso como Xenofobia, nada disso, quero intercâmbio, mas é importante valorizar os artistas da cidade, a mídia foca mais o Rio de Janeiro, então as pessoas acabam não sabendo que a gente existe, se nós que somos da cidade não valorizarmos o que a gente tem aqui, quem vai saber que a gente existe? É importante demais valorizar o artista local, não adianta chamar sem dar cachê,

para mostrar o seu trabalho, tem que ser valorizando, mantendo a dignidade do profissional, as pessoas precisam viver daquilo que elas trabalham. É uma questão de dignidade, não estou falando apenas do artista. Todo mundo tem que ter o seu reconhecimento, o trabalho de todo mundo é fundamental. E nós artistas também temos a nossa fundamentalidade (Entrevista com Beto Gaspari, músico e agente cultural da cidade de Duque de Caxias, em 12 de junho de 2015).

Na área externa em frente à Paróquia foi montado um palco, onde aconteceu nos dois anos de pesquisa a solenidade de abertura com a presença do Padre Renato Gentile, membros de Congregações e Irmandades da Igreja, o Prefeito Alexandre Cardoso, o Vice-Prefeito Laury Villar e diversos secretários do governo.

Figura 38: *Padre Renato Gentile ao lado do Prefeito Alexandre Cardoso na abertura da Festa*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Nas entrevistas realizadas, pude perceber a presença de devotos de diversas religiões tanto nos eventos que aconteciam dentro quanto nos eventos que aconteciam fora da Paróquia. Estima-se que cerca de 200 mil pessoas estiveram na Festa de Santo Antônio ao longo dos dias<sup>50</sup>. De fato, quando um evento tem um crescimento muito grande, além dos benefícios – diversas empresas patrocinaram a realização da festa – é importante estar atento também aos problemas que podem surgir.

---

<sup>50</sup> De acordo com dados da Defesa Civil.

Foi possível perceber um grande número de jovens em todos os dias da festa. Os jovens não necessariamente participam das atividades religiosas. Percebi a maioria deles entretidos com os shows e com as barracas. Muitos deles ainda mais entretidos com as barracas de bebidas alcoólicas. Não avaliei a idade dos jovens, no entanto, algumas pequenas confusões começaram a surgir. Após essa primeira constatação ainda em 2014 tentei sem sucesso obter mais dados sobre possíveis atendimentos médicos, ou mesmo de intervenções da Secretaria de Assistência Social.

Em horários de pico da festa, que tanto em 2014 quanto em 2015 foi entre 19h e 23h, em diversos momentos era difícil conseguir se movimentar na Avenida Leonel de Moura Brizola. Ainda assim, não comportou o grande quantitativo de pessoas que visitaram e prestigiaram a realização da festa e a comemoração ao Padroeiro da Cidade.

A Festa de Santo Antônio é assim. Um misto de devoção, festa, quermesse. Um misto de classes econômicas, grupos religiosos e pessoas que querem aproveitar esse momento de comemoração, pluralidade e integração. Não é possível afirmar que as 200 mil pessoas presentes ao longo dos 5 dias de festividades estiveram presentes em virtude de alguma devoção. No entanto, a importância da festividade no contexto cultural, educacional e, até mesmo, político e econômico da cidade é notório. O então Prefeito Alexandre Cardoso afirmou que sua vontade é inserir a festividade no calendário cultural anual do estado do Rio de Janeiro, o que de fato não aconteceu. No entanto em entrevista com a atual Secretária de Cultura e Turismo da cidade<sup>51</sup>, Daniele Reis, foi destacada a importância da festa e a vontade de que seja registrada como patrimônio imaterial no livro de Celebrações do IPHAN e, de acordo com a entrevistada, já estaria em andamento.

## 4.6 DEVOÇÃO E HISTÓRIAS: A INFLUÊNCIA DA COMEMORAÇÃO NA VIDA PRIVADA

### 4.6.1 Narrativas de Memória e Fé

Como ocorre com outros santos, os devotos de Santo Antonio fazem pedidos em troca de promessas que serão cumpridas em agradecimento à conquista de seus objetos. Santo Antônio, ficou conhecido como “santo casamenteiro” – apesar de, como mencionei no início deste trabalho, não ter em seus sermões nada específico sobre casamentos. Santo Antônio ficou

---

<sup>51</sup> Gestão do Prefeito Washington Reis que teve início em janeiro de 2016.



conhecido como o santo que ajuda mulheres a encontrarem um marido por conta da ajuda que dava a moças humildes para conseguirem um dote e um enxoval para o casamento – e, com isso muitas simpatias – ritual supersticioso para atingir um determinado fim – existem em sua intenção para que moças consigam se casar.

Uma destas “simpatias” está associada a ação de retirar o menino Jesus do colo do santo até que a moça que deseja arrumar um namorado consiga um. Ou seja, o fiel estabelece um “acordo” com o santo no plano cosmológico. Durante a pesquisa de campo, ouvi muitos narradores, moradores da região que relataram simpatias e narrativas pessoais envolvendo esta relação direta do devoto com o santo. Alguns conheceram seu marido ou esposa durante a festa, seja por participar da organização da festa há muitos anos, ou por ter sido um comerciante que montava sua barraca para vender os produtos. A fé movimentava a cidade nesse período.

Os narradores, que descrevo a seguir, foram identificados ao longo da festa, com o apoio de sua comissão organizadora e de assessoria da Prefeitura Municipal, que propiciou a entrevista com autoridades, como o próprio Prefeito Alexandre Cardoso, por exemplo. Neste caso, o intuito não é de simplesmente coletar informações, e sim, intercambiar experiências, afinal, *“a experiência que passa de pessoas a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”* (BENJAMIN, 1993, p. 198, grifo nosso).

A narrativa, na condição de modalidade específica de comunicação humana, floresce num contexto marcado pelas relações pessoais. O narrador é alguém que retoma o passado no presente na forma de memória; ou que aproxima uma experiência situada num ponto longínquo do espaço. A narrativa sempre remete a uma distância no tempo ou no espaço. Essa distância é mediada pela experiência pessoal do narrador. Para Benjamin, os grandes modelos de narradores eram o velho artesão que conhecia as tradições de sua aldeia, e o marinheiro, que narrava suas experiências, adquiridas em viagens (GONÇALVES, 2009, p. 172).

#### **4.6.2 As senhoras que organizam a festa**

A Festa de Santo Antônio é planejada e organizada por membros das Irmandades e Congregações que se encontram no âmbito da Igreja. Em geral são senhoras que cuidam de cada detalhe para que a festa aconteça de maneira organizada, movimentando a cidade e exaltando a fé ao Padroeiro Santo Antônio. Essas Senhoras são detentoras de múltiplas relações na Igreja: participam ativamente de grupos, Irmandades e Congregações, atuando de maneira

voluntária ao longo de todo o ano exercendo papéis significativos na rotina da Igreja; são devotas de Santo Antônio e também fazem seus pedidos e suas promessas; participam da organização da Festa de Santo Antônio nas mais diversificadas funções que vão desde a produção da festa em si, em reuniões com o Poder Público, patrocinadores e barraqueiros até preparar as barracas da Quermesse dentro do espaço da Igreja, o Jantar dos Namorados, o bolo de Santo Antônio e a distribuição dos pães que acontece durante todo o dia 13 de junho. O trabalho voluntário e a devoção ao Santo aproxima as senhoras de suas virtudes transmitidas através de sua Hagiografia. Nas entrevistas foram conduzidas questões sobre a atuação nas atividades da Paróquia, incluindo a Festa e devoção. Algumas senhoras estavam mais dispostas a responder as questões fornecendo mais informações e dados.

Uma dessas senhoras que organiza a festa é a Dona Valdete Sena de Barros que integra o grupo Pia União de Santo Antônio o qual faz parte do Apostolado de Oração e faz a acolhida dos fiéis.

O meu trabalho é mais na cozinha, eu faço café, eu faço comida, ajudo as pessoas. A gente ajuda os carentes, dá bolsa de alimentos. Nós temos uma coordenadora que se chama Iraci, e ela que coordena o pessoal que faz as bolsas para doar na segunda terça-feira de cada mês. E o apostolado é só primeiro domingo de cada mês, é só o café, a reunião, e todo mundo vai embora (Entrevista com Valdete Sena de Barros, em 11 de junho de 2014).

Há 38 anos é voluntária na Igreja, frequentando assiduamente a Paróquia. *“Eu frequento a Igreja segunda à tarde, terça de manhã até a tarde, no primeiro domingo do mês venho fazer café para o grupo do apostolado da oração, no segundo domingo também... eu vivo mais aqui do que na minha casa”* (Entrevista com Valdete Sena de Barros, em 11 de junho de 2014, grifo nosso).

Valdete conta que é responsável por elaborar o cardápio e cozinhar diz que sempre que precisou de alguma coisa recorreu ao Santo Antônio, de quem é devota, junto com Nossa Senhora Aparecida.

Eu já sofri muito e eu me achei com Santo Antônio, porque é a minha fé, eu tenho a minha fé com Santo Antônio e Nossa Senhora da Aparecida [...]. Já passei muita fome, sempre pedi a ele, fiz promessa, e eu hoje em dia pra mim eu sou muito feliz, felicíssima (Entrevista com Valdete Sena de Barros, em 11 de junho de 2014).

Sua relação com a Igreja é muito forte e afirma que tem muitas histórias, uma delas foi quando caiu no meio do salão da Igreja.

Eu já caí aqui no salão, já quebrei o pé, eu fui muito bem acolhida, quando eu fiquei em casa a Igreja foi a mim, porque foi todo mundo me visitar. Os padres visitam as pessoas, é muito gostoso, a gente é uma família aqui, muito bom, muito bom mesmo. Eu estou feliz aqui dentro, espero que ano que vem você venha aqui e me veja de novo (Entrevista com Valdete Sena de Barros, em 11 de junho de 2014).

A relação de Dona Valdete com a Igreja é muito afetiva, seja no que se refere a sua devoção, a sua participação no Grupo Pia União de Santo Antônio, a Festa de Santo Antônio ou mesmo na relação com os membros.

Mudou muita coisa, porque morreu muita gente, veio muita gente nova, antigamente eram os Franciscanos, agora é o pessoal que trabalha, tem os padres, que não são franciscanos, mas está muito bom, graças a Deus, os padres são muito bacanas. Nós temos o Padre Renato, que é o nosso pai geral, ele que é o pároco da Igreja, ele que toma conta das ovelhas dele, e os outros são bacanas também (Entrevista com Valdete Sena de Barros, em 11 de junho de 2014).

Trata-se de uma relação de afetividade também com a Festa, a qual Dona Valdete envolve também sua família nas relações estabelecidas entre ela e a Igreja e considera a comemoração muito importante justamente por essa relação pessoal que ela tem com a devoção ao Santo e sua relação com a Igreja.

A festa é muito boa, cada ano que passa fica melhor. Hoje, por exemplo, está melhor do que ano passado. Muito bom, muito bom mesmo. Ah, é muito importante, muito importante mesmo. Para mim é importante porque eu estou viva, participando, então para mim é muito bom, eu me sinto feliz, meus filhos estão aqui, criei meus filhos aqui dentro e hoje eles estão adultos, os meus netos são coroinhas, minha neta de 15 anos é coroinha. Então, eu sou feliz (Entrevista com Valdete Sena de Barros, em 11 de junho de 2014).

Outra entrevista foi realizada com Dona Nancy que também integra o grupo Pia União de Santo Antônio e coordena a distribuição do pãozinho de Santo Antônio, que acontece no dia 13 de junho. *“Estou coordenando agora o pãozinho, o pãozinho é bento, é distribuído para todo mundo aqui, para as pessoas que tem fé. Nosso trabalho é esse aqui”* (Entrevista com Nancy, coordenadora da distribuição do pãozinho de Santo Antônio, em 13 de junho de 2014, grifo nosso).

Nancy frequenta a Igreja há cerca de 6 anos e participa da festa há 10 anos. Segundo ela, o significado da distribuição do pãozinho *“é a benção de Santo Antônio, as pessoas creem*

*e colocam no arroz, no açúcar, porque é a fartura, para ter fartura em casa”* (Entrevista com Nancy, coordenadora da distribuição do pãozinho de Santo Antônio, em 13 de junho de 2014, grifo nosso).

A coordenadora da missa dos namorados, que acontece todos os anos no dia 12 de junho para a renovação dos votos é Dona Mariângela. Ela faz parte da Pastoral Familiar e ajuda a orientar os casais a se manterem juntos em encontros regulares. Destaca a importância do momento da celebração ao Santo Antônio.

A festa de Santo Antônio é para nós de Caxias, da comunidade, um momento superimportante, em que as pessoas se reúnem, se encontram, festejam o nosso santo padroeiro da cidade. Santo Antônio que é considerado por muitos um santo casamenteiro, tem dado a oportunidade de nós desenvolvermos belos encontros, acabei de participar da missa dos namorados, que eu coordeno todos os anos. Santo Antônio é o padroeiro dos namorados, hoje é dia dos namorados, sempre os jovens, os esposos, esposas vem a missa para agradecer a Santo Antônio, essa ajudinha que ele dá para unir os casais (Entrevista com Mariângela, Coordenadora da Missa dos Namorados, em 12 de junho de 2014).

Mariângela diz frequentar a Igreja desde que nasceu e que faz parte da vida das pessoas. Está casada há 34 anos, mas não foi na Igreja que conheceu seu marido, ainda assim, por fazer o trabalho com noivos e conheceu muitos casais que se encontraram na festa.

Como eu trabalho com noivos, eu conheço muitos noivos que se conheceram aqui nessa festa. Eu sou testemunha de que muitos casais se encontraram aqui na Igreja de Santo Antônio. Inclusive, teve um casal que segurou o andor do Santo, botaram a mão, e como a mão ficou próxima, eles nunca mais soltaram a mão (Entrevista com Mariângela, Coordenadora da Missa dos Namorados, em 12 de junho de 2014).

Dona Mariângela destacou trabalhos sociais desenvolvidos pela Pastoral Familiar e como a renda gerada nas barracas é utilizada após a Festa.

Hoje eu faço parte da pastoral Familiar, que faz um trabalho com as famílias. E ajuda os casais a permanecerem juntos, a gente tem encontros semanais, e uma vez no ano a gente faz um Retiro de Casais, preparamos encontros de noivos, quatro por ano, vê que Santo Antônio está ajudando aqui na comunidade, abençoando os noivos e preparando para subirem no altar. E também vou ser uma das locutoras ali na barraca show de prêmios puxando o pessoal para jogar o bingo e ganhar prêmios valiosos para o nosso coração. Cada rodada a renda vai para os pobres, algumas famílias que acompanhamos que têm HIV, especialmente o leite para crianças nessa situação. Essa festa ajuda muito para que a gente faça esse trabalho, para poder alimentar e manter a vida dessas pessoas. Amanhã tem a procissão, e também é um momento

muito bonito (Entrevista com Mariângela, Coordenadora da Missa dos Namorados, em 12 de junho de 2014).

A relação dos devotos com a Igreja aparece na fala de Dona Mariângela. Por integrar a Pastoral Familiar, tem uma relação muito próxima de fé e afetividade com tudo o que se relaciona à rotina da Paróquia de Santo Antônio.

Amanhã é o dia dele, dia que as pessoas vêm agradecer as graças alcançadas com esse santo e festejar a alegria de termos ele como padroeiro da nossa cidade. O que a gente pede e reza é que ele sempre nos proteja, e proteja as famílias. E essa Igreja é uma igreja que faz parte da vida de todos os católicos, elas têm na Igreja Santo Antônio o batismo, comunhão, eu mesma tenho toda uma vida aqui, e trago os meus filhos para isso (Entrevista com Mariângela, Coordenadora da Missa dos Namorados, em 12 de junho de 2014).

As entrevistas realizadas são uma amostra de algumas das senhoras que participam da organização da Festa e se disponibilizaram a conversar sobre sua participação na comemoração. A emoção do momento fez com que elas apontassem fatos importantes, embora de modo breve por timidez ou mesmo por raramente concederem algum tipo de entrevista, sobretudo ao se tratar de uma pesquisa acadêmica, a qual foi notório que se preocupavam com o que iriam falar.

#### **4.6.3 Religiosidade e Fé: apontando questões**

Um dos principais agentes que marcam a atuação dos devotos na Igreja, é o Padre Renato Gentile, responsável pela Paróquia de Santo Antônio em Duque de Caxias. Sua figura é muito importante na cidade, visto que a Igreja, principalmente no período da festa, acaba sendo um campo de disputa político, social, cultural e, até mesmo religioso.

Em entrevista, o Padre Renato aborda alguns pontos importantes, como a história da própria em sua relação com a cidade.

Primeiro é bom lembrar que Santo Antônio é um santo bastante popular, então, foram os Franciscanos vindos de São João de Meriti, que vieram evangelizar aqui o centro da cidade, que não era o centro ainda, era talvez um vilarejo na década de 30, 1930, ali por volta de 35, 37. E como eles eram franciscanos, deveriam talvez oferecer ao povo um santo Franciscano como aquele que deveria ser o padroeiro local. E, juntamente com o povo, foi escolhido o Santo Antônio. A nossa paróquia, foi criada por um decreto, e é claro que quando se cria uma paróquia por um decreto é sinal de que já existe alguma coisa, e na verdade ela foi criada em 1942, ou seja, primeiro se fez o trabalho de missão, e depois foi criada a paróquia. Então Santo Antônio passou a ser referência da cidade. Daquela futura cidade, que ainda não era a cidade, depois que ela vai

ser emancipada, se tornar Duque de Caxias. E ele se torna também um símbolo da região, por isso ele é o padroeiro da cidade (Entrevista com Padre Renato Gentile, responsável pela Paróquia de Santo Antônio em Duque de Caxias, em 15 de junho de 2014).

O Padre Renato destaca ainda a importância desse Santo, que é tão popular e tem o poder de unir as pessoas, mesmo que de religiões diversas. Ele acredita na fé das pessoas, independente do quê e como.

As pessoas têm muita fé, independente de no quê ou como, claro que isso tem aspectos positivos e negativos, não vamos agora exatamente falar disso, mas vamos pelo menos dizer que no geral, claro, 99% é positivo, uma coisa ou outra que destoa um pouco. Mas veja, é um santo tão popular, alguém com quem o povo se identifica, seja porque esteve ao lado dos pobres, porque lutou contra as injustiças, seja porque estava ali no dia a dia, convivendo, e encantava pelo fato de estar comprometido com a causa da vida. Então, por isso, muitos dias de festa, não basta comemorar um dia. As famílias vêm porque se sentem acolhidas, sentem que aquele é um espaço de lazer, de encontro. Isso ajuda bastante, isso ajuda a criar laços de fraternidade (Entrevista com Padre Renato Gentile, responsável pela Paróquia de Santo Antônio em Duque de Caxias, em 15 de junho de 2014).

A questão da fé foi relatada por Padre Renato após eu perguntar sobre a Presença do Pai Ricardo de Oxum na porta da Igreja no dia de Santo Antônio. Pai Ricardo estava na porta da Igreja, pois segundo ele havia recebido uma missão:

Eu sou baiano, vim para o Rio de Janeiro fazer uma devoção que o orixá pediu para gente fazer durante dezessete anos, eu já tenho cinco anos fazendo essa obrigação aqui em Caxias, em frente à Igreja de Santo Antônio, que é para abrir os caminhos das pessoas, para dar luz, para dar sorte, felicidade, para evitar uma doença, para evitar um tiro, para evitar um assalto, para Ogum, porque no Candomblé Santo Antônio representa Ogum, lá na Bahia, Salvador. Porque eu sou de Salvador, eu faço os axés como eu aprendi na Bahia, com o meu zelador, com o meu Baba orixá, não faço e não digo que Santo Antônio é Exu, porque aqui no Rio se tem essa mania de dizer que Santo Antônio é Exu, mas eu estou cultuando as raízes certas, as raízes africanas. Santo Antônio, nos sincretismos religiosos, Santo Antônio, nos secretismos do candomblé, Ogum (Entrevista com Pai Ricardo de Oxum, em 13 de junho de 2014).

A entrevista com Pai Ricardo de Oxum aconteceu no dia 13 de junho de 2014 pela manhã, quando uma série de missas estavam sendo realizadas, o pãozinho do Santo Antônio sendo distribuído e muitos fieis colocando seus pedidos na imagem do Santo. O que me chamou a atenção para que eu realizasse essa entrevista foi ver tantos fieis saírem de dentro da Igreja e

paravam na bancada que ele montou para levar o que ele estava chamando de “Axé”. Uma das pessoas aceitou ser entrevistada para falar sobre o assunto.

A Dona Áurea que é devota de Santo Antônio mora no bairro Vila São Luiz, primeiro distrito da cidade de Duque de Caxias e tem a religiosidade muito presente em sua vida.

Sou devota de Santo Antônio. Costumo frequentar a festa, e aos domingos quando eu posso eu venho à missa. Peguei pãozinho, fui visitar as barracas, e encontrei o Pai Ricardo de Ogum e fui tomar um axé. Nós vivemos num sincretismo (Entrevista com Áurea, devota de Santo Antônio, em 13 de junho de 2014).

Esta relação entre as religiões foi abordada no Capítulo 2. No entanto, é importante observar que, de fato a presença de representantes ou seguidores de outras religiões se faz uma constante nesta comemoração tipicamente católica. Apesar disso, atrai uma pluralidade de grupos de diversos seguimentos religiosos, tais como: representantes de grupos de religiões afro, evangélicos que vem crescendo no cenário nacional, conforme dados do IBGE ([2015]), kardecistas ou mesmo grupos que não declararam religiões. Deste modo, podemos afirmar a existência de uma multiplicidade religiosa brasileira que aponta tanto para um sincretismo religioso, quanto para um universo repleto de conflitos que passam das possíveis relações individuais das pessoas e alcançam os níveis estatísticos, afinal, em pesquisas do IBGE<sup>52</sup>, por exemplo, as pessoas declaram alguma religião, ou sua ausência, bem como por questões políticas. Não pretendo com este trabalho tratar profundamente de tais questões, nem estabelecer o longo debate que está entorno do conceito de sincretismo religioso, mas considero que tal informação seja significativa para uma compreensão do cenário vivenciado no Brasil nas últimas décadas.

#### **4.6.4 Fé e Política: a visão do Poder Público Municipal**

A Festa de Santo Antônio teve um crescimento muito grande nos últimos anos. O apoio do Poder Público Municipal tem sido importante para tornar o evento tão grande. Membros do Governo buscam recursos patrocínio através de empresas privadas e parcerias para realizar as atividades que acontecem na festa. A parceria entre a Igreja e a Prefeitura são primordiais para

---

<sup>52</sup> Ao compararmos os resultados do censo de 1991, 2000 e 2010, de acordo com o IBGE, a predominância de católicos no país caiu de 83,8% em 1991 para 73,8% em 2000 e 64,6% em 2010. Já o aumento de evangélicos foi bastante significativo sendo 9% em 1991, 15,4% no ano 2000 e 22,2% em 2010 (IBGE, [2015]).

a realização da festa, sobretudo no que se refere à estrutura da festa, tais como, segurança, posto médico, serviço de assistência social e o desenvolvimento de atividades pedagógicas gratuitas que em geral, são oferecidas ao longo do ano nas escolas e passam a integrar o cenário da festa.

Nesse sentido, realizei entrevistas com o então Prefeito da cidade de Duque de Caxias, Alexandre Cardoso e autoridades municipais que estavam na gestão do município durante os anos da pesquisa. Apesar de ser unânime que toda a Coordenação da Festa é da Igreja, o Prefeito Alexandre Cardoso destacou essa questão e a relação entre a Prefeitura e a Igreja:

A Prefeitura apoia, discute, nós recuperamos esse ano a questão de segurança. Segurança de quê? As barracas eram juntas, se tem um incêndio, todas pegam fogo, você vai ver que hoje tem um espaço entre uma barraca e outra. Recuperamos a questão de você ter água na barraca, a questão da higiene. Criamos o Festival Gastronômico e chamamos os Chefs de cozinha, os cozinheiros dos restaurantes de Caxias para melhorar a qualidade. Agora, a Igreja é quem organiza, como eu falei para você, a Prefeitura está fazendo esse *plus* da pessoa ir à missa e continuar na festa, acho que esse é o sentimento que tem que ser colocado. O meu sonho é que essa festa aqui faça parte do calendário turístico e religioso do Estado do Rio e do Brasil. A gente quer que a pessoa fale, eu vou ao Rio de Janeiro, eu vou ao Brasil, eu vou à festa de Santo Antônio lá em Caxias (Entrevista com o Prefeito Alexandre Cardoso, em 11 de junho de 2014).

O então Prefeito Alexandre Cardoso destacou ainda que as atividades que estão sendo implementadas à festa visam criar um ambiente para que toda a família frequente a festa religiosa, estabelecendo uma programação que além dos momentos ecumênicos, ofereça opções de lazer. Um dos destaques de sua fala, se dá no âmbito social:

Nós entendemos que essa é uma festa religiosa, mas que a família tem que ter o espaço de participar da festa religiosa. A gente via que a família vinha à missa e depois ia embora. E o que a gente quer é que a família venha à missa, tenha a sua liturgia, mas depois participe da festa. Tem o espaço da criança, tem o espaço da gastronomia, o espaço da tecnologia, o espaço da literatura, eu acho que tem muito a ver com Santo Antônio, você não vai ver um milionário nessa festa. O que a gente quer mostrar é que o pobre tem que ser tratado com amor. Então a gente quer ver aquela pessoa, que ganha o salário mínimo, indo na missa, e o filho dele vindo aqui e participando do espaço literário, do espaço de tecnologia, de poder vir no restaurante. Eu acho que isso tem a ver com a nossa formação. Eu acho que a gente não pode imaginar que a festa religiosa não dê direito às pessoas terem lazer. Então a gente quer mostrar que você pode garantir toda a liturgia e as pessoas terem direito ao lazer. Eu acho que esse é um sentimento das pessoas que querem que a religião cresça, das pessoas que querem ter mais proximidade com Deus, eu que sou uma pessoa católica, acho que a gente está ajudando a construir, com o apoio da Prefeitura, esse sentimento, das pessoas serem mais família, terem mais esperança, e terem principalmente mais amor (Entrevista com o Prefeito Alexandre Cardoso, em 11 de junho de 2014).



Ainda no âmbito do Poder Público, o então Secretário de Cultura Jesus Chediak destacou a força da economia criativa de Duque de Caxias e a necessidade de se realizar um Censo Cultural para ter a quantificação das pessoas que estão envolvidas com essa economia criativa, e aí a gente poder atuar qualitativamente nos diversos setores, com oficinas, por exemplo.

Então é isso que eu estou tentando fazer, a partir daí a gente monta um trabalho de desenvolvimento dessa economia criativa dos diversos setores, aí engloba tudo, artesanato, teatro, dança, música, festas populares, mais pelo ponto de vista antropológico, gastronomia. E aí a cidade começa a encontrar consigo mesma, através da cultura, porque a cultura é aquilo que nós recebemos do passado, pela lupa dos nossos antepassados. Tudo o que existe aqui e que não é obra da natureza, foi produzido pelas duas primeiras categorias da história, o fazer e o saber, a mão e o cérebro, o trabalho e o conhecimento, essas duas categorias criaram a cultura, e a partir daí nós começamos essa caminhada histórica em que nós criamos a civilização, ela se desenvolve, e a base de todo esse desenvolvimento é a cultura em todos os setores (Entrevista com Jesus Chediak, Secretário de Cultura de Duque de Caxias, em 15 de junho de 2014).

Chediak abordou ainda em sua entrevista as relações da Prefeitura com a cultura da cidade e festa:

Eu vejo o seguinte, a Prefeitura está interferindo na festa religiosa. Eles estão trazendo para dentro da festa, a economia criativa da cidade, trazendo os cantores populares, as feiras, todas essas manifestações, feira de livro, a festa está deixando de ser só aquela festa de ficar só ali comendo bolinho, para ter também um sentido mais antropológico e cultural (Entrevista com Jesus Chediak, Secretário de Cultura de Duque de Caxias, em 15 de junho de 2014).

Uma questão importante no que se refere ao patrimônio no município se refere aos registros e tombamentos e, apesar de não ser um dos temas centrais deste trabalho, considero importante destacar esta consideração.

Nós estamos começando, vamos tomar agora uma escola, pedimos o tombamento da casa do Solano Trindade, estamos apoiando a Folia de Reis que tem 140 anos. Nós estamos tentando revitalizar essa parte [...]. Há certos setores de tombamento que só o IPHAN pode fazer. Por exemplo, a Igreja do Pilar. Mas nós vamos propor agora o [registro] da Feira do Forró, nós estamos propondo fazer todo esse registro. O patrimônio material na cidade é muito forte. Os terreiros de candomblé, nós temos que retomar isso (Entrevista com Jesus Chediak, Secretário de Cultura de Duque de Caxias, em 15 de junho de 2014).

Ainda no âmbito do Poder Público Municipal e da Secretaria de Cultura, entrevistei André Oliveira, subsecretário de cultura<sup>53</sup> do município na época da pesquisa e um dos mais conhecidos agentes culturais da cidade. Começou a se envolver com as questões culturais da cidade com 17 anos, quando haviam somente os Teatros Armando Mello e Procópio Ferreira<sup>54</sup>. André integrava um grupo de poetas que buscava uma forma diferente de cultura na cidade, além de ter participado do grupo que elaborou a Lei Orgânica da Cultura de Duque de Caxias além de ter uma participação ativa nas primeiras conferências de cultura do município. Como Subsecretário de Cultura, foi um dos responsáveis pela organização da Festa de Santo Antônio e destacou:

Desde quando sou adolescente que passei a frequentar e conhecer, ela sempre foi muito importante para a gente que é de Caxias, e mudou de cara e de perfil em vários anos, várias vezes, em alguns momentos chegou quase a acabar, alguns anos atrás, retomou por uma ação da Igreja, voltou como quermesse. Quando o Alexandre assumiu a Prefeitura ele pediu que a gente tentasse resgatar de fato as festas e tradições da cidade. Fizemos ano passado já com formato diferente. E esse ano a gente conseguiu dar uma cara melhor para a festa. Além da questão cultural, que já teve ano passado, a gente já tinha trazido artistas da cidade para o palco, festival literário, festival gastronômico. Esse ano nós quisemos ampliar isso, botar de uma forma mais qualitativa, quanto visualmente, quanto aspecto da produção da festa. Acho que funcionou muito bem, deu certo. A cidade volta a se apropriar da festa, a Igreja está muito contente, a cidade eu também acho que sim, as pessoas têm elogiado bastante a organização, a questão do visual, a questão dos shows, os artistas locais estão contentes, sendo valorizados, porque além de tudo a gente quer fazer o melhor, os melhores equipamentos de som, de luz, que tocam os outros artistas, tocam os nossos artistas também. Tem um cachê, não é um grande cachê, mas a gente não gosta de chamar ninguém para tocar de graça. Então é isso, acho que é um resgate da cidade, o desafio ano que vem, quando as coisas ficam muito boas, cresce absurdamente, ontem acho que tínhamos mais de vinte mil pessoas aqui no show, e a gente passa a ter outras preocupações, porque a festa não é só colocar essa questão, também é ser preocupado com a segurança, com a mobilidade, a volta das pessoas pra casa, tudo isso tem que ser pensado porque é uma grande festa, envolve cerca de 200 mil pessoas ao longo desses cinco dias, então a dimensão fica muito maior, mas o resultado foi satisfatório (Entrevista com André Oliveira, Subsecretário de Cultura de Duque de Caxias, em 15 de junho de 2014).

Uma das novidades da Festa de Santo Antônio aconteceu a partir do ano de 2013, primeiro ano do governo do Prefeito Alexandre Cardoso e foi a Festa Literária. A Festa que conta com atividades pedagógicas, tais como, contação de histórias, espetáculos teatrais, lançamento de livros e debates foi idealizada pelo então Coordenador da Biblioteca Leonel de

<sup>53</sup> Em 2015 se tornou Secretário de Cultura após a saída de Jesus Chediak.

<sup>54</sup> O Teatro Procópio Ferreira está localizado no prédio da Câmara dos Vereadores de Duque de Caxias e encontra-se desativado atualmente.

Moura Brizola, Antônio Oliveira, que tem uma longa história em relação à criação de bibliotecas comunitárias.

Antes de ser convidado a ocupar o cargo de coordenador da principal biblioteca da cidade no ano de 2013, Antônio foi idealizados da Biblioteca Comunitária Solano Trindade no bairro Cangulo. Antônio cresceu no bairro que, segundo ele, sempre viveu uma situação de abandono. Atualmente a Biblioteca Comunitária Solano Trindade lidera a rede de bibliotecas comunitárias de Duque de Caxias, integra a rede de bibliotecas comunitárias do Rio, e também faz parte da Convenção Latina Americana de Bibliotecas comunitárias.

Com esse trabalho foi convidado para ser Coordenador das Bibliotecas Públicas do Município e levar um pouco desse dinamismo que ele conseguiu implementar em sua experiência anterior e considera importante o espaço que foi aberto para que fosse realizada a Festa Literária.

Quanto à festa, eu penso em vários fatores, sempre olhando para frente e vendo o quanto mudou e cresceu. Quando eu vinha adolescente para a festa, eu pensava, poxa, tem tantas pessoas passando, um volume grande de gente, e poxa, só tem barraca. Eu pensava, será que um dia a gente pode aproveitar esse potencial e fazer algo diferente? E hoje a gente vê a Festa aliada intimamente com a questão do livro, você tem o Ziraldo fazendo o logo da festa, e o que marcou e continua marcando é esse sentimento de pertencer a essa cidade. O que a gente continua sonhando em fazer com que todos os lugares da cidade possam usufruir da festa (Entrevista com Antônio Oliveira, Coordenador da Biblioteca Leonel de Moura Brizola, em 15 de junho de 2014).

A então Primeira Dama e Secretária de Comunicação e Ações Institucionais Tatyane Lima destacou a importância da Festa para a cidade, lembrando que antes era uma festa da comunidade que visava ajudar a Instituição Pestalozzi e lembrou histórias de sua própria participação na festa ao longo dos anos.

Eu tenho uma relação muito boa com o Padre Renato, eu não sou católica, mas isso não me impede de frequentar a Igreja. Alexandre é católico e eu não, eu sou protestante, mas eu vou na Igreja com ele e ele vai na Igreja comigo. E eu fui criada aqui na Igreja, porque os meus padrinhos eram católicos, e todo domingo eu ia à missa com a minha madrinha. Então eu tenho uma ligação forte, tenho uma relação muito boa com o padre Renato, padre Marcos, padre Benedito, Dom Tarciso chegou agora também, é uma pessoa do bem, então eu acho que a gente tem se aproximado cada vez mais em relação a estar fazendo o bem para a cidade [...]. Quando eu era jovem, isso já faz algum tempo, eu vinha sempre para a Festa de Santo Antônio, eu adorava vir para cá, comer cachorro-quente, churrasquinho, tomar uma cerveja gelada, encontrar os amigos, e teve um ano ou dois que eu tive uma barraca no pátio da Igreja, e eu botei uma barraca lá de comes e bebes, e iam todos os amigos, era uma

coisa bem gostosa, tanto como cliente quanto como dona de uma barraca. A gente vinha mais pelo o que a gente fazia, porque o lucro mesmo não era muito grande, e o que a gente arrecadava a gente deixava para a Igreja, então era bem bacana. Porque legal é que hoje a gente tem atração para agradar a família, o ambiente está propício à família, não é mais só barraca vendendo bebida, bebida, bebida, e sem qualidade. A gente aproveitou as mesmas pessoas que trabalhavam, apenas dando um olhar diferenciado (Entrevista com Tatyane Lima, Primeira Dama e Subsecretária de Comunicação e Ações Institucionais, em 14 de junho de 2014).

Tatyane destacou ainda a importância do relacionamento com empresários e o incentivo à cultura local:

A gente esse ano trouxe vários convidados, vários empresários, que não conheciam para ver que a festa é bonita, que eles devem vir aqui prestigiar. Então eu acho que a gente está incentivando a cultura local, a gastronomia local, a festa literária, a gente tem vários autores, amanhã mesmo vai ter o lançamento do livro de um autor da cidade. As crianças estão participando muito. A gente trouxe o caminhão da Ciência e Vida, a gente tem várias experiências, mostra a prática da ciência para as crianças. A gente o caminhão de leitura. Esse ano a gente tem uma parceria com o Extra que também está aqui com o caminhão. Ano passado nós tínhamos dois patrocinadores, hoje se você olhar ali as marcas nós temos seis. Ano passado, de legado, fizemos o workshop de uma semana para os restaurantes, para que eles tenham cuidado na alimentação, a ter cuidado com a limpeza na cozinha, para que não só o caxiense venha, mas as pessoas de fora também. Toda a parte de aluguel de barracas, isso tudo é com a Igreja, a gente só dá o apoio. Então toda a renda que é arrecadada fica com a Igreja, e durante o ano ela mantém várias ações que são muito importantes para o Município (Entrevista com Tatyane Lima, Primeira Dama e Subsecretária de Comunicação e Ações Institucionais, em 14 de junho de 2014).

Apesar de ser consensual que a Festa de Santo Antônio tem como organizadora principal a Igreja, as relações com o Poder Público são importantes no sentido de mantê-la grande, recebendo cada vez mais devotos ou simplesmente frequentadores de outra religião, que participam da festa para apreciar a culinária e os diversos eventos que acontecem simultaneamente à programação religiosa.

#### **4.6.5 Pagadores de Promessas: memórias de amor e fé**

Entre religiosos, curiosos, poder público, agentes culturais e tantas pessoas que frequentam a Festa de Santo Antônio, estão aqueles que participam com um fim muito específico: a peregrinação, o agradecimento, o pagamento de promessas. Durante a pesquisa de campo, conheci algumas pessoas que tinham motivos bastante específicos para estarem na

Festa. Eram casais que se conheceram na Igreja ou pessoas que precisavam agradecer bênçãos recebidas.

Um dos casais entrevistados foi Adelaide e Vicente que estavam na missa dos namorados. Esta é uma das missas mais aguardadas pelos casais pois é quando reafirmam seus votos. No ano de 2014 o casal estava completando 21 anos de casamento e estiveram na missa. De acordo com o casal, a história deles teve início na Paróquia de Santo Antônio quando ainda eram crianças, pois seus pais eram da Pastoral Familiar. O casal conta que frequentou o Grupo Jovem na Igreja, mas pela diferença de idade de quase seis anos não se aproximavam.

Então a gente acabou se desencontrando em alguns momentos, mas na missa, a gente se olhava de longe, escondido. Um belo dia a gente se reencontrou, namoramos um ano e meio, namoramos e casamos nesse período de um ano e meio, e estamos fazendo 21 anos de casados (Entrevista com Adelaide, em 12 de junho de 2014).

O casal é bastante atuante na Igreja: Vicente faz parte da equipe administrativa e Adelaide é Ministra da Eucaristia. Com isso, a relação deles com a festa é bastante intensa. Vicente conta que sempre frequentou, quando ainda se chamava Feira da Comunidade e era um evento muito esperado.

A minha relação é desde o tempo em que era conhecida como feira da comunidade. Eu era adolescente, naquela época, anos 70, 80, era um acontecimento que todos nós esperávamos. Nós participávamos, por sermos do grupo jovem, participávamos de alguma maneira. Um tempo depois, meu pai era um dos organizadores, há 20 anos atrás, e eu na verdade, herdei a participação da comissão. E faço isso com alegria apesar do pouco tempo. Eu sou engenheiro civil, auto aqui nas obras da Igreja, uma partilha do meu trabalho, que me dá muito prazer, nenhuma fortuna valeria o que é trabalhar aqui. Vale muito mais para mim, trabalhar aqui (Entrevista com Vicente, em 12 de junho de 2014).

Adelaide destaca que um dos fatores importantes da festa é o momento importante de encontro, sendo uma forma de “matar a saudade” de pessoas que estão morando longe. Já Vicente, destacou a grandiosidade que a festa conquistou nos últimos anos.

Na verdade, já há algum tempo ela já é conhecida como o maior evento da Baixada. Vi isso em reportagens, e para a gente é um orgulho tremendo, inclusive no trabalho, fora daqui, costume propagar esse evento, com alegria, e me sinto orgulhoso por poder ser um pedacinho desse povo que organiza. Na verdade, se vocês forem perceber, o número de pessoas envolvidas nisso é tão grande, e cada um faz um pedacinho, e isso me dá um orgulho tão grande.

E a cidade inteira ela se envolve, para mim é só alegria (Entrevista com Vicente, em 12 de junho de 2014).

O casal Mariluce e Rodrigo do Ó frequentam a festa todos os anos e também tem histórias de fé no relacionamento.

A gente tinha começado a namorar tinha uns dois anos. E ele me pediu em casamento. E no dia da Festa de Santo Antônio a gente pediu para o Padre abençoar as nossas alianças. E acho que deu certo, porque estamos juntos até hoje. A outra vez, a minha irmã estava internada e nós saímos tarde do hospital e viemos para cá cabisbaixos. No dia seguinte quando chegamos no hospital ela já estava melhorzinha e a médica disse que ela ia sair em quatro dias. São lembranças boas que a gente acaba ligando à festa (Entrevista com Mariluce Miranda do Ó, em 13 de junho de 2014).

No dia 13 de junho, dia de Santo Antônio acontece a Procissão que percorre o Centro da Cidade. Nesse dia alguns fieis aproveitam para agradecer ao Santo por bênçãos recebidas. No ano de 2014 um desses fieis reteve a minha atenção. Era uma criança que estava com vestimentas de um Franciscano. O nome do menino era Júlio César e, de acordo com a sua mãe Jaqueline, estava vestido de Santo Antônio pois seis meses antes do dia do Santo teve uma infecção no sangue. A mãe do menino fez essa promessa caso o filho fosse curado da enfermidade.

É porque o meu filho teve uma infecção no sangue, e eu muito atribulada, como eu sou devota do Santo Antônio, como ele é exemplo de homem de fé e de comunhão, então eu ofereci essa promessa, de vesti-lo caso o resultado fosse bom, e graças a Deus o meu filho está aí com saúde, e eu agradecendo a Santo Antônio. Primeiramente a Deus, e ao seu servo maior, Santo Antônio (Entrevista com Jaqueline, em 13 de junho de 2014).

São memórias individuais ou coletivas, que tem a festa como seu lugar, e que ajudam a construir a memória da própria festa, que tem como seus pilares a devoção, a fé e as relações nela estabelecidas.

#### **4.6.6 A festa, a cidade e seus agentes culturais**

Diversos agentes culturais fazem parte da história recente da cidade de Duque de Caxias. São pessoas que pensam, agitam e lutam por direitos e valorização da cultura da cidade.

Um desses agentes é Heraldo HB, um animador cultural que tem em seu currículo trabalhos com música, produção, audiovisual e dirigiu a Lira de Ouro, um ponto de cultura da

cidade, que é um local de encontro dos diversos grupos culturais que existem no local. Em sua entrevista, Heraldo levantou pontos importantes do movimento da cidade, como a dificuldade de valorização por parte do Poder Público, o movimento de historiadores que pesquisam a história da cidade, principalmente a partir da década de 90 e sobre a questão identitária, das pessoas que tinham vergonha de morar em Duque de Caxias *“porque você não gosta de fazer parte de um lugar que não tem história, mas agora por causa da internet e dos militantes, há uma geração que está descobrindo essa história, e fica todo mundo boquiaberto de não saber disso antes”* (Entrevista com Heraldo HB, em 15 de junho de 2014).

Heraldo destacou a dificuldade de se trabalhar com cultura na cidade:

Trabalhar com cultura em Caxias é uma grande metáfora para trabalhar com cultura no Brasil, porque é uma região que tem uma riqueza cultural muito grande, mas sofre de alguns males, como falta de apoio do Poder Público, uma descrença da sociedade de que o trabalho tenha qualidade, a maioria das pessoas que trabalha com arte e cultura na cidade, são pessoas que só foram reconhecidas quando foram para fora da cidade. *“Santo de casa não faz milagre”*, Caxias tem muito isso (Entrevista com Heraldo HB, em 15 de junho de 2014).

Inserido no contexto cultural da cidade, está a Festa de Santo Antônio. Sobre a relação da festa com a cidade, Heraldo faz algumas considerações importantes, sobretudo no que concerne à mudança de nome da festa – antes chamada de Feira da Comunidade –, segundo ele, pelo Poder Público e coloca a festa com um lugar de encontro que ultrapassa as questões religiosas.

A Festa de Santo Antônio durante muito tempo foi chamada de Feira da Comunidade, a gente esperava o ano inteiro pela Feira da Comunidade, a gente que era moleque era a chance de pegar alguém, vinha gente do Rio de Janeiro inteiro, era uma marca incrível, e os governos conseguiram acabar com a marca. Agora é Festa de Santo Antônio, a gente tem uma coisa muito doida no Brasil, chamado de Catolicismo Popular, um catolicismo não praticante, mas que se mistura com o praticante, com elementos de umbanda, dança, música, uma coisa comunitária, que é oposição a essa onda capitalista, traz de volta os laços comunitários que são fundamentais para a sociedade. É o encontro das pessoas, um lugar de encontro que a sociedade extrapolou a questão religiosa, criou um espaço de sociabilidade, e tem uma coisa que as pessoas esquecem, que são as comunidades de base, as pastorais por exemplo são responsáveis por ter levado um Brasil para uma coisa muito legal, no espaço de redemocratização do Brasil (Entrevista com Heraldo HB, em 15 de junho de 2014).

Por fim, define muito bem a importância da festa para a cidade e o momento de encontro por ela proporcionado, que ultrapassa o medo que a sociedade contemporânea tem de sair às ruas por conta da violência.

A festa é um acontecimento importante na cidade, mas é a lembrança de que há uma cidade que gosta de se encontrar, e que se encontrando ela produz mais cultura. Ir se humanizando no encontro com o outro. Toda questão política, por exemplo, todos os governos, no caso da Festa há um entendimento, é uma coisa maior. Quando eu falei da cultura como arte do encontro, o Brasil pós-ditadura caiu de cabeça no capitalismo, e faz com que o cidadão ideal seja cada um na sua casa, a rua é um perigo. Eu morei no Engenho do porto, tinha festa toda semana, hoje não tem mais, porque tem o fantasma da violência. Então a Festa foi o espaço de você colocar o encontro em cima do medo. Tem a questão amorosa também, de encontrar alguém para namorar, na época não tinha internet. Os shows memoráveis que aconteceram aqui na comunidade. A gastronomia, citaria isso também. E eu gosto da percepção, apesar de não ser religioso, de que as pessoas têm fé (Entrevista com Heraldo HB, em 15 de junho de 2014).

Outro importante agente cultural da cidade é o músico Beto Gaspari<sup>55</sup> que iniciou a entrevista dizendo que começou a tocar violão na Paróquia de Santo Antônio, com o Grupo Jovem. Beto se apresentou nos dois anos no principal palco da festa, o palco externo do Teatro Municipal Raul Cortez.

A Igreja da Catedral de Santo Antônio e Duque de Caxias são muito especiais para mim, porque tudo que eu tenho na vida começou ali. Eu fazia parte de um grupo que era o Força Jovem Franciscana. Tinha muita gente que tocavam, cantavam, foi bacana isso, a gente começou a fazer um monte de coisas juntos, a compor também (Entrevista com Beto Gaspari, em 12 de junho de 2014).

O músico contou em sua entrevista que tem quase 30 anos de carreira e muitas lembranças pessoais e profissionais sobre a festa.

Eu me lembro de uma festa de Santo Antônio, em 83 ou 84, que a gente foi chamado numa sala que transmitia pra rádio de poste que ficava rolando na festa, a gente cantou sapato velho, que inclusive eu vou cantar hoje. Para mim é sempre um tremendo prazer falar de Caxias, estar em Caxias. Eu tive alguns namoros na festa, pessoas bacanas que passaram na minha vida. Em 89 foi a primeira vez que a gente teve cachê para tocar na festa, Sérgio Meirelles conseguiu isso como secretário da cultura na época. Essa semana a gente também vai fazer teatro aqui. Enfim, isso para mim é sucesso, eu não estou na televisão, não estou tocando na rádio, pouca gente conhece as músicas que eu

---

<sup>55</sup> Na gestão do Prefeito Alexandre Cardoso, Beto Gaspari chegou a ser Subsecretário de Cultura no governo do Prefeito Alexandre Cardoso, nos anos de 2015 e 2016.



fiz, mas para mim o importante é estar fazendo (Entrevista com Beto Gaspari, em 12 de junho de 2014).

Algo que foi destacado tanto por Beto Gaspari quanto por Heraldo HB tem relação com a valorização dos artistas da cidade. Em Duque de Caxias existem diversos seguimentos culturais, entre eles, teatro, música, carnaval, Folia de Reis entre outros. Tanto os artistas, quanto os grupos de historiadores locais que se debruçam em pesquisar a história da cidade encabeçam um movimento de resistência e construção dessa história local, com o intuito de valorizar o que, segundo eles, cada indivíduo pode oferecer.

## 5 APONTAMENTOS SOBRE AS FESTAS DE LISBOA

### 5.1 “CHEIRA BEM, CHEIRA A LISBOA”: UMA CIDADE A COMEMORAR

Nós passeamos por Lisboa com vontade  
De olhar vielas e de ouvir cantar o fado  
De ver a luz que não há noutra cidade  
De ouvir bater um coração ao nosso lado  
– Marcha de Alfama: Marcha da Pontaria.

Em Lisboa, durante o mês de junho, ocorrem as “Festas de Lisboa” que comemoram os “Santos Populares” e o Dia de Portugal (10 de junho). Segundo o antropólogo Cyrill Isnart, as homenagens aos “santos populares” em Portugal estão difundidas nas maiores cidades do país:

A categoria “santo popular” designa de maneira corrente e oficial, na vida festiva e religiosa portuguesa, um conjunto de santos homenageados durante o mês de junho durante as festas municipais das maiores cidades do país. Ligando feiras mercantis, entretenimento, comensalidade, devoções religiosas e a presença de políticos, podemos agrupar nesta categoria principalmente as festas de Santo Antonio de Lisboa (13 de junho), de São João Batista (24 de junho) e de São Pedro (29 de junho)<sup>56</sup> (ISNART, 2016, tradução nossa).

Para a realização destas comemorações, múltiplos agentes são envolvidos, tais como membros da Igreja e do Poder Público que se articulam para a realização da programação religiosa e das festas nas ruas, praças e espaços culturais da cidade. No que se refere às atividades realizadas nas ruas, uma extensa programação é organizada e produzida pela EGEAC (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural), empresa municipal responsável pela gestão dos principais equipamentos culturais de Lisboa, bem como pela organização dos grandes eventos em espaço público.<sup>57</sup>

Além da festa de rua, com barracas de comidas e bebidas, destacam-se as Marchas de Lisboa, quando grupos populares identificados por bairros marcham em uma das principais Avenidas da cidade, no dia de Santo Antônio. Trata-se de um evento competitivo onde um dos

<sup>56</sup> Do original: “La catégorie « *santo popular* » désigne de manière courante et officielle, dans la vie festive et religieuse portugaise, une série de saints honorés au mois de juin lors des fêtes municipales de plusieurs grandes villes du pays. Liant foire marchande, divertissement forain, commensalité, dévotions religieuses et présence des hommes politiques, on compte dans cette catégorie principalement les fêtes de saint Antoine de Lisbonne (13 juin), de saint Jean Baptiste (24 juin) et de saint Pierre (29 juin)”.

<sup>57</sup> A EGEAC foi criada em 2003, herdando funções e responsabilidades da antiga empresa EBHAL (Equipamentos dos Bairros Históricos de Lisboa). Por ser uma empresa municipal, a Câmara Municipal de Lisboa é o seu principal e único acionista tutelando a empresa e definindo suas estratégias.

bairros é o vencedor. Em 2016, o bairro vencedor foi justamente Alfama. Outra atividade relevante são os "casamentos de Santo Antônio" celebrados na Sé de Lisboa com muita pompa e visibilidade.

Os casais escolhidos, em geral pertencem às camadas populares ou que tem uma história considerada "interessante" referente à trajetória do relacionamento. Todas as despesas do casamento são pagas por patrocinadores. É um casamento coletivo, que se tornou um espetáculo televisionado ao vivo e muito aguardado na cidade.

No que se refere às programações das Festas de Lisboa, o Frei Francisco Sales, Reitor do Santuário de Santo Antônio, concedeu um significativo relato:

Bom, a relação entre a festa religiosa e a festa profana, aqui em Lisboa. Nós não... não existe nenhuma relação entre a parte religiosa e a parte profana. Apesar de a Câmara ser proprietária – porque é o único caso, no nosso país, em que uma igreja não é *da Igreja*, é propriedade do município –, a parte religiosa, a organização é toda nossa, dos nossos da comunidade franciscana, que servem aqui ao Santuário de Santo Antônio. A Câmara tem algumas coisas, apenas enfeita a igreja. Portanto, naqueles dias, as flores, tudo é a própria Câmara que vem cá enfeitar a igreja, enfeita o andor e mais algumas questões. [0:48-0:51]<sup>58</sup> as pessoas participam mais diretamente na procissão. A nível externo, as outras... todo outro problema é totalmente do município. [Há] uma empresa que a Câmara criou para estes eventos – para este e outros eventos ao longo do ano que é a EGEAC –, portanto, nós não temos nada com a organização externa. Mas eu penso que não há [1:16-1:18]<sup>59</sup>. Não temos nada contra e não há nenhuma incompatibilidade entre a parte religiosa e a parte profana porque... não esquecendo que cruzam, não é? Parte de... Lisboa faz as suas festas todo mês de junho. Aproveitando o Santo Antônio, o motivo é *Festa de Santo Antônio*. De resto, as marchas que se faz, todos os espetáculos portanto, depende tudo da Câmara. Nunca houve, até hoje, que eu conheça, nenhuma incompatibilidade, nenhum problema [e relação a isso] (Entrevista com Frei Francisco Sales, em 24 de junho de 2016).

O relato do Frei aponta para as múltiplas relações que envolvem a comemoração fazendo com que a parte religiosa e a parte profana estejam entrelaçadas e integrando uma única programação aos olhos dos devotos, lisboetas e turistas.

Trata-se de uma comemoração que de fato se capilariza por toda a cidade e centraliza a programação dos meios de comunicação. Com relação ao tema da Memória Social, especialmente dos "lugares de memória", dois eixos podem ser destacados. Um primeiro se refere à Igreja de Santo Antônio de Lisboa. Trata-se de uma referência material que ancora a construção da memória do santo. Foi neste local onde o indivíduo Fernando, mais tarde

---

<sup>58</sup> Inaudível.

<sup>59</sup> Inaudível.

beatificado como santo Antônio, nasceu. Este quarto se configura como um “semióforo” (POMIAN, 1984), um lugar “aurático” (para usar a expressão de Walter Benjamin, 1982<sup>60</sup>) ou ainda um espaço pleno de “mana” (expressão cunhada por Marcel Mauss, 1974). O quarto é aberto à visitação e é um dos trunfos da igreja de Santo Antônio em Lisboa. Além disso, duas relíquias são preservadas também na igreja. Essas relíquias são partes dos ossos de Santo Antônio. Uma fica exposta no altar da Igreja e seria uma parte do osso do braço esquerdo. Este relicário é apresentado aos devotos nas missas de terça-feira que são tradicionalmente dedicadas ao Santo Antônio em todas as Paróquias que levam seu nome no mundo. Nesta missa os devotos podem se aproximar e tocar no relicário sendo um momento de extrema devoção, onde os fiéis se emocionam e aproveitam para fazer pedidos e agradecer. A outra relíquia consiste em uma parte do osso do maxilar inferior do Santo Antônio e está na cripta que seria o quarto em que ele teria nascido.

Outro “lugar de memória” importante para a construção dos espaços de recordação da festa são as ruas da cidade que recebem uma extensa programação ao longo de todo o mês de junho. Diferente do que acontece na cidade de Duque de Caxias, em que a comemoração em devoção ao Santo ocorre em dias específicos do mês e em um espaço determinado na cidade, em Lisboa a comemoração se estende por diversos espaços culturais e bairros da cidade, sobretudo os bairros considerados “populares” ou “tradicionalistas”. De acordo com Graça Índias Cordeiro (1997), os bairros populares:

São bairros antigos, perto do centro da cidade, inseridos numa continuidade urbanizada com séculos de história, sem qualquer espécie de visibilidade de fronteiras. No entanto tem nomes que os distinguem e, em certas situações, constituem-se como referências localizadas, com corpos colectivos de dimensões variáveis que assumem comportamentos de rivalidade territorializada (CORDEIRO, 1997, p. 39).

---

<sup>60</sup> No artigo “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”, Walter Benjamin se apropria do conceito “aura” de modo a designar elementos de uma obra de arte original, ou seja, em uma relação de autenticidade. Estaria associado a um sentido religioso da aura, sendo a obra de arte então, um objeto a ser cultuado.

Figura 39: Noite das Festas de Lisboa 2016 no bairro Alfama



Foto: Acervo pessoal de Sabrina Dinola (cedida).

Os “lugares de memória” (NORA, 1993) relacionam-se diretamente com a construção das memórias individuais e coletivas (HALBWACHS, 2006) que se constroem e reconstroem permanentemente entre os devotos e frequentadores da festa, entre eles, agentes do Poder Público, membros da Igreja, lisboetas e turistas que todos os anos participam da comemoração Destaco três pontos específicos. Um se refere aos “Casamentos de Santo Antônio” que ocorrem no dia 12 de junho e atualmente são promovidos pela Câmara Municipal de Lisboa que, inclusive, arca com os custos dos casais de baixa renda. Trata-se de casamentos populares baseados na memória de Santo Antônio evocada anualmente mantendo viva a tradição de “santo casamenteiro”.

O segundo ponto seria com relação às Marchas Populares que também são realizadas no dia 12 de junho e são protagonizadas por representantes de bairros considerados “populares” ou “tradicionais” de Lisboa. O evento das "marchas" é um evento agonístico, consistindo num desfile competitivo entre os grupos que se apresentam representando os bairros. Há uma comissão julgadora para a qual os grupos se apresentam em dois momentos: na MEO Arena, que leva o nome de uma empresa de telefonia portuguesa, sendo considerada a maior casa de espetáculos do país, no dia 03 de junho e num desfile numa das principais vias da cidade, a Avenida Liberdade, no dia 12 de junho. As marchas tendem a reafirmar identidades locais e de pertencimento aos bairros da cidade.

O momento mais aguardado da programação religiosa consiste na Procissão de Santo Antônio, que ocorre no dia 13 de junho, dia de Santo Antônio, reunindo devotos, lisboetas e turistas. A procissão contribui para afirmar e reiterar a construção hagiográfica e as tradições em torno da figura emblemática de Santo Antônio. Afirma-se também uma disputa simbólica em torno do lugar de pertencimento do próprio santo. Tendo ele nascido em Lisboa e seguido posteriormente para Pádua, onde veio a falecer, há entre os devotos, uma competição entre quais destes lugares seria efetivamente o lugar de maior devoção, Pádua ou Lisboa. Durante as comemorações, procura-se afirmar a estreita relação do santo com Lisboa, "Santo Antônio de Lisboa", o que claramente é apropriado por agentes da Igreja e do Poder Público como importante capital simbólico da cidade.

Observamos que esta disputa específica entre "Santo Antônio de Lisboa" ou "Santo Antônio de Pádua" restringe-se a um âmbito local específico, afeito a estas duas cidades. No caso do Brasil, especialmente em Duque de Caxias, esta competição não existe ou aparece de forma muito nuançada.

No que se refere ao contexto das comemorações dos santos de junho, dois aspectos podem ser ressaltados. O primeiro deles refere-se à tradição da venda e do consumo sardinhas. Durante as Festas Populares as ruas são tomadas por barracas vendendo sardinhas, fato relevante no contexto da festa, destacado em reportagens. Esta tradição é valorizada como elemento identitário culinário e gastronômico, bem como expressa um rentável comércio informal local, com a permissão oficial de instalação de barracas nas ruas para a comercialização das "sardinhas assadas".

As sardinhas fazem parte da culinária e gastronomia da festa do mês de junho em todo o Portugal. São representantes da fartura ligada a atividade da pesca e, ao mesmo tempo, são a alegria de uma festa, pois enchem a mesa, sendo servidas acompanhadas de pimentões, pão e bebida a gosto (SOUZA, 2014b, p. 76).

A tradição das sardinhas é tão forte que a EGEAC organiza um "Concurso Sardinhas Festas de Lisboa" onde os candidatos devem apresentar propostas de imagens de sardinhas que serão utilizadas nas Festas de Lisboa, onde deve prevalecer a originalidade e a marca deve ser claramente de uma sardinha, não podendo ser confundida com outro peixe, conforme regulamento<sup>61</sup>.

---

<sup>61</sup> Ver mais em: [http://www.festasdelisboa.com/sardinhas17/wp-content/uploads/2017/02/CONCURSO-SARDINHAS-FESTAS-DE-LISBOA\\_2017\\_PT.pdf](http://www.festasdelisboa.com/sardinhas17/wp-content/uploads/2017/02/CONCURSO-SARDINHAS-FESTAS-DE-LISBOA_2017_PT.pdf).

O segundo aspecto das comemorações dos santos de junho em Lisboa diz respeito às músicas *pimbas* que se destacam nos bailes e nos sons das ruas durante as Festas de Lisboa. Trata-se de “*canções julgadas como “bregas” e “cafonas” segundo determinados parâmetros de cultura, ou simplesmente de fundo humorístico e malicioso, baseadas em duplos sentidos*” (MONTEIRO, 2008, p. 5, grifo nosso).

## 5.2 O LUGAR DE SANTO ANTÔNIO NAS FESTAS DE LISBOA

Santo Antônio Padroeiro  
É o primeiro, dos Populares  
Que em Junho, p’ras noites quentes  
Oferece ardentes, lindos cantares  
– Fado Alfama de Santo Antônio

O fato de Santo Antônio ter sido o primeiro português a ser canonizado é motivo de grande orgulho para seus devotos que, durante a programação religiosa, repetem diversas vezes que Santo Antônio é de Lisboa. Apesar de tamanha devoção, Santo Antônio não é o padroeiro oficial de Lisboa – que é São Vicente – mas é sem dúvida o mais comemorado podendo ser considerado um “padroeiro popular”. Por este motivo, as comemorações em sua homenagem são muito aguardadas tanto pelos agentes que organizam todos os aspectos desta comemoração, quanto para os devotos, lisboetas e turistas. Como assinalam Costa e Guerreiro (1984):

Embora as festas se prolonguem entre o Santo Antônio e o São Pedro, o dia mais animado é a véspera de Santo Antônio (e eventualmente algum sábado algum sábado próximo do São João e do São Pedro) [...]. O principal [baile de rua] é o que se realiza no Largo de São Miguel, normalmente com conjuntos modernos, violas eléctricas e música actual. Grande animação dançante, de gente nova, neste local aonde, no Santo Antônio, são arrastados magotes intermináveis de lisboetas forasteiros, depois de comprarem um manjerico com quadra em papel no Largo do Chafariz de Dentro (COSTA; GUERREIRO, 1984, p. 71).

Frei Francisco Sales, franciscano e Reitor do Santuário de Santo Antônio e da Sé de Lisboa, descreve com detalhes os elementos que integram do ponto de vista estritamente religioso as festividades:

Nós celebramos a festa de Santo Antônio, portanto, anualmente, no mês de junho, apesar de sermos um santuário antoniano e [de], todas as terças-feiras, haver uma grande devoção a Santo Antônio, [para a qual], portanto, particularmente, todas as pessoas vêm para receber a benção com a relíquia

de Santo Antônio. No mês de junho, nós iniciamos a festa com a preparação religiosa do dia – esse é o dia doze –, portanto, é chamada de traseira de Santo Antônio, com duas eucaristias com peregrinação – uma eucaristia às onze horas da manhã, e outra eucaristia às dezessete horas, portanto cinco horas da tarde. São duas eucaristias muito participadas. Todos os anos, convidamos um pregador diferente para tentar e, portanto [1:21-1:22] das pessoas de prepará-las para celebrarem a festa (Entrevista com Frei Francisco Sales, em 24 de junho de 2016).

O terremoto que teve lugar em Lisboa no ano de 1755 também atingiu a basílica que ali ficava. A Igreja foi construída no mesmo lugar e alguns objetos foram recuperados, tais como a imagem que fica no altar-mor. O espaço da Igreja é muito significativo tanto no contexto da festa quanto no que se refere à construção da memória do próprio Santo Antônio. É um lugar de memória material e um espaço de recordação da trajetória do santo. A Igreja enquanto locus físico pode ser vista também como espaço de recordação das memórias dos devotos. Frei Francisco Sales também discorre sobre o tema da fé relacionado à figura de Santo Antônio:

Há uma tradição do cravo que eu não consigo perceber muito bem, e portanto ainda não consegui entender por quê. Já ouvi várias explicações e não consegui entender. Portanto até a própria Amália cantava “Um cravo numa água furtada, cheira bem, cheira a Lisboa” portanto tem a ver com a devoção de Santo Antônio. As pessoas têm muita devoção, de benzer os cravos, de tocar os cravos no quadro porque a igreja tem um quadro com a imagem de Santo Antônio muito antigo que ficou da antiga basílica anterior ao terremoto de 1755, portanto das peças que figuraram anterior ao terremoto. E que as pessoas que vem pelos casamentos a procura de noivo, de noiva e pedir bênção para os casamentos, para os namoros, ali costumam colocar bilhetinhos e deixam mensagens junto ao quadro. Portanto ao fim das missas no dia 13 há sempre a bênção do pão, dos cravos, dos objetos religiosos e a bênção com a relíquia de Santo Antônio (Entrevista com Frei Francisco Sales, em 24 de junho de 2016).

As relações de devoção são muito intensas no cotidiano da Igreja e podemos destacar dois fatores para isso: um primeiro seria a representatividade do lugar associado ao local de nascimento de Santo Antônio. O segundo associa-se à presença no local das duas relíquias de Santo Antônio. No entendimento do Frei Francisco Sales, a presença destas relíquias compensa de certo modo a ausência dos restos mortais que se encontram em Pádua, na Itália, onde o santo faleceu.

Esta igreja tem a maior relíquia do corpo de Santo Antônio que está fora de Pádua. Santo Antônio faleceu em Pádua, seu corpo está lá e nós aqui temos duas relíquias de Santo Antônio. Uma que é a maior que está na capela-mor mesmo ao lado do sacrário com um bocadinho do osso do braço esquerdo do Santo Antônio e na cripta está uma outra relíquia que é um bocadinho do osso



do maxilar inferior do Santo Antônio. Quando vamos à Pádua e vemos a fotografia do esqueleto do Santo Antônio, percebemos a falta desses dois bocadinhos que estão aqui (Entrevista com Frei Francisco Sales, em 24 de junho de 2016).

Figura 40: *Relíquia na cripta (maxilar inferior de Santo Antônio)*



Fonte: Acervo pessoal de Sabrina Dinola (cedida)

Figura 41: *Relíquia no altar-mor (osso do braço esquerdo)*



Fonte: Acervo pessoal de Sabrina Dinola (cedida)

A igreja constitui-se como lugar de peregrinação durante todo o ano com seu ápice no mês de junho. Também em Lisboa, assim como vimos no caso de Caxias, os devotos buscam apoio no santo por variados motivos, entre eles, cura de enfermidades, recuperação de objetos perdidos e a conquista de um cônjuge.

É o santo casamenteiro e toda gente vem à procura do Santo Antônio para se casar, não é? E isso nós vemos, porque como eu sou o reitor, o responsável, eu tenho que tirar todos os papelinhos e as cartas que são escritas ao Santo Antônio. Nós vivemos a experiência, a coisa mais engraçada às vezes, a forma como pedem e o porquê querem. Por exemplo, olhe: “eu quero um marido, arranje-me um marido que seja bom, generoso, *rico* ... (Entrevista com Frei Francisco Sales, em 24 de junho de 2016).

O momento da programação religiosa mais esperado é o da Procissão. Este é um dos momentos em que a relação estabelecida entre os devotos e o santo se apresenta de uma maneira intensa, sendo para alguns, o momento de troca, quando são pagas as promessas em virtude de um pedido atendido. De acordo com Sanchis, “*graças a estas trocas recorrentes, estabelece-se e mantém-se uma solidariedade entre as duas sociedades, a humana e a divina*” (SANCHIS, 1983, p. 48, grifo nosso).

Figura 42: Devotos aguardando a imagem de Santo Antônio sair da Igreja para a Procissão



Fonte: Acervo pessoal Sabrina Dinola (cedida)

Para que esta troca entre devotos e santidade aconteça existe uma preparação que é feita pelas *Irmãs* que anualmente fazem novas vestimentas (que chamam de *factos*) para o Menino Jesus. “*E as irmãs têm sempre cuidado – já têm aquelas medidas certas do fato do menino. E,*

*pois, também temos as ofertas que nos fazem, que há fatos que nos doam, de oferta, e que saem sempre em procissão de um ano para o outro”* (Entrevista com Pedro Ferreira, em 24 de junho de 2016, grifo nosso). A imagem do santo sai da Igreja em cortejo em cima de um carro dos bombeiros, com vasto policiamento e os membros da Igreja. Milhares de devotos e peregrinos seguem a imagem pelas ruas da região da Junta da Freguesia de Santa Maria Maior, entrando nas igrejas e encontrando imagens de outros santos. Trata-se de um momento de emoção, afetividade e fé em que todos os devotos querem estar próximos ao santo.

A entrada do santo na igreja é [algo] extraordinário [...]. Porque nós somos os primeiros a entrar. E é curioso que, este ano, estive aos pés do santo. E isso é *extraordinário!* Porque *a quantidade* de pessoas que estavam à espera deste milagre que... E não só: a [4:06-4:07]<sup>62</sup> de palmas que o santo recebe quando entra na igreja é *qualquer coisa de extraordinário*. Parece um verdadeiro artista quando acaba o seu espetáculo. Isso é de *uma beleza...* E, quando chega ao final, na Missa do Adeus, o povo não quer sair da igreja [risos]. Quase temos que pedir às pessoas, muito delicadamente, para as pessoas irem saindo. E as pessoas que estão ali parecem que estão coladas ao chão [risos]. É... é engraçado. Ao mesmo tempo, vemos que a fé consegue *transbordar montanhas*. E, desde que aqui estou, já vi desde aquela fé comum, do dia-a-dia, que as pessoas chegam aqui e rezam o seu Pai nosso, sua Ave maria, e assistem a missa e saem, como aquelas pessoas que chegam aqui e entram quase numa crise de choro de tanta emoção, e principalmente... – ainda um bocado eu assisti isso: uma jovem que pedia a Deus que engravidasse. E ela... – essa jovem é do Brasil (Entrevista com Pedro Ferreira, em 24 de junho de 2016).

Figura 43: Imagem de Santo Antônio após sair da igreja para Procissão



Fonte: Acervo pessoa de Renata Oliveira

<sup>62</sup> Inaudível.

Conta-se que todos os anos, quando Santo Antônio entra na Igreja, um raio de sol ilumina o interior da igreja de uma maneira que não acontece em nenhum outro momento do ano.

Ah, isso são as pessoas que [riso]... as pessoas... Nós vivemos num tempo em que as pessoas procuram todos sinais. E querem ver milagres à força. Então as pessoas veem. Penso que isso tem muito a ver com o milagre do sol de Fátima, em que, portanto, existe aquele milagre que narra de Fátima, na última peregrinação, em que o sol apareceu e a lua, às voltas, quase que tocou na terra, e tinha chovido e a terra secou como num sinal. E as pessoas associam. Acham que uma vez aí, por qualquer razão, alguma nuvem, alguma coisa que fica, o sol que ficou assim um pouquinho diferente – são esses fenômenos da natureza – e as pessoas às vezes falam, inventam. Penso que é este desejo que as pessoas têm de ver milagres e coisas extraordinárias que levam as pessoas a dizer [essas coisas]. Eu, por mim mesmo, nunca vi nenhuma mudança no pôr do sol (Entrevista com Frei Francisco Sales, em 24 de junho de 2016).

Outro fato relatado, como de ordem sobrenatural, se refere a uma referência a Santo Antônio como protetor dos animais.

Eu penso que, passou[-se] muitas coisas – por exemplo, como protetor dos animais, etc. – para o Santo Antônio, que não eram de Santo Antônio, eram de Santo Antão, o monge do Egito, que é aquele padroeiro dos animais. E eu encontro, muitas vezes, as pessoas vêm com os animais para receber a benção de Santo Antônio, porque é um pouco a confusão do nome [que] passa essas [atribuições] ao santo. As pessoas, pois, não distinguem um santo do outro e passam as noções que haviam de um santo para outro, etc. Isso é muito comum na igreja com vários santos. Um dos exemplos que, eu acho, é talvez o mais típico que eu conheço, que é o do Milagre das Rosas, de atribuir à rainha de Santa Isabel de Portugal, e que este milagre não é da rainha de Santa Isabel de Portugal, mas sim da rainha de Santa Isabel da Hungria, que é tia avó da nossa Isabel. Portanto, por um nome, duas Santas “Isabéis”, duas rainhas, e por isso [o milagre] passou para a nossa rainha de Santa Isabel (Entrevista com Frei Francisco Sales, em 24 de junho de 2016).

### 5.3 LISBOA A MARCHAR: A MARCHA DE ALFAMA

Olha, olha  
Os balões  
Saltitantes corações  
Vermelhos a dar a dar  
Batam palmar  
Passa Alfama  
Hoje ninguém vai p’ra cama  
Sem ver Alfama marchar



– Marcha de Alfama 2015, Rainha dos Arraiais.

Algumas atividades da programação das Festas de Lisboa são tradicionais e muito aguardadas pelos agentes que participam desta comemoração, seja na organização, seja como público. Uma destas consiste nas Marchas Populares que são desfiles de grupos culturais que representam determinados bairros da cidade, considerados os mais “populares” ou “tradicionais”. A antropóloga Renata Gonçalves que desenvolveu uma pesquisa acerca das Marchas Populares as define como:

Associações recreativas e festivas, ligadas aos bairros conhecidos como aqueles mais “populares” e “tradicionais” de Lisboa, organizadas por coletividades (que são clubes, sociedades e centros de cunho musical, recreativo, esportivo ou cultural). Nas festas dos santos (em especial, Santo Antônio) tais associações saem às ruas de Lisboa, exibindo suas roupas e temas típicos, “estilizados” em torno de uma apresentação pública de dança e canto a ser realizada na noite do dia 13 de junho, de modo a trazer à tona representações pitorescas dos bairros populares de Lisboa (GONÇALVES, 2013, p. 29).

A trajetória das Marchas Populares teve início na década de 1930 tendo se tornado uma tradição que passou a ocorrer anualmente. A antropóloga Renata Gonçalves (2013) apresenta uma contextualização histórica acerca da realização das Marchas Populares.

Tais associações e os clubes de bairros surgem na década de 1930 com sedes e uma organização muito regrada e conservadora, tendo sido fundamentais para a formação e organização dos clubes de fado, dos arraiais juninos e das marchas populares. Não havia muita mobilidade e não entravam novos grupos. As chamadas “coletividades” tiveram muita importância a partir do início do séc. XX para as sociabilidades dos bairros porque durante um longo período da ditadura não se podia realizar atividades festivas, recreativas nas ruas, que não fossem autorizadas expressamente pela municipalidade. As atividades recreativas eram portanto, realizadas no interior das associações. Desse modo, uma forte relação se estabelece entre a formação da cidade, a formação dessas redes de bairros e a apropriação do espaço urbano. As marchas, ligadas às coletividades desde os anos de 1930 podem ser compreendidas por sua expressão popular ambígua que ganhou importância progressiva na cidade de Lisboa. Sendo inventadas e tendo suas origens ligadas a um contexto sócio-histórico específico, alcançaram uma certa regularidade anual. Tiveram cerca de cinquenta edições desde sua criação, com exceção de algumas interrupções, como na conjuntura marcada pela Segunda Guerra Mundial, no período entre 1941 e 1946 (GONÇALVES, 2013, p. 29).

Um dos bairros populares mais conhecidos da cidade é Alfama que também abriga a Marcha Popular com mais vitórias em todos os tempos. Trata-se de um bairro muito tranquilo

ao longo do dia, mas que a noite é lugar de diversão para lisboetas e turistas com eventos para todos os gostos e idades. De acordo com Paixão, este bairro não é apenas um espaço físico e sim “*uma maneira de viver com características próprias*” (1973, p. 5, grifo nosso) que tem em sua origem diversos elementos da cultura romana, pois teria sido habitado desde o século II a.c. quando os Romanos invadiram a Península Ibérica e se estabeleceram em vários pontos do país.

No século XVII o bairro serviu de habitação para os judeus. “*Das quatro judiarias que existiram em Lisboa, uma delas ficava situada em Alfama, onde ainda hoje resta um vestígio no nome da rua onde se situava, a Rua da Judiaria, que vai do Terreiro do Trigo até o Largo de S. Rafael*” (PAIXÃO, 1973, p. 10, grifo nosso).

A trajetória do bairro de Alfama ficou registrada nos nomes de suas ruas, seus becos e vielas, sendo uma marca do local, também considerado um centro boêmio da cidade, abrigando o Museu do Fado e outras casas de Fado e restaurantes. “*Nas suas ruas encontram-se nomes que evocam o tempo passado, as pessoas que aí moraram, de todas as classes sociais, e não só nas ruas mas também nos becos, nas escadas, escadinhas, calçadas, calçadinhas e pátios em que Alfama é tão rica*” (PAIXÃO, 1973, p. 10, grifo nosso).

Os autores Costa e Guerreiro (1984), desenvolveram uma pesquisa substancial acerca do Fado no bairro de Alfama, destacando elementos das comemorações dos santos de junho, sobretudo Santo Antônio.

Pelo menos um bom mês antes do Santo Antônio é usual começarem os preparativos para a decoração das ruas e a instalação dos retiros. Mas a organização da Marcha (quando se faz) e dos tronos inicia-se normalmente muito antes. Pelo contrário, é também frequente certos retiros serem improvisados praticamente de véspera, depois de os seus habituais organizadores manifestarem durante algum tempo a sua indisponibilidade <<desta vez>> se prestarem a <<toda a trabalhadeira>> que isso dá (COSTA; GUERREIRO, 1984, p. 71).

De acordo com Paixão (1973), a história de Alfama pode ser dividida antes e depois do terremoto que atingiu Lisboa no ano de 1755. Antes do terremoto a população era representada em sua maioria por pessoas de uma classe social mais elevada. Após o terremoto a população que era de 7210 pessoas ficou reduzida a metade. Além disso, aconteceu uma onda migratória, que os levou a se deslocarem para outras regiões da cidade em virtude das melhores casas terem ficado arruinadas o que fez com que Alfama fosse quase desabitada. Com isso, um grupo de pessoas mais humildes passou a ocupar o bairro que foi aos poucos reparado de acordo com suas condições. “*São, pois, as características do povo que determinam as suas atitudes em relação ao meio ambiente e é da interacção entre a terra, a história e a sociedade, que resulta*

*uma forma distinta de arquitectura e de ocupação do espaço*” (PAIXÃO, 1973, p. 11, grifo nosso). Deste modo, Paixão (1973) destaca que as características populares de Alfama tiveram sua origem após essa catástrofe natural.

O bairro Alfama pode ser considerado um reduto de diversidade de culturas e povos. Ao mesmo tempo em que possui construções antigas e os próprios nomes de ruas remetem a tempos mais remotos, destacamos a forte presença de turistas e comerciantes de diversas procedências, inclusive indianos. As ruas e ruelas estão repletas de restaurantes e lojas de presentes onde convivem lojas de *souvenirs* com objetos tradicionais da cultura portuguesa, bem como utensílios domésticos. Essas lojas têm como proprietários tanto portugueses quanto estrangeiros que viram uma oportunidade de negócio em meio a uma crise enfrentada pela Europa no início dos anos 2000. No que se refere aos restaurantes, a grande maioria preserva algumas tradições como a gastronomia, notadamente voltada para pratos à base de peixes, sobretudo bacalhau. Em grande parte destes restaurantes podemos encontrar apresentações de músicos intérpretes do Fado, um estilo musical conhecido por ser um aspecto importante da cultura popular portuguesa.

Figura 44: *Barracas das Festas de Lisboa em frente ao Museu do Fado, Alfama 2016*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

É neste contexto de diversidade cultural que se configura a Marcha Popular de Alfama. Tem como sede o Centro Cultural Magalhães de Lima onde funciona a parte administrativa, reuniões, ensaios e eventos culturais que movimentam o bairro durante todo o ano. Para participar da competição oficial junto aos outros bairros, há um intenso cronograma de atividades que tem início em novembro com a escolha do tema da Marcha. A Marcha de Alfama escolheu como tema em 2016 os "manjericos" que são plantas aromáticas populares nestes bairros. Assim, toda a organização da marcha se dá ao redor deste tema: a composição das músicas; *design* do figurino, cenografia e coreografias. Para tal, diversos profissionais são envolvidos em busca da perfeição e conquista das notas máximas. Trata-se da Marcha Popular mais vitoriosa de Lisboa, com 19 títulos, sendo o primeiro no ano de 1932 e último em 2016, além de colecionar diversos prêmios de encenação, Cultura Popular, Artes Plásticas, Ornamentação, Tradição, entre outros.

Figura 45: Centro Cultural Magalhães de Lima – Externo



Fonte: Acervo pessoal de Sabrina Dinola (cedida)

Os participantes da marcha são em geral moradores do bairro. Caso não consigam preencher todas as vagas, são disponibilizadas para moradores de outras regiões, o que não parece muito comum visto que essa questão aponta para um certo ponto de rivalidade entre os bairros no que se refere a esta competição. A Marcha é composta da seguinte maneira: dois mascotes, que são crianças; um padrinho, uma madrinha; 24 pares de efetivos e um par de suplentes, caso algum membro efetivo não possa participar; músicos e os aguadeiros, que são um apoio para os membros da Marcha.



Figura 46: Apresentação da Marcha de Alfama no Centro Cultural Magalhães de Lima



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Com o objetivo de vencer a competição, os componentes têm uma vasta agenda de ensaios. O fundador da Marcha de Alfama, João Ramos, destacou que nos moldes atuais, as marchas poderiam se relacionar ao carnaval carioca. De fato, alguns componentes podem se assemelhar a uma comissão de frente de desfile das escolas de samba: os componentes executam uma coreografia em harmonia com a música, havendo também uma cenografia que seriam pequenas alegorias que estariam representando o tema escolhido, no caso, os “manjericos”.

Assim, fazendo jus a este facto, a Marcha de Alfama veste os seus marchantes com fantasias estilizadas inspiradas em manjericos, usando tons de verde da rama e o vermelho dos vasos de barro, numa perspectiva de estética moderna, sem se afastar muito do tradicional, mas sempre, como já vem sendo meu hábito, inovando, aderindo-se, desta forma, ao repto que sucessivos jurados em anos anteriores têm feito da necessidade de inovação (ALFAMA..., 2016, p. 3).

Figura 47: *Manjericos sendo vendidos no bairro Alfama*



Fonte: Acervo pessoal de Sabrina Dinola (cedida)

No que se refere a composição do figurino e da cenografia no contexto da Marcha de Alfama, ainda pode ser destacado:

Os arcos são simples grades de varandas com manjericos a enfeitar, em alusão aos prédios do bairro, nunca esquecendo o grito das vendedeiras: É regar e pôs ao luar. Alfama, bairro popular, apresenta-se com mais uma Marcha Popular, na verdadeira acepção da palavra ou não sejam os manjericos o verdadeiro emblema das festas de Lisboa de braço dado com a Sardinha (ALFAMA..., 2016, p. 3).

A competição entre as marchas é atualmente organizada pela EGEAC e se divide em duas etapas: uma primeira onde a apresentação é realizada em uma arena com as coreografias entre os marchantes e a cenografia. Em 2016 foi realizada na MEO Arena, que leva o nome de uma empresa de telefonia portuguesa, sendo considerada a maior casa de espetáculos do país, no dia 03 de junho.

No segundo momento, as marchas desfilam na Avenida da Liberdade, no dia 12 de junho, parando em alguns pontos estratégicos desenvolvendo a coreografia para os jurados. Em ter os quesitos avaliados para a escolha da marcha vencedora estão diversas características como coreografia, cenografia, figurinos, letra, musicalidade e abstenção global.

Acompanhei a Marcha de Alfama em 2016. Além dos desfiles oficiais que valem o título, existe também uma série de desfiles pelo bairro. Estes desfiles integram a programação oficial das Festas de Lisboa e levam milhares de pessoas às, entre elas, turistas e lisboetas,



destacando-se os próprios moradores que aguardam a marcha passar. Muitas dessas pessoas aguardam a marcha sair desde o Centro Cultural Magalhães Lima e seguem o cortejo por todo o bairro. Outras pessoas optam por aguardar de suas janelas, bailes que acontecem nas ruelas e restaurantes. Nota-se neste momento uma sensação de pertencimento ao bairro, um certo orgulho de morar em Alfama. Muitas pessoas se emocionam ao ver Alfama marchar o que reflete diretamente na relação que existente com a comemoração e seus agenciamentos. As pessoas cantam as marchas em coro, vibram, balançam suas bandeiras, se emocionam e se divertem enquanto a marcha passa, em cortejos que são marcantes e ansiosamente esperados.

Figura 48: *Marcha de Alfama em cortejo pelas ruas do bairro*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Para obter mais informações acerca da Marcha de Alfama, foi realizada uma entrevista com João Ramos, seu fundador, que assim a descreveu:

A Marcha de Alfama é a marcha de um dos 22 bairros de Lisboa, que anualmente faz pela altura de Santo Antônio, nos dias 12 e 13 de junho. Tem dois momentos: um momento em meio a arena, que é um momento de novos figurantes e, depois tem o momento da vida, que é como se fosse momento de samba brasileiro. Nesse dia com o desfile da massa, das 22 massas, quando os jurados julgam e esperamos a madrugada alta para saber o resultado para saber quem é o vencedor. A Alfama é um dos maiores vencedores, já venceu 19 vezes nos últimos 30 anos. É um barco muito típico de Lisboa e os temas, de todos os anos, são decididos de uma forma diferente. É uma comissão que escolhe o tema e tem sempre que se correlacionar com o bairro. Este ano tem a ver com o manjerico. Manjerico é uma flor de origem portuguesa que tem a particularidade de que não se pode tocar, pois se tocar o manjerico morre, murcha e morre, por isso o manjerico é regar e pôr ao luar. O que que

acontece? O manjerico não pode pegar sol, o manjerico pega água à noite e põe-se ao luar para respirar e fazer a fotossíntese com a lua. É um caso estranho já que a fotossíntese é feita ao sol, mas o manjerico não pode pegar sol, se pegar sol murcha. E, se tocar murcha igual, morre. Portanto é típico dos namorados oferecerem às namoradas um manjerico frente à altura. Mas o manjerico tem também na língua portuguesa em duplo sentido, o manjerico é o vaso com essa flor, mas também o manjerico é o homem atrevido, é atrevido como o manjerico, é no sentido de estucar uma pessoa muito fresca, muito atrevida etc. Nós olhamos com esse duplo sentido na marcha (Entrevista com João Ramos, em 17 de junho de 2016).

A entrevista com João Ramos revela questões importantes sobre a organização da Marcha de Alfama e a seriedade que envolve o processo. É uma questão cultural marcante que relaciona o espírito competitivo a um pertencimento local, associado a um ciclo anual entre a preparação e o resultado final.

#### 5.4 OS CASAMENTOS DE SANTO ANTÔNIO

E hoje sou eu quem o diz,  
 Não é tarde nem é cedo,  
 Santo Antônio assim o quis,  
 Vai deixar de ser segredo.  
 Se teu passo for certo,  
 Eu penso e digo sem drama  
 Que já não fico solteiro  
 Vamos lá, ó minh'alfama!  
 – Marcha de Alfama, Manjerico de Alfama.

Os casamentos de Santo Antônio integram a programação oficial das Festas de Lisboa e, assim como as Marchas Populares, é um dos momentos mais esperados pelos lisboetas, turistas e devotos, sobretudo por se tratar de uma atividade que une por um lado a Igreja e, por outro, as festas que tomam conta das ruas da cidade. Para descrever e analisar este momento das Festas de Lisboa acompanhei o casamento em todas as etapas que acontecem ao longo do dia 12 de junho. No dia do casamento foi realizada uma entrevista com Micaela Capelo, funcionária da Câmara Municipal de Lisboa que agendou uma reunião com Paula Cerejeiro, responsável pelos Casamentos de Santo Antônio. Foram também realizadas entrevistas com alguns dos noivos que se casaram em 2016, Raul e Ana e com Maria Ribeiro e Manuel Ribeiro um Casal D'Ouro. Os Casais D'Ouro são casais convidados a fazerem a renovação de votos por completarem 50 anos de casados nos “Casamentos de Santo Antônio”.

A tradição dos Casamentos de Santo Antônio teve início do ano de 1958 sendo uma iniciativa do Jornal “Diário Popular” que tinha como objetivo proporcionar o casamento aos

casais de baixa renda da cidade de Lisboa. Neste primeiro ano, ocorreu o casamento de 26 casais pertencentes às camadas populares de Lisboa. Para a realização desses casamentos, o Jornal “Diário Popular” buscava apoio de empresas que pudessem de alguma maneira fomentar a realização do evento, desde os vestidos das noivas até a lua de mel dos casais.

Eram pessoas muito pobres, era o nosso caso. Eu era empregada doméstica, fui muito nova trabalhar. Saí da casa dos meus pais muito novinha a trabalhar e o meu marido é a mesma coisa, saiu da província também para a cidade de Lisboa sozinho e, também muito pobre. Então nós começamos a trabalhar, foi o primeiro namoro que tive, foi o meu marido. Namoramos 2 anos, 1 mês e 7 dias (e seis horas). Portanto, namoramos e, quando a gente namorava uma vez por semana íamos ao cinema (e era a fugida) e de 15 em 15 dias meu marido ia à casa dos meus patrões. E foi como foi nosso namoro. Daí nossos patrões foram muito nossos amigos e hoje somos uma família. Eles disseram, portanto, que iam tratar de casar a gente com os noivos de Santo Antônio, uma vez que tínhamos “*prendinhas*” e pra nós eram muito boas uma vez que não tínhamos nada. Casamos nos noivos de Santo Antônio, fomos muitos felizes e somos muito felizes. Que bom que trabalhamos, criamos tudo juntos, muito unidos, muito poupadinhos (Entrevista com Maria Ribeiro, em 30 de junho de 2016).

Deste modo, o jornal realizou intensa campanha para obter este apoio que chamavam de prendas que seriam presentes aos casais. Em pesquisa na Hemeroteca de Lisboa, encontrei nos jornais “Diário Popular” de 1958 anúncios de convites a essas empresas para que dessem essas “prendas”, tais como, vestidos das noivas e a lua de mel, ou mesmo patrocínio financeiro.

Esta tradição foi criada em meio ao regime Salazarista em um período denominado Estado Novo que durou 41 anos ininterruptos. Após o movimento de redemocratização, a partir do ano de 1974, com a Revolução dos Cravos, a tradição dos casamentos de Santo Antônio foi interrompida por um período. Trinta anos depois, esta tradição foi recuperada pela Câmara Municipal de Lisboa que proporcionou a união de 16 casais. Desde então, esta tradição se manteve como um dos pontos altos das Festas de Lisboa.

Atualmente os “Casamentos de Santo Antônio” são promovidos pela Câmara Municipal de Lisboa, no âmbito da EGEAC. É realizado o casamento de 16 casais, sendo que onze casais se casam no religioso e cinco casais se casam no civil. A antropóloga e funcionária da Câmara Municipal Paula Cerejeiro explicou como é o processo de realização dos casamentos.

Privilegiamos casais com rendimentos, ele e ela, baixos para que possa esse casamento ser de fato, ser de uma ajuda, uma ajuda a pessoas carentes. Casar gente é muito, muito dinheiro. E só pra tu veres a certidão de nascimento no cartório do registro civil são duzentos euros para cada um. E as pessoas não têm, não tem. Quem ganha um ordenado mínimo ou quem ganha 700 euros

não pode dispor de 200 euros porque tem o restante, porque tem a festa, porque tem... Casam com algo mais pompa... O que que a Câmara [Municipal] faz? Dá isto. A Câmara oferece tudo aos casais, portanto em janeiro começamos a fazer as candidaturas. Começam mais ou menos no início de janeiro e acabam no início de março. Portanto, são dois meses em que as Juntas das Freguesias, são 24 Juntas de Freguesias que Lisboa tem. Divulgam, em seus balcões tem boletins de inscrição para os casais se candidatarem para os casamentos de Santo António. Além dessas Juntas de Freguesia também existe o Balcão Central no município de Lisboa, que são uns cinco ou seis balcões em pontos estratégicos da cidade e vão se candidatando. E o que que acontece? As inscrições, o que que acontece das inscrições? Preenchem o formulário a dizer o nome, os motivos porque queres participar dos Casamentos de Santo António. E para além disso assinam uma declaração em como se comprometem, e que seguem as orientações que a Câmara de Lisboa lhes dá. Há uma série de regras que é preciso cumprir, porque senão isso foge um pouquinho ao nosso controle. E eu vou te explicar isto: não há interesse nenhum em explorar isso do interesse dramático e *televisionístico*, não há interesse em fazer dos casamentos de Santo António, o que aqui nós chamamos de *birburada*. De entrar na vida deles, na intimidade... Não, não nos interessa se tem um problema familiar grave, não nos interessa nada disso. Interessa sim, que seja um casal que cumpra aqueles requisitos e que quer se casar nos casamentos de Santo António. Não vamos procurar os desinteressados. São pessoas carentes que precisamos, mas não vamos procurar isso. Portanto, eles assinam uma declaração precisamente para dizer que não fazem isso pela imprensa, a imprensa que justifique um espetáculo, uma telenovela ao vivo. Não, não é. São pessoas reais e não estamos aqui para fazer espetáculo beneficente (Entrevista com Paula Cerejeiro, em 24 de junho de 2016).

Uma comissão designada para o processo de seleção dos casais faz a escolha de acordo com um regulamento previamente divulgado que determina como requisitos:

1. Pelo menos um dos noivos deverá residir em Lisboa;
2. Os noivos deverão estar em situação legal para contrair casamento;
3. Aceitação por parte dos noivos das regras exigidas pela celebração atribuída;
4. Aceitação por parte dos noivos de entrevistas, filmagens e respetiva publicação nos vários meios de comunicação social;
5. O processo de candidatura (ficha de inscrição e respetivos documentos) deverá ser apresentado entre os dias 8 de janeiro e 5 de março de 2016, no Balcão Único Municipal;
6. Na fase de seleção existirá uma entrevista prévia com os noivos pela comissão designada para o efeito;
7. No dia 24 de março de 2016 serão divulgados os nomes dos casais selecionados e afixada a respetiva lista no Edifício Municipal do Campo Grande;
8. Os casamentos realizar-se-ão no dia 12 de junho (CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA, 2016).

Acompanhei o Casamento no dia 12 de junho que acontece por volta das 10h da manhã. A celebração acontece na Sé de Lisboa por ser uma Igreja com um espaço maior do que a Igreja

de Santo Antônio, podendo comportar com mais conforto os noivos e suas famílias. Segundo relatos de devotos e curiosos que estavam ao lado de fora da Igreja, antigamente os casamentos aconteciam na Igreja de Santo Antônio, mas acabou se tornando um espaço muito pequeno para a grandiosidade da celebração.

As noivas chegam à Igreja em carros antigos de colecionadores com muita pompa e emoção, sendo assistidas por inúmeros devotos e curiosos lisboetas e turistas que se aglomeram nos arredores da Igreja. Estas pessoas devem ficar atrás de um cordão de isolamento para que os casais e a produção do evento tenham espaço. Cada etapa do casamento é transmitida ao vivo por uma emissora de televisão portuguesa.

Figura 49: Carros antigos que conduziram as noivas, estacionados em frente à Igreja de Santo Antônio



Fonte: Acervo pessoal de Sabrina Dinola (cedida)

Enquanto os casamentos acontecem do lado de dentro da Igreja, do lado de fora centenas de pessoas acompanham a cerimônia ouvindo através de autofalantes instalados ao redor da Sé de Lisboa. São momentos de fé, devoção e emoção celebrada de maneira anônima com cada casal.

Figura 50: Devotas a Santo Antônio acompanhando os casamentos do lado de fora da Igreja

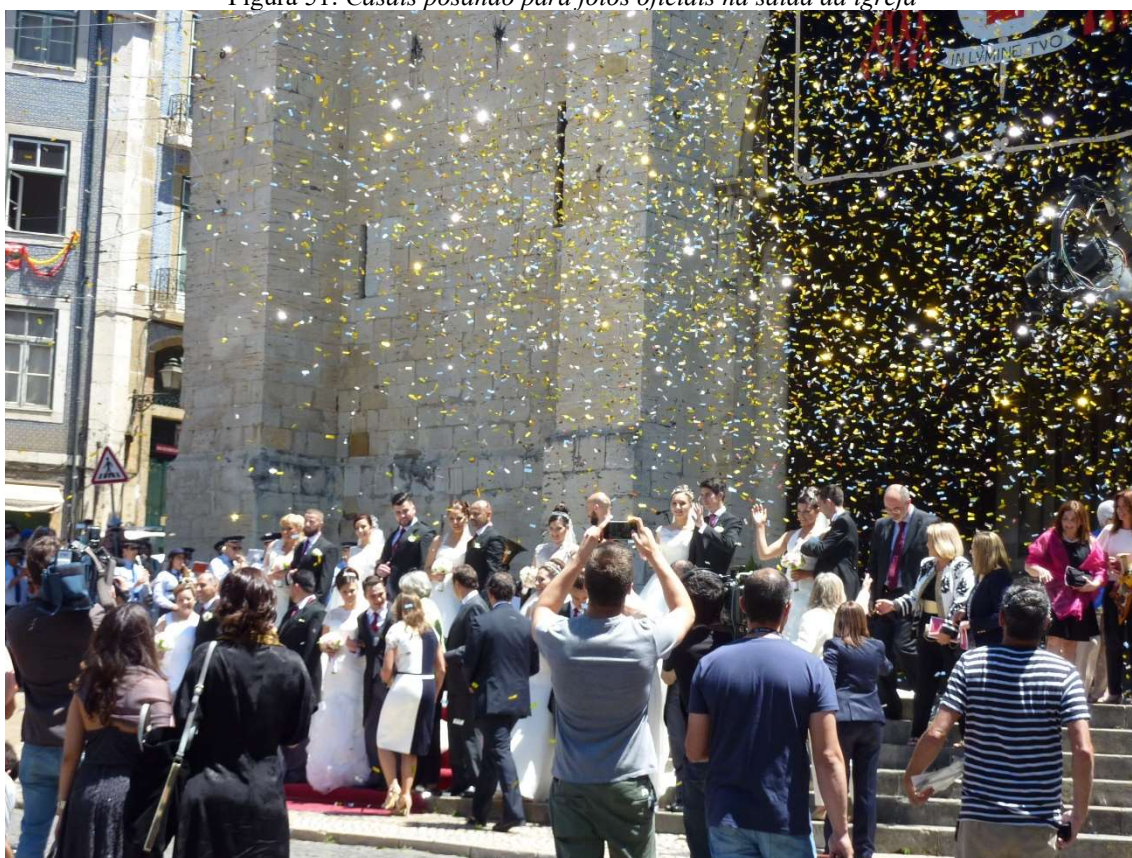




Fonte: Acervo pessoal de Sabrina Dinola (cedida)

Após algumas horas de cerimônia, os casais saem da Igreja e posam para fotos oficiais.

Figura 51: *Casais posando para fotos oficiais na saída da igreja*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira



Em seguida, seguem em cortejo pela cidade, com banda, seguindo por vias importantes, como a tradicional Rua Augusta, seguindo até o Paços do Conselho, prédio que abriga a Câmara Municipal de Lisboa, onde se juntam aos casais que se casaram somente no civil. Neste momento, as pessoas acompanham os casais, seguindo o cortejo. Não é mais possível acompanhar os casais após entrarem no Paço do Conselho, onde são recepcionados pelo Presidente da Câmara Municipal e posam para fotos. Em seguida seguem para uma festa chamada pelos portugueses de “copo d’água”, onde cada casal pode receber até vinte convidados.

Recebemos o Presidente da Câmara e a cerimônia do civil também foi lá. Chegam os casais católicos da Sé e juntam com os casais civis e depois fizemos uma coisa que foi única este ano, fizemos uma fotografia do conjunto de todos os casais no Paço do Conselho, coisa que até agora não tinha acontecido. Só fazia a fotografia do conjunto no Copo D’água. E este ano se conseguiu juntar os 16 casais no Paço do Conselho, porque é simbólico, porque é a Câmara que organiza, é a Câmara que paga tudo, portanto é simbólico colocar todos juntos no Paço do Conselho. Depois vamos para o Copo D’água. Copo D’água é a comida. Foi na Estufa Fria. Estufa Fria é um parque natural coberto da Câmara de Lisboa onde tem um edifício muito engraçado enorme, enorme, enorme, onde se faz o Copo D’água dos casais. E cada casal tem direito a 20 convidados (Entrevista com Paula Cerejeiro, em 24 de junho de 2016).

Figura 52: Cortejo dos casais de Santo Antônio após o casamento em Lisboa



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Além destes casamentos oficiais, a Câmara Municipal de Lisboa convidou casais que se casaram no Casamento de Santo Antônio e estavam completando 50 anos de casados para que renovassem os votos. Estes são chamados os Casais D'Ouro que também participam das comemorações e ganham algumas “*prendas*”.

Após a festa, já à noite, uma surpresa: em meio as Marchas de Lisboa, por volta das 23h os casais ainda desfilam, sendo expressamente aplaudidos pelo público que ali está. Trata-se de um dia intenso de comemoração acompanhado por centenas de pessoas. Por fim, os casais ganham a Lua de Mel que em 2016 foi um final de semana em um hotel no Algarve, zona litorânea de Portugal.

Figura 53: *Casais desfilando durante as Marchas de Lisboa à noite na Avenida da Liberdade*



Fonte: Acervo pessoal de Renata Oliveira

Os casais escolhidos para o casamento preenchem uma série de requisitos e tem trajetórias com significado tamanho que o fizeram protagonistas de um dos momentos mais conhecidos e aguardados das Festas de Lisboa. No contexto da pesquisa de campo, Paula Cerejeiro e Micaela Capelo estabeleceram pontes de contato para que eu conseguisse entrevistar dois casais: um deles escolhido para os Casamentos de Santo Antônio em 2016 e o segundo seria um Casal D'Ouro.

O primeiro casal o qual Paula Cerejeiro me passou o contato era um brasileiro que se casou com uma portuguesa. Infelizmente não conseguimos nos encontrar para realizar a entrevista por conta do trabalho dos dois, já que o brasileiro era músico e trabalhava aos finais de semana. Na segunda tentativa conheci o casal Raul e Ana que durante a entrevista destacou a história de seu relacionamento e a emoção de fazer parte dos Casamentos de Santo Antônio.

Nossa história começou há 8 anos, eu já morava no bairro Madredeus que é um bairro de Lisboa. A Ana foi para lá morar, entretanto vi Ana e fui trocando uns olhares com ela, só que ela nunca me deu trela, bola. Depois houve uma altura que eu meti conversa, trocamos números de telefone, fomos falando e até passar dois meses fomos namorar. Passados uns meses tivemos nosso primeiro filho que é o Martim com 6 anos de idade, juntamos, tivemos um segundo filho que é o Santiago, pronto. Em relação ao casamento foi uma ideia estudada dos dois, temos vindo a adiar, pois chegou uma altura que foi esse ano de 2016 que vamos casar. A Ana fez a inscrição, fomos selecionados. Na altura não acreditamos. Eu não acreditei. A Ana acreditou menos que eu. Falar do casamento em si requer muita preparação. Dois meses. É um dia muito longo. Desde entrar na igreja, todos os passos, o que se vai vestir, o que não se vai vestir, a dança em si, a entrada na igreja (Entrevista com Raul, em 1 de julho de 2016).

Em outro contraponto deste momento das Festas de Lisboa estão os Casais D'Ouro. Realizei uma entrevista com D'Ouro, Maria e Manuel Ribeiro que me receberam em sua residência. Na conversa que tivemos contaram muitas histórias sobre quando eles vêm ao Brasil, sobre as dificuldades da vida e superação, sobre os segredos para se manter o relacionamento por tanto tempo e, principalmente, sobre os Casamentos de Santo Antônio.

Era para pessoas muito pobres. Era o nosso caso. Eu era empregada doméstica, fui muito nova trabalhar, saí da casa dos meus pais muito novinha a trabalhar e o meu marido a mesma coisa, saiu da Província também para a cidade de Lisboa, sozinho, também muito pobre. E então nós começamos a namorar, ele foi o meu primeiro namoro que tive, foi o meu marido. Namoramos dois anos, um mês e sete dias. Portanto namoramos e quando a gente, namorávamos, o nosso namoro era uma vez por semana [incompreensível] e 15 em 15 dias o meu marido ia à casa dos meus patrões. Foi como foi o nosso namoro. Daí depois os nossos patrões foram muito nossos amigos e hoje somos uma família. Eles disseram portanti que iam tratar da gente casar nas noivas de Santo Antônio uma vez que tínhamos prendinhas e para nós já eram muito boas porque nós não tínhamos nada. Casamos nas noivas de Santo Antônio, fomos muito felizes e somos muito felizes (Entrevista com Maria Ribeiro, em 30 de junho de 2016).

As memórias desses casais compõem memórias individuais e coletivas (HALBWACHS, 2006). São memórias que têm a festa como seu lugar, e que se integram e compõem a história das Festas de Lisboa, sobretudo no que se refere aos Casamentos de Santo

Antônio. Ao mesmo tempo, integram uma memória coletiva que serão lembradas sob diferentes enfoques (o enfoque dos organizadores da Câmara Municipal de Lisboa; dos jornalistas que fizeram a transmissão televisiva; das pessoas que assistiram pela televisão; das pessoas que acompanhara o cortejo e dos outros casais, por exemplo). Compõem também memórias individuais, eternizando momentos únicos que a cada ano com a realização de novos casamentos são rememorados.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui apresentado é o resultado de uma construção da pesquisa acadêmica onde busquei compreender as múltiplas relações existentes na Festa de Santo Antônio na cidade de Duque de Caxias (Rio de Janeiro), traçando alguns aspectos comparativos com a festa que acontece na cidade de Lisboa.

Deste modo, no capítulo inicial optei por uma breve construção história da cidade, sobretudo através de referências de pesquisadores que se debruçam em pesquisar a história da Baixada Fluminense, tais como Alves (2003), Braz e Almeida (2010) e Souza (2014b). A região onde hoje se localiza a cidade de Duque de Caxias teve seu processo de ocupação ainda no período colonial, tendo se destacado como importante local de passagem pela proximidade com o Rio de Janeiro. A proximidade com os rios, além da conexão que proporcionava o escoamento do ouro, propiciou o processo de ocupação. Sua relevância como cidade se manteve na transição do rural para o urbano, sobretudo abrigando grandes contingentes populacionais provenientes de ondas migratórias. Entretanto, o crescimento demográfico e urbano vem ocorrendo de modo desordenado, sofrendo ainda nos dias atuais com questões que antecedem sua emancipação, ocorrida no ano de 1943, tais como, falta de saneamento básico, violência, precariedade nos meios de transporte e desvalorização da educação e saúde no município. Além disso, no campo do poder político, a partir dos anos 1900 e durante muitos anos, imperou o coronelismo, o autoritarismo e a violência, com destaque para personagens que ficaram nacionalmente conhecidos como Tenório Cavalcanti, conhecido como “o Deputado pistoleiro”. Apesar disso, a cidade apresentou crescimento econômico significativo. De acordo com dados do IBGE<sup>63</sup>, em 2014 o Produto Interno Bruto estava em vigésimo oitavo lugar se comparado a outros municípios do estado do Rio de Janeiro. Tal fato pode ser justificado pelo grande número de empresas e indústrias no município, inclusive a consolidação da Refinaria Duque de Caxias (REDUC) o que gerou emprego e renda principalmente por conta dos royalties do petróleo.

Ainda neste primeiro capítulo, visando aprofundar as pesquisas sobre a cidade de Duque de Caxias, foram consultados os arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de Duque de Caxias. Os jornais locais em Duque de Caxias constituem fontes expressivas sobre a trajetória da cidade e encontram-se muito bem preservados graças ao trabalho e à dedicação da equipe do Instituto. São centenas de exemplares dos mais variados jornais. Por serem muitos, precisei optar por um caminho e, por indicação dos próprios funcionários do Instituto Histórico e

---

<sup>63</sup> Ver mais em: <https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/rj/duque-de-caxias/panorama>.

Geográfico de Duque de Caxias a pesquisa realizada se deu em alguns volumes do Jornal O Municipal, o mais antigo da cidade, datado da década de 1950. Pesquisei também no Jornal “Luta Democrática” de propriedade do mais famoso político da Baixada Fluminense, Tenório Cavacanti. E, por fim, o Jornal “Folha da Cidade”, onde encontrei reportagens acerca da Festa de Santo Antônio, quando ainda era chamada de “Feira da Comunidade”.

A festa de Santo Antônio, bem como a construção da trajetória do santo e de seus devotos constitui-se no objeto central desta pesquisa. A opção aqui foi focalizar o tema do ponto de vista da Memória Social, ou seja, da construção da tradição da festa, da trajetória do santo e da devoção na cidade de Duque de Caxias. Posteriormente, foi realizada uma pesquisa sobre o mesmo tema em Lisboa, Portugal, o que possibilitou algumas comparações, principalmente sobre a relação desta festa popular com ambas as cidades em suas especificidades.

No capítulo 3 a opção foi apresentar um mapa sobre a construção dos padroeiros e a valorização das festas de santos no Brasil, demonstrações devocionais em homenagem a santos que ocorrem em todo o território nacional. Algumas dessas comemorações vem sendo registradas como patrimônio imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), indício de que estas comemorações permanecem vivas no cenário nacional, apesar da ascensão de outras religiões e/ou manifestações religiosas, conforme apontam os últimos censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As comemorações registradas no livro de Celebrações do IPHAN foram as seguintes: Festa de Sant’Ana de Caiacó no rio Grande do Norte; o Círio de Nossa Senhora de Nazaré no Pará; a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis em Goiás; a Festa do Divino de Paraty, no Rio de Janeiro; a Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim na Bahia; Festividades do Glorioso São Sebastião na Região do Marajó; Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha e Romaria de Carros de Bois da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade<sup>64</sup>.

Outro aspecto significativo destes fenômenos devocionais se refere às comemorações que são mantidas como feriados e comemorações oficiais em âmbito municipal, estadual e federal. Estas “festas de santos” são signos de emoção, corporeidade, devoção, curiosidade, celebração, fé, peregrinação e até mesmo a convivência do sagrado com o profano. Nacionalmente destacam-se as datas da Paixão de Cristo, Páscoa, Corpus Christi, Nossa Senhora Aparecida (considerada a Padroeira do país) e o Natal. No estado do Rio de Janeiro foi em 2008, a Lei nº 5.198 que determinou que o dia 23 de abril considerado dia de São Jorge

---

<sup>64</sup> Ver mais em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/495>.

seria também feriado. A data já era considerada no município do Rio de Janeiro desde o dia 13 de novembro de 2001 e foi revogada quando este passou a ser um feriado estadual.

No âmbito do município do Rio de Janeiro, dois dias em homenagem a santos católicos são feriados religiosos: o dia de 20 de janeiro, em homenagem a São Sebastião e o dia 23 de abril, dia de São Jorge, que também se tornou feriado estadual. Já no município de Duque de Caxias se destaca o feriado em homenagem ao santo que é considerado o Padroeiro da Cidade, Santo Antônio no dia 13 de junho.

Na sequência do trabalho, apresentamos algumas referências sobre a trajetória de Santo Antônio, fazendo uma reflexão sobre o modo de construção das "biografias do santo". Fernando Bulhões nasceu em Lisboa no ano de 1191 e sua trajetória foi marcada pelos estudos em religião e, sobretudo, por ter se tornado um dos mais importantes pregadores franciscanos. A sua hagiografia aponta virtudes, milagres e atos heroicos que o erigiram num dos santos mais populares da Igreja Católica, resultado de um dos mais rápidos processos de canonização realizados pela Igreja.

A construção hagiográfica de Santo Antônio parece muito bem sucedida fomentando uma estreita relação de devoção. Nela são enaltecidas suas qualidades e virtudes heroicas, com destaque para seus milagres. Essas virtudes seriam exemplos a serem seguidos pelos fieis, bem como ponto de ligação de afetividade que faz com que os devotos acreditem nas realizações do santo como uma esperança para que suas questões também possam ser resolvidas.

Dando prosseguimento ao trabalho, apresentamos o estudo de caso da festa de Santo Antônio na cidade de Duque de Caxias. Alguns pontos foram destacados:

- 1- A expressiva relação que a população vem estabelecendo com as comemorações da cidade, onde se inclui a Festa de Santo Antônio e o desfile cívico que ocorre no dia 25 de agosto em homenagem à Luiz Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias. O nome da cidade é em sua homenagem pois ele teria nascido na Fazenda São Paulo, localizada no atual bairro Taquara (3º distrito da cidade) que abriga atualmente o Museu do Duque de Caxias e da Taquara;
- 2- A construção das memórias da Festa de Santo Antônio a partir de três enfoques. No primeiro, parte-se do conceito de "lugares de memória" (Nora,1993) para sinalizar aspectos tanto materiais quanto imateriais dos processos de memorização. No primeiro caso, analisamos a Catedral de Santo Antônio, como referência material e suporte para a evocação das memórias dos devotos. No segundo caso, analisamos a Festa em si como

manifestação cultural e lugar de construção e de afirmação da tradição devotada ao santo. Analisamos como são construídos espaços de recordação que mobilizam memórias individuais e coletivas por meio da emoção e da afetividade. Já no segundo enfoque, retomamos a clássica conceituação de Maurice Halbwachs (2006) acerca dos da relação entre a “memória individual” e a “memória coletiva”, relacionando lembranças individuais, de grupos e, até mesmo do espaço físico da Catedral e da Festa de Santo Antônio propriamente dita com a construção de "memórias coletivas" em torno da figura do santo. O terceiro enfoque concentra-se em explorar os processos e efeitos da construção hagiográfica de santo Antônio na construção dos devotos e da devoção no caso específico da festa em Duque de Caxias;

- 3- A relevância da criação da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti, que se tornou independente da Diocese de Petrópolis. Tal fato se consolidou por diversos motivos, entre eles: a distância de Petrópolis da Baixada Fluminense, o que muitas vezes impossibilitava uma presença mais consistente do Bispo e o trabalho realizado pela Paróquia de Santo Antônio que se valorizou e conquistou respeito e credibilidade tanto pela população quanto pela Igreja;
- 4- O papel da Programação Religiosa da Festa de Santo Antônio em Duque de Caxias como o grande fio condutor que impulsiona e justifica a realização desta comemoração. Tem seu início com a Trezena de Santo Antônio no dia 31 de maio terminando no dia 12 de junho, comemorado o Dia dos namorados no Brasil. A Trezena é frequentada por devotos que peregrinam até a Igreja todos os dias para as missas, estudos sobre Santo Antônio, pedidos, pagamento de promessas entre outros atos atribuídos à fé dos devotos. No dia 12 de junho, a Igreja realiza missa de reafirmação do amor onde os casais afirmam seus votos e participam do jantar dos namorados. O dia 13 de junho encerra a Programação Religiosa com missas, distribuição dos pães de Santo Antônio, momentos de confissões individuais e a procissão como ponto alto de toda a festividade. Este momento final ocorre na tarde do dia 13 de junho, quando a imagem de Santo Antônio deixa a Igreja e percorre o centro comercial da cidade, seguido por membros da Igreja e devotos que fazem sua peregrinação em oração, afetividade, agradecimento, pedidos e emoção. O Santo retorna para a Igreja que já está repleta de fieis aguardando com o intuito de não perderem seu lugar na missa mais aguardada de toda a comemoração. O



momento em que a imagem de Santo Antônio retorna para a Igreja é repleto de aplausos e emoção, reafirmando a vitalidade do catolicismo na cidade;

- 5- A relação entre os devotos e o Santo Antônio, incluindo as senhoras que organizam a festa, os pagadores de promessas, os fiéis que frequentam constante ou eventualmente a Paróquia. Estas relações são múltiplas com destaque para os fiéis que fazem seus pedidos, pagam promessas, agradecem ou mesmo adoram a imagem de Santo Antônio. As relações de fé durante a Festa de Santo Antônio se tornam ainda mais latentes.
- 6- A relação devoto-devoção pode ir além do que é pregado oficialmente pela Igreja. As relações de fé podem se estabelecer tanto pelas virtudes do santo exaltadas pela Igreja, quanto pelas crenças populares. Um exemplo clássico se refere a uma das referências mais populares à Santo Antônio: a do santo casamenteiro. Esta crença leva os devotos que buscam um relacionamento a infligir castigos ao santo até que se consiga um namoro. Estes castigos podem ser de variados tipos: colocar o santo de cabeça para baixo em copo de água, virar o santo para a parede, retirar o menino Jesus de seus braços, entre outros.

A participação e observação da festa em Duque de Caxias entre os anos de 2014 e 2015 levaram a concluir que as relações da cidade com o Santo são estabelecidas e reafirmadas anualmente em uma relação entre a Igreja, devotos-devoção, Poder Público Municipal, agentes culturais da cidade e patrocinadores. A festa tornou-se uma comemoração de grandiosidade ímpar sobretudo no que se refere ao contexto da Baixada Fluminense na qual está inserida. Para este trabalho, além da observação foram realizadas entrevistas com diversos grupos: membros da Igreja, senhoras de Irmandades e Congregações que organizam a festa, membros do Poder Público Municipal, devotos, pagadores de promessas e agentes culturais da cidade. As entrevistas realizadas ao longo da Festa de Santo Antônio em 2014 e 2015 também apresentaram questões importantes e histórias bastante interessantes. Além disso, o contato constante com o Padre Renato Gentile em reuniões e busca pela documentação visando conhecer mais profundamente a história da igreja e da cidade foi de suma importância para a construção deste trabalho.

Dando sequência ao trabalho, apresentamos a Festa de Santo Antônio na cidade de Lisboa, com base em pesquisa realizada em junho de 2016. No contexto das chamadas “Festas de Lisboa”, trata-se de uma comemoração que envolve devotos, moradores e turistas da cidade

de Lisboa por todo o mês de junho com uma programação extensa em um misto de atividades “sagradas” e “profanas”. Na ocasião foram entrevistados representantes da Igreja; representantes da Marcha de Alfama; representantes do Poder público; representantes do Museu de Lisboa Santo Antônio entre outros.

No âmbito de Lisboa, a festa é importante não apenas por comemorar o Santo Antônio, mas também os santos de junho. Santo Antônio tem a maior expressão por alguns motivos, entre eles: pelo fato de Santo Antônio ter nascido na cidade de Lisboa, por este ter sido o primeiro santo português a ser canonizado; pelo fato de se encontrarem preservados na Igreja de Santo Antônio de Lisboa os relicários com partes dos ossos de Santo Antônio, que levam milhares de peregrinos todos os anos ao Santuário; pelas crenças que estão em torno de sua imagem, tais como a representação de santo casamenteiro ou mesmo pelos milagres a ele atribuídos.

A relação devoto-devoção-santo em Lisboa se assemelha ao que acontece em Duque de Caxias. Existe uma programação religiosa com a Trezena de Santo Antônio, que no caso de Lisboa se inicia no dia 01 de junho, missas para os devotos composto por lisboetas, turistas e curiosos que todos os anos enchem a cidade nesse período. As “Festas de Lisboa” além de comemorar os santos de junho também abrem o verão e as férias na Europa e atraindo muitos turistas.

No que se refere à programação religiosa em Lisboa, um dos momentos mais esperados é o da Procissão. Neste momento, uma imagem do Santo é retirada da Igreja, carregada por oficiais militares e acompanhada pelas ruas de bairros considerados populares como Alfama e Mouraria, entrando em outras Paróquias e encontrando outras imagens de santos que também saem em procissão. Trata-se de um momento de devoção, fé, afetividade, agradecimentos, pedidos, pagamento de promessas e espera por milagres. A quantidade de fieis que segue em Procissão com a imagem é muito grande. Estima-se que milhares de pessoas sigam atrás da imagem. Por isso, após a saída da imagem, a Igreja é fechada por não comportar tamanha quantidade de fieis no mesmo espaço ao mesmo tempo. Por isso, muitos devotos permanecem no interior da Paróquia aguardando a imagem retornar. Alguns destes devotos aguardam o que denominam como "milagre do sol" quando no momento em que a imagem de Santo Antônio retorna para a Igreja, o sol se põe de modo que sua luz penetra o altar da Igreja iluminando o Santo, o que, dizem os devotos, não acontece em outros dias do ano.

Esta relação de fé e devoção é latente nas duas cidades. Em Lisboa, há uma sensação de extrema proximidade entre devotos e santo possivelmente pelo histórico de ter sido ali o local de nascimento do santo e ainda pelos efeitos das "reliquias" ali presentes. Outro fato que

alimenta a devoção relaciona-se com a popularidade da festa que se difunde para além do espaço da igreja, ampliando-se pela cidade. Um dos pontos altos desta festa são os casamentos de Santo Antônio. Trata-se de uma tradição que teve início no ano de 1958 criada pelo Jornal Diário Popular, com breve interrupção na década de 1970 no período da Revolução dos Cravos, e retomada 30 anos depois pela Câmara Municipal. Com muito destaque e visibilidade midiática, realizam-se todos os anos, em conjunto, casamentos de jovens lisboetas de baixa renda, juntamente com a cerimônia de renovação de votos de casais que teriam se casado nos “Casamentos de Santo Antônio” e estariam completando 50 anos de casados, chamados “Casais D’Ouro”. Este evento é promovido pela Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural (EGEAC), com transmissão pela televisão onde os jovens se casam na Sé de Lisboa e saem pela cidade em desfile, seguidos por centenas de devotos que se emocionam.

Já no que se refere às festas realizadas nas ruas, uma extensa programação envolve a cidade, além das festas e eventos promovidos por bares, restaurantes, Centros Culturais ou mesmo pelas pessoas que ocupam as ruas durante todo o mês de junho. As festas são regidas pelos Fados e músicas "pimbas" que animam as ruas da cidade. Uma característica importante observada se refere a "tradição das sardinhas". Comerciantes e moradores vendem sardinhas nas ruas, constituindo -se no alimento principal das Festas de Lisboa.

Por fim, outro momento significativo associado às "Festas de Lisboa" e, especificamente às Festas de Santo Antônio, são as Marchas de Lisboa. Esta é uma tradição em que grupos dos bairros chamados “populares” ou “tradicionalistas” se reúnem criando enredos, fantasias, coreografias, adereços entre outros, para um desfile competitivo que ocorre em dois momentos: o primeiro em um ginásio e o segundo em uma das principais vias da cidade, a Avenida Liberdade. As Marchas também desfilam pelos seus bairros ao longo da festa e se apresentam em Centros Culturais. Este é um momento de competição, alegria e afirmação de pertencimento a determinado lugar justamente por envolver os bairros e seus moradores. A Marcha de Alfama é a mais vitoriosa desde a década de 1930, vencendo 19 vezes, inclusive em 2016.

A principal relação entre as duas comemorações se refere à fé e devoção das pessoas. As Festas de Santo Antônio são ainda espaços de recordação de memórias individuais e coletivas que se relacionam com a fé e com os próprios lugares onde ocorrem. São muitos os pedidos e as maneiras de pedir ao Santo. São muitas também as maneiras de se relacionar com a Festa de Santo Antônio, seja em Duque de Caxias ou em Lisboa, o que contribui para a constituição de vínculos duradouros entre os devotos e o santo. Estes vínculos são estabelecidos a partir de uma identificação com a graça a ser alcançada ou mesmo com as virtudes atribuídas

ao santo. As festas dos santos populares, em especial de Santo Antônio, expressam também a vitalidade do catolicismo nos dois casos analisados.

As duas festas inclusive dialogam entre si, sendo que no ano de 2017, a festa de Santo Antônio em Duque de Caxias tem como tema a festa de Santo Antônio na cidade de Lisboa, inclusive com uma cenografia criada a partir da azulejaria portuguesa. Está programada a duração de 5 dias, com início no dia 9 de junho e encerramento no dia 13 de junho, com mudanças inclusive na programação cultural e horários de realização da festa.

De acordo com a atual Secretária Municipal de Cultura e Turismo de Duque de Caxias, trata-se de uma comemoração que deve ter maior atenção por parte do poder público com um projeto de registro da festa do Padroeiro da Cidade como patrimônio imaterial a exemplo da Festa do Pau Bandeira de Santo Antônio de Barbalha, no Ceará que foi registrada recentemente no livro de celebrações do IPHAN.

Não espero com este trabalho ter analisado todas as questões ligadas às festas, às cidades e aos conceitos aqui apontados, mas tão somente contribuir para provocar uma reflexão referente à importância das festas de santos no espaço urbano e a representatividade que ainda expressam. Deste modo, a partir de relações estabelecidas no âmbito da Festa de Santo Antônio na cidade de Duque de Caxias e na cidade de Lisboa, foi possível perceber as maneiras pelas quais as pessoas se relacionam com o santo e sua devoção em busca de milagres, graças ou mesmo tranquilidade e consolo para as questões de suas vidas. Esta Tese é uma parte importante de uma pesquisa que apontou para diversas outras questões que ainda poderão ser desdobradas em novas possibilidades e contextos na arte de pesquisar.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. Cultura popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha; SOIEHT, Raquel (Orgs.). **Ensino de história, conceitos, temáticas e metodologias**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- \_\_\_\_\_. Festas religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, 1994.
- ABREU, Regina. **Cartografando o Rio de Janeiro e seus museus**: notas sobre a etnografia dos percursos. 2009. Trabalho inédito.
- \_\_\_\_\_. Entre a nação e alma: quando os mortos são comemorados. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, 1994.
- \_\_\_\_\_. **A fabricação do imortal**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.
- ABREU, Regina; OLIVEIRA, Renata de Almeida. Museus, narrativas e memória coletiva no Rio de Janeiro. In: LIMA FILHO, Manuel; ABREU, Regina; ATHIAS, Renato. **Museus e Atores sociais**: perspectivas antropológicas. Recife: Editora UFPE, 2016.
- ALFAMA 2016. Lisboa: Marcha da Alfama, 2016.
- ALVES, Isidoro. A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 54, mai./ago. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142005000200017](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000200017)>. Acesso em: 12 jun. 2017.
- ALVES, José Claudio Souza. **Dos barões ao extermínio**: uma história da violência na Baixada Fluminense. Duque de Caxias, RJ: APPH: Clío, 2003.
- ARANTES, Antônio A. Patrimônio cultural e cidade. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Proença Rogério (Orgs.). **Plural social**: novos léxicos urbanos. Coimbra: Almedina, 2009.
- ARAÚJO, Renata de. **Lisboa**: a cidade e o espetáculo na época dos descobrimentos. Lisboa: Livros Horizonte, 1990. (Cidade de Lisboa).
- ARRUDA, Bianca. **As sagas de Jorge**: festa, devoção e simbolismo. 2008. 129 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)—Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. 1. reimpr. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.
- BAHIA, Joana. Exu na mouraria: a transnacionalização das religiões afro-brasileiras e suas adaptações, trocas e proximidades com o contexto português. **MÉTIS: história & cultura**, Caxias do Sul, RS, v. 14, n. 28, p. 111-131, jul./dez. 2015.

BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. In: \_\_\_\_\_. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 2000a. (Obras Escolhidas, 2).

\_\_\_\_\_. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

\_\_\_\_\_. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: \_\_\_\_\_. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 2000b. p.103-149. (Obras Escolhidas, 3).

BERCKENBROCK, Volney J. **A experiência dos Orixás**: um estudo sobre a experiência religiosa do candomblé. Petrópolis: Vozes, 1998.

BESSEN, José Artulino. **Antônio**: o santo do povo. 4. ed. Florianópolis: Editora Mundo e Missão, 2011.

BRANDÃO NETO, João Marques. Como se faz pesquisa de opinião pública. **Revista Eletrônica PRPE**, Recife, fev. 2004.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)>. Acesso em: 09 jul. 2013.

BRASIL. Decreto-Lei nº 37, de 2 de dezembro de 1937. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 4 dez. 1937. Seção 1, p. 3. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=103167>>. Acesso em: 11 dez. 2016.

BRAZ, Antonio Augusto; ALMEIDA, Tania Maria de. **De Merity a Duque de Caxias**: encontro com a história da cidade. Duque de Caxias, RJ: APPH: Clio, 2010.

CABRAL, Carolina. **O aluguel de temporada**: um estudo exploratório do site Airbnb e a qualidade em serviços. 2015. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo)–Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2015.

CAEIRO, F. da Gama. **Santo Antonio de Lisboa**: a espiritualidade antoniana. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1967.

\_\_\_\_\_. **Santo Antonio de Lisboa**: introdução ao estudo da obra antoniana. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1967.

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades**: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CALABRE, Lia. **Políticas culturais no Brasil**: dos anos 1930 ao século XXI. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. **Casamentos Santo Antonio'16**. Lisboa: EGEAC, 2016. Disponível em: <

lisboa.pt/fileadmin/Noticias/ficheiros/CSA2016\_inscricoes\_boletim\_online.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2017.

CAMPOS, Joaquim Pinto de. **Vida do grande cidadão brasileiro Luiz Alves de Lima e Silva**: Barão, Conde, Marquês, Duque de Caxias. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1939. (Biblioteca Militar, v. XX-XXI).

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

\_\_\_\_\_. **Geografia dos mitos brasileiros**. 1. ed. digital. São Paulo: Global, 2012.

CASTRO, Celso. **A invenção do exército brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. As grandes festas. In: SOUZA, Marcio de; WEFFORT, Francisco (Org.). **Um olhar sobre a cultura brasileira**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Ministério da Cultura, 1998.

\_\_\_\_\_. **O mundo invisível**: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo. Rio de Janeiro: Centro Eldestein de Pesquisas Sociais, 2008.

\_\_\_\_\_. Os sentidos no espetáculo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 45, n. 1, 2002.

CHAGAS, Maurício. Patrimônio cultural. In: TINÔCO, Livia Nascimento; ANDRADE, Ricardo Rangel de; PAIVA, Salma Saddi Wares de. **O ministério público do patrimônio cultural**. Goiânia: ICBC, 2004.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.

CHAUÍ, Marilena. **Mito Fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Pereseu Abramo, 2000.

CIDADE do Imaculado Coração de Maria. Fátima: Indugráfica, [2004].

COMISSÃO CONSULTIVA DAS FESTAS DE 1990. **Festas de Lisboa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1991. (Cidade de Lisboa).

CORDEIRO, Graça Índias. **Um lugar na cidade**: cotidiano, memória e representação no bairro da Bica. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

COSTA, António Firmino da; GUERREIRO, Maria das Dores. **O trágico e o contraste**: o Fado no bairro de Alfama. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984. (Portugal de perto, 8).

CRAVEIRO, Maria de Lurdes. **O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra**. Coimbra: Gráfica Maidouro, 2011.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

\_\_\_\_\_. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DUQUE DE CAXIAS (RJ). Prefeitura. **Guia [da] Festa de Santo Antônio: Caxias 2014**. Duque de Caxias, RJ: Prefeitura de Duque de Caxias: Catedral de Santo Antônio, 2014.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 13. ed. São Paulo: Globo, 1998.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario. **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

GAJANO, Sofia Boesch. Santidade. In: LE GOFF, J.; TRUONG, N. **Uma história do corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

GAMBOSO, Vergílio. **Espiritualidade de S. Antônio**. Braga: Editora Franciscana, 1996.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario. **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

\_\_\_\_\_. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos; CONTINS, Marcia de Vasconcelos. Religião, política e patronagem: a antropologia de Sidney M. Greenfield. **Interseções**, v. 18, p. 476-481, 2016.

GONÇALVES, Renata de Sá. O corpo festivo e sensibilidades urbanas: as marchas populares em Lisboa. **Teoria e Cultura**, Juiz de fora, v. 8, n. 1, p. 29-38, jan./jun. 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [Rio de Janeiro], [2015]. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

IMPUNIDADE na Baixada Fluminense. Publicação produzida pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESEC/UCAM) em parceria com FASE - Educação e Solidariedade,



Justiça Global, Laboratório de Análise da Violência da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (LAV/UERJ), S.O.S Queimados e Viva Rio. [Rio de Janeiro: CESEC/UCAM], 2005.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). **Dossiê das festividades de São Sebastião na Mesorregião do Marajó**. Belém: IPHAN, 2010a.

\_\_\_\_\_. **Dossiê de registro**: Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha. Fortaleza: IPHAN, 2015.

\_\_\_\_\_. **Dossiê IPHAN**: Círio de Nossa Senhora de Nazaré. Brasília, DF: IPHAN, 2004.

\_\_\_\_\_. **Dossiê IPHAN**: Festa de Sant'Ana. Brasília, DF: IPHAN, 2010b.

\_\_\_\_\_. **Dossiê IPHAN**: Festa do Divino Espírito Santo de Paraty/RJ. Brasília, DF: IPHAN, 2013a.

\_\_\_\_\_. **Dossiê IPHAN**: Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis/GO. Brasília, DF: IPHAN, 2010c.

\_\_\_\_\_. **Dossiê IPHAN**: Festa do Senhor Bom Jesus do Bonfim. Brasília, DF: IPHAN, 2013b.

\_\_\_\_\_. **Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio em Barbalha**. Brasília, DF, c2014a. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1330/>. Acesso em: 07 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **Registros de bens culturais de natureza imaterial**. [Brasília, DF], [2015].

Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=12308&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. **Romaria de Carros de Bois da Festa do Divino Pai Eterno de Trindade**. Brasília, DF, c2014b. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1331/>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. **Os romeiros e o santuário**. Brasília, DF, c2014c. Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1332/>>. Acesso em: 16 mar. 2017.

ISNART, Cyril. Raconter Saint Antoine a Lisbonne: acteurs, performances et effets du discours hagiographique contemporain. **Cahiers de Littérature Orale**, [Paris], n. 79, dez. 2016. Disponível em: <<https://clo.revues.org/2656>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

KRUS, Luís; CALDEIRA, Arlindo. **8º Centenário do Nascimento de Santo Antônio**. Lisboa: CTT Correios, 1994.

LAMARÃO, Sérgio. Partidos políticos (extinção). In: DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2010. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/partidos-politicos-extincao>>. Acesso em: 11 dez. 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1992.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LIMA, Claudia. Os santos de junho. In: LIMA, Claudia. **Revista Junina**. ed. esp. Recife: Editora Raízes Brasileiras, 1997.

LIMA, Daniel (Ed.). Censo: o perfil religioso do país. **O Globo**, Rio de Janeiro, [29 abr. 2015]. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/infograficos/censo-religiao>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

LIRA, Mariza. Santo Antônio no folclore brasileiro. **Boletim Trimestral [da] Comissão Catarinense de Folclore**, Florianópolis, ano 2, n. 8, jun. 1951.

LOPES, Antonio Herculano. **Performance e história (ou como a onça, de um salto, foi ao Rio do princípio do século e ainda voltou para contar a história)**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, [1994].

LOPES, Fernando Félix. **Santo Antônio de Lisboa: doutor evangélico**. 6. ed. Braga: Editora Franciscana, [2014?].

LOPES, José Rogério. Círio de Nazaré: agenciamentos, conflitos e negociação da identidade amazônica. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, jun. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872011000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872011000100007)>. Acesso em: 12 jun. 2017.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O (bom e velho) caderno de campo. *Revista Sexta-feira*, São Paulo, v. 1, 1997.

MARQUES, Alberto. **Blog do Alberto Marques: bastidores políticos da Baixada Fluminense**. 2015. Disponível em: <<http://albertomarques.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

MARTINS, João Otávio. **Os Peregrinos do Divino Pai Eterno, os carreiros e a reprodução social da traição**. 2001. 185 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)–Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2001.

MARTINS, José Clerton de Oliveira Martins; LEITE, Liliana. Pagando promessa, buscando esperança: percepções sobre a romaria e religiosidade popular. In: MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina; DOURADO, Jacqueline Lima (Orgs.). **Folkcom: do exvoto à indústria dos milagres: a comunicação dos pagadores de promessa**. Teresina: Ed. Halley, 2006.

MARTINS, José da Silva. **Santo Antônio de Lisboa, de Coimbra, de Pádua, e de todo mundo**. São Paulo: Martin Claret, 1983.

MATTOS, Theóphilo Antônio da Rocha (Org.). **História de uma nova igreja – Jubileu de prata da Diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti**. Duque de Caxias, RJ: Renascer, 2006.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU: Edusp, 1974. v. 2.

MEDEIROS, Bartolomeu Tito Figueirôa de. Deslocamentos em dois cortejos processionais católicos. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 125-145, 2008.

MENEZES, Renata de Castro. **Celebrando São Besso ou o que Robert Hertz e a Escola Francesa de Sociologia têm a nos dizer sobre festas, rituais e simbolismo**. *Religião & Sociedade*, p. 179-199, 2009.

\_\_\_\_\_. **Devoção, diversão e poder**: um estudo antropológico sobre a Festa da Penha. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)–Museu Nacional, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

\_\_\_\_\_. **A dinâmica do sagrado**: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2004. (Coleção Antropologia da Política, 31).

\_\_\_\_\_. Uma visita ao catolicismo brasileiro contemporâneo: a bênção de Santo Antônio num convento carioca. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, set./nov. 2005.

MONTEIRO, Tiago José Lemos. Muito além da ‘Casa Portuguesa’: uma análise dos intercâmbios musicais populares massivos entre Brasil e Portugal. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal, RN. **Anais...** Natal, RN: UFRN, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

NUNES, Pedro Sol de Abreu. **Uma experiência audiovisual no Museu Vivo do São Bento**: construção e ressignificação de um lugar na memória. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia e Meio Ambiente)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

OLIVEIRA, Antonio Glauber Alves. **Para além do sagrado**: tradições religiosas e novas formas de sociabilidade: a Festa de Santo Antônio de Barbalha – CE. 1999. [187] f. Dissertação (Mestrado)–Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 1999.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). **Cidade**: história e desafios. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.

OLIVEN, Ruben George. Patrimônio intangível: considerações iniciais. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario. **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

PARK, Robert Ezra. A cidade: sugestão para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio G. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, [1967].

PAIXÃO, Maria José de Carvalho. Alfama: contribuição para o estudo de uma área natural de Lisboa. Separata de **Revista Estudos Políticos e Sociais**, Lisboa, v. 3, n. 3-4 (1970), 1973.

PEREIRA, Pedro Teotônio; GOMES, Joana Cintra (Coord.). **Museu de Lisboa Santo Antônio**: guia. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2016.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Memória-História**. Enciclopédia Einaudi, v. 1. Ed. Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. v. 1, p. 51-86.

\_\_\_\_\_. Memória. In: GIL, Fernando. **Sistemática**. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2000, v. 42, p. 507-516. (Enciclopédia Einaudi, v. 42).

RIO DE JANEIRO: o portal da cidade maravilhosa. c2017. Disponível em: <<http://www.oriodejaneiro.com/baixadafluminense-htm/>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

RODRIGUES, Neide dos Santos. O candomblé e a cultura afrobrasileira. **Revista Tel: Tempo, Espaço e Linguagem**, Irati, PR, v. 1, n. 2, p. 103-110, mai./ago. 2010.  
SANCHIS, Pierre. **Arraial**: festa de um povo: as romarias portuguesas. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983. (Portugal de perto, 3).

SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai**: escravidão e cidadania na formação do exército. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. v. 1.

SANT'ANNA, Marcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mario. **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

SANTOS, Márcia Pereira dos; DUARTE, Teresinha Maria. A escrita hagiográfica medieval e a formação da memória dos santos e santas católicos. In: FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. **Díasporas, diversidades, deslocamentos**: anais... Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278263189\\_ARQUIVO\\_Textocompletofaz.genero.versaofinal.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278263189_ARQUIVO_Textocompletofaz.genero.versaofinal.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2017.

SANTOS, Rafael Brondani dos. Santo soldado: militarização de Santo Antônio no Rio de Janeiro setecentista. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina, PR. **Anais...** Londrina, PR: Universidade Estadual de Londrina, 2005.

SARAIVA, Adriano Lopes. Religiosidade popular e festejos religiosos: aspectos da espacialidade de comunidades ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia. **RBHR: Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, ano 3, n. 7, mai. 2010.

SCHECHNER, Richard. Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral. Tradução de Ana Letícia de Fiori. Revisão Técnica de John Cowart Dawsey, Diana Paola Gómez Mateu. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 20, p. 213-236, 2011.

SILVA, Milton Vieira da. **Festas populares e suas origens**. Curitiba: A.D.Santos Editora, 2003.

SIMÕES, Ricardo. **Atlas geográfico do estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Entorno, 2010. 1 CD-ROM.

SOUZA, Adriana Barreto de. **Duque de Caxias: o homem por trás do monumento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. **O exército na consolidação do Império: um estudo histórico sobre a política militar conservadora**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

SOUZA, Élmano Ricarte de Azevêdo. **As marcas culturais das festas populares do mês de junho no fotojornalismo dos periódicos *Correio da Manhã* (Lisboa – Portugal) e *Tribuna do Norte* (Natal – Brasil)**. 2014. [111] f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Mídia)– Programa de Pós-graduação de Estudos de Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2014a.

SOUZA, Joaquina Pereira de. **Simpatias de Santo Antônio casamenteiro: mais de 1.000 simpatias infalíveis, para arrumar casamento e ser feliz**. 4. ed. Rio de Janeiro: Eco, [1997?].

SOUZA, MarluCIA Santos de. **Escavando o passado da cidade: história política da cidade de Duque de Caxias**. Duque de Caxias, RJ: APPH: Clio, 2014b.

SPINELLI, Céline. Cavalhadas em Pirenópolis: tradições e sociabilidade no interior de Goiás. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-85872010000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872010000200004)>. Acesso em: 12 jun. 2017.

TURNER, Victor W. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAINFAS, Ronaldo. Santo Antônio na América portuguesa: religiosidade e política. **Revista USP**, São Paulo, n. 57, p. 28-37, mar./mai. 2003.

VIEIRA, Padre Dr. José Bento. **Santa Cruz de Coimbra: arte e história**. 2. ed. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2001.

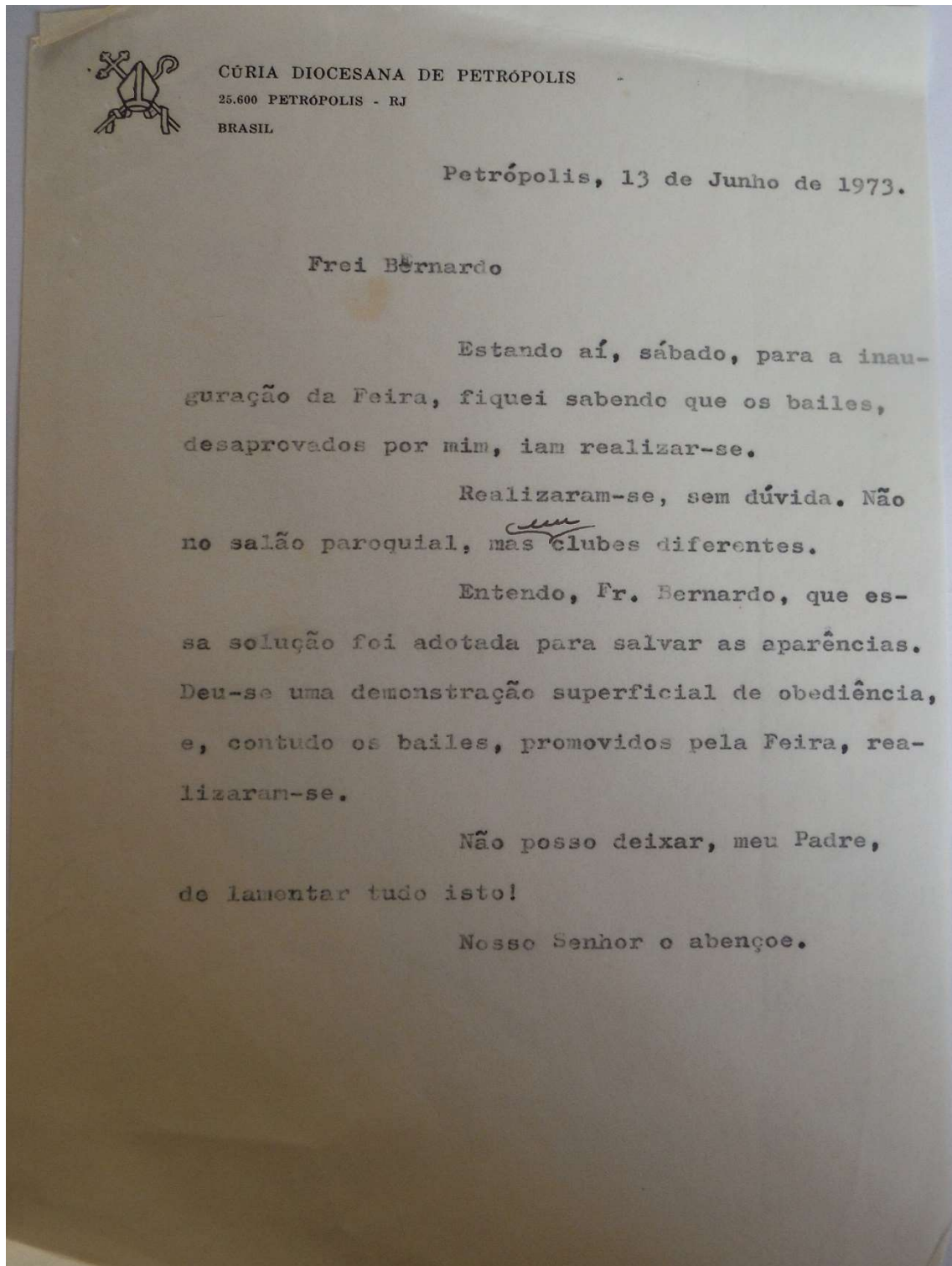
VILLANOVA, Ana Luísa ilha. **Modelos de negócio na economia compartilhada: uma investigação multi-caso**. 2015. 125f. Dissertação (Mestrado em Gestão Empresarial)–Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2015.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

**ANEXOS**

ANEXO A – CARTA DO BISPO DA DIOCESE DE PETRÓPOLIS AO FREI BERNARDO  
– 13 DE JUNHO DE 1973

Carta do Bispo da Diocese de Petrópolis ao Frei Bernardo lamentando que bailes que ele desaprovou teriam acontecido em locais diferentes.



ANEXO B – PROGRAMAÇÃO DA VISITA PASTORAL DO BISPO DIOCESANO – 23 A  
30 DE ABRIL DE 1972

**VISITA PASTORAL DO NOSSO BISPO DIOCESANO**  
**SUA EXCIA. REVMA. DOM MANOEL PEDRO DA CUNHA CINTRA**  
PARÓQUIA DE SANTO ANTÔNIO — DUQUE DE CAXIAS  
**23 a 30 de abril de 1972**

**PROGRAMA**

23/4 - DOMINGO — 7,00 Hs. - Recepção em frente à Matriz.  
.. 7,30 Hs. - MISSA celebrada pelo Sr. Bispo.  
Nas Missas de 8,30; 9,30; 10,30 e 18,00 Hs. Sua Excia dirigirá sua palavra aos fiéis.  
9,15 Hs. - Encontro com a Ordem Terceira.  
15,00 Hs. - Encontro com a Pia União das Filhas de Maria.  
16,00 Hs. - Encontro com o Apostolado da Oração, e P.U.S.A.  
17,00 Hs. - Encontro com o Coral Pio X.

24/4 - 2.<sup>a</sup>-FEIRA — De manhã - Reunião com os Padres da Paróquia.  
15,00 Hs. - Visita a Vila Ideal.  
16,00 Hs. - Visita a Mangueira  
19,30 Hs. - Visita a Capela de São João - Missa e Reunião.

25/4 - 3.<sup>a</sup>-FEIRA — DURANTE O DIA - Visita ao Colégio Santo Antônio.  
19,30 Hs. - Visita ao Centenário - Missa e Reunião.

26/4 - 4.<sup>a</sup>-FEIRA — 9,00 Hs. - Visita a Escola Paroquial.  
15,00 Hs. - Encontro com o Senhor Prefeito Municipal.  
19,30 Hs. - Visita a Miguel Couto - Missa e Reunião.

27/4 - 5.<sup>a</sup>-FEIRA — 8,30 Hs. - Visita ao Colégio Casemiro de Abreu.  
A TARDE - Visita ao Instituto de Educação Roberto Silveira, ao Colégio Santa Luzia e S. Jorge.  
19,30 Hs. - Visita ao Beira-Mar - Missa e Reunião.

28/4 - 6.<sup>a</sup>-FEIRA — 8,30 Hs. - Visita a Hospitais (S. Inês, Duque de Caxias, S. Rita de Cássia, N. Sr<sup>a</sup> de Lourdes e Santo Antônio).  
19,30 Hs. - Missa na Matriz.  
20,30 Hs. - Reunião do CONSELHO PAROQUIAL.

29/4 - SÁBADO — 9,00 Hs. - Encontro com as Catequistas. - *João - João - João*  
15,00 Hs. - Encontro com a CRUZADA.  
16,00 Hs. - Reunião com a COMISSÃO DO 25 DE AGOSTO.  
19,00 Hs. - Encontro com os Vicentinos.  
20,00 Hs. - Encontro com a CONGREGAÇÃO MARIANA.

30/4 - DOMINGO — 9,00 Hs. - Visita ao 25 de Agosto - Missa.  
11,00 Hs. - MISSA SOLENE de Encerramento da Visita Pastoral com a participação do CÔRO DOS CANARINHOS DE PETRÓPOLIS.  
12,30 Hs. - Confraternização da Comunidade Paroquial e Show dos CANARINHOS DE PETRÓPOLIS, no Salão Paroquial.

**"Os Bispos são o visível princípio e fundamento da unidade nas suas Dioceses"** (LUMEN GENTIUM, 23).

**"Os fiéis devem estar unidos a seu Bispo como a Igreja a Jesus Cristo"** (LUMEN GENTIUM, 27).

— (Padres Franciscanos) —



Visita Pastoral à Paróquia de Sto. Antonio de Duq. Caxias  
 Depois de sete anos, eis-nos aqui nesta querida Paróquia. Não a visita-  
 mos antes, ao completar-se o quinto aniversário da última visita pasto-  
 ral, porque Fr. Tadeu estava de saída e porque seu substituto, Fr. Pau-  
 lo esteve aqui em caráter transitório.

Foi um prazer verificar, ~~de facto~~ que o atual Vigário  
 Fr. Bernardo, depois de um ano de posse, ~~axxxxxxxxx~~ não só estabilizou-  
 se na Paróquia, mas já deitou raízes na ~~comunidade~~ <sup>vida</sup> paroquial, estimado e  
 apreciado nos diversos setores desta complexa comunidade cristã que é  
 Caxias. E atua em consonância com seus coadjutores, num sentido alto de  
 equipe e de caridade fraternal, de modo a fazer com que os cinco auxi-  
 liares seus, Fr. Marcos, Fr. Venancio, Fr. Rui, Fr. Gaetano e Fr. Nereu  
 sintam-se satisfeitos com as atividades de ministério, as mais variadas  
 que desenvolvem nesta ~~enorme~~ <sup>de muitos b. ministros,</sup> paróquia. N. Senhor os conserve assim uni-  
 dos e ~~ativos~~ integrados no esforço comum de seu Reino de amor!

Durante esta semana, o programa foi fielmente cumprido,  
 graças a Deus. Visitas a ~~cada~~ <sup>cada</sup> bairro, com Missa, pregação, e reunião fa-  
 miliar, de perguntas e respostas, com as diversas comunidades. Visitas a  
 várias escolas e ao Instituto de Educação, com alocação aos estudantes  
 e palestra paternal com as professoras no sentido de serem eficientes  
 na catequese. Visitas um dia inteiro a dez hospitais, ~~falando~~ <sup>2</sup> confor-  
 tando os doentes e falando com <sup>1</sup> médicos e enfermeiras; Fr. Nereu, o encar-  
 regado deste setor importante, pareceu-nos ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ <sup>benemérito</sup>  
~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ pela adaptação a trabalho tão penoso. Encontros e reu-  
 niões com cada uma das organizações e associações paroquiais, apreciando  
 a atividade que realizam e estimulando o apostolado que podem fazer.

~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ De tudo o que vimos e ouvimos apraz-nos  
 salientar a satisfação que tivemos ao verificar como existe e como fun-  
 ciona o Conselho <sup>de Caxias</sup> Paroquial. Representativo não apenas do <sup>paróquia</sup> centro mas  
 também dos bairros, com sinceridade e interesse, é uma prova de como os  
 leigos podem nos ajudar na administração e na pastoral.

Também a reunião com os vicentinos, representantes de  
 todas as Conferências do Município, foi um ~~xxxxxxxx~~ demonstração de com  
 a prática da caridade para com os pobres promove entre os leigos o es-  
 pírito de fé e piedade cristã. - <sup>outros</sup> As ~~xxxxxxxx~~ <sup>representações</sup> ~~xxxxxxxx~~  
~~xxxxxxxx~~ são amigáveis e estão vivas. <sup>significam</sup> ~~xxxxxxxx~~ <sup>que</sup>  
~~xxxxxxxx~~ <sup>elas representam sempre um potencial de forças. Tudo</sup>  
~~xxxxxxxx~~ <sup>está em suas mãos e circunstâncias.</sup>

Em relação à catequese das crianças e dos colegiais, sentimos que continúa sendo, apesar de muitos esforços, um problema. Quanto às nossas escolas, desta e das demais paróquias do Município, sugerimos ao Prefeito Municipal, em visita de cortezia que lhe fizemos, a adoção de convênio semelhante ao que em Petrópolis se fez. Vimos porém que, na prática, não será realizado. Quanto às demais escolas, cremos ainda que será preciso sempre atingir os alunos através das professoras, transformando-as para isso em estequistas. Coisa difícil... Na medida do possível fica aqui a sugestão.

No bairro 25 de agosto deparamos a Capela com renovada pretensão de se transformar em sede de Paróquia. Há sete anos já se vislumbrava essa possibilidade como consta no termo da última Visita Pastoral. Era porém uma esperança tranquila; hoje queixosa insatisfação. Depois de uma amarga reunião com os membros da Comissão, ao concluir, encaminhamos o assunto do seguinte modo: comecem a construir a igreja, a futura Matriz e assim ofereçam-nos uma prova provada de capacidade responsável, de amadurecimento cristão. Depois estivemos com Fr. Bernardo e membros da Comissão estudando no terreno a possível extensão e colocação da Igreja. Se for para a dilatação do Reino de Deus, que tudo se realize!

Nada a observar com relação à alfaias e vasos sagrados. Os livros paroquiais, com algumas irregularidade principalmente nas duplicatas, esperamos estarão sempre em dia daqui por diante.

Agradecemos de coração a bondade com que fomos tratado pelo zeloso Visário Fr. Bernardo e por seus atenciosos Padres Coadjuutores. A todos deixamos nessa afetuosa benção.

Manoel Pedro, Bispo Diocesano.

Duque de Caxias, 30 de abril de 1972.

ANEXO C – CARTA DO BISPO DE PETRÓPOLIS AO FREI TADEU – 24 DE DEZEMBRO DE 1969

Carta do Bispo de Petrópolis ao Frei Tadeu questionando denúncia do Jornal “O Fluminense”.

Petrópolis, 24 de dezembro de 1969.

Meu prezado Fr. Tadeu ofm.

Meus votos cordiais de Natal feliz e de um novo Ano repleto de graças e merecimentos para o Céu.

Tenho em mãos um exemplar de O Fluminense de domingo, 21, que traz à pg. 10 uma longa e inoportuna notícia sobre uma série de palestras acôrca de educação sexual promovida pela Paróquia de Ste. Antonio para as normalistas do Instituto de Educação. Será verdade?

Prefiro pensar que seja sensacionalismo do jornal, mesmo porque os dois professores das tais palestras se apresentam de modo pouco recomendavel e de um deles, o prof. Jaime Pereira, desquitado, tenho referências pouco elogiosas. Será que a Paróquia entregou realmente a essas pessoas a responsabilidade dessas palestras? E o Fr. Alfredo se apresenta como sendo "um padre quente"...Lamentavel!

Aliás palestras sobre esse tema deveriam revestir-se das cautelas que o magistério da Igreja tem indicado como adequadas para não se fazer o mal em lugar do bem que se pretende.

Veja o caso, meu caro Fr. Tadeu, e me comunique. E as Madres estão tambem interessadas em adotar a tal educação sexual na Escola Normal?

Rezemos ad invicem. Com afetuosa benção e os melhores votos de paz, devmo, em N. Senhor,